

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

**MEMORIAL  
DESCRITIVO**

# **EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE**

**PROCESSOS EDUCATIVOS  
EM PRÁTICAS SOCIAIS**

**MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA**

SÃO CARLOS - 2013



**MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA**

**MEMORIAL DESCRITIVO**

**EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE**  
**PROCESSOS EDUCATIVOS EM PRÁTICAS SOCIAIS**

Memorial apresentado à Universidade Federal de São Carlos (Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Metodologia de Ensino) como um dos requisitos do Concurso para Professor Titular do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos na Área de “Educação Popular e Saúde”, sub-área “Processos Educativos em Práticas Sociais”, edital no. 153/12.

**SÃO CARLOS**

**2013**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

O48e

Oliveira, Maria Waldenez de.

Educação popular e saúde : processos educativos em práticas sociais / Maria Waldenez de Oliveira. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

254 p.

Memorial descritivo -- Universidade Federal de São Carlos.

**1. Processos Educativos. 2. Educação em Saúde. 3. Educação Popular e Saúde. I. Título.**

CDD – 370.193 (20a)

CDU – 37.014.2

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus pais, Odette e Waldomiro  
e à minha filha Érica.**

## AGRADECIMENTOS

A meus antepassados, pela força, luta, persistência, trabalho que me trouxeram até aqui. Fonte de inspiração.

À minha família, pelas lições de vida, pelo apoio sempre incondicional quando me lanço em novas aventuras. À minha mãe pelo carinho e incentivo. À minha irmã Waldete, guardiã das tradições da Vó Tereza, pela leitura cuidadosa da história de nossa família aqui descrita.

À minha filha Érica, por ter me contagiado com sua certeza que tudo iria dar certo. Pelo apoio, compreensão, carinho nos momentos difíceis do processo.

À Teresa, pelo apoio com a comidinha gostosa, por cuidar de mim, da Érica, dos gatos.

À minha comadre Marília, pelo apoio, pelas revisões, pelo abstract, pelo carinho infinito, por ter me levado para tomar sol.

À minha amiga Petronilha, pelo incentivo, pelos conselhos, pelo exemplo, pelos ensinamentos de vida e de profissão.

À minha amiga Victoria, pelo cuidado e acolhimento em todo o processo, por ter me substituído em outras atividades para que eu pudesse me dedicar à preparação deste Memorial.

À Iraí, pela competência com que cuidou de toda a documentação, pelo bálsamo do bom humor.

À Stella, pelo apoio e pelo resumen.

A todas pessoas dos Centros Comunitários, dos Serviços de Saúde, das Escolas, dos demais espaços escolares e não escolares que acreditaram e acreditam em meu trabalho, por terem aberto oportunidades para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos jovens, as prostitutas, aos praticantes populares de saúde e todas as demais pessoas dos grupos populares com as quais venho trabalhando, pela confiança e pelos ensinamentos.

À chefia, aos colegas docentes, a Adriana, Germano e Lia, do Departamento de Metodologia de Ensino, pela confiança, pela convivência e pela oportunidade de poder retribuir, neste processo, pelo menos em parte, as oportunidades de crescimento profissional que este Departamento me propiciou.

Aos colegas docentes e estudantes da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, comunidade de trabalho que veio em meu auxílio, propiciando-me tempo para me dedicar ao processo de escrita deste Memorial.

Aos colegas da Rede de Educação Popular e Saúde, do Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde da ABRASCO, da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde, da Articulação Nacional de Extensão Popular, da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde, do GT de Educação Popular da ANPED e a todos e todas colegas do Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde, pela convivência, trocas e oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

A todas as pessoas que me “ajudaram a lembrar”: Marília, Marquinho, Mônica, Izabel, Doni, Eveli, Mauricy, Sonia, Valdemar, Mãe, Waldete, Eduardo, José Ivo...

A todas as pessoas que me “ajudaram a achar”: Regina, Adriana, Germano, Aline, Fábio, Silvana, Carmem, Regiane, Leonardo, Hananiah, Luciana, Fabiana, Daniela, Carla, Wanda, Denise, Ana Silvia, Valéria e demais estudantes e servidoras e servidores da UFSCar.

A Antonio que entrou no sonho da colcha de retalhos e a Ítalo pelo carinho com a arte do material e a apresentação final.

A Melissa, Kika e Joaquim, pela paciência e carinho incondicional; não vão entender o que é este Memorial, mas certamente entenderão quando eu retornar à nossa rotina de afagos.

### *Colcha de Retalhos*

*Paula Baggio*

*No início, apenas retalhos,  
Soltos, guardados antigos,  
Tempo de separar, cortar, arrumar,  
E então escolho o centro: florido.  
Vou emendando um a um, cozendo,*

*Os pedaços vão formando um todo,  
Que cresce dia após dia,  
Dia após dia...*

*Se antes mal cabiam em minha mão,  
Agora tomam o meu colo,  
Aguçam meu entusiasmo,  
Despertam meus sonhos.*

*Pacientemente engendro desenhos delicados,  
Que vão se formando multicores,  
Colcha de retalhos... Caprichosamente feita.*

*Tal como na vida:  
Na construção dos momentos,  
é que se aquece o amor.*

## RESUMO

O presente trabalho consiste em Memorial descritivo e analítico, em perspectiva histórica, da produção científica da autora, bem como suas atividades didáticas, de formação e orientação, e outras vinculadas à temática *Educação Popular e Saúde: processos educativos em práticas sociais*. O Memorial está dividido em duas partes. A primeira contém tais descrição e análise. A segunda, lista documentos comprobatórios da trajetória em foco. O tema e eixo descritivo-analítico do Memorial são os processos educativos em práticas sociais, com foco em Educação Popular e Saúde. Para tanto, toma-se a compreensão de que processos educativos se dão nas relações humanas, em práticas sociais de que as pessoas tomam parte, podendo, estas relações e práticas, se dar de forma tanto opressora quanto emancipatória. Processos educativos partem de visões de mundo e de ser humano, as quais eles constroem, reconstroem, reafirmam, negam. A Educação Popular toma como opção política e pedagógica uma práxis emancipatória, humanizante em que a educação se dá de forma conjunta, colaborativa. Nela, a existência humana não é espetáculo, mas obra, ato de criação em cujo cerne está o diálogo. No campo da Saúde, a Educação Popular tem possibilitado a apreensão de conhecimentos que são permanentemente construídos na luta pela saúde e permitido, com seus instrumentos teóricos e metodológicos, criações colaborativas, com grupos populares, um cuidado à saúde mais humanizado e crítico. Ao descrever e analisar sua trajetória, a autora descreve e analisa processos de formação humana em comunidades de trabalho. A inserção da temática Educação Popular e Saúde em atividades acadêmicas, bem como de experiências, reflexões, avaliações críticas e desafios nesse processo é parte dessa descrição. Inicia-se o Memorial apresentando-se a primeira grande formação humana: a família, seguida dos processos formativos propiciados em práticas escolares e não escolares. A Universidade é enfocada a seguir, quando são trazidos os aprendizados culturais, políticos, pedagógicos, científicos relacionados à Educação e à Saúde advindos dos anos de inserção em uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo. Experiências profissionais, sejam em serviços de saúde, sejam na docência na educação básica e no ensino superior bem como no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado, vão acrescentando novos aprendizados a essa trajetória. Descrevem-se, de forma mais detida, as experiências de ensino na graduação numa relação compromissada com a comunidade e os projetos de pesquisa e extensão com jovens, com prostitutas e sobre práticas populares de saúde. O grupo de pesquisa e as ações na pós-graduação colocam em foco a produção de conhecimento por meio da pesquisa. Por fim, toma-se como ponto de reflexão a relação entre produção acadêmica e a militância, apontando-se suas possibilidades e desafios. Encerra-se a primeira parte colocando-se horizontes de trabalho acerca dos processos educativos em práticas sociais na área de Educação Popular e Saúde tomando-se três aspectos centrais dos trabalhos da autora: o diálogo entre a Universidade e seu entorno; a realização de práticas acadêmicas em que a Educação Popular seja tema e metodologia de trabalho; e, por fim, os estudos sobre a relação entre conhecimento acadêmico e conhecimento popular. Na segunda parte do Memorial, as atividades analisadas na primeira parte são especificadas e detalhadas em formato documental. Nela, encontram-se listadas a formação pré-universitária e universitária; aprovações em concursos públicos e contratações; atuação na pós-graduação; prêmios; atividades de docência e de orientação; participação em bancas, colegiados, comissões julgadoras e similares; cargos de chefia e coordenação; assessoria em órgãos de pesquisa e revistas científicas; atividades de pesquisa; publicações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processos educativos. Educação em Saúde. Educação Popular e Saúde.



## **EDUCACIÓN POPULAR Y SALUD: LOS PROCESOS EDUCATIVOS EN LAS PRÁCTICAS SOCIALES**

### **RESUMEN**

Este trabajo presenta de forma descriptiva y analítica, desde una perspectiva histórica, el memorándum académico de la autora, es decir, expone las actividades científicas y educativas, vinculadas a la formación de profesionales, orientación de estudiantes para realizar sus investigaciones, así como otras relacionadas al temática de la *Educación Popular y Salud: los procesos educativos en las prácticas sociales*. El documento se divide en dos partes. La primera contiene la descripción y análisis, en la segunda se reportan los documentos que comprueban la trayectoria en cuestión. Los procesos educativos que se generan en las prácticas sociales que se desarrollan en el área de la Educación Popular y Salud constituyen el tema y el eje descriptivo-analítico de esta trayectoria. Se parte de la comprensión de que los procesos educativos se dan en las relaciones humanas, en las prácticas sociales en las que participan las personas, y que estas relaciones pueden adoptar formas que promuevan la opresión o a la emancipación. Se entiende también que los procesos educativos provienen de las visiones de mundo y de ser humano que los sujetos construyen, reconstruyen, reafirman, niegan. Cabe indicar que la Educación Popular asume como opción política y pedagógica una praxis emancipadora, humanizante en la que la educación se promueve de forma conjunta, colaborativa. En este ámbito, la existencia humana no es espectáculo, sino obra, es acto de creación en cuya matriz está el diálogo. En el campo de la Salud, la Educación Popular posibilita la apropiación de conocimientos que permanentemente están siendo construidos en la lucha por la salud; asimismo, sus instrumentos teóricos y metodológicos, permiten creaciones colaborativas, con grupos populares, un cuidado de la salud más humanizado y crítico. A partir de su trayectoria, la autora describe y analiza los procesos de formación humana que se producen en las comunidades de trabajo. Describe también las experiencias, las reflexiones, las evaluaciones críticas así como los desafíos de introducir la temática de Educación Popular y Salud en las actividades académicas. El Memorándum comienza presentando la formación humana en la familia, seguida de aquellos procesos de formación que son propiciados en las prácticas escolares y en las no escolares. A continuación es enfocada la universidad, cuando son citados los aprendizajes culturales, políticos, pedagógicos y científicos relacionados a la Educación y la salud provenientes de los años de inserción en una universidad pública del interior del Estado de São Paulo. Las experiencias profesionales, tanto en los servicios de atención a la salud, como los de la docencia en la educación básica y en la enseñanza superior, sea en la maestría, en el doctorado y en el posdoctorado, van acrecentando nuevos aprendizajes en esa trayectoria. De forma más detallada son descriptas las experiencias de docencia en la graduación, donde se propone una relación de compromiso con la comunidad y los proyectos de investigación y extensión con jóvenes, con prostitutas y las prácticas populares de salud. El grupo de investigación y las acciones en el pos grado están relacionados con la producción de conocimiento por medio de la indagación científica. Tomando como punto de reflexión la relación entre producción académica y la militancia, se discuten sus posibilidades y desafíos. Encerrando esta primera parte, se abordan tres aspectos centrales que atraviesan los estudios de la autora: el diálogo entre la Universidad y su entorno; la realización de prácticas académicas en las que la Educación Popular sea tema y a la vez metodología de trabajo; e los estudios sobre la relación entre conocimiento académico y conocimiento popular en el marco de los procesos educativos en prácticas sociales en el área de la Educación Popular y la Salud. En la segunda parte de este escrito son especificadas y detalladas, en formato documental, las actividades de la formación preuniversitaria y universitaria; los concursos públicos aprobados y los contratos

de trabajo; la actuación en la pos graduación; los premios recibidos; las actividades de docencia universitaria y de orientación de investigaciones; la participación en jurados de presentación y defensa de trabajos de investigación, la participación en organismos universitarios colegiados, en comisiones de evaluación y similares; nombramiento para desempeñar cargo de jefe de departamento y coordinación ; las realización de asesorías en órganos de investigación y en revistas científicas; las actividades de investigación; las publicaciones.

**PALABRAS-CLAVES:** Procesos educativos. Educación en Salud. Educación Popular y Salud.

## POPULAR EDUCATION AND HEALTH: EDUCATIONAL PROCESS IN SOCIAL PRACTICES

### ABSTRACT

The paper herein presented consists of a descriptive and analytical Memorial, elaborated from a historical perspective, regarding the author's scientific production as well as her teaching, formative and orientative activities and other ones associated to the theme *Popular Education and Health: educational processes in social practices*. The Memorial is divided into two parts. The first one puts forward such description and analysis. In the second part, documents are listed which prove the trajectory in focus. The descriptive and analytical theme and axis of the Memorial encompasses educational processes observed in social practices, focusing on Popular Education and Health. For that purpose, the understanding is taken that educational processes take place within human relations, social practices that people take part in, such relations and practices may occur in both oppressive and emancipatory fashion. Educational processes depart from visions both of the world and of the human being, which such processes build, rebuild, reassure, deny. Popular Education assumes an emancipator, humanizing praxis as political and pedagogical option in which education takes place in a joint, collaborative way. Human existence therein is not spectacle, but *opus*, an act of creation in the core of which dialogue resides. In the field of Health, popular education has made it possible to apprehend knowledges that are permanently constructed in the struggle for health as well as to provide popular groups with more humanized, critic healthcare actions by means of its theoretical and methodological instruments, collaborative creations. While describing and analyzing her trajectory, the author describes and analyzes processes of human formation in working communities. The inclusion of the theme Popular Education and Health in scholarly activities, and likewise of experiences, reflections, critical assessments, and challenges in that process is part of that description. The Memorial begins by introducing the first great human formation: family, followed by those formative processes propitiated in both school and non-school practices. The University is focused next, when cultural, political, educational, scientific learnings related to education and health are brought into the scene, deriving from years of the author's insertion in a public university in the State of Sao Paulo. Professional experiences – either in health services or in teaching in Basic Education and Higher Education as well as in graduate (master's, doctorate and post-doctorate) programs – add new learnings to the trajectory above mentioned. Teaching experiences in undergraduate programs are described in detail, exhibiting a committed relationship with the community as well as with research and extension projects involving youngsters, prostitutes, and popular health practices. The research group and the activities in post-graduate programs put into focus the production of knowledge by means of research. Finally, the relationship between academic production and militancy is taken as a topic for reflection, their possibilities and challenges being pointed out. The first part is closed with the presentation of working horizons regarding the educational processes present in social practices in the area do Popular Education and Health, taking into consideration three central aspects of the author's work: the dialogue between the University and its environment; the realization of academic practices in which Popular Education be both theme and methodology of work; and last but not least, the studies concerning the relationship between academic knowledge and popular knowledge. In the second part of the Memorial, the activities analyzed in the first part are specified and detailed in documentary format. In there, a list of qualifications is found which contains: pre-university and university education; approvals in selection proceedings for public office, and hired employments; activities in post-graduation programs; awards; teaching and orientation activities; participation in examining boards, assessment committees, collegiate bodies, and the like; positions of leadership and coordination; advisory activities to research bodies and scientific journals; research activities; publications.

**KEYWORDS:** Educational processes. Health education. Popular Education and Health.

# **ÉDUCATION POPULAIRE ET SANTÉ: PROCESSUS ÉDUCATIFS AU SEIN DES PRATIQUES SOCIALES**

## **RESUME**

Le présent travail consiste en un mémoire descriptif et analytique, sous une perspective historique, de la production scientifique de l'auteure, ainsi que de ses activités didactiques, de formation, d'orientation et autres travaux liés à la thématique «Éducation populaire et santé : processus éducatifs au sein des pratiques sociales». Ce mémoire est divisé en deux parties. La première est consacrée à la description et à l'analyse. La seconde répertorie les documents confirmant la trajectoire décrite. Le thème et l'axe descriptivo-analytique du mémoire sont les processus éducatifs au sein des pratiques sociales, tout particulièrement pour ce qui est de l'éducation populaire et de la santé. À cette fin, nous partons de l'idée selon laquelle les processus éducatifs font partie des relations humaines, en tant que pratiques sociales dont participent les individus, ces relations et pratiques pouvant prendre forme de façon aussi bien oppressive qu'émancipatrice. Les processus éducatifs partent de visions du monde et des êtres humains que ces derniers construisent, reconstruisent, réaffirment, renient. L'éducation populaire se base sur un choix politique et pédagogique où l'éducation, en tant que praxis émancipatrice et civilisatrice, est mise en œuvre de manière conjointe et collaborative. En son sein, l'existence humaine n'est pas un spectacle, mais une œuvre, un acte de création au cœur duquel se trouve le dialogue. Dans le domaine de la santé, l'éducation populaire permet d'appréhender des connaissances en construction permanente dans le cadre de la lutte pour la santé. Grâce à ses instruments théoriques et méthodologiques, elle permet également des créations collaboratives avec des groupes populaires, selon une approche de la santé plus humaine et critique. Dans la description et l'analyse de son parcours, l'auteure décrit et analyse des processus de formation humaine dans des communautés de travail. L'insertion de la thématique «éducation populaire et santé» dans des activités académiques, mais aussi d'expériences, de réflexions, d'évaluations critiques et de défis dans ces processus font partie de la description en question. Le mémoire commence par la présentation du premier noyau de formation humaine, la famille, puis des processus de formation offerts par les pratiques scolaires et extrascolaires. L'analyse s'intéresse ensuite à l'université afin de présenter les apprentissages culturels, politiques, pédagogiques et scientifiques liés à l'éducation et à la santé, et issus des années passées au sein d'une université de l'intérieur de l'État de São Paulo, au Brésil. Les expériences professionnelles, que ce soit dans les services de santé, dans l'enseignement primaire ou dans le cadre universitaire du premier au troisième cycle ont ajouté de nombreux apprentissages à cette trajectoire. Seront succinctement décrites les expériences d'enseignement en premier cycle universitaire dans une relation engagée avec les communautés, ainsi que les expériences de recherche auprès de jeunes et de prostituées, et sur les pratiques populaires de santé. Le groupe de recherche et les actions menées en deuxième et troisième cycle universitaire mettent en avant la production de connaissances par l'entremise de la recherche. Enfin, l'on prendra comme axe de réflexion la relation entre production académique et militantisme, en soulignant les possibilités et les défis qui en émergent. La première partie termine par une mise en perspective des horizons de travail autour des processus éducatifs au sein des pratiques sociales dans le domaine de l'éducation populaire et de la santé, en prenant en considération trois aspects centraux des travaux de l'auteure: le dialogue entre l'université et son entourage; la mise en œuvre de pratiques académiques dont l'éducation populaire constitue le thème et la méthodologie scientifique; et, finalement, les études sur la relation entre connaissance académique et connaissance populaire. Dans la seconde partie du mémoire, les activités analysées dans la première partie sont spécifiées et détaillées de manière documentaire. L'on y trouvera une liste des diplômes pré-universitaires et universitaires; les approbations aux concours publics et les embauches; les actions mises en œuvre en deuxième et troisième cycles universitaires; les prix obtenus; les activités d'enseignement et d'orientation; les participations à des jurys et autres commissions d'évaluations; les postes de direction et de coordination; les activités de conseil dans



des institutions de recherche et des revues scientifiques; les activités de recherche; et les publications.

**MOTS-CLES:** Processus éducatifs. Éducation à la santé. Éducation Populaire et Santé.

<b>SUMÁRIO</b>	
<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 PRIMEIRAS PALAVRAS .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 FAMÍLIA, A PRIMEIRA GRANDE FORMAÇÃO HUMANA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA E PARA A IGREJA .....</b>	<b>19</b>
<b>1.4 A VIDA UNIVERSITÁRIA .....</b>	<b>23</b>
<b>1.5 DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS AO MESTRADO.....</b>	<b>35</b>
<b>1.6 O ENSINO NA GRADUAÇÃO NUMA RELAÇÃO COMPROMISSADA COM A COMUNIDADE.....</b>	<b>47</b>
<b>1.6.1 PRÁTICA DE ENSINO.....</b>	<b>48</b>
<b>1.6.2 EDUCAÇÃO EM SAÚDE.....</b>	<b>53</b>
<b>1.6.3 PESQUISA EM EDUCAÇÃO .....</b>	<b>58</b>
<b>1.6.4 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES DA DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>61</b>
<b>1.7 O DOUTORADO, A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA, AS ATIVIDADES NA PÓS-GRADUAÇÃO E O PÓS-DOUTORADO.....</b>	<b>71</b>
<b>1.7.1 O DOUTORADO .....</b>	<b>71</b>
<b>1.7.2 GRUPO DE PESQUISA E ATUAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO .....</b>	<b>74</b>
<b>1.7.3 PÓS-DOUTORADO.....</b>	<b>81</b>
<b>1.8 OS PROJETOS DE PESQUISA E EXTENSÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>1.8.1 O PROJETO COM JOVENS.....</b>	<b>90</b>
<b>1.8.2 O PROJETO COM PROSTITUTAS .....</b>	<b>94</b>
<b>1.8.3 O PROJETO SOBRE AS PRÁTICAS POPULARES DE SAÚDE. ....</b>	<b>101</b>
<b>1.9 EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: PRODUÇÃO ACADÊMICA E MILITÂNCIA.....</b>	<b>113</b>

<b>1.10</b>	<b>REFLEXÕES SOBRE O INACABAMENTO: ENCAMINHAMENTOS À PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE .....</b>	<b>127</b>
<b>1.11</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>
<b>1.12.</b>	<b>CURRÍCULO LATTES .....</b>	<b>145</b>
<b>2.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO .....</b>	<b>147</b>
<b>3.</b>	<b>FORMAÇÃO PRÉ-UNIVERSITÁRIA .....</b>	<b>149</b>
<b>4.</b>	<b>FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA .....</b>	<b>151</b>
<b>4.1.</b>	<b>CURSO DE GRADUAÇÃO .....</b>	<b>151</b>
<b>4.1.1.</b>	<b>FORMAÇÃO COMPLEMENTAR .....</b>	<b>151</b>
<b>4.2.</b>	<b>CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.....</b>	<b>152</b>
<b>4.2.1.</b>	<b>ESPECIALIZAÇÃO .....</b>	<b>152</b>
<b>4.2.2.</b>	<b>MESTRADO .....</b>	<b>153</b>
<b>4.2.3.</b>	<b>DOUTORADO .....</b>	<b>154</b>
<b>4.3.</b>	<b>PÓS-DOUTORADO .....</b>	<b>155</b>
<b>5.</b>	<b>APROVAÇÕES EM CONCURSOS PÚBLICOS E CONTRATAÇÕES .....</b>	<b>157</b>
<b>6.</b>	<b>CREDENCIAMENTO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO .....</b>	<b>159</b>
<b>7.</b>	<b>PRÊMIOS DE CUNHO CIENTÍFICO E CULTURAL .....</b>	<b>161</b>
<b>8.</b>	<b>ATIVIDADE DE DOCÊNCIA .....</b>	<b>163</b>
<b>8.1.</b>	<b>EDUCAÇÃO BÁSICA.....</b>	<b>163</b>
<b>8.2.</b>	<b>ENSINO DE GRADUAÇÃO.....</b>	<b>163</b>
<b>8.3.</b>	<b>ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO.....</b>	<b>166</b>
<b>9.</b>	<b>ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO.....</b>	<b>167</b>

<b>9.1. ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS .....</b>	<b>167</b>
<b>9.1.1. MONOGRAFIAS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO .....</b>	<b>167</b>
<b>9.1.2. MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO .....</b>	<b>168</b>
<b>9.1.3. MESTRADO .....</b>	<b>169</b>
<b>9.1.4. DOUTORADO .....</b>	<b>172</b>
<b>9.2. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO.....</b>	<b>174</b>
<b>9.2.1. MESTRADO .....</b>	<b>174</b>
<b>9.2.2. DOUTORADO .....</b>	<b>174</b>
<b>9.2.3. PÓS-DOUTORADO .....</b>	<b>175</b>
<b>9.3. OUTRAS ORIENTAÇÕES .....</b>	<b>175</b>
<b>9.3.1. INICIAÇÃO CIENTÍFICA.....</b>	<b>175</b>
<b>10. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS.....</b>	<b>179</b>
<b>10.1. BANCAS EXAMINADORAS DE MONOGRAFIAS .....</b>	<b>179</b>
<b>10.2. BANCAS DE EXAMES DE QUALIFICAÇÃO: MESTRADO.....</b>	<b>179</b>
<b>10.3. BANCAS DE EXAMES DE QUALIFICAÇÃO: DOUTORADO .....</b>	<b>185</b>
<b>10.4. BANCAS EXAMINADORAS DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO .....</b>	<b>187</b>
<b>10.5. BANCAS EXAMINADORAS DE TESES DE DOUTORADO.....</b>	<b>193</b>
<b>11. CARGOS DE CHEFIAS, PARTICIPAÇÃO EM COLEGIADOS E COORDENAÇÕES.....</b>	<b>195</b>
<b>11.1. CHEFIA DE DEPARTAMENTO .....</b>	<b>195</b>
<b>11.2. REPRESENTAÇÕES NA COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM .....</b>	<b>195</b>
<b>11.3. REPRESENTAÇÕES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS .....</b>	<b>196</b>
<b>11.4. COORDENAÇÕES E LIDERANÇAS .....</b>	<b>197</b>

<b>11.5. DEMAIS REPRESENTAÇÕES, COORDENAÇÕES, PARTICIPAÇÕES EM COMISSÕES E COLEGIADOS .....</b>	<b>198</b>
<b>12. ASSESSORIA A ÓRGÃOS DE PESQUISA E REVISTAS CIENTÍFICAS .....</b>	<b>201</b>
<b>12.1. MEMBRO DO CORPO EDITORIAL DE REVISTA CIENTÍFICA.....</b>	<b>201</b>
<b>12.2. REVISORA DE PERIÓDICO .....</b>	<b>201</b>
<b>12.3. REVISOR DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS.....</b>	<b>202</b>
<b>13. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS OU SIMILARES .....</b>	<b>205</b>
<b>13.1. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE CONCURSO DA CARREIRA DOCENTE .....</b>	<b>205</b>
<b>13.2. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE PROCESSOS SELETIVOS PARA PROFESSOR.....</b>	<b>205</b>
<b>13.3. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÃO DE ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO.....</b>	<b>207</b>
<b>14. PALESTRAS, MINI-CURSOS, CONFERÊNCIAS, MESAS REDONDAS OU SIMILARES .....</b>	<b>209</b>
<b>15. ATIVIDADES DE PESQUISA.....</b>	<b>215</b>
<b>15.1. LINHA DE PESQUISA .....</b>	<b>215</b>
<b>15.2. BOLSAS E AUXÍLIOS RECEBIDOS .....</b>	<b>215</b>
<b>15.2.1. BOLSA DE PÓS-GRADUAÇÃO .....</b>	<b>215</b>
<b>15.3. PARTICIPAÇÕES EM PROGRAMA E ATIVIDADES DE EXTENSÃO .....</b>	<b>216</b>
<b>15.4. PARTICIPAÇÕES EM GRUPOS DE PESQUISAS .....</b>	<b>224</b>
<b>15.5. TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS CIENTÍFICAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS .....</b>	<b>225</b>
<b>15.7. LIVROS E CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS.....</b>	<b>232</b>
<b>15.8. PUBLICAÇÕES E NOTÍCIAS EM JORNAIS, REVISTAS E PROGRAMAS DE RÁDIO .....</b>	<b>234</b>



<b>15.9. PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS.....</b>	<b>237</b>
<b>15.10. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES ORGANIZADORAS, CIENTÍFICAS E OU SIMILARES ....</b>	<b>241</b>
<b>15.11. VINCULAÇÃO À SOCIEDADE CIENTÍFICA E PARTICIPAÇÃO EM COMITÊ NACIONAL ..</b>	<b>242</b>
<b>15.12. TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSO .....</b>	<b>243</b>
<b>15.13. RESUMOS EXPANDIDOS .....</b>	<b>247</b>
<b>15.14. RESUMOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS .....</b>	<b>247</b>
<b>16. OUTROS TRABALHOS RELEVANTES .....</b>	<b>253</b>



## 1. APRESENTAÇÃO

### 1.1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Memória é trabalho, já diziam os participantes da pesquisa de doutorado da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1987). É também olhar.

O olhar que se desperta em direção ao passado, divertindo-se e compenetrando-se nas imagens de um outro tempo, suscitadas nos materiais e nas obras que a memória impregnou, longe de constituir-se num impedimento nostálgico à história, instaura um desequilíbrio na relação com o presente, presente vivido e representado como *progresso*. Ergue-se uma oposição ao fetichismo do moderno, oposição à desqualificação e esvaziamento da experiência, pressionada pelos ditames extrínsecos, sempre inéditos e arrogantes de uma razão *administrativa, tecnocrática*, que confunde mudança com variações regidas pela obsessão do novo [...] suprimimos o passado, confundido com o obsoleto e o irracional. (GONÇALVES FILHO, p.95-96. Grifos do autor).

Memorializar foi reviver o passado, retornar às fontes, reler o presente, projetar o futuro, como nos lembra o símbolo africano do pássaro *Sankofa*: retornar à fonte e mover-se, buscar (TEDLA, 1995). Relato de uma experiência única, mas não solitária. Nas fontes, reconheço minha comunidade de vida, da qual não apenas recebi a vida, como também lições de vida. No movimento e na busca, acompanham-me minha família, amigas e amigos, colegas, estudantes, cuidadores populares, militantes da Educação Popular e Saúde, prostitutas, jovens... A comunidade se amplia.

Com essa comunidade, fui tecendo minha história. Tecidos que retomo para este Memorial. Trabalho artesanal. Sinto suas texturas, seu cheiro, admiro suas cores e os desenhos. As visões dos processos de suas tecelagens vão se formando. Lembranças saudosas, chorosas, risonhas, tristes, brincalhonas, miúdas, grandiosas, vão avivando as cores, dando forma aos retalhos. A escrita organiza os retalhos sobre a mesa. Escolho cuidadosamente os fios, para não desrespeitar a trama dos tecidos. Com o desejo de ser o mais cuidadosa, respeitosa, justa, carinhosa possível com aqueles e aquelas que participaram das feitura dos retalhos, inicio a costura.

Costura que não se faz linearmente. Há que se começar por algum lugar, isto é certo. Mas é costurando os retalhos, vendo as composições que eles formam, que outros retalhos

exigem de companhia, que colcha e costureira vão se conectando. Sem se esquecer da intenção de que, quando pronta, a colcha possa aquecer, enfeitar, embelezar lares e que a profusão de sentidos que ela possa proporcionar ensejem outras histórias.

A experiência acolcheada é conhecimento. O conhecimento é experiência. Com os sentidos inesgotáveis da práxis, como nos lembra Gonçalves Filho, com os traços inconfundíveis que a singularizam e as diversas interpretações que pode sustentar (GONÇALVES FILHO, 1998).

Essa experiência produz conhecimento. O processo de sua produção tem, neste momento, o foco na temática *Educação Popular e Saúde: processos educativos em práticas sociais*.

Compartilho dos dizeres de Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, para quem a educação é

O ato de construir o nosso modo próprio de ser, juntamente com quem convivemos, ao assumirmos com eles os destinos de nosso grupo, nossa classe social nossa comunidade. É vivência... Nesse processo cada pessoa incorpora a cultura de sua comunidade, grupo, classe... num trabalho sempre criador. (SILVA, 1987, p. 65).

Nessas relações de convívio, educam-se uns aos outros, em práticas sociais. Assim, os processos educativos podem, também, ser extremamente opressores, visar o depósito de informações do educador para o educando. Educador aqui, no entendimento de educação permeando as práticas sociais, não é apenas o professor.

Em nosso Grupo de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*, ao mesmo tempo em que fazemos a denúncia de tais processos, também buscamos anunciar os que se movimentam em outra direção, a da conscientização, no sentido de passar

[...] da espera espontânea de apreensão da realidade para chegarmos à esfera crítica, na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1980, p. 26).

Os processos educativos partem de, constroem, reconstroem, reafirmam, negam visões de mundo e de ser humano. São processos que se dão de forma conjunta, colaborativa, em que há consciência de que a existência humana não é espetáculo, mas obra, como nos diz Fiori (1986). A consciência de que se fala é, portanto, consciência histórica, implicando que os

seres humanos assumam o “papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1980, p. 26).

Assim, as raízes da educação, na concepção aqui adotada, se encontram na percepção da historicidade humana; ou seja, os seres humanos, ao se reconhecerem como seres que ‘estão sendo’, seres inacabados e inconclusos, mobilizam-se para além de onde estão, para além de onde se percebem e, assim, se educam constantemente. Essa concepção de processos educativos procura romper tanto com o suposto monopólio educativo das instituições escolares, como com a verticalidade da relação educador-educando. O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado. A palavra-chave nesses processos é o diálogo, não como um simples trocar de ideias, mas o encontro de seres humanos, um ato de criação (FREIRE, 1980). Para que o diálogo ocorra, é necessário um profundo amor ao mundo, à vida e aos seres humanos; reconhecimento dos seres humanos como seres inacabados, inconclusos; humildade, amorosidade, ser capaz de sentir-se e saber-se tão ser humano quanto os outros seres humanos (FREIRE, 1987).

A característica que dá a singularidade à Educação Popular, e também à Educação Popular e Saúde, é a opção clara pelos grupos populares, pela cultura popular como possibilidade de transformação, e pelo trabalho com as pessoas dessas classes; não no sentido vertical, mas horizontal, em que todos ampliam sua compreensão de mundo nos processos educativos e, juntos, vão dando forma e conteúdo (crítico) a um mundo mais justo. Educação que se faz na práxis, na reflexão e na ação, pois, como nos alerta Freire (1987), a reflexão sem ação é “blá-blá-blá” e a ação sem reflexão é basismo.

Grande parte das experiências de Educação Popular e Saúde estão, hoje, voltadas para a “[...] superação do fosso cultural existente entre os serviços de saúde, as organizações não-governamentais, o saber médico e mesmo as entidades representativas dos movimentos sociais, de um lado e, de outro lado, a dinâmica de adoecimento e de cura do mundo popular.” (VASCONCELOS, 2001, p.16).

A educação popular no campo da saúde tem permitido apreender os conhecimentos e saberes que são permanentemente construídos nessas relações [entre pessoas, pessoas e grupos, profissionais e usuários dos serviços, estudantes da saúde e população] Seus instrumentos teórico-metodológicos propiciam ao profissional questionar, acolher e, dentro da perspectiva da incompletude e do educar-se permanentemente, questionar-se e aprender nessas relações, humanizando-se e humanizando a atenção à saúde. Os processos de educação popular também têm oferecido tais instrumentos para a cidadanização dos usuários dos serviços, contribuindo



para tomarem com as próprias mãos sua saúde e a construção de uma vida digna. (OLIVEIRA, 2009, p 298).

Nas atividades de ensino, pesquisa, extensão, militância, venho procurando contribuir para a construção de conhecimento a respeito não apenas das condições de vida dos grupos populares, mas também de seus conhecimentos e ações, sem as quais o profissional de Saúde pode ver a população que atende como conformada, precisando ser mobilizada. A cultura popular, central para um projeto político popular, aparece com força nas culturas populares de saúde, nas lutas cotidianas pelo direito à saúde nos movimentos populares e sociais, nos espaços participativos, na resistência dos praticantes tradicionais.

Nesse processo de vida, de construção de minha existência, construo um saber de experiência que, como nos diz Larossa-Bondia (2002), “se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.” (p.19).

Saber que compartilho com você, leitor e leitora deste Memorial, certa de que as interpretações que advierem da sua leitura, outras histórias ensinarão. Não há um sentido único, uma explicação definitiva.

## 1.2 FAMÍLIA, A PRIMEIRA GRANDE FORMAÇÃO HUMANA

Sou descendente de italianos, espanhóis e portugueses. Famílias que vieram nas ondas imigratórias para o Brasil, no século XIX.

Dos bisavôs, apenas conheci o pai de minha avó materna, Pedro Muneratto, o *nono*. “Saiu da Itália, de Campolongo Maggiore, perto de Veneza, na província de Pádua, em 19 de fevereiro de 1888, com o pai Giuseppe e o irmão Vittorio Marco. Chegaram ao Brasil, em Santos, no dia 3 de março de 1888, dia do aniversário do *nono*, que completava nove anos.” (CESTARI, 2002). Trabalhou em fazenda e, posteriormente, com uma olaria. Sua casa, em Jaú, interior de São Paulo, era o local em que todos da família se reuniam, para aniversários, para festas natalinas. Uma grande família – contando os filhos de meus bisavôs, seus netos e bisnetos, além dos genros e noras, éramos mais de 100 pessoas nesses encontros maiores, não menos que 30, nos menores. São muitos “causos” que minha mãe, Odette, conta da casa de meu bisavô, crueldades dos primos, cumplicidade das primas, entre tantos outros.

Os pais de minha mãe, Tereza Muneratto e José Castan, trabalhavam no ramo das bebidas, tinham uma indústria que se tornou tradicional em Jaú. Digo, trabalhavam – no plural, mas minha avó era a trabalhadora invisível que geria as finanças e, não raras vezes, recebia os cobradores com “recados” de meu avô, os quais, na verdade, eram elaborados por ela mesma. Além disso, ela tinha uma criação de coelhos e, com suas peles, fazia estolas; trabalhava maravilhosamente com o crochê e preparava tecidos de outras bordadeiras para o recebimento do crochê, em máquina que eu apenas conhecia como “tru-tru”, o som que ouvia da máquina horas a fio. Tinham um barracão ao fundo da casa que servia de oficina, e nele, além das peles curtidas, via meu avô fazendo artesanato com bambu, floreiras. Além disso, tinham uma máquina de sorvete, próximo ao mercado, alegria para os netos. Tiveram quatro filhas e um filho.

Minha mãe, Odette Castan, nasceu, em Jaú, em 23 de abril de 1925. Diante das intempéries econômicas, minha mãe, por ser a mais nova, foi escolhida pela minha avó para interromper a frequência à escola, na 4ª série, e trabalhar na fábrica de bebidas, lavando garrafas, de galochas, em pé num banquinho, para lhe acrescentar altura. Seus irmãos seguiram a carreira de professores, assim como meu pai, assim como minha irmã mais velha e meu irmão, assim como eu. Ser professora é algo que me é muito familiar.

Meu pai, Antonio Waldomiro de Oliveira, foi migrante em Jaú. Nascido em Lins, também interior de São Paulo, em 12 de maio de 1925. Era de família pobre, com cinco filhas e dois filhos, que sua mãe dava para batizar a pessoas que pudessem, a cada ano, providenciar uniforme e material escolar. Ela mesma costurava as roupas para a família e para fora. “Fez curso de Mecânica e Fundição na Escola Industrial de Lins e se formou em 1942, com 17 anos. No início de 1943, o professor Antonio Menezes o convidou a dar aulas de Fundição de Ferro e Bronze, na Escola Industrial Joaquim Ferreira do Amaral, de Jaú. Sua nomeação para o cargo de professor só aconteceu em maio daquele ano, quando ele completou 18 anos.” (CESTARI, 2012, p.1). Desde pequeno apreciava música, e seu gosto era cantar. Suas irmãs estudaram piano; seu irmão, saxofone; ele, clarinete. Cantava em programas de rádio, em serestas e na Orquestra de Jaú (que, em 1948, passou a chamar-se Orquestra Continental de Jaú e a ser dirigida por ele). Em Jaú, meu pai, sua mãe e irmã moravam numa casa à beira de um pasto, próximo da casa de meu bisavô e no qual minha mãe, jovem, costumava passear com sua prima.

Foi daí que se conheceram. Casaram-se e foram morar num bairro pobre, à beira do rio Jaú. Sem recursos para a medicina convencional, minha mãe consultava-se com um vizinho, homem negro que dominava os saberes tradicionais sobre as ervas. Recorria às rezas católicas populares para guardar a saúde em nossa casa; consagrava as filhas à proteção de Nossa Senhora, batizando todas com o nome de Maria. Já meu pai fazia música com nossos nomes, colocando, em todos, a primeira sílaba do seu nome e a segunda do nome de minha mãe. Nessa casa, nasceram minhas duas irmãs e meu irmão mais velhos, Waldete, Walderez e Waldemir. Nela, Walderez morreu com um ano de idade. Em sua memória, numa invenção musical de meu pai, fui batizada Waldenez. A mais nova, Waldeli.

Fomos morar em uma casa vizinha à de meus avós. No quarteirão à direita, o Grupo Escolar; à frente, um jardim com coreto e um parque infantil com brinquedos. Atrás desse jardim, a cadeia pública, tendo, à direita, a Santa Casa e sua capela. Dois quarteirões acima, a Escola Industrial onde meu pai trabalhava. Da rua, avistávamos a torre da Igreja Matriz, da qual podíamos ouvir nitidamente o carrilhão da Ave Maria. No quintal de casa, galinhas, coelho da Índia, gato, cachorro, pássaro preto, árvores de subir para comer, brincar e escapar de apanhar; que davam frutos que viravam doces e geleias. Nesse quintal, exerci as primeiras atividades como docente e enfermeira, ora à lousa, ensinando as bonecas, ora na enfermaria, com as bonecas enfileiradas para serem auscultadas, medicadas. Para equipar a enfermaria, recorria ao lixo da Santa Casa, colocado em latões abertos ao fundo do hospital. Nele,

encontrava profusão de equipos, agulhas, seringas e demais materiais para ministrar os medicamentos. Tenho para mim que foi daí a origem da minha hepatite. Entre as duas jabuticabeiras, tive minhas primeiras incursões pelo mundo da arte popular, com os teatros com minhas amigas e meus primos, nos quais, em geral, eu era responsável pelo enredo e a trilha sonora. No parque, aberto a quem quisesse brincar, na escola pública, na rua, no quintal, brincávamos, estudávamos, crianças de diferentes grupos sociais, étnico-raciais, culturais. Em pouco mais de trezentos metros quadrados de intensas vivências nessa diversidade, passei boa parte da minha infância.

À cadeia pública que referi, meu pai fazia visitas periódicas. Era do seu cotidiano o trabalho filantrópico. Desde cedo, eu o acompanhava nas visitas às famílias pobres assistidas pelos grupos beneficentes da cidade, dos quais ele fazia parte. Era assim, com ele, no trabalho voluntário, sempre, procurando a melhoria das condições de vida das pessoas e procurando dar visibilidade à cultura local, à história local. Assim, visitava os presos, visitava famílias, ensaiava e cantava com o Coral Santa Cecília, lutava para que o Município tivesse uma escola pública de arte (e conseguiu!), organizava festivais jauenses de música popular, ensaiava o hino com a turma do Tiro de Guerra, fazia programa de rádio para enaltecer os talentos locais, articulava políticos para a defesa da história de Jaú e de seu hidroavião. Onde eu pudesse, estava junto. Tanto fez pela cidade que recebeu o título de cidadão jauense. Com ele, aprendi o quanto nossa cultura é valiosa, e que temos que trabalhar para mostrar isso, que o mundo é mais do que minha casa, e que minha vida é digna se trabalho para que a de todos também o seja.

Desistir não era uma palavra que fizesse parte do dicionário de meu pai e de minha mãe. Se houve algo que meus pais, e antes deles meus avós, e antes deles meus bisavós (até onde eu tenha convivido) buscaram construir sem esmorecer é o inédito viável. Vindo de famílias pobres (meu pai contava que, na sua infância, ovo era iguaria semanal), juntos conseguiram dar aos seus filhos condições de vida que não tiveram. Se meu pai não parava quieto fora de casa, minha mãe não parava dentro. Fazia milagre com o que meu pai colocava em casa. Minha irmã mais velha veio se somar a esses esforços. Mesmo em ocasiões financeiramente muito difíceis, que nós, crianças, éramos poupadas de saber (muitos anos depois, apenas, soube das crises financeiras), minha mãe não nos deixava faltar refeição ou roupa nem flores dentro de casa. Cuidado de mãe que se seguia nas idas às benzedadeiras, às missas, na formação católica; na mão dada, na cadeira do dentista, com a promessa do frapé de côco; pedagogia materna do apoio ao enfrentamento das adversidades, com afetividade,

amorosidade. Cuidou de me introduzir nos rituais e cerimônias católicas. Levou-me, vestida de anjo, para coroar Nossa Senhora (por baixo do vestido de anjo, o pijama de flanela que ela mesma havia feito), providenciou minha primeira comunhão e minha crisma, tendo as tias e os tios como madrinhas e padrinhos: as tias eram segundas mães, como se eu já não soubesse disso. Levava-me às procissões iluminadas com velas ou que passavam sobre ruas enfeitadas como tapetes bordados, ritmos nas rezas e nas músicas. Cores e cantos, profusão de pessoas das mais diferentes. Respeito, silêncio, oração e música.

Em música, chamamos de *fermata* o “sinal colocado sobre a nota ou pausa, indicando que devemos sustentá-la em aproximadamente o dobro do seu valor, embora na maior parte das vezes essa duração fique a critério do intérprete.”<sup>1</sup>. Neste ponto do Memorial, coloco uma *fermata* sobre o tema “oração e música”, para que se prolongue mais um pouco.

Música, em rituais católicos, permeou toda a minha infância e adolescência. Meu pai cantava na igreja, sozinho ou com o Coral Santa Cecília. Ouvia, maravilhada, os cantos corais, acompanhados pelo órgão de tubos da Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, e os cantos à capela, como no momento da consagração da eucaristia, em que meu pai entoava “Silêncio, silêncio, olhai o sacrário”, com sua potente voz de tenor. Nos casamentos, o órgão invadia a Igreja com a Marcha Nupcial. Minha tia Elza Muneratto acompanhava a procissão de *Corpus Christi*, véu cobrindo o rosto e um pano à mão; a cada esquina parava e entoava, à capela, um canto solo enquanto desenrolava, lentamente, o pano com a face de Cristo. Era Verônica. Não se ouvia nenhum outro som que não seu soprano canto triste. *O Vos Omnes...* Criança, achava eu que era um lamento pela morte de Cristo. Depois, soube que fazia parte das lamentações de Jeremias, escritas na época da invasão de Jerusalém pela Babilônia. No Conservatório de Música de Jaú, dirigido pelo Professor Geraldo, tinha aula de piano juntamente com todas as outras disciplinas afetas à música – história, técnicas, teorias; em algumas aulas, tinha minha irmã e meu irmão como professores. Aproveitava os intervalos e recebia aulas de canto, voluntariamente ministradas por Paulo Ferri, numa sala ao fundo do conservatório e com acompanhamento de um piano um tanto desafinado. Paulo era um conhecido barítono da cidade que, às vezes, fazia duetos com meu pai e que me introduziu no mundo das óperas. A obra que me levava o pensamento às alturas, literalmente, era a belíssima *Va, pensiero*, coro

---

<sup>1</sup> (fer.ma.ta) Mús. sf. 1. Suspensão, parada do compasso musical, cuja duração é arbitrariamente prolongável pelo executante. 2. Sinal que indica essa parada. 3. [...]. (F.: Do it. *fermata*). (iDicionário Aulete; verbete: *fermata*).

Disponível em:

[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbetes&pesquisa=1&palavra=fermata#ixzz2D1Ug1aMN](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbetes&pesquisa=1&palavra=fermata#ixzz2D1Ug1aMN). Acesso em: 13 nov. 2012.

da ópera *Nabucco*; e o canto de Jerusalém retornava à minha vida, ainda sem compreender o seu profundo significado. Canto que, muito mais tarde, me voltou, pelas mãos de meu grande amigo, José Emiliano. Estava anexado à mensagem em que ele me dizia que “Nossas almas e corações, algumas vezes, são verdadeiras Jerusaléns.”. O anexo com a letra explicava que “na época da sua primeira representação (Milão - 1842) também o povo italiano estava sofrendo a dominação austríaca, por isso o Hino tornou-se o canto dolorido dos italianos contra o opressor austríaco e difundiu-se rapidamente por toda a Itália. A ópera havia despertado o patriotismo dos italianos e logo em todos os muros das casas e dos palácios apareceu a escrita ‘VIVA VERDI’ que na realidade era o anagrama de ‘Viva Vitorio Emanuele Rei da Itália’.” Sincronicidade da vida na música, que me levava ao sentimento doloroso da opressão carregado nesses cantos. Opressão, cujo significado foi se ampliando em minha vida acadêmica. Processos educativos, pedagogia musical. Encerrando esta *fermata* aponto minha formação técnica em piano (Doc. 3.4.).

Voltemos à melodia.

Minha mãe era a apoiadora de meus sonhos, de meus voos fora do ninho, desde uma festa dos 15 anos, o primeiro namorado, a ida aos encontros católicos, o cursinho pré-vestibular, a faculdade fora de Jaú. Pedir, sempre, era com a mãe, que acolhia (ou não) e mediava. Mediação que se encontrava, ademais, nas reprimendas, com o temeroso “vou contar para seu pai quando ele chegar”. Com ela, aprendi a importância das rezas e do respeito aos santos, a honestidade cotidiana, o valor da família, da casa florida e com cheiro de comida; com ela aprendi o que é um lar. O que ainda não aprendi: a cozinhar e a descomplicar o “ser mãe”.

Com ambos, aprendi que o respeito ao outro passa, necessariamente, pela honestidade, sem concessões. Não há pessoa “muito” ou “pouco” honesta. Honestidade não é algo que se mede. Nessa base sólida, enfrentam-se as situações limites. Apenas nela, e juntando-se muito trabalho, esforço, vontade, esperança, fé e tranquilidade, constroem-se nossos projetos. Imagens que me vêm à mente para exemplificar este forte aprendizado familiar: meu pai, de cabelos brancos, estudando para o exame de corretor de imóveis, à noite, na mesa de jantar. Minha mãe, costurando nossas roupas. Minha irmã, lecionando dia e noite. Meu irmão, fazendo cursinho na capital, morando num cubículo, com uma cama em que seus pés ficavam de fora. Minha irmã mais nova, recebendo salário mínimo no trabalho de auxiliar, em uma ONG de abrigo a animais abandonados, para levar sustento à casa durante o desemprego do

marido. Se tem que ser feito, que seja. Arregaçar a mangas e seguir em frente. É assim que pessoas honestas ganham a vida.

Família – um capítulo à parte na minha infância e que segue em minha vida. Família é um aprendizado de convivência, do qual fazem parte o conflito e a união, o compromisso e as restrições, o querer e o não poder, brigar e não separar. Minha irmã mais velha fazia desdém das minhas lágrimas, cuidava e fazia roupa para mim e para minhas bonecas; em troca, eu a acompanhava nas noites de namoro. Meu irmão me apresentou o rock, me deu aula de música e espreitava minha volta da escola para me jogar almofadas. Minha irmã mais nova, muito mais nova que todos, era o xodó, ao mesmo tempo cuidada e infernizada por todos. Minha mãe cuidava e alimentava, meu pai me inseria no mundo da música; de ambos, conheci o peso da mão. Primos, tias e tios, avós, envolvidos numa comunidade estendida, convivendo os mais velhos e os mais novos, ouvindo conversas e choros, às vezes sem compreender do que se tratava; apenas escutar, aprender a silenciar sobre aquilo que não se entende. Um “nós” que é construído e cuidado cotidianamente, especialmente pelos mais experientes, que acertavam os encontros, acolhiam os mais novos que transitavam pelas casas das tias, muito perto umas das outras. Nas festas preparadas por todos, nas visitas e conversas, nas mesas compridas e cheias, com mãos italianas que não param de falar, na comida repartida, aprendi o que é família. Como dizia minha mãe: “se alguém vier falar mal de você aqui, na porta de casa, eu escorraço para fora, mas quando eu entrar, a gente vai conversar”. Em minha interpretação, ela estava me dizendo: “Te defendo até onde for preciso, mas olha lá nossos valores”.

### 1.3 DA FAMÍLIA PARA A ESCOLA E PARA A IGREJA

Minha primeira experiência escolar, aos cinco anos, durou exatos cinco dias. Foi no Jardim de Infância, o qual, comparativamente ao descrito anteriormente, pouco me atraiu. Minha mãe, vencida pelo meu choro, me acolheu de volta à casa, “ano que vem, quem sabe”. Um retorno tranquilo, sem profecias sobre eu gostar ou não da escola. Apenas gostava de casa. Essa tranquilidade de minha mãe foi vital para que eu não desenvolvesse um desgosto pela escola, para que chegasse o tempo e a vontade, e, no ano seguinte, ingressasse no primeiro ano do Grupo Escolar Dr. Domingos de Magalhães, com seis anos. A escola entrou na minha vida assim, tranquilamente, e, desde então, não mais saiu. Escola era tudo: as aulas, as festas juninas, a quermesse, o dentista, as festas comemorativas e, especialmente, a fileira de carrinhos com doces na saída.

Vivia cercada de livros. Meu pai, que sempre recebia muito bem os vendedores, era um curioso pelas novidades escritas e tecnológicas. Comprava coleções, como Enciclopédia Barsa, Tesouros da Juventude ou Mundo da Criança. Quando não, eu própria comprava minhas coleções, livro por livro, semana a semana, na banca de revistas, com minha parca mesada ou uma pequena ajuda dos pais. A cada livro que lia, mais curiosidade pelo próximo que me aguardaria na banca.

Adorava o “cheiro de livro novo”. E adorava bibliotecas. Não era preciso me deslocar para ir até elas. Elas vinham até mim. Havia um projeto estadual, se me lembro bem, de uma Biblioteca Itinerante. Era um pequeno furgão que percorria a cidade com livros, um motorista e uma bibliotecária muito delicada e atenciosa. Num certo dia da semana, estacionava no jardim, em frente de casa. Semanalmente, eu estava lá, trocando um livro pelo próximo. Assim, fui lendo autores nacionais e internacionais, romances e tramas policiais, as minhas favoritas até hoje. Li todos os livros sobre Sherlock Holmes, detetive Poirot, uma certa agente secreta muito sexy, cujo nome não me recordo, de longos cabelos negros e olhos azuis num corpo escultural (pelo menos, era o que a capa mostrava), entre outros menos famosos, mas igualmente fascinantes. O *modus operandi* “científico” dos detetives me fascinava: um prenúncio de minha carreira de enfermeira e de pesquisadora?

Eram volumes e volumes que eu devorava. Com diz o ditado popular, “traça de biblioteca”. Na quarta série do Grupo, minha tia Salete era minha professora. Não chamávamos professora de “tia”, o que me causava certa confusão. Numa redação final,



descrevi carruagens com animais fogosos, que voavam pelo espaço, tramas, romance, tensões. Lembro-me de ter espiado conversa da minha tia com minha mãe e ouvir o elogio dela à minha redação.

Saindo do Grupo Escolar, fui para o Ginásio e Escola Normal Livre São José, colégio de freiras de São José, para fazer a primeira e a segunda séries do ginásio. O colégio fechou, e fui transferida para o Ginásio Industrial Estadual Joaquim Ferreira do Amaral, escola pública e mista, para completar a terceira e a quarta séries. Foi um impacto para minha formação pré-adolescente, ingênua, até então, cercada apenas por mulheres e freiras. Estar de volta a uma escola pública, e mista, em meio à pré-adolescência proporcionou-me uma experiência ímpar. Aprendi, às duras penas, a desconfiar. A escola tinha seu lado desumano, e este não vinha dos professores, como eu já tinha vivido em algumas, raras, situações no Grupo ou no Colégio. Discriminada por conta da minha pouca experiência com meninos e com cigarros, fui alvo fácil de fofocas e de artimanhas. Foi uma colega mais velha que me abriu os olhos para a realidade por trás do discurso das “amigas”, convidando-me a postar-me sob uma janela para ouvir os comentários que faziam a meu respeito. Foi uma lição que não esqueci. Enquanto isso, minha formação em piano seguia, e, nas aulas de artes, na escola, a professora permitia que ficássemos à vontade para cantar. Eu tocava, ao piano, músicas que ouvia nos festivais de música e tirava “de ouvido” – como *Black is beautiful*. Ou então, dançávamos, imitando os passos de Toni Tornado na canção *BR-3*.

Decidi ir para o Colégio Técnico Industrial Estadual de Jaú fazer o curso de Enfermagem. Minhas bonecas agradeceram; agora, eu poderia substituí-las por seres humanos. Tinha apenas 15 anos e já cuidava de doentes, na Santa Casa. Nosso aprendizado se iniciava na ala dos indigentes, com os atendentes de Enfermagem mais experientes, generosamente, nos guiando pela mão. Lembro-me, especialmente, de um atendente de cabelos brancos, apresentando-me a um paciente como sendo “a moça que aplica injeção com a mão mais leve deste hospital”, afirmação que, mesmo com a paciência com que esse senhor recebeu minha primeira agulhada, logo se lhe mostrou equivocada. Entre essas pessoas, aprendi os procedimentos de enfermagem, senti-me acolhida e apoiada, nos “porões” da Santa Casa. Na Semana de Enfermagem, assumi a sua coordenação, e tudo era para ser, apenas, um evento entre alunos. Inspirada pelos meus pais, nenhuma tarefa ficava no menor esforço. “As pessoas além de minha casa” me saltavam à vista, e não podia apartá-las desse momento. Foi então que abrimos à comunidade a primeira (e última, até onde eu saiba) exposição onde os processos e equipamentos dos ambientes mais secretos do hospital eram abertos à visitação,

“fazendo a massa penetrar até o último recinto do templo” (BOLTANSKI, 1989, p. 47), tirando da Medicina “seu caráter um pouco extraordinário” (p. 48). Com uma carta da coordenadora do curso na mão, eu e minhas amigas percorríamos o estoque do hospital, atrás de equipamentos sem uso, e as lojas de confecções, para nos emprestar manequins das vitrines, em geral, femininos. Minha irmã e minha mãe carregando tudo, no carro; apoio, novamente. Deste modo, em um salão contíguo à igreja da Santa Casa, que nos permitiu o uso antes do dia da catequese, os visitantes puderam, por alguns poucos dias, admirar equipamentos, materiais, vestimentas e, ao centro, o “extraordinário” mundo de uma sala de cirurgia, espaço proibido a “reles mortais”, com a mesa e o foco cirúrgicos, o instrumental disposto à mesa, e todos da equipe, homens e mulheres, vestidos com roupas cirúrgicas e com sapatos de salto, sem exceção.

A formação católica que minha mãe me dava começava a gerar outros frutos. Aproximei-me de grupos de jovens católicos, até que encontrei e permaneci no Movimento GEN – Generazione Nuova, o braço jovem do Movimento dos Focolares, originário da Itália e cuja máxima é a “unidade”, advinda da frase de Cristo: “Onde dois ou mais estiverem em meu nome, eu estarei”. Outro aprendizado forte, que chamava à união na mesma intencionalidade. Assim, acrescentava ao aprendizado adquirido de meus pais, da luta cotidiana e esperançosa, da importância e da força que dois ou mais juntos podem ter. Lá, eu fazia o que sabia fazer de melhor: cantava. Depois de alguns encontros, aproximei-me de uma linha do movimento, o GEN paroquial. Éramos jovens que colaboravam com o pároco, cuidando do território da paróquia, bem como dos rituais paroquianos, ou seja, ajudávamos a organizar as missas, as visitas, a catequese e tudo o mais que dizia respeito à vida comunitária paroquial.

Essa percepção de “paróquia” confirmava e ampliava a visão que eu havia construído nas visitas que fazia, com meu pai, às famílias empobrecidas: a realidade está além de minha casa. No caso da paróquia, aprendo que a vida está além do prédio da igreja e das celebrações que ali acontecem, aprendo que é a comunidade paroquial que dá vida à Igreja e que é dela que a Igreja cuida. Olhando e cuidando dessa comunidade, fazia reuniões com jovens, passava a limpo os livros de registros, mimeografava boletins, cantava nas missas, em casamentos, tocava voluntariamente órgão e violão. No momento da consagração da Eucaristia, gostava de solar ao violão *Irmão Sol*, *Irmã Lua*, música que se refere à visão de mundo de São Francisco de Assis, para quem animais e astros eram irmãos em uma mesma comunidade. Tenho a letra de cor. Na música, a terra como mãe, fonte de vida; comunidade ampliada que incluía todos

os seres. Dessa forma, ao mesmo tempo em que retira o ser humano da centralidade do mundo, o faz saber que não está sozinho, pois faz “parte de uma imensa vida”. Apenas bem mais tarde, em minha vida profissional, fui novamente problematizar essa centralidade, ao me dedicar ao estudo acerca de epistemologias constituídas a partir de cosmovisões, como por exemplo, as indígenas.

Concluídos os estudos secundários, iniciei o curso pré-vestibular, em Bauru (a 60 km de Jaú), com o desafio de ingressar no curso de Enfermagem, minha primeira e única opção. O custo do ônibus fretado de Jaú para Bauru era inviável; assim, de segunda a sexta (às vezes, sábado, quando havia “simulado”), durante um ano, tomava o ônibus das 5h40 e retornava no ônibus das 13h, chegando à casa, para o almoço, às 14h30. No fogão, um prato pronto sobre uma chapa quente. Carinho e apoio da mãe.

## 1.4 A VIDA UNIVERSITÁRIA

No final de 1976, prestei o vestibular para Enfermagem, na Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, e na Escola do Sagrado Coração de Jesus, em Bauru. Antes de saírem os resultados, já quase se iniciando os semestres letivos, soube que a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) abria o curso de Enfermagem e realizaria seu primeiro vestibular, com 30 vagas. Aportei em São Carlos e prestei o exame. Fui aprovada, apenas, na escola de Bauru e para lá fui, morar numa pensão de freiras, recomendada pelos meus contatos do movimento GEN<sup>2</sup> de Bauru. Estava, havia um mês, no curso, quando recebi um telefonema de minha mãe, avisando que tinha sido admitida no curso da UFSCar. Eu era a 31ª colocada, mas uma das aprovadas havia ingressado em outra universidade. Em tempos em que não havia qualquer controle sobre matrículas em várias universidades, essa aluna decidiu não ocupar a vaga na UFSCar, o que permitiu meu ingresso.

Morei em casa de família, no primeiro ano em que aqui fiquei, com jovens do Movimento GEN. Logo me inteirei da vida católica, na cidade, frequentando a Catedral de São Carlos diariamente. Ao mesmo tempo, inteirava-me da intensa vida estudantil que, nos anos de 1970, fervilhava nos protestos contra a ditadura. Convivi com militantes do movimento, mesmo com o conselho severo de meus pais, zelosos de minha integridade física, para deles não me aproximar. Ouvia atentamente os relatos dos torturados, assistia às sessões clandestinas de *Vidas Secas*, na sede do Diretório Acadêmico. Na Universidade, aprendia truque e as delícias de ser uma primeira turma quase que integralmente feminina, num espaço predominantemente masculino, caracterizado por cursos da área de exatas e um de Biologia. Sendo a primeira turma do curso de Enfermagem, éramos os primeiros alunos daqueles professores, recém-contratados. Sua dedicação a nós não se encerrava nas aulas: chamavam-nos para os projetos (Doc. 4.1.1.2) e para os jantares em suas casas. Davam-nos carona para o estágio. A coordenadora do curso, Professora Maria Lúcia Cardoso dos Santos, poetisa, nos convidava para saraus em sua casa.

O outro lado da experiência de ser a primeira turma esteve no fato de que o curso ainda não era devidamente equipado. Lembro de nossa primeira aula de Anatomia, vestidos com o jaleco longo, postados à porta do laboratório, num misto de curiosidade e medo. Ingressamos no laboratório, num silêncio profundo, e nos deparamos com o único cadáver,

---

<sup>2</sup> Generazione Nuova

ainda pouco dissecado, que havia no laboratório. Nosso professor, um médico pneumologista da cidade, que aceitou o desafio de assumir a disciplina, pouco se lembrava de suas próprias aulas de Anatomia, e muito menos da arte da dissecação, se é que já a havia praticado.

Após um semestre aprendendo nos livros sobre o corpo humano e tendo sido todos aprovados, chegou finalmente o Professor Alzido de Oliveira, anatomista renomado. Equipou, ampliou o laboratório e abriu vaga para um monitor. Vi, aí, a oportunidade de aprender Anatomia. Fui ao laboratório estudar para me preparar para os exames de seleção do monitor. Porém, de pouco me valeram essas idas para aprofundar meus estudos, pois minha pouca familiaridade com os cadáveres e com as peças anatômicas abriam um abismo entre o que eu via nos livros e o que eu procurava nos cadáveres. Apesar disso, esses estudos me valeram a vaga: todos nós, candidatos, estávamos no mesmo ponto de conhecimento; no entanto, meu esforço foi notado e valorizado, segundo me contou o técnico do laboratório, José Carlos Marino. Fui monitora, por dois anos; no segundo deles, voluntária: preparava as peças, ajudava os alunos nos estudos (Doc. 4.1.1.1 e 4.1.1.3). Na época de provas, enquanto voluntária, era menos assídua no laboratório. Depois, durante as férias, repunha as horas que faltavam. Com o restaurante fechado, levava meu almoço e ia comê-lo no Parque Ecológico, que estava e ainda está situado ao lado do campus da UFSCar que, nesse período ficava quase deserto. Então, eu passava as horas de almoço com os animais e conversando com o tratador, aprendendo. Assim, dei-me conta de que, também no período de férias, podia aprender muitas coisas, e como essas, as demais férias, durante o curso de graduação, se mostraram como oportunidades de aprofundamento de estudos e ampliação de conhecimentos, em trabalhos voluntários.

Examinando meu primeiro ano de Universidade, considerei que precisava aprender mais sobre Centro Cirúrgico e Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Gostava dos ambientes fechados, os mais fechados possíveis, como esses dois. Gostava do cheiro da Central de Materiais, dos equipamentos e dos panos sendo esterilizados; gostava da rotina “quadrada” desses espaços, com tudo planejado, lugares sem muita gente circulando, apenas profissionais e os pacientes, em geral inconscientes. A vontade de mais aprender nesses e sobre esses ambientes me levou a outras férias em busca de aprendizagens, na Santa Casa de Jaú, no Hospital Amaral Carvalho, também em Jaú, e, finalmente, na Santa Casa de São Carlos. Nesses locais, encontrei médicos dispostos a me ensinar, equipes de enfermagem que me acolheram, pessoas que aceitaram minha inexperiência e minha colaboração. Encarava o trabalho voluntário com seriedade, nunca atrasando ou faltando (Doc. 4.1.1.5 e 4.1.1.6).

Além desses espaços extracurriculares mencionados, também participei da organização e implementação da primeira campanha de vacinação de São Carlos, em 1980 (Doc. 4.1.1.4, ). Atuei no atendimento de urgência, durante os jogos da Taça Universitária de São Carlos, em 1980, fato que se repetiria, depois de formada, em 1981 e 1982 (Doc. 4.1.1.7, 4.1.1.9 e 4.1.1.10). Atendimento esse que foi proposto e concretizado, inicialmente, pelos estudantes da Enfermagem. Posteriormente, agregaram-se os estudantes da Fisioterapia.

O conhecimento que adquiria na Universidade me dava uma base sólida sobre a qual eu colocava os conhecimentos que encontrava nos livros e nas experiências das pessoas. Com a ajuda delas, no ir e vir entre livros e prática, ia aprendendo mais. Fortaleci o aprendizado do respeito ao mais experiente e do respeito à minha incompletude e ignorância de determinados temas, ações, técnicas.

Na área da Saúde, não se pode tratar a própria ignorância com descuido, sob o risco da vida de alguém. Aprendi, mais tarde, que o descuido de sua própria ignorância causa danos em qualquer profissão, seja enfermeiro, seja professor... Além dos danos a si próprio, a arrogância e outros subterfúgios levam, cada vez mais, a afundar-se em ignorância. Humildade é um dos alicerces do aprendizado. Consciência da incompletude, de que fala Paulo Freire (FREIRE, 1987).

A instrumentalização, naquela época, não era rotina, no Centro Cirúrgico de São Carlos. Não havia essa profissão, os próprios cirurgiões buscavam os instrumentos à mesa, durante a cirurgia. Como eu nunca havia instrumentalizado e não havia quem me ensinasse, comprei um livro que me acompanhava ao Centro Cirúrgico. Fazia notas para levar às cirurgias, chegava mais cedo para ter tempo de consultá-las ao montar a mesa. Conversando com os dois médicos cirurgiões gástricos que me aceitaram como instrumentalizadora, fomos aos poucos nos acertando como equipe.

Aprendi a lógica da sequência de etapas de uma cirurgia em relação ao uso do instrumental e, a partir dessa lógica, criava as etapas nas cirurgias não previstas no livro. Em silêncio, entrava na sala; em silêncio, permanecia, durante a cirurgia, como havia aprendido na Universidade; em silêncio, saía com o instrumental para higienização. Praticamente invisível, já nem precisava que pedissem: bastava o cirurgião esticar a mão, e o instrumento certo era entregue. Saber que estava fazendo certo e colaborando para que o trabalho fosse mais bem feito era minha maior recompensa. Assim foi, no Centro Cirúrgico de São Carlos; assim foi, em Jaú. Se me davam uma chance, pegava com as duas mãos, como meus pais me ensinaram, sem terem dito exatamente assim, mas com sua própria vida como exemplo.

Foram assim os intervalos nas aulas, no Conservatório de Jaú; foram assim, as férias na Universidade.

Aprender a ser enfermeiro, no entanto, não se dá apenas no que é aparentemente conteúdo disciplinar, ou nos manuais de instrumentação ou de rotinas hospitalares, ou em livros de Anatomia. Aprender a ser enfermeira se deu, também, no cotidiano do curso. Aprender a ser enfermeira se deu antes mesmo de eu ingressar no curso de Enfermagem. Sobre este segundo aspecto, gostaria de me deter um pouco mais, para, mais adiante, retomar o primeiro aspecto, ou o que a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, uma vez, me disse: “a forma como se ensina também é conteúdo”.

Quando calouros, ingressamos num processo de formação inicial da/para a vida universitária, no curso de graduação. Já trazemos valores, conhecimentos e competências acerca do universo profissional e social em que iremos atuar, construídos em nossas experiências anteriores à universidade. Eu e meus colegas vínhamos de vários processos socializadores e formadores que extrapolavam a instituição universitária. No meu caso, conforme narrei anteriormente, minhas experiências com a Enfermagem, com a saúde, com “ser professor” faziam parte das minhas experiências familiares, escolares.

Certa vez, a Professora Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali me disse que, ao adentrar o curso de graduação, o estudante já tinha sido apresentado, há muito tempo, ao “ser professor”. Quis ela dizer que, desde muito pequenos, somos colocados diante de professores, com eles nos relacionamos, e isto não é uma experiência esporádica. Ela se mantém por várias horas, diariamente, por um longo período de nossas vidas.

A profissão docente é uma das que todos têm ideia sobre “o que é e como se faz” (ou como não se faz). Quando se chega aos cursos de Pedagogia ou a outras licenciaturas, inclusive em Enfermagem, tem-se, no mínimo, 11 anos passados com um(a) professor(a) atuando à sua frente, por mais de 200 dias por ano, no mínimo, por quatro horas de cinco dias da semana. Qual o impacto de um curso de quatro anos sobre essa experiência de 11 anos?

Amadurecendo minhas reflexões sobre ser profissional iniciante, ao ser convidada para uma mesa-redonda sobre *Educação e pluralidade no processo educativo*, em 2004, e inspirada pela reflexão da Professora Aline Reali, formulei a seguinte questão: Há quantos anos somos colocados diante de profissionais da Enfermagem? Talvez, tenha sido esse o profissional que, primeiramente, em nossa vida, nos recebeu, no momento de nosso parto.

Seja porque nos recebeu das mãos do obstetra para os primeiros cuidados, seja porque nos cuidou ao lado da mãe em nossa primeira experiência hospitalar.

Esses profissionais permanecem presentes, sempre que temos cuidados com a saúde própria ou de familiares, amigos. Estão nas unidades de saúde, no teste do pezinho, na vacinação, nos cuidados nos hospitais. Com eles interagimos quando visitamos parentes e amigos enfermos, ou quando nós próprios somos usuários de serviços de hospital. Também, estão presentes nos corredores do hospital, na foto da enfermeira com o dedo nos lábios “pedindo” silêncio.

Figuras e experiências marcam uma certa construção do que é ser enfermeiro(a). Assim foi comigo: fui construindo a imagem, a ideia do que era ser enfermeira, assistindo a séries televisivas, como *Dr. Kildare*, repetindo o que via em brincadeiras com minhas bonecas. E nos anos 1970, pondo a mão na massa, ao realizar o curso técnico de Enfermagem. Todos esses conhecimentos, impressões, intuições sobre o que poderia ser, fazer uma enfermeira foram confrontados, confirmados, revistos, superados, ao fazer o curso de graduação em Enfermagem.

Assim, vivi o que, de certa forma, hoje, se mostra como resultado de pesquisa que tenho realizado e orientado, no quadro do Grupo de Pesquisa do CNPq, Práticas Sociais e Processos Educativos, bem como no da linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCar, também intitulada *Práticas Sociais e Processos Educativos*. Investigações essas que têm explicitado, apontado que muitos são os espaços e meios, além da escola, que estão enredados com a produção daquilo que nós somos, daquilo que nós sabemos ou daquilo que nós pensamos ser e saber (SIQUEIRA, 2004; FERREIRA, 2006; SILVA, 2007, SOUSA, 2007; CARNEIRO, 2008; RIBEIRO JUNIOR, 2009; TEIXEIRA, 2012).

Tais estudos têm mostrado que a escola é uma importante instância de aprendizagens específicas e diferenciadas que, possivelmente, não ocorreriam em outros espaços, como também têm permitido observar que se trata de instituição que interfere, aprofundando ou fragilizando aprendizagens feitas em outros espaços sociais, como família, igreja, círculos de amizades, etc. – aprendizagens ideológica e culturalmente marcadas. Na escola, não aprendemos apenas Matemática, Literatura, Anatomia, Fisiologia, entre outros conteúdos; nela, aprendemos, fundamentalmente, a conhecer a sociedade, a nos posicionarmos nela, a partir de relações sociais que nos são impingidas e que também ajudamos a construir. O que aprendemos e o modo como o fazemos dizem, também, sobre o que somos; e assim, vamos nos construindo, também, como pessoas. Aqui, retomo o primeiro aspecto da construção de



minha identidade como Enfermeira, que havia pontuado acima sobre o que aprendemos no cotidiano do curso.

Para exemplificar o que digo, trago Anatomia, tema sobre o qual tenho experiência detida, e Fisiologia. Quando estudamos Anatomia, aprendemos que há um corpo humano. Se estivéssemos olhando nossos abdomens abertos, dificilmente nossas vísceras expostas permitiriam identificar quem é Waldenez, quem é Maria. Nas aulas de Fisiologia, nos estudos sobre adrenalina, por exemplo, aprendemos como o organismo reage, qual braço vai aonde, qual perna vai aonde, numa reação de fuga; somos o mesmo. Lembro-me da figura do gato, no livro de Fisiologia, e de como, numa situação de pavor, fiquei na mesma posição e me vi como o gato do livro. Não sei o que mais me surpreendeu, naquele momento: se aquilo que fez disparar o medo, ou se a constatação de animalidade, ou, então, a previsibilidade irremediável. Esses olhares sobre a Anatomia, a Fisiologia, me fizeram ver igualdade entre todos os seres humanos, e entre estes e os mamíferos. Somos o mesmo. Esse corpo que funciona (abordado na Fisiologia), separado do corpo que está morto (abordado na Anatomia), é estudado à exaustão, dissecado, fragmentado, olhado ao microscópio, dividido em células que apagam nossas identidades, reforçando que somos o mesmo. É a esses corpos que somos apresentados, no primeiro ano do curso de Enfermagem. São esses corpos que formam nossa base de conhecimento sobre o ser humano. Mas não é somente com isso que nos defrontamos. Por acaso, nessas aulas, não nos deparamos com os nossos próprios significados e experiências sociais de corpo? Não nos comparamos, não nos procuramos? Sobre isso, nada se falou nessas aulas. Isto é currículo também, e não apenas o “aparelho respiratório”. Currículo, enquanto um espaço conflituoso e ativo de produção cultural. E assim, aprendemos a observar o “ser humano”, inerte, o mesmo, fragmentado, afastando todos os conflitos e possíveis identificações que possamos estabelecer.

Se a Anatomia nos diz da mesmidade de nossos órgãos – por dentro, somos todos iguais – similarmente, diria a Psicologia com que tive contato na graduação – Análise Experimental do Comportamento: todos nos parecemos com nossos certos humores flutuantes, nossos altos e baixos, e lá estavam os animais, novamente, nos experimentos laboratoriais. Enfim, o estudo do corpo e da mente humanos, como feito por mim no curso de graduação, não nos colocou os dilemas das subjetividades e das intersubjetividades. O profissional é o mesmo, normatizado. O paciente é o mesmo, corporificado num mesmo corpo humano. As relações pessoais, explicadas como causa-efeito.

Certamente, houve disciplinas que contemplaram o ser humano em suas percepções, representações; o indivíduo, suas peculiaridades, suas relações sociais, políticas, culturais, suas subjetividades, disciplinas das “Humanas”. Porém, fazer a ponte entre aquele corpo biologizado, uniformizado, homogeneizado da Anatomia, Fisiologia, Microbiologia, Citologia, visto em centenas de horas de aula, durante todo o primeiro ano, e este, social, visto em pouco mais do que dezenas de horas de aula, diluídas num ou outro ano, é quase sempre tarefa do aluno, por sua conta própria. O modelo explicativo já consolidado no “mesmo” é muito forte, e a contraposição que essas disciplinas de Humanas poderiam propiciar fica fragilizada, assim como ficam fragilizadas essas mesmas disciplinas, galgadas, quando muito, a um caráter instrumental para a docência em Enfermagem.

Tão forte é essa formação pela norma, que nós, profissionais de saúde, recorremos a modelos explicativos que minimizam, simplificam ou anulam as diferenças sociais e comportamentais, para, assim, melhor fazermos prescrições generalizantes e pré-planejadas. Quando fazemos algumas diferenciações entre as pessoas, é no sentido de encaixá-las em tipologias prévias que melhor nos ajudam a prescrever conforme nossos modelos, novamente, generalizantes, de prescrição. Para exemplificar, tomo a pesquisa realizada por Boltanski (1989) com médicos. O autor relata o que ocorre nas consultas médicas, após a anamnese<sup>3</sup>. Aprendemos, no curso de Enfermagem, que a anamnese é feita para se conhecer mais a fundo a particularidade de um paciente e se ter um quadro mais complexo do processo saúde-doença e, conseqüentemente, dos caminhos a serem percorridos para o processo de cura. Porém, na prática, o autor conclui, a anamnese é usada para encaixar os pacientes em uma tipologia, a partir da qual o médico prevê como o paciente reagirá às suas orientações. Assim, com o paciente encaixado em um tipo, o médico volta à prescrição de modo a não ter sua autoridade questionada. Na anamnese, diz o autor, voltamos a buscar a norma.

Na minha formação profissional, esse currículo a que me refiro, vai corporificando em mim o conjunto de todas as experiências cognitivas e afetivas proporcionadas a mim e aos meus colegas de curso. Vamos, a seguir, a mais uma delas.

O curso de graduação que frequentei, como idealizado pela enfermeira, poetisa, professora Maria Lúcia Cardoso dos Santos, tinha enfoque em enfermeiro generalista e saúde coletiva, na contramão da tendência, naquele momento, que eram os cursos generalistas que

---

<sup>3</sup> “**Anamnese.** Informação acerca do princípio e evolução de uma doença até a primeira observação do médico.” (Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, 1995, p. 41. Verbete: *Anamnese*). Em geral, tais informações são obtidas por meio de uma entrevista com o paciente, seguindo-se um roteiro pré-determinado, com o objetivo de ajudar no diagnóstico.

se abriam, ao final, para habilitações – Enfermagem Obstétrica; Enfermagem Clínica e Cirúrgica; Saúde Pública. Esse enfoque propiciou mais tempo e formação para estar na e com a comunidade, um terreno fértil para a realização de ações educativas comunitárias.

Minha primeira incursão na comunidade, sob orientação da Professora Elisete Silva Pedrazzani, foi para oferecer orientações sobre cuidado ao bebê, em casas do bairro contíguo ao Centro de Saúde. Enquanto a Professora Elisete estava ainda acabando de fazer alguns acertos com outras alunas, adentrei uma casa com um “bom dia” e fui diretamente ao bebê, recitando como eu o avaliava, pesando, medindo, mostrando à mãe o que deveria ser feito nos cuidados ao bebê e preenchendo a planilha de dados do Centro de Saúde. A Professora Elisete juntou-se a mim, expressando um certo estranhamento, mas nada disse. Na saída da casa que visitáramos, perguntou se eu havia me apresentado, esclarecido os objetivos de minha presença ali, pedido permissão etc. Nada disso havia sido feito. Seguiu-se uma orientação da professora sobre a necessidade de um estagiário se apresentar, pedir permissão para realizar exames etc..

A relação profissional de saúde e usuária do serviço, naquela ocasião, estava posta numa relação vertical entre o saber universitário sobre saúde e o saber popular. Meu comportamento fora de fazer o saber médico adentrar a casa e aos conhecimentos dos visitados, sem perceber a necessidade de pedir permissão.

Não muito diferente dessa, foi outra experiência, já no Centro de Saúde, com gestantes. Havia estudado, em um livro, que, a bem da verdade, não havia sido bibliografia da disciplina Enfermagem Obstétrica, que, de “fato”, não são nove meses de gestação, mas 10, pois são meses lunares. Encantada com essa descoberta, e concluindo que ela liquidava os equívocos da contagem dos nove meses, logo pensei em comunicá-la às gestantes. Postas todas na sala, como parte da pós-consulta de enfermagem, passei a falar do primeiro mês, do segundo, terceiro... nono... e décimo. Hoje, posso imaginar a razão da troca de olhares que, naquele momento, eu identificava como simpatia ao meu encantamento: perplexidade ou, talvez, um certo tipo de condescendência pelo “saber” daquela estudante de Enfermagem. De que animal estaria eu falando? Sem perguntas ao final, sem dúvidas, dei por encerrada a explanação.

Cabe aqui uma reflexão mais detida sobre esse fato. O que essas experiências ensinam? Mesmo a educação bem intencionada, como a que eu procurava passar às mães, pode se pautar pela máxima de que as pessoas empobrecidas desconhecem os preceitos da boa saúde, ou da boa educação, ou os tesouros da humanidade reservados apenas à escola, ou a

instituições, como, mais tarde, eu aprendi com Valla (1996). A forma de fazer tais pessoas, as mães que participaram das situações acima relatadas, apropriarem-se do conhecimento que queria transmitir-lhes é o ensino escolarizado, por meio de orientações e palestras. Entenda-se que não se trata de “ensino escolar”, mas um ensino modelado por ou aderido a uma certa cultura escolar, portanto, ensino escolarizado. Em situações como essa, quando as pessoas empobrecidas escutam, educadamente, mas não “aplicam” o que o profissional de Saúde prescreveu, são tachadas de ignorantes e/ou teimosas ou “resistentes”. Situações como as que acabo de descrever mostram que, na área da Saúde, a intencionalidade da relação entre profissional da Saúde e usuários dos serviços de saúde é pouco questionada, pois, afinal de contas, sempre ouvimos, e incorporamos ao nosso repertório profissional, que toda educação, especialmente aquela que é realizada na Saúde, tem a intenção prévia de melhorar a qualidade de vida e os conhecimentos das pessoas; portanto, justifica-se sempre, mesmo que os processos possam ser atabalhoados, como o que relatei acima.

Assim, fui formando a base ética de minha ação. Aos poucos, na formação após a graduação, meu olhar foi se ampliando e fui aprendendo a ver que, raramente, me esforçava para entender a complexidade, ou os pontos de vista, ou as visões de mundo daquelas pessoas, os processos em que se formavam tais visões, constituídos nas experiências e saberes frequentemente diferentes dos meus. Comecei a observar a mesma postura nos demais profissionais. Mesmo na execução de políticas ditas “participativas” (como as Conferências ou Conselhos), presenciei uma escuta, muitas vezes polida, da fala de pessoas de grupos populares; porém, desde a escuta e o debate ditos “popular” até a formulação e a publicação de uma política, em um Diário Oficial, tem-se uma longa jornada, ao longo da qual, não raras vezes, se perdia a demanda popular. Em uma Pré-Conferência Municipal de Saúde, de São Carlos, em que participei, anos após diplomada, discutíamos, com os gestores, as dificuldades para concretizar algumas decisões dessa Conferência referentes, por exemplo, à ampliação das unidades de saúde da família. Porém, quando se tratou de estabelecer prioridades, de decidir o que podia ou teria que ser concretizado, o gestor decidiu sozinho, sem participação popular. Consultas, quando muito burocráticas, foram feitas ao Conselho Municipal de Saúde.

Com minha formação técnica em Saúde, adquirida na universidade, aproximei-me de pessoas das camadas populares, informada por minhas próprias concepções acerca daquele grupo, do que sabia e não sabia, construídas em minha experiência e formação. Não poderia ser diferente, uma vez que as pessoas não são desprovidas de concepções prévias acerca do mundo. No entanto, raramente, tive oportunidade, durante minha formação acadêmica, na

graduação, de encontrar espaços de discussões sobre os processos em que essas concepções teriam sido construídas e, muito menos, encontrei uma abertura à diversidade de experiências humanas, o que implicaria, provavelmente, uma revisão / ampliação / reconstrução de tais concepções. Posteriormente, aprendi que uma boa pergunta, antes de qualquer encontro com tais grupos, seria “o que eu sei e como eu soube acerca desta(s) pessoa(s) sem nunca as ter tido frente a frente comigo?”. Sua resposta honesta é um bom começo.

Nós, técnicos da área de Saúde, não estávamos aprendendo a lidar com o desconforto do estranhamento, a deixar a estranheza amadurecer para podermos ver, com mais clareza, distintas maneiras de compreender, encarar, resolver questões que dizem respeito à saúde. Nossa formação se dava no sentido de afastamento emocional para uma zona de conforto denominada “postura profissional” ou, pior ainda, “ética profissional”, onde o silêncio, a omissão de informação, a “ausência” de emoção imperavam em prol do efetivo tratamento médico. Na experiência relatada da visita à mãe e ao bebê, a explicação, do silêncio da mãe, estava dada de antemão, pela valorização do conhecimento acadêmico e desvalorização do conhecimento popular. Estranhei, inicialmente, aquele silêncio. Por alguns segundos. Porém, tão logo quanto possível, o estranho se encaixou em meus modelos explicativos, aqueles mesmos que trazia comigo ao adentrar aquela comunidade. E o conhecimento crítico, que também é construído alimentando-se da clareza das nossas contradições, da humildade, da certeza de que não sabemos tudo, do esforço permanente de diálogo com quem nos é diferente, como diz o ditado popular, “virou poeira”.

Em outras experiências, experimentei não apenas uma breve curiosidade acerca do modo de ser popular; experimentei sentimentos mais profundos, como raiva, pena, inconformismo diante do que era inicialmente inexplicável. Mas, a seguir, ficava magicamente explicado, sem que tivesse que fazer esforço para construir um novo conhecimento. Para o profissional construir conhecimento, estar aberto a educar-se, apropriar-se de novos conhecimentos, é preciso aprender a ver que não sabemos tudo, portanto, somos incompletos. Nas primeiras experiências profissionais, minha incompletude, eu a via apenas relacionada ao conhecimento técnico; o conhecimento popular era “mito” (mito sobre aleitamento, mito sobre cuidado com o bebê, mito sobre alimentação), não era conhecimento.

Tal postura, alienada e alienante, diante da cultura popular não é algo exclusivo da área da Saúde ou de um ou outro serviço público ou de um ou outro espaço social. A desvalorização do “popular”, do povo, se expressa na relação desigual entre diversas culturas,

em nosso cotidiano, notadamente entre a cultura escolarizada – historicamente, europeia – e a não escolarizada – historicamente, índia, negra, mestiça; relação desigual entre os conhecimentos científicos e aqueles forjados pelo povo, na sua busca diária de solucionar problemas, entre as formas de expressão acadêmicas e as populares.

Práticas desumanizantes, especialmente em relação aos grupos e culturas populares, ainda permanecem em nossa realidade, gritantes para alguns e invisíveis para outros. São heranças de um pensamento colonizador que, desde o século XVI, tem promovido a exploração, quando não a morte, de diversos povos da América Latina. Precisamos ter isso claro, ao falarmos do trabalho com classes populares. Temos uma herança colonial, que insiste em atribuir a algumas pessoas valores “mais” humanos do que os que atribuem a outras, que são vistas como incapazes por natureza, imorais, sem conhecimento, sem escolaridade; enfim, como pessoas sem cultura.

Nada disso estava claro para mim, naquele momento do curso de graduação. Mas minha “artéria” docente e de educadora foi ficando cada vez mais irrigada e oxigenada. As disciplinas de licenciatura me mostravam outras perspectivas de compreensão do ser humano. Fiz disciplinas extras, à noite, na Pedagogia, por exemplo, História da Educação, com o Professor José Carlos Tartáglio. Esses debates, por vezes acalorados, em que o professor se abria para ouvir o aluno, em que os alunos eram incentivados a desconfiar do dito e do escrito, foram chamando minha atenção pelo formato diferente das disciplinas na área básica da Saúde, em que, essencialmente, tínhamos que decorar o conteúdo e reproduzi-lo nas provas.

Importantes para minha formação foram, ainda, as “Sessões Malditas” – sessões de cinema, promovidas pela UFSCar, coordenadas pelo Professor José Sidney Leandro. Também, frequentava o cine-clubes do CAASO (Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira, da USP). Os filmes eram aulas de história, de política, arte. Às sessões malditas, que aconteciam às 22 horas, se seguia um acalorado debate acerca do filme e tantos outros temas correlatos, em geral, no Bar do Centro, um boteco no centro da cidade, reduto de estudantes e demais passantes. De lá, quase sempre, saímos já de madrugada, com Nelson, o proprietário, nos “expulsando” com balde de água e rodo à mão. Os estudantes organizados publicavam a revista *Rosa dos Ventos* que, na época da censura da ditadura militar, era um meio de expressão livre de ideias. Ideias que foram chacoalhas com a divulgação do *Relatório Hite* – um estudo mais aberto sobre sexualidade feminina como, até então, não tínhamos tido contato. Líamos, nos intervalos das aulas, comentávamos, experimentávamos. Os editores da

revista, homens, foram procurados por um grupo de mulheres, e um número da revista, de 1979, teve a preocupação de inseri-las publicando, entre outros, um artigo sobre infecções sexualmente transmissíveis e outro sobre o Relatório Hite, escritos por mim. Não há autoria, a não ser na contracapa, ao final da revista, onde consta nome ou apelido de quem colaborou. (Doc. 15.15.1).

O Setor Cultural da UFSCar promovia apresentações de peças teatrais e de danças brasileiras. Nesse Setor, dirigido por Adélia de Jesus Gomes, a “Déia”, atuavam Leandro (já mencionado) e Marília Leite Washington, ambos professores do (então) Departamento de Tecnologia Educacional (DTE), do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), da UFSCar. Um embrião do que seria uma forte amizade entre nós já se iniciava ali.

Fui me aproximando da Análise Experimental do Comportamento, especialmente dos Professores Deisy das Graças de Sousa, Nivaldo Nale, Silvio Paulo Botomé. Gostava dos esquemas explicativos dessa corrente da Psicologia, era o que mais se aproximava de minha formação técnica, o que me abria possibilidade de pensar sobre como ensinar melhor, como orientar melhor. O hospital, o centro cirúrgico e a UTI mantinham seus predicados, mas outros espaços educativos começavam a chamar minha atenção e despertavam um desejo de desafiar, de inovar.

Formamo-nos a primeira turma de Enfermagem da UFSCar, em 1980 (Doc. 4.1). Posso dizer que inauguramos, na UFSCar, as cerimônias de formatura, com becas, culto ecumênico e baile de gala (no Restaurante Universitário). Em 1980, o chamado “enfermeiro padrão” era figura rara nos serviços de saúde. Tínhamos atendentes e técnicos de Enfermagem. Em São Carlos, não havia um único enfermeiro, em 1980. Vale dizer que, a par de ser um curso majoritariamente feminino, foi um homem negro – Edson Édén de Oliveira – o primeiro formado de nosso curso de Enfermagem da UFSCar a trabalhar na Santa Casa de São Carlos.

## 1.5 DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS AO MESTRADO

Depois de formada, ao contrário de muitos colegas – que optaram pela rede hospitalar ou pelo sistema público de Saúde –, interessei-me por trabalhar na indústria. Preparei meu currículo e, diariamente, saía batendo à porta de uma indústria de São Carlos. Percebia, nas conversas e raras entrevistas a que fui chamada, que as pessoas não sabiam no que uma enfermeira poderia auxiliar naquele lugar. O profissional não era conhecido. Decido “aumentar minha empregabilidade”, continuando minha formação com a Especialização em Administração Hospitalar, em 1981, na Associação Educacional de Ribeirão Preto (UNAERP) (Doc. 4.2.1).

Continuava minha aproximação com a arte, o teatro, o cinema, frequentando as reuniões de debates das Sessões Malditas, assistindo às peças dos grupos de teatro amador, como *A Casa de Bernarda Alba*, dirigida por André Galesso, onde atuava o já mencionado Professor Tartaglia, aquele que ensinava História da Educação. Participava dos debates promovidos pelos centros acadêmicos; entre eles, lembro-me do realizado com Luís Carlos Prestes.

Ao mesmo tempo, uma das indústrias me chama, pois o atendente de enfermagem havia adoecido e precisava se afastar. Era uma indústria têxtil, Germano Fehr, com trabalhadoras na linha de produção, todas mulheres (Doc. 4.1.1.8). Aos homens, cabia a administração e outros serviços, como, por exemplo, o médico do trabalho. Saindo de uma experiência de universidade pública, de relação amistosa entre professores, servidores e alunos, chocou-me a relação dos administradores com as trabalhadoras. Quando uma trabalhadora ia ao banheiro, uma luz ficava acesa, mostrando o tempo que a funcionária estava lá e evitando que outra saísse “à toa” de seu posto, ao passo em que controlava o tempo que a primeira lá permanecia. Alguns funcionários, eu entre eles, almoçávamos no restaurante da indústria, onde dispúnhamos de uma comida feita na hora para nós. As demais trabalhadoras pegavam suas marmitas em um grande “banho-maria” e almoçavam sentadas nas escadas, nas sombras possíveis.

Fui percebendo que a presença semanal do médico, a quem eu auxiliava, possibilitava que, em poucos minutos, a trabalhadora fosse medicada, sem necessidade de ausentar-se por mais tempo do emprego, por exemplo, na consulta a um especialista. O médico do trabalho resolvia vários assuntos ali, inclusive confirmando ou não atestados para licença emitidos por



outros médicos. Minha orientação era proibida, pois, apenas no dia do médico, as trabalhadoras saíam da linha de trabalho. Raramente, uma trabalhadora chegava ao posto para se consultar comigo; ainda assim, a conversa não podia ultrapassar alguns minutos, mesmo as delicadas orientações sobre planejamento familiar. As leituras de Berlinguer (1978). começavam a fazer mais sentido.

O gerente geral da fábrica, que gostava de jogar futebol, mas tinha lá suas limitações, lesionou a perna e, diariamente, passei a tratar de sua lesão. Tínhamos longas conversas, durante essas sessões de “fisioterapia”. Satisfeito com o resultado da terapia e com as conversas, abriu-me possibilidade de frequentar reuniões de aniversário ou outras comemorações festivas, feitas em restaurantes da cidade, com os funcionários administrativos. Aos poucos, fui me dando conta de que minha posição estava em mudança dentro da empresa. Estava saindo do lugar exclusivo de auxiliar do médico, para ter eu própria a possibilidade de estabelecer alguns procedimentos. Esse *status* me possibilitou ir *pari passu* adicionando minutos nas orientações às trabalhadoras, e, diariamente, o posto começou a funcionar também para orientação. Muito timidamente, o supervisor, em conflito, chegava ao posto para indicar que o tempo estava passando dos limites do razoável, ao que se seguia, frequentemente, um sorriso indisfarçado da trabalhadora. Minha conquista pessoal, ainda distante da conquista coletiva daquelas trabalhadoras e da conquista coletiva da Enfermagem do Trabalho, possibilitava conversas que, em geral, iniciavam com “contraceptivos”, logo passando para “relacionamentos sexuais”. O gerente me pediu um projeto para melhorar o posto para o atendimento às trabalhadoras; porém, semanas depois, o atendente voltou.

A aproximação com os psicólogos mencionados acima havia se intensificado. Iniciei estudos sobre as questões de aprendizagem junto a um grupo do Departamento de Psicologia, da UFSCar. Em 1981, acabara de me formar, e tinha algumas críticas e sugestões de melhoria para meu curso de Enfermagem. Conversando com o Professor Botomé, idealizamos uma reunião com os ex-alunos na qual poderíamos fazer essa avaliação. A metodologia de ensino, tomada como área de conhecimento, começava a se delinear como um desejo de aprofundamento de estudos. Encaminhando esse projeto, “convidei-me” a comparecer às reuniões de planejamento da I Jornada Científica da UFSCar, em 1981, na tentativa de, nesse evento, propor uma atividade, com os ex-alunos do curso de Enfermagem, que propiciasse debates e momentos para a coleta de dados. Estava na organização geral o Professor Albertino Rodrigues. Fui a várias reuniões; em algumas, entrava e saía calada. Em todas que podia, perguntava sobre a possibilidade de inclusão da atividade. Por fim, já perto de terminar o

planejamento, o Professor Albertino comentou algo como “a moça está vindo a todas as reuniões; não vejo problema em inserir, nas Jornadas, a mesa-redonda que estava propondo” (Doc. 14.1). Com isso, consegui um financiamento para a vinda das pessoas de fora de São Carlos, um espaço público de debate avaliativo do curso, além de uma reunião com os ex-alunos para que pudessem dar seus depoimentos. Solidariamente, as Professoras Deisy, já mencionada, e Edmar Vieira dos Santos (professora do curso de Enfermagem) transcreveram os depoimentos. Foi um belo momento de reencontro, recordação e avaliação de nosso curso. Buscar e compreender o conhecimento do outro já aí despontava como um embrião do que seria, futuramente, uma postura investigativa constante em minha carreira de pesquisadora. Os depoimentos foram registrados e planejamos organizá-los para publicação.

Ao final do ano, estávamos Rubens Rebelatto, fisioterapeuta, e eu pensando em nossos projetos para o mestrado, nas reuniões com o Professor Botomé. Meu projeto focou na análise do comportamento de pesquisar. Restava passar no processo seletivo. Após frustrada seleção na Pós-Graduação em Educação, o projeto foi acolhido no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, na linha de Avaliação de Ensino.

Ainda no desafio de me manter em São Carlos, continuei procurando emprego em lugares pouco comuns para o enfermeiro, pelo menos em São Carlos, naquela época. Assim, comecei a trabalhar no Abrigo de Idosos Helena Dornfeld. Iniciei com os cuidados pessoais de higiene e alimentação. Aos poucos, propus e dei início a atividades educativas com grupos. Foi nesse abrigo minha primeira experiência com a morte. Estava alimentando uma das mulheres, já bastante debilitada, quando cessou-lhe a respiração. Não tive dúvidas ou relutância alguma, passei a fazer reanimação. Ali fiquei, até que percebi que nada mais havia a fazer. Lembro-me que o cansaço e a frustração me tomaram, ao me afastar e olhar para aquele rosto. E ao virar o meu, notei outros muitos olhares em minha direção. Eram os outros homens e mulheres que, silenciosos, assistiam àquela cena. Seus olhares me vêm nitidamente à memória, são indescritíveis, tamanha emoção me passavam. A inexorável morte. Trocamos nossos olhares, num momento em que nosso vínculo tomou uma força ainda não experimentada. Em silêncio, me retirei, passando por todos.

No velório, a gerente do Abrigo comentou que aquelas pessoas haviam relatado o esforço de reanimação que eu havia feito. Entendi que, além daquela experiência tão próxima que todos e todas havíamos tido, de compartilhamento de nossas frustrações diante da morte, haviam se dado conta de que, em mim, ela não encontraria fácil aceitação, que eu faria o que estivesse ao meu alcance nessa luta pela vida deles.

Nas disciplinas do curso de mestrado, comecei minha experiência de estudante no universo das epistemologias e metodologias de pesquisa. Pude aprofundar meus estudos em Análise Experimental do Comportamento. Nela, via um lado encantador, por exemplo, ao propiciar-me contato com famílias com filhos deficientes e possibilidade de ajudar a introduzir comportamentos relacionados à alimentação, à higiene, a prover adaptadores, detalhes que apenas uma análise tão minuciosa de comportamento poderia identificar, prever, planejar. Outro lado, que me causava indignação, era os experimentos com animais. Pombas fechadas em caixas escuras aguardando alguma punição, ratos privados de água. Lembro-me de uma reunião do grupo de orientandos, na sala do laboratório contígua àquela em que estavam os animais. Não consegui conter as lágrimas, após ouvir, seguidamente, pausadamente, ininterruptamente, os estalos provenientes da bicada da pomba na caixa de experimento para esquivar-se do choque. Ela estava “trabalhando”, diziam os pesquisadores, repreendendo minhas lágrimas. Tive certeza de que minhas pesquisas não se dariam à custa de sofrimento de outros – animais, seres humanos. Animais que sempre tive em casa, parte da família. Animais do parque ecológico, com os quais passava minhas horas de almoço. Apesar da repreensão, sim, eu poderia chorar diante do sofrimento daquele outro que estava na pesquisa.

A neutralidade que minha formação de enfermeira havia me pedido para “bem cuidar” dos pacientes estava, novamente, sendo pedida para “bem conduzir” a pesquisa. Porém, aquela forte experiência a estava ameaçando seriamente. Minha ética crítica começava a se delinear por um “não” fazer, por uma aproximação do outro no sentido de compartilhamento de experiência, fosse animal, fosse humano. Com o decorrer dos anos, essa certeza foi se fortalecendo. Representante em conselhos da Universidade, comparecia a reuniões e demais espaços coletivos, inclusive às aulas de mestrado, com um broche (que chamávamos “bóton”, abrasielirando o inglês *button*), onde se lia *Against Animal Testing*, um protesto silencioso. Distribuía folhetos contra testes em animais nas aulas inaugurais de recepção aos calouros. Ações ainda desorganizadas, solitárias, até quixotescas, mas que, aqui e ali, encontrava um apoio, uma palavra de incentivo.

Nesse aproximar-me das “causas ambientalistas”, conheci a APASC, Associação para Proteção Ambiental de São Carlos. Lá, conversava-se sobre modelos alternativos de gestão, de empreendimento, sobre meio ambiente. Ineri-me nessa atividade, começamos a organizar ações. Entre elas, um restaurante “natural”, sendo o primeiro em São Carlos, tanto em relação à comida servida quanto à forma de gestão, de empreendimento solidário. Fátima Camargo foi

sua primeira gerente. Ademais, organizamos um programa de rádio que veio a chamar-se “Vida Natural”. Estávamos no grupo: Mauricy Santos, Paulo Mentoni, Paulo Mancini, Marcos Sorrentino, entre outros. A Rádio Progresso AM nos cedeu cinco minutos de sua programação, às 13 horas, duas vezes por semana. Gravávamos, antecipadamente, alguns programas dos quais, voluntariamente, eu fazia a locução (Doc. 15.15.2). Eram programas sobre meio ambiente, alimentação e modos de vida alternativos.

Numa certa ocasião, procurou-nos uma mulher que havia sido internada na Santa Casa de São Carlos, e sua conta hospitalar, considerava ela, era exorbitante. Queixava-se da falta de controle nessas contas e de que não havia, em São Carlos, um espaço para denúncia acerca desses abusos e outros problemas na área da Saúde. Pedia o espaço do programa para fazer sua denúncia. Conversamos entre os organizadores, qual a relação entre o que denunciava aquela mulher e a APASC? Proteção ambiental, concluímos, é proteção do ser humano, de seus direitos, é denúncia das explorações pelo dinheiro e para o dinheiro. E assim, a mulher teve seu espaço de fala no programa. Mais tarde, com a saída de alguns dos colegas acima, vim a assumir a coordenação do programa e, junto com estudantes de Biologia, mantivemos o programa no ar ainda por alguns meses, até que outras prioridades se impuseram à APASC, a mim, aos estudantes, e o Vida Natural encerrou-se, não sem antes eu fazer um teste, frustrado, para ser locutora da própria Rádio Progresso.

Enquanto isso, a Universidade era palco de outras efervescências culturais e políticas de que pude participar. Destaco as oficinas de fotografia, que foram treinando meu olhar com o sentir, me guiavam para os detalhes da imagem, do fundo, da composição de ambos, de enxergar a emoção no que eu via, a emoção no que eu sentia. Os olhos são a janela da alma, dizem o ditado popular e o filme [*Janela da Alma*, documentário de 2001] que, mais tarde, tornou-se parte de nossas aulas na disciplina *Práticas Sociais e Processos Educativos*, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCar. O olhar treinado nas observações das disciplinas da Psicologia, em Análise Experimental do Comportamento, ficava mais aguçado, e a ele se acrescentavam estética, emotividade. A foto que se revelava no laboratório era produto desse olhar que se complexificava, um nada branco, no qual, quase magicamente, aos poucos, via surgir, ou não, aquilo que eu buscava mostrar, as emoções daquela imagem congelada, do momento que havia captado.

Politicamente, a Universidade experimentava a democratização com eleição para Reitor. Em meio ao mestrado e nessa efervescência democrática, assumo, em 1983, a presidência da Associação de Pós-Graduandos (APG). Em 1982, tínhamos uma eleição por

fazer, convidamos professores internos e externos à UFSCar, fizemos debates, assembleia universitária com os segmentos votando juntos – estudantes, servidores técnico-administrativos e docentes. Escolhemos reconduzir o Professor William Saad Hosne, médico, diretor da FAPESP, professor da UNESP de Botucatu. O Professor Saad havia colocado a UFSCar em posição de destaque entre as universidades brasileiras, valendo à Universidade uma capa da revista *Veja* e artigo correspondente com o título *A estrela dos anos 80*. Fizemos uma lista sêxtupla, pois era a lei. Após o nome do Professor Saad, outros sobre os quais tínhamos uma intuição de que não aceitariam. O MEC (então, Ministério da Educação e Cultura), dirigido pela Professora Esther Figueiredo Ferraz, se recusou a aceitar a indicação da comunidade da UFSCar, nomeando o Professor Antônio Guimarães Ferri, da Escola de Comunicação e Arte (ECA), da USP, para Reitor, ou, melhor dizendo, para interventor.

O movimento conjunto de estudantes, docentes e funcionários se revoltou. E, assim, nem bem chegou a São Carlos, o Professor Ferri se viu impedido de cumprir seu expediente na UFSCar, pois o segmento estudantil ocupou o prédio da Reitoria. Éramos DCE e APG juntos. O prédio da Reitoria tornou-se o centro de resistência ao interventor. Reuníamos os movimentos estudantil, docente e de funcionários e planejávamos ações conjuntas – a ADUFSCar, tendo como presidente o Professor Valdemar Sguissard, e a ASUFSCar, presidida pelo funcionário José Andrade. Os conselhos universitários, ocupados majoritariamente por docentes, se reuniam à revelia do “reitor”, faziam sua pauta, tomavam decisões. Fazíamos assembleias, no prédio da Reitoria, bem como sessões de estudos políticos, gastronômicos e culturais. Itamar Assunção nos ofertou um show particular. Formávamos rodas de música com Márcia Barnabé, [já falecida] artista sancarlense. Arquetetávamos planos sobre como enfraquecer o poder do interventor.

Numa colação de grau, vestindo camisetas-panfletos, gritamos palavras de ordem contra o interventor, para desespero e raiva dos pais e formandos presentes. Quando ele se dirigia a reuniões com os estudantes, no campus da UFSCar, fazíamos um “corredor polonês” para recepcioná-lo, no meio do qual postávamos um caixão. Diante dessa situação, a Associação Comercial e Industrial de São Carlos (ACISC) propiciou que Ferri fizesse suas reuniões na sede da Associação. Íamos com uma pauta inatendível. Ferri designou um mediador, o assessor da Reitoria José Fernando Porto, que havia sido meu paraninfo de formatura. Organizávamos verdadeiras carreatas, de madrugada, até a sua casa para discutir pontos da pauta de negociações.

Estudantes, professores, funcionários tornaram a vida do Professor Ferri e seus colaboradores um inferno. Ele enfartou, solicitou sua saída da Reitoria. Negociamos nossa saída, não sem antes deixar uma marca no relógio da sala do Reitor. Um relógio sem ponteiros, com números e datas que iam se alternando. Abrimos o relógio e, numa data próxima futura, colamos os dizeres “*FORA FERRI*”, imaginando a surpresa do futuro Reitor ao se deparar com aquela memória da ocupação do prédio da Reitoria. Com o cargo em vacância, novamente fizemos o processo eleitoral, tendo sido eleito o Professor Munir Rachid.

Em 1982, tive minha primeira experiência com docência de ensino superior, mediante um contrato por tempo determinado, no Departamento de Tecnologia Educacional (Doc. 8.2.3). O curso de Licenciatura em Enfermagem, que eu havia feito, não tinha professor efetivo da área para ministrar as disciplinas Prática de Ensino e Estágio Supervisionado que, até então, eram ministradas por professores da Psicologia. O Departamento iniciou a abertura de processos seletivos ou chamadas em caráter emergencial para trabalho temporário nessa cadeira, e me candidatei. Essa mesma situação se repetiria em 1983, 1985, 1986 e 1987 (Doc. 8.2.3).

Encerrado o contrato de 1983, submeti um projeto e consegui uma bolsa da FAPESP (Doc.15.2.1.1). Comecei a participar de congressos e outros eventos técnico-científicos (Doc. 15.14.3, 15.14.4, 15.14.5 e 15.14.5) e ampliar meus conhecimentos de pesquisa. Porém, meu envolvimento político e cultural e os rumos do projeto, que ainda não me levavam à dedicação total, foram me retirando do foco do mestrado, o que custou um atraso no andamento da pesquisa e, consequentemente, a bolsa.

Para me manter, comecei a trabalhar como secretária, na APASC, onde pude ajudar a organizar ações e protestos, como o realizado por ocasião da demolição do Cine Avenida para dar lugar ao Banco Itaú. Os cinemas e cineclubes começavam a dar sinais de enfraquecimento, com o surgimento do vídeo-cassete. Eram quatro cinemas, em São Carlos. Ficamos com dois. Num deles, as Sessões Malditas continuavam a pleno vapor. O outro passava quase que apenas filmes pornográficos.

Em 1984, o Professor João Pedrazzani, docente do curso de Enfermagem, da UFSCar, recebeu solicitação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Botucatu, para indicar professor para ministrar, por um semestre, a disciplina Enfermagem Aplicada à Medicina. Chamou-me e a colega Maria Celeste Soares Ribeiro, e decidimos dividir o trabalho. Uma longa viagem de ônibus, que tinha uma parada

providencial, em Jaú, para um abraço na mãe e um breve lanche. Por um semestre, atuamos nessa disciplina, cujo objetivo principal era ensinar aos estudantes de Medicina alguns procedimentos de Enfermagem, como aplicação de injeções, verificação de pressão arterial, entre outros (Doc. 8.2.1).

No primeiro semestre de 1985, nova oportunidade de docência no ensino superior, com o grato retorno a Jaú. Fui chamada para ministrar aulas de Introdução à Enfermagem, na Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Jaú (FAENJA) (Doc. 8.2.2). Concomitantemente, novo contrato temporário, na UFSCar, de 20 horas semanais (Doc. 8.2.3).

Nessa disciplina introdutória, em Jaú, eram previstas discussões sobre os fundamentos da Enfermagem e as técnicas básicas da prática profissional, inclusive uma discussão sobre o respeito às crenças religiosas dos pacientes. Novamente, me abro para a comunidade e exercito, pela primeira vez, um olhar sobre as práticas de cuidado populares ligadas à religiosidade. Percebo, entre os alunos, um desconhecimento das diferentes religiões, a maioria era católica. Com a ajuda dos alunos, listamos as igrejas e centros espíritas e outros espaços de cuidados espirituais (Seicho-No-Ie, etc..) existentes em Jaú, e elaboro um ofício convidando essas organizações a apresentar sua religião, credo ou ações espirituais aos alunos (Doc. 15.15.3). Eu não havia tido essa oportunidade em minha formação como Enfermeiro. No prontuário de Enfermagem, a pergunta sobre a religião era um detalhe burocrático que não se desdobrava em cuidado com essa dimensão da saúde.

Em agosto de 1985, abre-se, na UFSCar, a chamada para um contrato de 40 horas (Doc. 8.8.3) por um ano, e decido por deixar as aulas de Jaú. Não levo adiante as palestras com as igrejas, mas deixo aos alunos o que havia sido feito, o levantamento, o ofício, as conversas iniciadas. Havia uma proposta de eles apresentarem esse material ao futuro professor, ou eles mesmos fazerem acontecer as palestras nas ‘Semanas de Enfermagem’ ou em outros espaços. De todo modo, o próprio levantamento mostrava uma diversidade de que tanto eu quanto os alunos, até então, não tínhamos ideia que existia. A consciência de nosso limite de conhecimento sobre essas igrejas, centros e demais espaços de religiosidade e fé também estava colocado a todos e todas.

No ano de 1986, ocorreram as discussões internas, no CECH, para o processo de redepartamentalização, formando-se, entre outros, o Departamento de Metodologia de Ensino

(DME)<sup>4</sup>. A esse Departamento coube agregar os docentes da área de Didática e Prática de Ensino, entre eles, eu mesma. Congregava, majoritariamente, professores que tinham sua formação básica em licenciatura, em diferentes áreas do conhecimento: saúde, biológicas, exatas e humanas. Todos os professores desse Departamento se dedicavam ao estudo das relações entre educação e suas diferentes áreas de formação. Seu corpo docente compunha a maioria dos pesquisadores credenciados junto à área de Metodologia de Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCar. Os processos de ensino e aprendizagem, a formação de professores e outros agentes educacionais, e o planejamento e a avaliação de ensino constituíram-se como linhas de pesquisa do DME.

Não é de se estranhar que, com todas essas atividades, os prazos de meu mestrado começassem a ser motivo de preocupação. Foi quando soube, pela secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, que o meu orientador havia feito uma comunicação formal de que não mais me orientaria. Surpreendida, não tanto com a decisão, mas com a forma como fui notificada, formou-se em mim um vácuo temporal e espacial, do qual, sem conhecimento, experiência e orientação da coordenação da pós-graduação, eu não conseguia sair. Mais uma vez, a gana de não desistir, me fez tomar fôlego e coragem para, pouco tempo depois, voltar à sala do Professor Botomé. Conversando sobre o pouco que eu havia avançado nos estudos sobre o comportamento de pesquisar, concluímos, nessa conversa, que para concluir o Mestrado, o melhor seria eu voltar à avaliação do curso de graduação, investigação que já havia iniciado, em 1981, com os depoimentos de meus colegas de curso. Nesses termos e compromissos, ele aceitou retornar a condição de meu orientador. Com a renovação do contrato de 40 horas, na UFSCar, por mais um ano, novo fôlego foi impresso à pesquisa de mestrado, e fiz a qualificação, no primeiro semestre de 1987. Qualificação que se mostrou importante para pontuação no concurso de professora da UFSCar, relatado a seguir.

O segundo semestre de 1987 foi particularmente agitado. Ao mesmo tempo em que me preparava para a defesa do mestrado e ministrava aulas na UFSCar, em contrato novamente temporário de 20 horas, o Centro Educacional Diocesano La Salle, de São Carlos, me convidou para ministrar aulas de Ciências e Programas de Saúde aos alunos da 8ª série, a partir de junho daquele ano (Doc 8.2.3). Na mesma época, José Sidney Leandro e as colegas Regina Pereira Lopes, Vânia Pereira Lopes e Mirella Foccorini Zamparini abriram o *Ponto de Arte*. Neste, além da venda de peças de artes plásticas, também eram realizadas reuniões e

---

<sup>4</sup> Na criação do Departamento, em 1986, a sigla utilizada foi DEME. Em normatização posterior, referente a siglas de Departamentos da UFSCar, passou a DME.



eventos artísticos. Leandro me convidou para ser gerente da casa, que abriria das 12h às 20h. Como Leandro morava nos fundos do Ponto de Arte, nosso convívio era mais próximo e frequente. Em sua generosidade, me dava gratuitamente aulas de artes plásticas, história da arte, cinema... além de propiciar quitutes e conversas inesquecíveis. O olhar foi ficando mais treinado, não apenas para ver, mas também para compor imagens de forma mais harmônica.

Assim, pela manhã, dava aulas na UFSCar e no Diocesano; à tarde, gerenciava o Ponto de Arte e, à noite, terminava minha dissertação, além de, inexoravelmente, frequentar a Sessão Maldita. Ademais, havia os jantares do Ponto de Arte, que eu tinha como tarefa organizar. Meu almoço, cronometrado em minutos, eu o fazia na cozinha do restaurante da minha irmã mais nova, Waldeli, que, naquela época, morava em São Carlos e havia se casado. Seu apoio foi essencial.

Foi quando abriu, na UFSCar, o concurso para professor efetivo para *Didática Geral e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Higiene e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Programas de Saúde*, disciplinas que eu já ministrara em contratos temporários. A defesa da dissertação entrou em pausa para que pudesse me preparar para o concurso. Da mesma forma, as aulas com Leandro, pois os momentos de menor movimento, no Ponto de Arte, eram igualmente aproveitados para o concurso.

Meu ingresso efetivo na UFSCar se deu em 1987 (Doc. 8.2.3). Magda Dovigo, secretária do DME, recepcionou-me – “Agora você é professora efetiva da UFSCar”, passando-me, em seguida, as orientações sobre o cotidiano de um professor efetivo. Estavam na secretaria do DME, além de Magda, Eveli Mirdau Sanches, Aparecida de Fátima Riccó, Odila Zambon Gallo. Na copa e na limpeza do CECH, estavam Ailen Vieira, Thereza Figueiredo Berro, Maria Gomes Pedro e Olga Teixeira de Mendonça Silva. Recepcionou-me a chefe de Departamento, Professora Maria da Graça Nicoletti Mizukami. Dividia sala com o Professor Deonísio da Silva, escritor e professor da área de Letras, o qual já conhecia dos tempos de graduação. Com novas amizades, em especial, Maria Aparecida Struckel e Jacy Marcondes Duarte, e fortalecimento das antigas, como Marília e Leandro, foi se dando esse meu processo de reinserção na UFSCar, agora como professora efetiva.

Em seguida ao meu ingresso, para não perder o prazo, trabalhei diuturnamente com o orientador; a cada manhã, sentava-me em frente do exemplar provisório da dissertação, num esforço de procurar e achar o texto melhor para explicar, analisar o que pretendia demonstrar em minha pesquisa. Minha formação técnica em Enfermagem, que enfatizava o máximo de

descrição sintética e o mínimo de visibilidade de quem escreve, fez-se sentir nas dificuldades, nas horas em que as folhas ficavam à minha frente em branco. Em algumas partes da redação, precisei de mais do que uma orientação do orientador, precisei de sua escrita, tamanha era a dificuldade de me expressar, premida, ainda por cima, pelo tempo agonizante. Tive a ajuda inestimável e incansável do (então) datilógrafo Carlos Roberto Massao Hayashi que, sem restrição de horário, recebia meus manuscritos, fazia as correções e colagens nas folhas datilografadas.

A redação ainda não tinha chegado ao seu ponto ideal, mas demos por encerrada naquele ponto, e fiz a defesa da dissertação intitulada *Avaliação do ensino superior através de depoimentos de egressos: a relação entre formação acadêmica e exercício profissional como objeto de estudo*, tendo na banca os professores Silvio Paulo Botomé, orientador, e as professoras Deisy das Graças de Souza (examinadora interna) e Anita Liberalesso Nery (da PUC-Campinas) (Doc. 14.1). Presentes à defesa estavam meus amigos, os colegas de turma da pós-graduação e meus pais. Ao final da apresentação e das arguições, saí para aguardar a reunião da banca, sem palavras. Meus pais me olhavam, incrédulos com o que haviam ouvido de meu orientador. Em outras bancas, eu já havia ouvido falas de orientadores apontando os limites do processo, das possibilidades de avanço e de quanto aquele relatório era um retrato de um processo custoso. Porém, em minha defesa, a forma que meu orientador escolheu para se expressar, não apenas incisiva, mas também amarga aos meus ouvidos e de meus pais, me ficou na memória. Por exemplo, a palavra “horror” estava entre os adjetivos usados por ele para qualificar o que eu havia lhe apresentado nos momentos de orientação. Alguns momentos difíceis de nossa relação no processo de orientação e elaboração da dissertação, que imaginava ficariam no âmbito privado, foram tornados públicos no momento da defesa. Ao final, além da aprovação com “A”, mais um aprendizado do que *não fazer* surgia, em minha formação como pesquisadora, durante o mestrado, marcante para a minha formação como orientadora de futuros pesquisadores.

Ingressando como efetiva no DTE, além das atividades de Ensino, nas quais me deterei no próximo tópico, também pude exercer atividades administrativas junto ao DME, ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) e à Reitoria da UFSCar; algumas listarei neste momento do Memorial. Outras, por requererem uma contextualização mais detida, apresentarei em momento posterior.

Na transição da Reitoria, em 1988 e 1989, ocupei o cargo de presidente da Câmara de Extensão, do Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE), da UFSCar (Doc. 11.5.3). Participei da

Comissão da Permanente de Pessoal Docente (CPPD), da Universidade Federal de São Carlos, responsável pela avaliação docente para progressões horizontais (progressões dentro do mesmo nível da carreira), como representante do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), de 1988 a 1990 (Doc. 11.3.1). Representei o Centro de Educação e Ciências Humanas, da UFSCar, junto ao CEPE, por dois anos (1988-1990) (Doc. 11.3.2). Fui Coordenadora do Laboratório de Instrumentação de Ensino, do DME, de 1988 a 1991 (Doc. 11.4.1). Em 1991, quando a UFSCar decide implantar sua creche, participei da comissão encarregada de elaborar o Projeto Pedagógico da Creche, que continha desde as diretrizes pedagógicas até o projeto arquitetônico. De 1996 a 1997, fui representante dos chefes dos Departamentos do CECH junto à Coordenação desse Centro (Doc. 11.3.3) e, de 1997 a 1998, fui membro da Comissão para Assuntos Administrativos desse Centro (Doc. 11.3.4). Em 1997 e 1998, fiz parte de comissão do Conselho Universitário, da UFSCar, responsável pelo trabalho interno de discussões afetas ao tema da Autonomia Universitária. Em 1995 fiz parte da comissão responsável pela comemorações dos 25 anos da UFSCar. Fui proponente e responsável pelo projeto de exposição itinerante com painéis contendo fotos das atividades realizadas pelos Centros da UFSCar. Essa exposição percorreu escolas e demais espaços públicos de São Carlos. Mais uma vez, minha participação se deu na busca de uma comunicação com a comunidade, de aproximar Universidade e comunidade.

Em 1999, sou convidada, pelo então Assessor de Assuntos Internacionais da UFSCar, Professor Sebastião Kuri, a representar a UFSCar junto à Associação de Universidades do Grupo Montevideo (AUGM), no Núcleo Educação para a Integração (NEPI) (Doc. 11.5.15). Ainda nesse ano, juntamente com o Professor Sebastião, organizamos, na UFSCar, as VIII Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM (Doc. 15.10.4). Desde então, venho exercendo essa representação. Destaco as atividades de comunicação com Grupos de Pesquisa da UFSCar nas temáticas do Núcleo, para constituição de um banco de dados com vista a intercâmbios; a atuação em seleção de trabalhos da UFSCar para participar nas jornadas Jovens Pesquisadores; e a participação no Comitê Editorial, da revista do Programa de Políticas Educativas do NEPI (Doc. 12.2.2).

## 1.6 O ENSINO NA GRADUAÇÃO NUMA RELAÇÃO COMPROMISSADA COM A COMUNIDADE

A formação profissional, na universidade, implica não só contribuir para que os sujeitos apreendam cultura, apropriem conhecimentos, mas, sobretudo, participarem da produção da cultura, contribuindo, assim, para dar novos sentidos à história dos grupos sociais a que pertencem. É dessa forma, como nos lembra Paulo Freire, que o educador deve assumir a “politicidade” de sua prática.

Neste ponto do Memorial, em que a experiência docente é exposta com mais detalhes, gostaria de me deter um pouco mais sobre o ensino nas disciplinas *Práticas de Ensino, Didática Aplicada*<sup>5</sup> e *Pesquisa em Educação*. Cabe dizer que, além dessas disciplinas, também ministrei *Didática Geral* para turmas das licenciaturas da UFSCar (Doc. 8.2.3). Ao descrever e discutir essa experiência, destaco o desafio de uma docência comprometida com a dialogicidade e o respeito à diversidade de experiências e de pertencimentos sociais dos estudantes, assim como da comunidade circundante à Universidade. Procuo, também, apontar as tensões, colaborações, os aprendizados mútuos nas relações professor-aluno.

Promover atividades práticas, nas disciplinas, em relações de colaboração com as pessoas dos centros comunitários, escolas, entre outros grupos institucionais, e com grupos populares de São Carlos, é uma oportunidade de a Universidade colocar seu conhecimento produzido intramuros à disposição dessas pessoas para a promoção da qualidade de suas vidas e o enfrentamento das iniquidades sociais. Como, também, é oportunidade para a Universidade apreender, examinar, pesquisar os modos de ser, viver, pensar, organizar a vida próprios desses grupos populares e aprender com eles, sobre eles, sobre seus conhecimentos e modos de realizar enfrentamentos cotidianos. Quando adentramos em uma comunidade externa à UFSCar para com ela trabalhar, por mais óbvia que possa parecer a afirmação que segue, convém repeti-la: a vida já está em curso, com todas as suas dificuldades, tensões que as pessoas já estão, de alguma forma, procurando enfrentar, resolver, assim como com suas alegrias e realizações. Podemos com elas contribuir, dando-lhes acesso ao conhecimento acadêmico e, assim, como nos fala Valla, criar outro conhecimento, talvez um terceiro conhecimento, dizia ele, que se dá na comunhão do conhecimento popular com o conhecimento acadêmico (GARCIA, 2009)

---

<sup>5</sup> Posteriormente, denominada Educação em Saúde.

Essas experiências no ensino na graduação, que relatarei a seguir, aproximaram-me e os estudantes de experiências de vida, da realidade de grupos não acadêmicos. Delineávamos metodologias de trabalho que partiam do que essas pessoas já sabiam e faziam, para com elas colaborar.

Num ir e vir, num alimentar-se contínuo, essas experiências estiveram na base dos trabalhos de pesquisa que vim a realizar, desde então, e que descreverei, posteriormente, em detalhes. Por sua vez, os trabalhos de pesquisa contribuíram para o aprofundamento dos estudos acerca dessas metodologias e do referencial teórico da Educação Popular. E esses estudos permitiram a crítica e o aperfeiçoamento da formação profissional realizada nas disciplinas.

### ***1.6.1 Prática de Ensino***

Ao tratar de *planejamento de ensino*, nas disciplinas *Prática de Ensino*, a primeira questão levantada sempre foi no sentido de ter clareza sobre a quem era dirigido o ensino planejado. Um dos primeiros textos da disciplina, por mim elaborado, ainda quando contratada temporariamente, em 1982, foi *A educação voltada as necessidades da comunidade e a relação professor-aluno* (Doc. 15.15.4). A partir desse texto, os estudantes elaboravam instrumentos que propiciavam levantar dados e conhecer detalhes das expectativas e outras informações do, então, chamado “público alvo”, num processo que se denominava, à época, “caracterização do aprendiz”. Um exemplo desse levantamento pode ser visto no (Doc. 15.15.5), quando da oferta da disciplina, em 1986, em que entrevistamos alunos, professores e pais para, então, planejar um curso sobre “Sexualidade para Adolescentes”. Os pais pediram reuniões entre eles e os professores da UFSCar, enquanto os filhos tinham o curso, e assim foi feito. O curso, a pedido, era ministrado no final da tarde, uma vez por semana. Com os pais, foram realizadas quatro reuniões, nas quais se abordaram os temas por eles solicitados: “O adolescente e a família”, “Conflito pais x filhos”, “Diálogo pai x filho”. A turma de licenciandos da UFSCar era dividida em grupos para dar conta dos temas, no curso dos jovens e nas reuniões com os pais.

Até 1991, na Licenciatura em Enfermagem, era oferecida a disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado (PEES) apenas “em Enfermagem”. A Portaria MEC nº 399,

de 23 de junho de 1989, regulamentou a obrigatoriedade da Prática de Ensino nas disciplinas que viessem a ser objetos de registro dos licenciandos. No caso da Licenciatura em Enfermagem, esta possibilitava o registro em Enfermagem, Higiene e Programas de Saúde no 1º e 2º Graus. Diante do dispositivo legal, a disciplina PEES desdobrou-se em três: – *Enfermagem*; – *Higiene*; e – *Programas de Saúde*. A disciplina *Programas de Saúde* era oferecida a alunos da 7ª série, com idade por volta de 13-14 anos, porém, nem sempre se conseguia estagiar nessa disciplina. A disciplina *Higiene*, não existia, como tal, pelo menos nas escolas de São Carlos. Para dar conta do estágio nos três eixos, focávamos a população jovem da 7ª série, além de outros grupos, procurando propiciar uma experiência docente mais ampla aos estudantes da licenciatura. Assim, realizávamos, quase que anualmente, a prática de ensino em cursos, na sua maioria, de extensão, dirigidos a jovens (integrando-se alunos da 7ª e da 8ª séries) e, também, a outros grupos.

Vários cursos de extensão foram ministrados no âmbito das disciplinas *Prática de Ensino* (Docs. 15.3.1, 15.3.1, 15.3.1, 15.3.1, 15.3.1, 15.3.1, 15.3.2, 15.3.3, 15.3.4 e 15.3.4)

- *Primeiros-socorros*: oferecido a alunos da Universidade Federal de São Carlos e a bombeiros do Corpo de Bombeiros de São Carlos, 1982;
- *Higiene e saúde*: oferecido a funcionários do Restaurante Universitário e Lanchonetes da Universidade Federal de São Carlos, 1982;
- *Gestação e maternidade: informações básicas*: oferecido a gestantes inscritas no Programa de Pré-Natal, do Serviço Social da Indústria (SESI), de São Carlos, 1984;
- *O adolescente e o sexo*: oferecido a adolescentes de São Carlos, 1985;
- *Técnica de confecção de cartazes*: oferecido a funcionários de secretarias e alunos da Universidade Federal de São Carlos, 1985;
- *Sexualidade na adolescência*: oferecido a adolescentes de São Carlos, 1986;
- *Aids e o ambiente hospitalar*: oferecido a funcionários da Casa de Saúde e Maternidade São Carlos, 1989;
- *Cuidando da estética e promovendo a vida: a prevenção da Aids no ambiente de trabalho*: oferecido a cabeleireiros, manicures, depiladoras e esteticistas de São Carlos, 1989;
- *Ensinando o amor, a solidariedade e a cidadania: o professor, a escola e a Aids*: oferecido a professores e coordenadores do Ciclo Básico – 1ª e 2ª séries do Primeiro Grau – de escolas públicas de São Carlos, 1992;

- *Desejo de vida: um programa para garotas de programa*: oferecido a mulheres profissionais do sexo de uma casa noturna de São Carlos, 1993;
- *Promoção de Saúde*: oferecido aos alunos da UFSCar, 1993;
- *Questões sexuais ao seu alcance*: oferecido a alunas do 2ª série, do 2º Grau, do Centro de Formação e Atualização do Magistério (CEFAM), 1996;
- *Protegendo a vida com sexo seguro*: oferecido a alunos da 7ª série, do 1º Grau, da EEPSG Prof. José Juliano Neto, 1996;
- *Questões sexuais ao seu alcance*: oferecido a alunas da 2ª série, do 2º Grau, do Centro de Formação e Atualização do Magistério (CEFAM), 1997.

Uma das escolas avaliou tão bem nossos cursos, que nos enviaram uma carta de agradecimento ressaltando a qualidade de nosso trabalho (Doc. 15.15.6).

Em 1985, passei a compor o Conselho de Curso de Enfermagem, no qual permaneci até 2002, com uma retomada entre 2003 e 2004 para participar de reformulação curricular (com algumas interrupções pontuais, devido ao encerramento e à retomada dos contratos pré-1986 ou afastamento para doutorado) (Doc. 11.2)<sup>6</sup>. Participei de um processo de mudança curricular, na licenciatura em Enfermagem, e dois processos de reformulação curricular do Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996, a Saúde passou a ser Tema Transversal, no ensino fundamental e médio. Dessa resolução, decorriam dois fatos que exigiriam, novamente, mudança nos eixos das disciplinas de PEES. O primeiro foi que, entre as disciplinas que permaneciam como obrigatórias nesses níveis de ensino, nenhuma era atribuída ao licenciado em Enfermagem. O segundo fato referia-se a que, sendo Tema Transversal, não mais exigia disciplina específica. Deste modo, o quadro legal apontava que o licenciado em Enfermagem não atuaria nesses níveis de ensino, exceto nos casos legais, ou seja, em que houvesse falta dos licenciados específicos.

Além dessas decorrências da LDB, some-se outra justificativa legal, referente ao ensino profissionalizante. Ela remonta a 1986, quando é promulgada lei que extingue a categoria de Atendente de Enfermagem<sup>7</sup>. Com essa extinção, apenas pessoal qualificado em cursos de formação de nível médio, em Enfermagem, ou seja, auxiliares e técnicos de Enfermagem, poderiam atuar nos serviços de Saúde. A referida lei previa 10 anos, até 1996,

---

<sup>6</sup> Estive, também, um ano como representante do DME junto à Coordenação de Curso de Ciências Biológicas.

<sup>7</sup> Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, regulamentada pelo Decreto nº 94.406, de 8 de junho de 1987.

para a adequação dos serviços de Saúde à exigência de contratação apenas de auxiliares e técnicos de Enfermagem. Esse fato exigiu um enorme esforço nacional de formação de pessoal. Passados os 10 anos, o cenário nacional mostrava que a formação de auxiliares de enfermagem estava aquém do previsto, tendo sido o prazo prorrogado. Até então, a formação pedagógica não era requisito para a docência em ensino médio de Enfermagem. Porém, em 1997, o Conselho Nacional de Educação estabeleceu a necessidade da formação pedagógica para atuação nos cursos de nível médio.

Diante desse duplo desafio, como não havia enfermeiros com licenciatura em número suficiente, o governo federal implantou o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE), para oferecer formação pedagógica a milhares de enfermeiros. Concomitantemente, o curso de Enfermagem da UFSCar, diante dos novos contextos, abandona a formação dos licenciados para as disciplinas *Higiene e Programas de Saúde* e volta a oferecer apenas *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem*, com a especificidade que os estudantes, a partir de 1999, estagiariam, exclusivamente, em cursos técnicos profissionalizantes de São Carlos, como por exemplo, os oferecidos pela unidade local do SENAC. Encerrava-se o ciclo de cursos de extensão no âmbito das disciplinas Prática de Ensino.

As experiências nos cursos de Licenciatura em Enfermagem me aproximaram das colegas que também ministravam Prática de Ensino na UNICAMP, USP e UNESP, respectivamente, Professoras Maria Helena S. Bagnato, Sonia S. M. V. Bueno e Fátima N. A. Costa. Essa aproximação resultou na organização de três eventos sobre formação de professores para cursos profissionalizantes de Enfermagem: os I, II e III Encontros de Formação de Professores de Nível Médio de Enfermagem, realizados em 1995, 1997 e 1999 (Doc. 15.6.7 e 15.6.8<sup>8</sup>). No primeiro Encontro, apresentei a experiência da UFSCar no trabalho *A relação entre a Licenciatura em Enfermagem e a problemática do exercício profissional em equipe*. (Doc. 14.13). No segundo Encontro, apresentei, juntamente com as estudantes da licenciatura, a experiência de ensino no curso para auxiliar de Enfermagem com o trabalho *O ensino de Central de Esterilização e infecção hospitalar no curso de auxiliar de enfermagem: relato de uma experiência* (Doc. 15.7.1).

A partir de 2007, Profa. Victoria assume as disciplinas de Práticas de Ensino e, na Licenciatura, fico responsável pela nova disciplina *Metodologia de Ensino em Enfermagem*,

---

<sup>8</sup> Referentes aos dois últimos encontros. Do I Encontro tenho apenas o comprovante da participação na Mesa.



oferecida concomitantemente, em sistema de co-requisito, com *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem*.

Para o planejamento dessas disciplinas, os resultados de pesquisas de nosso Grupo de Pesquisa foram inspiradores. Inicialmente, fazer o debate mostrando a cultura da sala de aula na formação em Saúde, como se constrói o “ser profissional de saúde” em relações profissionais com docentes e demais profissionais de Saúde; também debatíamos propostas pedagógicas para o ensino no nível médio de forma crítica, na formação de profissionais protagonistas da gestão dos serviços de Saúde, de relações horizontais na equipe de Saúde. Em alguns momentos, esses debates vêm buscar exemplos na própria formação dos alunos, e dramatizações acontecem para ilustrar essa pedagogia nas relações professor-aluno.

A partir dos debates, surgiram as questões: Como ser e fazer diferente? Como construir relações horizontais entre enfermeiros e técnicos em enfermagem já na sala de aula? Surgiram questões relacionadas, também, às diferenças de classe entre enfermeiros e demais profissionais da Enfermagem de nível médio, que eu havia apontado nos Encontros de Formação de Professores acima mencionados (OLIVEIRA, 1995) Como realizar uma formação em que a constatação da incompletude, do não-saber seja explicitada sem ridicularizações, mas valorizado no aluno, como no professor por sua rigorosidade na busca pela construção do conhecimento a partir dessa constatação? Como tomar consciência do que não se sabe de forma a, com isso, contribuir para uma construção coletiva, o compartilhar de um conhecimento significativo para todos?

Após essas problematizações e levantamento de propostas a serem encaminhadas para o Estágio, os alunos se debruçam, primeiramente, numa observação do campo de estágio, que se pretende ser uma inserção, mesmo que breve. Mais do que se exigir relatórios descritivos (que também são exigidos), espera-se dos estudantes da UFSCar que estabeleçam relações com os estudantes das escolas profissionalizantes, que se perguntem sobre as pessoas que estão nas salas de aula; que conversem com elas sobre suas experiências, sobretudo nos tópicos sobre os quais ministrarão as aulas. Com este conhecimento do campo, os alunos fazem seminários de aprofundamento de estudos nesses tópicos e fazem o planejamento de ensino. Constroem aulas participativas, em que são previstas atividades por meio das quais se possa exercitar o que foi colocado no parágrafo anterior, ou seja, uma construção de conhecimento leve, instigadora, onde a pergunta, a manifestação é valorizada. Ao final das aulas, faz-se uma roda de avaliação dos estagiários, em que participam alunos e professor da escola, coerentemente explicitando-se que a incompletude é de todos. E que eles podem nos

ajudar a sermos melhores professores, assim como nós procuramos ajudá-los a serem melhores profissionais.

### 1.6.2 Educação em Saúde

Além da licenciatura, ministrava *Didática Aplicada à Enfermagem*, uma disciplina do Bacharelado em Enfermagem, oferecida, inicialmente, no último semestre do curso<sup>9</sup>. Essa disciplina, na ocasião do meu ingresso, como professora efetiva, na UFSCar, tinha como objetivo apresentar técnicas de ensino; entre elas, havia um maior detalhamento nas dinâmicas grupais. Grupos de alunos estudavam, em profundidade, cada técnica. Era uma disciplina teórica, pois, neste componente curricular (*Didática Aplicada à Enfermagem*), do currículo mínimo do curso de Enfermagem, não era prevista carga prática.

No primeiro processo de reformulação curricular, as professoras de *Saúde Coletiva*, que ministravam a disciplina, no primeiro período, do segundo ano, do curso de Enfermagem, pautaram a necessidade de que os alunos que se matriculassem nessa disciplina tivessem habilidades de educação em saúde, haja vista que, no quadro da disciplina, se estabeleciam as primeiras relações com os usuários dos serviços de Saúde.

As professoras apontavam que os alunos não tinham condições de desenvolver ações educativas por falta de conhecimento acerca das estratégias de ensino. Porém, da maneira como estava formatado o curso, apenas no último ano de estudos eles seriam apresentados às técnicas de ensino, na disciplina *Didática Aplicada à Enfermagem*. Foi assim que eu a cursei, na graduação. Foi assim, por mais alguns anos, depois que eu a assumi, durante os contratos temporários. Mesmo a disciplina *Prática de Ensino* não supria essa necessidade, pois era restrita ao ambiente escolar. Sentia-se falta da abordagem educativa em ambientes não escolares, como as unidades de saúde e demais equipamentos de saúde.

A partir desses debates, no Conselho, decidiu-se migrar a disciplina *Didática Aplicada à Enfermagem* do oitavo período para o segundo. Pude imprimir, nessa disciplina, uma marca pessoal: acordamos, no Conselho, mudar seus objetivos para torná-la também prática, de modo que tanto a Universidade pudesse colocar à disposição o conhecimento acadêmico para o enfrentamento de problemas de saúde, quanto os alunos pudessem fazer as relações entre a teoria e a prática, e vice versa, de forma crítica e contínua. Com a introdução da carga prática,

---

<sup>9</sup> A partir de 2004, essa disciplina mudou sua denominação para *Educação em Saúde*, em vista de que, mais do que aplicar uma Didática, a disciplina partia de uma dada concepção de educação e de construção de processos de enfrentamento de problemas de saúde, para a qual a expressão *Educação em Saúde* se mostrava mais adequada para indicar esse campo de estudo e prática. A partir de 2010, passou a ser oferecida, também, para o curso de Gerontologia, como *Educação em Saúde em Gerontologia*.

eu poderia retomar o trabalho que tinha feito na Prática de Ensino. A oferta se complexificava, pois demandava contatos com a comunidade, deslocamento meu e dos alunos. Tornava-se mais complexa, da mesma forma, a formação dos alunos, exatamente nessas habilidades de trato, comunicação, respeito, delicadeza, com as pessoas das comunidades com as quais trabalhávamos. A parte prática dessa disciplina era realizada em postos de Saúde, centros comunitários e escolas. Estabeleci vínculos, especialmente, com os centros comunitários, parcerias que se estendem há mais de 10 anos. Nesses locais, temos profissionais e usuários(as) que nos abrem as portas e são também formadores(as) dos(as) profissionais da UFSCar.

O aprofundamento de estudos em Educação Popular e Saúde e as trocas que fiz com pesquisadores, educadores, militantes, através da Rede de Educação Popular e Saúde, possibilitaram, a partir de 2000, delinear a ementa da disciplina nos princípios da Educação Popular e Saúde. Procurei contemplar o que vim a discutir em minha pesquisa de pós-doutoramento, ou seja, a dialogicidade na relação entre grupos acadêmicos e populares (OLIVEIRA, 2003b). Procurei contemplar, igualmente, o que vínhamos pesquisando, em nosso Grupo de Pesquisa, na área de Saúde, ou seja, que as pessoas vão se educando, construindo seus processos de enfrentamento dos problemas de saúde nas mais diversas práticas sociais (FERREIRA, 2006; PAES; OLIVEIRA, 2006; SOUSA, 2007; OLIVEIRA, 2008; VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2008; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012). Os objetivos e ementa ficaram assim constituídos:

*Objetivos:*

- Analisar os processos educativos que permeiam as práticas sociais em saúde.
- Desenvolver e aplicar metodologias participativas de educação em saúde na interação com comunidades.

*Ementa:*

1. Construção de saberes e práticas em saúde;
2. Educação popular e saúde;
3. Serviços de saúde e comunidades como espaços educativos;
4. Participação e humanização na educação em saúde;
5. Planejamento, implementação e avaliação de ações educativas participativas em comunidades.

A metodologia da parte prática da disciplina, como até hoje permanece, previa um levantamento desses conhecimentos populares, que seriam a base para a ação educativa.

Previa, também, envolvimento e criação de vínculos, dentro do possibilitado pela carga horária, com os grupos dos centros comunitários (e nas chamadas Universidades de Terceira Idade (UATIs), no caso do curso de Gerontologia). Para isso, os alunos da UFSCar envolviam-se nas atividades realizadas nesses centros, como ginásticas, aulas as mais diversas, participando junto com as pessoas que os frequentavam. O roteiro de visita apenas indicava que participassem, estabelecessem conversas e fossem esclarecendo os objetivos de estarem ali. Nas demais visitas, a partir do que ouviam, iam procurando entender melhor e procurando focar em determinado problema, aprofundando o levantamento nesse problema. Perguntávamos, também, o que as pessoas já sabiam do problema, de que estratégias já haviam lançado mão para enfrentá-lo, que resultados haviam obtido.

Depois de alguns anos, já sabedora de como trabalhávamos, a comunidade ia apontando suas expectativas, já no primeiro encontro, indicando novos temas, problemas, de modo a ir complementando suas informações e ampliando seu conhecimento ano a ano.

Após esse levantamento, os estudantes empreendiam estudos e preparavam sua ação educativa. Interessante notar a compreensão ampliada de saúde das pessoas da comunidade. Relatavam-nos problemas tais como: o mato alto, o bueiro entupido, o banheiro da Unidade Básica de Saúde, a falta de médicos, problemas com álcool e drogas, depressão, osteoporose, infestação por caramujo africano, o desrespeito dos motoristas de ônibus pelos idosos, entre outros. Nessa concepção ampliada, falam de quanto dói a vida quando adoecem, como nos lembra Boff (1999).

Como estávamos, na disciplina, com estudantes de início do Curso de Enfermagem, os quais, quando muito, estavam tendo, concomitantemente, a disciplina *Saúde Coletiva*, os problemas apontados ainda não haviam sido estudados em disciplinas no seu curso. Alguns deles, nunca o seriam.

Nos anos 2000, aprendi a palavra “governabilidade” e escutei-a várias vezes dos profissionais de Saúde, como limite para sua ação (“não está dentro da minha governabilidade”). Na verdade, o que não estava dentro de sua governabilidade era sua formação, ou mesmo o conhecimento necessário para sua atuação. Não diferentemente, os estudantes da disciplina, voltavam, após o levantamento, um tanto preocupados. Perguntavam-se como um profissional de Enfermagem poderia trabalhar temas como mato alto e bueiro entupido. Caramujo africano? Discutíamos os limites da formação e da compreensão de saúde envolvidos naquela preocupação e naquelas perguntas. E os estudantes

arregaçavam a manga e “corriam atrás do prejuízo”; ou seja, abraçavam os temas que a comunidade propunha no entendimento de que eram, sim, problemas de saúde, e que, portanto, eles tinham que ter a capacidade de colaborar com a comunidade no encaminhamento e/ou busca de soluções. Essa relação de compromisso com a comunidade, na construção de ações conjuntas, coloca o estudante diante da necessidade de superação dos limites de sua formação, diferentemente de posturas que paralisam o profissional dentro da sua governabilidade, como pude discutir em artigo publicado no livro VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO POPULAR NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE (OLIVEIRA, 2010). O desenvolvimento das ações educativas, até hoje, parte desses problemas de saúde, colocando-se o conhecimento acadêmico à disposição da comunidade, através de dinâmicas que trazem uma forte influência da arte popular, como o teatro.

No planejamento das ações educativas, busco a Educação Popular na metodologia de ensino. Destaco dois aspectos metodológicos importantes dos quais tenho lançado mão para a construção de estratégias de ensino que contribuam para o fortalecimento e a valorização da cultura popular. Um deles é aproximar-se da arte popular. Exemplifico, com os teatros populares, dramatizações com cenas do cotidiano popular, músicas, paródias. Outro é não usar recursos caros ou pouco disponíveis em contextos de pobreza, ou seja, nada de “poder do ponto”<sup>10</sup>. Acrescente-se que é pedido, na linguagem jovem dos alunos, que os recursos construídos sejam o máximo possível em “3D”, ou seja, as ilustrações do que estará sendo falado devem ser elaboradas com materiais que saiam do formato escolarizado da escrita, como cartazes. Ou, se assim for, que as pessoas do Centro Comunitário sejam partícipes de sua construção, no momento da ação educativa.

Assim, os estudantes têm feito teatros, por exemplo, sobre diabetes, depressão, lesões músculo-esqueléticas. Neles, interpretam o sangue passeando com uma cestinha *à la* Chapeuzinho Vermelho, pegando frutas e doces, visitando o pâncreas; um “reality show” televisivo com um convidado que teve seu cotidiano gravado e é vítima de depressão; o cotidiano de uma casa cheia de “armadilhas” causadoras de lesões, como tapetinhos, bancada da pia baixa, varal alto. Ilustram a osteoporose com uma das alunas vestida de osso, no qual “fixam-se” bolinhas de cálcio, na medida em que são ingeridos alimentos que o contêm: quanto mais cálcio no alimento, mais bolinhas grudam-se no “osso”. Ou então, a árvore das lembranças, que vão caindo à proporção que o Alzheimer avança. A mesma árvore

---

<sup>10</sup> *Power Point*, referência ao uso de projeção visual de lâminas com textos e figuras.

é retomada, ao final, para ilustrar que, mesmo que a pessoa tenha suas lembranças reduzidas, mesmo que não se lembre do filho ou da nora, estes se lembram dele, e a família pode manter vivas as raízes. E as memórias voltam, alimentando as raízes.

Vale dizer que não há outro modo de ser tão criativo na elaboração de estratégias se não houver um estudo aprofundado do tema. Apenas após apreender o tema de forma ampla e profunda, os alunos conseguem criar tais soluções metodológicas para o seu ensino.

Percebíamos que os grupos da Universidade poderiam mudar, ano a ano, mas as pessoas da comunidade não viam essa interrupção e, a cada ano, nos recebiam como uma continuidade do ano anterior. O vínculo e o compromisso com a formação de nossos estudantes não se abalavam com a alternância dos grupos e iam se fortalecendo, com o passar dos anos. Não raro, em meio à ação educativa dos estudantes, tínhamos pessoas da comunidade indo à frente da sala, nos espaços de reunião, para expressarem, também elas, seu conhecimento sobre o tema, fazendo uma intervenção também educativa para seus (suas) colegas. Nas rodas de avaliações das ações educativas, das quais participavam todos(as) que pudessem e quisessem, as pessoas da comunidade (não apenas os monitores, coordenadores, mas todas as pessoas que participaram da ação educativa) expressavam sua visão ampla de saúde e falavam sobre o trabalho dos alunos. Essa fala não se limitava àquela ação educativa pontual. Falavam da relação profissional de saúde-comunidade, do papel do Enfermeiro em meio às desigualdades sociais, solicitavam maior compromisso, respeito ao saber e à realidade popular, além, obviamente, de avaliarem as estratégias educativas utilizadas, se a ação cumpriu seus objetivos, etc.. Assim, tínhamos, e ainda temos, a participação das pessoas da comunidade desde o planejamento, passando pela delimitação de temas até a avaliação final. Com essa experiência, os estudantes vão percebendo que a participação, a construção coletiva dos processos, inclusive avaliativos, permite um compartilhamento de saberes não apenas para o planejamento de uma ação de saúde específica. Os estudantes percebem uma “criação solidária de saberes”, de que nos fala Brandão (2003), também dirigida à sua formação e atuação profissional. No relatório final, onde os alunos, um a um, apontam os aprendizados para sua vida pessoal e profissional, podíamos ver amostras de sua gratidão à comunidade pela experiência que tinham tido, inclusive nessa roda final. Cópia desse relatório é entregue ao Centro Comunitário.

### ***1.6.3 Pesquisa em Educação***

Essa disciplina – *Pesquisa em Educação* – foi introduzida no currículo da licenciatura em Enfermagem, a partir de 2008. A ementa foi elaborada no Conselho do DME, haja vista que é uma disciplina obrigatória de todas as licenciaturas. Procuramos, assim, fazer uma ementa comum, mesmo que suficientemente aberta para acolher especificidades de cada Licenciatura. Tal ementa prevê que os estudantes sejam apresentados à pesquisa na área de Educação, bem como analisem os processos de pesquisar educação e suas contribuições para o exercício da docência em sala de aula.

Antes de fazer a ementa específica da Enfermagem, procurei meus colegas que já a ministravam em outras licenciaturas para ouvir suas experiências. O Professor Dácio Hartwig, da área de Ensino de Química, alertou-me para um ponto que me pareceu nevrálgico: os estudantes da área de Ciências Exatas têm nessa disciplina seu primeiro contato com a pesquisa na área de Ciências Humanas, particularmente, Educação. Referia-se ele, a uma tradição de pesquisa de moldes quantitativos, experimentais, que permeia a área das Ciências Exatas. Os alunos vinham, também, de experiências de leituras de artigos e livros sobretudo acerca de tais pesquisas, portanto, com pouca familiaridade com a produção na área de Ciências Humanas. Na sua experiência, o Professor Dácio indicava que não se poderia iniciar a disciplina já apresentando a *Pesquisa em Educação*, mas sim discutindo comparativamente, se fosse o caso, tais visões de pesquisa.

Certamente, em um momento da disciplina *Pesquisa em Educação para Enfermagem*, também se abordaria que, assim como na Educação muito se herdou das Ciências Exatas, nas Ciências da Vida, também nem tudo era “quantitativo”. Mas sobre isso, falarei mais adiante.

Dessa experiência do Prof. Dácio, delineou-se o primeiro momento da disciplina, na Enfermagem, que, assim como na Química, colocava os alunos diante da construção histórica da pesquisa nas duas áreas, Ciências da Vida e Ciências Humanas (CHAUI, 2000). Vali-me, especialmente, das pesquisas laboratoriais, dos estudos experimentais com animais e com seres humanos, cuja herança se faz sentir tanto na formação que tive, quanto que vejo nos estudantes da área da Saúde. Busca da neutralidade, da verdade, da não-criação de vínculos, do controle de variáveis, da seleção de amostra, da recusa de informações ao sujeito para não influenciar a resposta, questionários denominados “entrevistas”. Estes são alguns exemplos de preocupações de pesquisadores da área da Saúde que eu percebi em minhas aulas de

graduação e que ainda hoje percebo nos estudantes do curso de licenciatura em Enfermagem e em alguns artigos que articulam Educação e Saúde.

Com esse ponto de partida, delineou-se a ementa específica da disciplina:

1. Ciências Naturais e Ciências Humanas. Produção de conhecimento.
2. Pesquisa em Educação: análise histórica. O educador como pesquisador em Educação.
3. Abordagens metodológicas, enfoques e tipos de estudo/pesquisa em Educação. Relações entre pesquisa e prática em Educação. O debate ético. Quantitativo x qualitativo.
4. Pesquisa em educação e saúde, tendências e bases de busca. Pesquisa em formação profissional em saúde.
5. A pesquisa em Ensino de Enfermagem na/sobre/para a prática.

Utilizo vários recursos para provocar reflexões, nos estudantes, em relação a cada um dos tópicos. Por exemplo, no tópico sobre Ciências Humanas e Naturais, os alunos leem um artigo que apresenta os resultados de um estudo de caso, na área médica, sobre uma pessoa com estrabismo que sofreu uma correção cirúrgica. A descrição do caso é focada no aspecto anatômico do músculo ocular e na intervenção cirúrgica. Ao final, o autor conclui que a cirurgia foi bem sucedida. Em seguida, assistem a um trecho do documentário *Janela da Alma*. Nesse trecho, uma diretora de cinema relata sua experiência, desde a infância, com estrabismo: os preconceitos, a constituição dos afetos e relações pessoais. Relata sua experiência infantil de teatro, na escola, em que ela era uma pedra imóvel, durante toda a peça. No fim, a pedra se erguia. Mas ela queria ser a princesa, sem nunca ter-lhe sido dado esse papel. Já adulta, submete-se a cirurgias corretivas progressivas que, finalmente, corrigem o desvio. Porém, ela conclui, o paradoxo é que ninguém notou. Todo o sacrifício foi em vão.

Em aula, debatemos que as experiências subjetivas e intersubjetivas não são buscadas nas pesquisas com delineamento quantitativo. Debatem o conceito ampliado de saúde<sup>11</sup> e que, na área da Saúde, a experiência de cura não é acessível ao conhecimento apenas olhando-

---

<sup>11</sup> “A saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.” (BRASIL. VIII Conferencia Nacional de Saúde, 1986, p.4).



se o microscópio ou a estrutura, no caso, muscular. Por outro lado, as pesquisas de cunho qualitativo não acessam os necessários processos biológicos para a cura.

A experiência, como nos explica Larossa-Bondia (2002), é o que nos toca. O primeiro artigo conclui que a paciente estava curada. No filme, questionamos: “estava”? Vale dizer que, após a constatação do paradoxo, segue-se o relato da diretora, mostrando que sua procura e especialidade no cinema, na animação, permitiram que ela fizesse todos os personagens – a princesa, o príncipe etc. Assim, ela procurou sua cura. E assim, nos perguntamos: como cada tipo de pesquisa pode contribuir para a construção de conhecimentos sobre saúde? Que complementariedades, que limites? Que intersecções são possíveis?

Complementa-se essa discussão com exposições ilustradas e exemplos trazidos da vida dos alunos, que mostram as diversas formas de construir conhecimento. Discute-se a validade de tais conhecimentos, como nos apresentam as teorias de Boaventura de Sousa Santos sobre *Pensamento Abissal* (2007) e *Epistemologias do Sul* (2010). E, novamente, as questões anteriores se colocam: como cada conhecimento pode contribuir para a construção de conhecimentos sobre saúde? Que complementariedades, que limites? Que intersecções são possíveis?

Este é o ponto de partida da disciplina. A partir dele, entramos na especificidade da Educação. Para ela, os alunos delineiam um projeto de pesquisa simulado, dentro do seu interesse ou experiência de pesquisa ou outras experiências na graduação que despertem sua curiosidade. Esse “projeto” os acompanha durante todas as atividades da disciplina. Todos os estudos de autores, exercícios escritos, pedem, depois das análises e resenhas, uma volta a esse projeto, perguntando: “como você faria para...”? Assim, na relação teoria-“prática”, discutimos conceitos-chave, como ética, participação, sujeitos. Dentro do que venho insistentemente procurando construir nas disciplinas, ou seja, relações intra- e extra-universidade, diálogos entre pessoas e conhecimentos, introduzi, mesmo que de forma simulada, uma prática. Foi o viável, dentro dos limites de uma disciplina teórica, com uma carga horária que impossibilita a realização de uma pesquisa. Nela, os estudantes confrontam seu discurso e sua “prática”. No processo de busca de coerência, criam possibilidades para que ela aconteça.

Na metade do semestre, os alunos analisam artigos buscando, nos autores, coerência entre visão de mundo e de sujeito, questão e objetivos da pesquisa, escolhas teóricas e metodológicas, resultados e conclusões. Exercício por vezes ingrato, mas muito pedagógico. Com isso, aprofundam seus estudos sobre o processo de pesquisar, as escolhas do

pesquisador. São artigos relacionados à sua “pesquisa simulada”, que os próprios alunos acessam em bases de busca e trazem para a aula. A leitura desses artigos e sua apresentação em grupos à classe permitem, também, a discussão sobre os vários delineamentos metodológicos nas pesquisas na Educação.

A disciplina se encerra com Seminários acerca de possibilidades metodológicas de pesquisa na, sobre e para a prática. Para o estudante de Enfermagem, que está fazendo, concomitantemente, licenciatura e bacharelado, julguei ser interessante aprofundar estudos em tipos de pesquisas que possibilitassem agir junto com os usuários do sistema de Saúde, com alunos de uma escola profissionalizante, com colegas de um setor hospitalar, construindo soluções compartilhadas para os desafios da prática. Uma prática social entre pessoas, que tem, como sujeitos do conhecimento, os pesquisadores profissionais e os grupos com os quais pesquisamos, e como objeto a ser desvelado, a realidade, o sistema-mundo (OLIVEIRA, 2003a). Nesse sentido, os estudos são aprofundados em metodologias participativas de pesquisa. Analisam-se alguns exemplos da literatura. A produção de nosso Grupo de Pesquisa também entra em cena, procurando-se apreender a dialogicidade das metodologias utilizadas (RIBEIRO JÚNIOR, 2009).

Na preparação dos Seminários, tenho percebido pelo menos duas percepções nos estudantes. Por um lado, percebem a rigorosidade do delineamento metodológico das pesquisas participativas, o que possibilita desconstrução de preconceitos que eventualmente são postos acerca da pouca “cientificidade” de pesquisas participativas. Por outro lado, eles as “descomplicam”, propondo possibilidades de realização na prática. Com este encerramento, as perguntas iniciais vão se recolocando, respostas vão sendo pensadas acerca do diálogo entre saberes, da construção compartilhada do conhecimento.

#### ***1.6.4 Produção de conhecimento em Educação Popular e Saúde: reflexões e contribuições da docência no ensino superior***

Uma tônica em minha docência no ensino superior tem sido a busca do diálogo entre a universidade e seu entorno.

Outra tônica tem sido a busca por propiciar práticas nas quais os estudantes possam vivenciar, contrapor, criticar, aprofundar, ampliar, desconstruir e reconstruir o estudado em sala de aula. É no face a face que as intenções se colocam à prova, que as relações subjetivas afloram, que os sujeitos se encontram. Nesse encontro, a construção da percepção do outro

como sujeito de conhecimento é tensionada. Experencia-se a vertigem do não-saber, da incompletude, das perguntas sem resposta, dos limites da formação profissional. Prática não é aplicação de teoria. Não é perguntar-se sobre a adequabilidade da primeira em relação à segunda, ou ainda, o quanto a primeira ainda precisa avançar para alcançar a segunda. Teoria e prática se implicam mutuamente. Ambos, experiência vivida.

O estudo sistemático, as experiências de extensão, os resultados das pesquisas do nosso Grupo de Pesquisa, as trocas com pesquisadores, com pessoas de movimentos sociais e trabalhadores(as) da Saúde acerca da Educação Popular e Saúde têm propiciado a construção de projeto de formação profissional em cujo cerne está a Educação Popular e Saúde. Nessa formação, *Educação Popular e Saúde* não é tema apenas das aulas, mas também é metodologia de ensino.

Nas disciplinas *Prática de Ensino* e, atualmente, na *Metodologia de Ensino*, selecionamos<sup>12</sup> textos que propiciam aos estudantes analisar sua experiência de formação, bem como a dos profissionais de ensino médio profissionalizante, naquilo que nosso Grupo de Pesquisa tem apontado como sendo processos educativos em práticas sociais. Para além do necessário estudo sobre um determinado tema a ser contemplado no estágio, problematizam-se processos formativos que se dão na relação professor-aluno, na relação entre profissionais de Saúde, na relação profissional-paciente/usuário, entre outras relações humanas (RIOS; SCHRAIBER, 2011). Na área de Saúde, em que a humanização do processo de cuidar tem sido, ao mesmo tempo, justificativa e objetivo de várias políticas, problematiza-se, também, o dito e o feito, as tensões e contradições entre a humanização buscada e a praticada na sala de aula (PRADO, REIBNITZ, GELBCKE, 2006). Esses debates, juntamente com as referências técnicas sobre estratégias de ensino, são a base para a decisão sobre como o ensino se dará no estágio. Ou seja, não é apenas pensar que estratégia é melhor para determinado assunto ou melhor para determinado momento da aula. Mas pensar se ela contribui, também, para a construção de relações humanizantes entre alunos, e entre alunos e professores; portanto, se contribuiu para desconstruir relações verticais muito presentes nos equipamentos de Saúde (ALMEIDA; SOARES, 2002; AMANCIO FILHO, 2004; SILVA; TAVARES, 2004). Assim, temos construído dinâmicas em sala de aula, como dramatizações, por meio das quais as estagiárias mostram casos para debates; trabalhos em grupos, no bojo dos quais os estudantes tragam seu conhecimento e as dúvidas sejam valorizadas e não ridicularizadas – respeito, horizontalidade e vínculo afetivo nas relações.

---

<sup>12</sup> O plural refere-se ao compartilhamento atual da disciplina com a Professora Victoria Montrone.

Nos temas pré-determinados pelas escolas técnicas onde realizamos o estágio, buscamos construir com os estudantes dessas escolas um olhar crítico sobre a realidade que traga o protagonismo dos grupos populares na construção da saúde, incluindo na construção de políticas de saúde, muitas delas vindo de demandas de movimentos sociais (STOZ, 1994).

Buscamos construir um olhar histórico, que traga as experiências de povos da América Latina. Por exemplo, na disciplina *Saneamento*, no tema do lixo, esgoto e água, pudemos problematizar junto aos estudantes o que é civilização, o que é barbárie, contrapondo modos de tratar os dejetos e a água. Um dos modos era o de nossos povos originários da América Latina, bem como de povos da África (no caso, Egito). Outros eram os modos da corte imperial portuguesa, quando aqui chegou. Mostramos como a tecnologia de povos egípcios, com seus dutos de transporte de água, separados, quase que isolados, lembram, e muito, os dutos dos arcos da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Onde começa a história? Por que a história do saneamento, que encontramos nos livros da área de Saúde, mostra os arcos da Lapa, mas não mostra os dos egípcios? E assim, vamos problematizando o processo “civilizatório” e a colonialidade.

Tomo o conceito de *colonialidade* de Quijano (2010), que a diferencia de “colonização”. Para o autor, a colonialidade advém da colonização de países (América Latina, África) pela Europa propiciada por uma necessidade econômica e uma visão de mundo que legitimaram a coisificação de nações inteiras. Esse olhar, essas visões e posturas de colonizador se mantêm, ainda hoje. Mas se amplia, não sendo apenas um olhar de um país sobre o outro, mas, também, de uma nação sobre a outra, de uma cultura sobre a outra, de um grupo sobre o outro.

A colonialidade se expressa, entre outros, na noção de que o mundo se divide em seres mais humanos e seres menos humanos. Tal noção justificaria, por exemplo, as tutelas opressoras de um grupo sobre o outro, o desrespeito dos profissionais às práticas populares de cura, a não inclusão das classes populares no processo de planejamento das políticas públicas – a não ser, apenas, como seu “público-alvo”, a verticalização das prescrições. Tudo em nome da qualidade de vida que o grupo de seres mais humanos avalia ser a necessária para o grupo de seres menos humanos.

Nessas atividades da disciplina, procuramos a transposição da aparência exterior das coisas, de que nos fala Jara (1994), procurando suas causas internas, históricas, buscando uma visão ampliada da realidade na análise de cada fenômeno particular.

Procuramos trazer as experiências de luta dos grupos populares, dos movimentos sociais, por exemplo, no caso dos acidentes por animais peçonhentos, não apenas mostrando uma epidemiologia cheia de números e vazia de experiência. Mas trazendo as condições de trabalho do trabalhador do campo, do trabalhador da construção civil, das moradias urbanas. O que os dados revelam sobre as condições de vida das pessoas, das condições de trabalho, da degradação ambiental? E no final do tópico, ao abordarmos o papel do Técnico de Enfermagem, perguntamos o que é educação em Saúde para prevenção de acidentes com animais peçonhentos? Como preveni-la? Apenas falar com o trabalhador? Culpabilizá-lo?

Inúmeras vezes presenciamos a “culpabilização da vítima”, como nos alerta Valla (1993). Acusam-se determinados setores da população de desviar, não seguir, os procedimentos “normais” de prevenção. Tal culpabilização é feita na tentativa de se eximir o Estado de sua incompetência para lidar com problemas endêmicos e epidêmicos, como por exemplo, no caso da epidemia de dengue ou cólera. Tal “desvio” se dá pelas condições precárias de moradia, pelo baixo salário, pelo nível de escolaridade... Assim, são, indiscriminadamente, considerados e julgados como brutalizados, sujos, desestruturados, ignorantes... A desqualificação do saber do outro, especialmente dos “desviantes”, promove o saber técnico (escolarizado) como o qualificado para explicar, propor e promover as condições de saúde.

Vale destacar que esses olhares, não raramente, também eram novidades para nossos estagiários, pois fazem parte de um conhecimento com que ainda não tinham tido contato.

Na disciplina *Educação e Saúde*, nos cursos de Gerontologia e Enfermagem, igualmente, o diálogo entre conhecimentos tem sido a tônica. A experiência prática não é prevista no componente curricular *Didática Aplicada à Enfermagem*, como indicado anteriormente. Porém, ela tem sido essencial para que os estudantes possam vivenciar duas estratégias importantes da Educação Popular e Saúde: o planejamento participativo e a construção compartilhada de conhecimento para o enfrentamento de problemas de saúde (OLIVEIRA; SILVA, 2003; VASCONCELOS, 2007; STOTZ; DAVID; BORNSTEIN; 2007, SILVA; MENEZES; PEREIRA; MIALHE; 2010).

Como apontávamos, Valéria Vasconcelos e eu,

[...] o conhecimento, na Educação Popular, não é algo passível de ser depositado por um grupo de detentores do saber em outro que não o possui. A prática educativa aponta para um processo de intervenção em que os distintos saberes – do educando e do educador – se contrapõem e se

complementam. O conhecimento, portanto, é elaborado por meio desse processo dialógico (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2009, p. 141).

Na Saúde, o diálogo crítico e criativo sobre a vida e o mundo se dá por intermédio do corpo e da saúde, e as dimensões coletivas dos problemas de saúde são incorporadas (VASCONCELOS, 2001).

A dimensão coletiva, criada a partir das condições de vida das pessoas, distingue claramente a educação popular em saúde, transformadora, desses grupos, das propostas alternativas individualizantes da classe média (VALLA, 2001). Este ponto de partida requer uma interpretação e uma compreensão não só das condições e experiências de vida e da ação política da população, mas, também, conjuntamente, uma clareza das representações e visões de mundo dessa população (VALLA, 1996). Trata-se de reconhecer que os saberes são construídos diferentemente, e quando da interação entre sujeitos, estes possam ser compartilhados, e não hierarquizados (CARVALHO; ACIOLI; STOTZ, 2001).

Para concretizar essa construção compartilhada, os alunos precisam criar vínculos, inserindo-se em atividades com as pessoas da comunidade. Esse vínculo dá acesso ao conhecimento popular e possibilita construir a horizontalidade vital à participação. Dentre os desafios que nos são colocados pela Educação Popular, está o de construir processos coerentes, ou seja, os fins libertadores não justificam os meios opressores, como já nos falava Paulo Freire (1987). Tenho procurado construir o exercício dessa afirmativa nas atividades práticas dos alunos junto à comunidade. Assim, em princípio, está descartada uma metodologia de planejamento que se mostre verticalizante, que não coloque as pessoas em círculos de cultura ou, pelo menos, o mais próximo disso que for possível, dentro dos limites de carga horária das disciplinas.

Já sabendo que atividades ocorrerão no Centro Comunitário, nossos alunos vão para o primeiro encontro dispostos a nelas se inserir, se houver permissão por parte dos participantes do Centro. Sempre houve. Assim, fazem ginástica, dançam, cantam. Em geral, com habilidades menos desenvolvidas do que as pessoas do Centro, que há tempos estão naquela atividade, os limites dos alunos ficam evidentes. A constatação dos limites é feita com leveza e vista da mesma forma. São ajudados, acolhidos, incentivados. Há risos, mas não há desqualificação. Entram na dinâmica que já é usual daquelas pessoas, procuram ali inserir-se, trocar informações, nomes, expectativas. Com essa metodologia, também levantam dados, como já é sabido pelas pessoas da comunidade. Tenho debatido, em nosso Grupo de Pesquisa

e em Congressos de que tenho participado, desde a experiência do pós-doutorado, o quanto a convivência precisa ser explicitada na metodologia, se queremos o “*cum vivere*”, ou seja, compartilhar vivências, experiências, a construção compartilhada de conhecimento (OLIVEIRA; STOTZ, 2004).

Leveza e respeito às dinâmicas culturais locais, como nos ensina a Educação Popular. Não é necessária a prancheta com questionários, a postura arrogante do pesquisador que interrompe o percurso do cotidiano das pessoas.

Diante desse desafio de se educarem para uma postura dialógica, os alunos voltam à sala de aula com seus achados, se perguntam sobre seus significados, elencam o que as pessoas já têm feito para enfrentar os problemas. Propõem alguns possíveis significados, apontam o que consideram ter sido prioridade. E voltam ao Centro, para nova ginástica, canto, dança e, também, para conferir seus achados e interpretações com aquelas pessoas. Ali, já delimitam as prioridades. Voltam à sala de aula, novas perguntas. E, mais uma vez, retornam ao Centro para a decisão final do tema. Encerram-se o levantamento e definição dos temas da ação educativa.

Inicia-se o planejamento da ação educativa à luz do tema definido pela comunidade, a partir do conhecimento popular, a partir do que as conversas indicaram sobre o problema, o que tem sido feito e o que necessita ainda ser feito. Em todo o processo, os alunos também se aproximam da cultura local, procuraram saber, perceber, sentir os modos de ser das pessoas.

Lembremos experiências, como a relatada por Riedmiller (1995), no combate à peste, na Tanzânia, em que o conhecimento técnico, num primeiro momento, procurou sobrepujar o conhecimento popular. Tal processo mostrou-se desastroso, e, numa correção de rumos, novo processo foi elaborado, desta vez, com respeito à cultura local, participação e compartilhamento. Os participantes dessa experiência concluem que planejamentos que respeitem a cultura popular, que dela partam, que a valorizem, conseguem alcançar maior efetividade na busca por soluções em Saúde.

Trago outro exemplo, desta vez do Brasil, na Estratégia de Saúde da Família, relatado por Campos e Mishima (2005). A par de várias políticas públicas, na área da Saúde, preverem a participação popular, tal participação requer ser qualificada no nível local. Mesmo processos de trabalho realizados muito próximos ao cotidiano da comunidade, como os da Estratégia de Saúde da Família, têm prescindido de uma dimensão básica para seu planejamento e

implementação: o reconhecimento das necessidades dos moradores. É o que concluem as autoras.

Exemplos de construção compartilhada de soluções em saúde, como o relatado por Bornstein (2006), no caso da dengue no Rio de Janeiro, ainda são raros. Vemos, por esses exemplos, a necessidade da formação profissional em saúde propiciar reflexões, estudos, práticas de construção participativa de enfrentamento a problemas de saúde.

Em artigo com a Professora Petronilha, dizíamos:

A inserção de pessoas da academia em outras comunidades significa de um lado, juntar-se à ela, tomar parte da sua vida e de outro, ser por ela admitido. Isto não significa se deixar anular, desfigurando seu papel e sua identidade, mas os enriquecendo e diversificando. (OLIVEIRA; SILVA, 2003 p. 10).

Na disciplina *Pesquisa em Educação* para o curso de licenciatura em Enfermagem, novamente tenho me valido da Educação Popular e Saúde não apenas como tema, mas também como metodologia.

Como tema, desde a primeira aula, quando se questiona o conceito ampliado de saúde e a produção de conhecimento sobre saúde. Tal produção, no que se refere, especificamente, às Políticas de Saúde, não tem incorporado os modos populares de construir saúde. Nossas pesquisas têm mostrado que as práticas populares de saúde, por exemplo, permanecem na invisibilidade, quando não na criminalização (OLIVEIRA; MORAES, 2010; OLIVEIRA, 2010).

Debatemos, na disciplina, os modos populares de produzir conhecimento e ações em saúde (DONATO, 2007; PAZ, 2007). E encerramos, construindo possibilidades de construção compartilhada de conhecimento com grupos populares, dentro das chamadas metodologias participativas (BRANDÃO, 1985; THIOLENT, 1988; HOLLIDAY, 1996; FRANCO, 2005; BRANDÃO, STRECK, 2006).

Como metodologia, dentro dos limites da carga horária da disciplina, um “projeto” de pesquisa acompanha todo o estudo da literatura, de modo que o aluno busque construir sua coerência entre o que destaca na literatura e a sua prática como pesquisador. Nos debates, na sala de aula, contradições são apontadas, novos debates são feitos, e, não raro, os alunos trazem ao debate as pesquisas atuais em que já estão envolvidos. Questionam a coerência, os delineamentos metodológicos, o controle da influência do pesquisador. Sem que eu tenha pedido esses exemplos pessoais, a disciplina tem provocado que o olhar crítico sobre as



certezas da ciência praticada na universidade venha para a sala de aula. Os objetivos da disciplina, expressos na ementa descrita anteriormente, são questionados pelas alunas, e percebe-se que a disciplina, além de abordar pesquisa em educação, apresenta outras possibilidades de se pensar pesquisa, não apenas na educação. Pesquisa esta, baseada no diálogo entre saberes e sujeitos, metodologias dialógicas, epistemologias da Educação Popular.

Como nos alertava Valla (1998), há a necessidade de um tipo de investigação “[...] a envolver profissionais e classes populares, pois trata-se de descobrir a ‘ponte’ que permite chegar a construção desigual do conhecimento[...]” (p. 12). Com histórias de vida e condições materiais de existência diferentes, como comunidades distintas podem compartilhar conhecimentos, estabelecer o diálogo e transformar?

Temos uma lacuna, na construção do conhecimento sobre saúde; ou, como diz Valla, “É necessário completar uma equação capenga que, freqüentemente, inclui apenas uma das partes do conhecimento, o mediador.” (VALLA, 1998, p.13).

A educação dialógica acontece no trabalho conjunto e no intercâmbio, em que todos aceitam como valiosas as diferentes contribuições de cada um, embora oriundas de diferentes bases (seja a do conhecimento acadêmico, seja a do conhecimento popular, por exemplo). Combinando-se os conhecimentos, as opiniões, as reflexões, as visões de mundo de todos, cada um se fortalece e também a comunidade, no sentido da construção da cidadania (VALLA; STOTZ, 1993).

Concluindo estas reflexões sobre a docência, há que se lembrar que, institucionalmente, esse modo de realizar as disciplinas, onde Educação Popular e Saúde é eixo condutor, conceito-chave, tema, metodologia de ensino e bibliografia, tem encontrado guarida no Departamento de Metodologia de Ensino e nos Conselhos dos Cursos de Enfermagem e de Gerontologia, que analisam e aprovam os planos de ensino propostos para as disciplinas que ministram. Com isto, quero destacar que Educação Popular e Saúde está presente, no ensino da graduação, nesta Universidade.

Mesmo que circunscrita a disciplinas específicas, é uma larga experiência, de longa data. Nessas disciplinas, tenho podido construir, experienciar, avaliar metodologias de ensino de Educação Popular e Saúde no ensino superior, na formação profissional na área de Saúde. Um conhecimento que é consonante com a Política Nacional de Educação Popular e Saúde, aprovada este ano (2012), notadamente com o objetivo de levar a EPS à formação profissional

de nível superior. Considerando-se que o plano operativo de tal política ainda está em construção, o conhecimento construído na experiência docente, aqui descrito, pode contribuir para que estratégias de inserção da EPS nos cursos da área de Saúde sejam pensadas.



## **1.7 O DOUTORADO, A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA, AS ATIVIDADES NA PÓS-GRADUAÇÃO E O PÓS-DOUTORADO.**

### ***1.7.1 O Doutorado***

Seguindo minha carreira docente, em 1990, presto seleção para o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFSCar, com um projeto voltado para a metodologia de ensino de cuidados à saúde bucodental para crianças de pré-escola de São Carlos. Fui aprovada e indicada para a orientação do Professor Júlio César Coelho De Rose. O trabalho de campo foi feito junto a alunos/as e professoras de uma escola municipal de Educação Infantil com a qual eu já havia tido contato em um dos cursos de extensão da disciplina Prática de Ensino. O olhar, a palavra, o conhecimento do outro mostravam-se, mais uma vez, os centros da linha metodológica. O estudo de pensadores da aprendizagem infantil de diferentes linhas epistemológicas apontava minha insatisfação pelo olhar especializado e a busca por um conhecimento da realidade, ao menos, mais plural. Em uma disciplina no doutorado, pude entrar em contato com o referencial da fenomenologia, especialmente os escritos de Petronilha B. G e Silva, no qual se ancorou um pequeno trabalho de pesquisa que nutriu, carinhosa e eficientemente, minhas escolhas metodológicas posteriores. Também com a Professora Petronilha, pude iniciar meus estudos sobre diálogo multicultural. A admiração e o respeito profundo pela postura, pelas ideias e ações de Petronilha começaram a nutrir o desejo de trabalhar juntas, o que se concretizou com a criação do Grupo de Pesquisa que será descrito a seguir. A aproximação e o convívio cotidiano, inclusive no acolhimento à sua chegada a São Carlos e ao PPGE, e também à vizinhança de casa, foram estreitando nossos laços de amizade. Colaboração profissional e pessoal, apoio mútuo em momentos decisivos, amorosidade foram dando firme sustentação à nossa amizade.

Para o trabalho de pesquisa de campo do doutorado, eu realizava uma intervenção, um programa de ensino, junto às crianças, sobre saúde bucodental e analisava seus resultados.

A metodologia de pesquisa previa dois momentos complementares. Um momento em que se realizaria o programa de ensino e as avaliações qualitativas com a classe toda e outro em que se mediria quantitativamente os seus efeitos, criança por criança. Para este último, realizei testes antes e após a aplicação do programa de ensino, com um delineamento claramente inspirado na Análise Experimental do Comportamento. O programa de ensino previa a expressão dos conhecimentos das crianças, a discussão de conceitos prévios, uma

reelaboração de conceitos de modo a se afastar o que eu chamei de “treino para a escovação”: um tipo de educação em saúde de crianças, muito usado à época, em que dentistas iam até as escolas demonstrar às crianças o modo correto de escovar os dentes. Além disso, procurava, nos autores de obras sobre aprendizagem infantil, estratégias de ensino mais adequadas, como jogos, experimentos, observação, teatro, especialmente para os momentos em que pretendia que as crianças aprendessem conceitos centrais que trouxessem significado para aqueles movimentos necessários à boa escovação. Procurava afastar-me de uma educação prescritiva e aproximar-me de uma educação em que a razão de ser do conhecimento fosse também conteúdo. Por fim, meu objetivo era avaliar a eficiência de métodos de ensino que propusessem reelaboração de conceitos através de metodologias mais adequadas à aprendizagem infantil, valendo-me, para isso, de um delineamento experimental. A avaliação foi positiva, houve aprendizagem dos conceitos prévios pelas crianças, bem como dos movimentos de escovação. O programa de ensino, realizado com a classe toda, propiciou a verificação dos conceitos e representações das crianças acerca dos dentes, da multideterminação da cárie e das formas de prevenção, bem com a descoberta de aspectos de sua vida cotidiana. Os treinos específicos possibilitaram o ensino e a avaliação imediata de habilidades criança por criança.

Alguns percalços ocorreram no processo de doutorado. Firmei um acordo com a Secretaria de Saúde, Setor de Odontologia, no sentido de que esse Setor não faria intervenções na escola, durante a pesquisa, para que eu pudesse obter dados mais precisos sobre a influência do programa que eu estava realizando. No cronograma previsto, eu terminaria a coleta, em 1993, e defenderia a tese, no início de 1994.

Porém, para minha surpresa, a Secretaria de Saúde fez uma intervenção na escola, no final de 1993, comprometendo todos os dados que eu estava coletando e obrigando-me a reiniciar o programa e a coleta em outra escola. Foi um dos meus primeiros aprendizados difíceis na relação com a gestão pública da Saúde, em São Carlos. Outros ainda estavam por vir.

Com esse percalço, houve um atraso na defesa da tese, não apenas por conta desse episódio, mas também por que, em setembro, eu havia engravidado, e, em maio de 1994, nascia minha filha Érica de Oliveira Loibel. Minha gravidez, eu supunha, talvez ingenuamente, não impediria que o cronograma da pesquisa seguisse como planejado e que eu defenderia a tese, em fevereiro de 1994. A intervenção da secretaria, porém, atrasou o planejamento em alguns meses. A vida não é tão planejada como meu lado de enfermeira –

pelo menos, “enfermeira” como eu me via àquela época – gostaria. E me vi enredada, novamente, num processo de atraso em minha pós-graduação.

A esse nascimento faço um louvor, na abertura de minha tese. Mas esse não foi o único episódio que marcou o doutorado, como escrevi na Dedicatória:

“Tive uma grande alegria e uma grande tristeza durante a elaboração deste trabalho: em 1994, nasceu minha filha, Érica; em 1995, faleceu José Sidney Leandro, amigo, irmão, mestre e confidente. A eles, dedico esta tese”.

Já no último ano do doutorado, não me era permitido, regimentalmente, “trancar” o semestre; e, prazo corrido, me acerquei novamente do orientador para pedir uma prorrogação de prazo, o que foi acolhido de imediato. Minha relação com o Professor Júlio era extremamente afetiva. Desde o início, quando o procurei para sondar a possibilidade de me orientar, sua resposta foi que, sendo eu sua colega de trabalho, ele não teria outra resposta que não “sim”. Durante minha gravidez e após o nascimento de minha filha, foi de um carinho especial com esse momento desorganizado de minha vida pessoal e profissional, recebendo-me em sua casa em momentos os mais inusitados, fora de horários de expediente, deixando-me à vontade com o cronograma de trabalho.

No DME, corriam os processos de eleição para chefia, e de acordo com o cronograma estabelecido, em 1995, eu deveria assumir o cargo. Inicialmente, ao assumir esse compromisso, imaginava que teria o ano de 1994 para me dedicar à minha filha, espairecer um pouco o estresse do doutorado e poder retomar as atividades de trabalho. Defendi, numa sexta-feira de abril, de 1996, a tese intitulada *A influência de um programa educativo sobre a higiene bucodental de pré-escolares*, tendo como banca, além do orientador, os professores Antonio Bento Alves de Moraes (UNICAMP), Eglê Pontes Franchi (UFSCar), Nancy Vinagre Fonseca de Almeida (UFSCar), Ivani Ap Lombardo (UNICAMP) e Maria Salete Fábio Aranha (UNESP) (Doc. 4.2.3).

Na segunda-feira seguinte, assumi a chefia do DME, cargo que ocupei por três anos, até o início de 1999 (Doc. 11.11.1). O Conselho do DME foi irredutível em relação ao prosseguimento do cronograma de chefes; a chefe que encerrava sua gestão afirmou que a sexta-feira imediatamente anterior seria o seu último dia de chefia, e o Conselho não pautou a discussão sobre outra docente assumir no meu lugar. Assim, após cinco anos de doutorado e com uma filha de um ano, assumi a chefia. Uma lição de que não me esqueci – a de colocar a

família em segundo lugar – e que, futuramente, me seria de grande valia em momentos críticos de decisão.

Em 1997, voltei à Escola Municipal de Educação Infantil onde havia feito o trabalho de campo, para oferecer um retorno a propósito da pesquisa realizada. Agendamos uma reunião com as professoras e a direção, e, diante da avaliação positiva do processo e dos resultados da pesquisa, disponibilizei-me para oferecer o programa de ensino sobre saúde bucodental para as crianças que haviam recém ingressado na escola. Diante do aceite do corpo docente e da direção, em 1998, ofereço o curso de extensão *Sorriso*, a alunos das classes pré-I e pré-II (4 e 5 anos), da Escola Municipal de Educação Infantil Monsenhor Alcindo Siqueira, atividade que envolveu a orientação de uma aluna da Enfermagem, Ellen Alves Jorge.

### **1.7.2 Grupo de pesquisa e atuação na pós-graduação**

Em 1998, a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva reuniu alguns professores do DME para conversar sobre constituição de grupo de pesquisa. Vínhamos de experiências educativas e de formação profissional em estreita relação com comunidades externas à UFSCar, tendo como intenção a humanização dos processos de formação humana e o combate a preconceitos e discriminações. Tínhamos a Educação Popular como um pilar em comum em nossos estudos. Estávamos concretizando projetos de pesquisa, alguns, havia mais tempo, outros, menos, procurando delinear, experienciar, sistematizar metodologias dialógicas com grupos populares, na perspectiva da construção de conhecimento significativo para ambos os grupos, e que colaborassem para o enfrentamento das situações limite que a realidade investigada nos mostrava.

Organizamos e registramos, no CNPq, o Grupo de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*, naquele momento inicial composto pela Professora Petronilha e por mim, como coordenadoras, e pelos professores Aída Victoria García Montrone, Maria Célia Cota e César Augusto Minto (Doc. 11.4.2). Vale dizer que o grupo era homônimo à disciplina que eu havia cursado, em meu doutorado, tendo Petronilha como docente responsável, e não era apenas o nome que tinham em comum. A *ementa da disciplina* cursada por mim assim se colocava:

*Estudos de diferentes práticas sociais, não peculiares à escola, em que se desenvolvem processos educativos (consulta médica, sessão de fisioterapia, assessoria*

*a grupos de movimentos populares, cultos religiosos, participação em sindicatos, extensão rural dentre outros), objetivando apoiar tais formas de educação, assim como aperfeiçoar as da escola.*

Nessa disciplina, os estudantes eram convidados a realizar estudos e um trabalho de campo junto a práticas sociais das mais variadas, com o intuito de desvelarem os processos educativos que nelas ocorriam. Os resultados da disciplina levaram Petronilha e aquele grupo de docentes a se reunirem, formalmente, em torno desse Grupo de Pesquisa. Atualmente, a disciplina é oferecida não apenas no mestrado e no doutorado em Educação, como também em disciplinas dos cursos de graduação em Pedagogia, Enfermagem e Gerontologia nas quais debatemos, com os estudantes, os processos educativos em práticas sociais (disciplinas *Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços e Educação e Saúde*).

Em nosso Grupo de Pesquisa, parte-se do entendimento de que, nas mais diferentes práticas sociais, as pessoas se educam. Compreendemos os processos educativos como inerentes a e decorrentes de tais práticas. A tese de doutorado de Petronilha, de 1987, referia-se ao educar-se na construção de identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro (RS). Processo de educar-se que se dá no

[...] seio de uma cultura, no tempo, no espaço e também na dimensão da liberdade assumida. [...] no convívio, uns se colocam com a disposição de pôr outros a par da sua comunidade, de lhes dar referências para que se estabeleçam de maneira própria, mas não individual, no mundo, compreendendo-o com sua comunidade, através da ação conjunta que nela assumem. (SILVA, 1987, p.62-63).

Perguntamos: quem educa quem? Educa para que? Ou seja, ao se formar o Grupo de Pesquisa, as questões fundamentais da disciplina se mantiveram. Outras foram incluídas, como: de que forma, nas práticas sociais mais variadas, as pessoas ajudam a construir a sociedade na qual se encontram, trabalhando para superar ou para manter as iniquidades sociais, as desigualdades étnico-raciais? Como elaborado por Célia Cota, em sua tese de doutorado, defendida em 1997,

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos; quando se integram às críticas que deles fazemos, orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos [...]Pela praxis são criadas as realidades humanas. As experiências de uns com os outros na interação com o mundo são condições necessárias para decifra o



“mundo[...] São ocasiões de troca em que as experiências da humanidade ganham sentido cultural e transformam historicamente o mundo e as pessoas que delas participam”. (COTA, 2000, p.211-212)

Assim configurado, o Grupo se formou com pesquisadores(as) e estudantes de pós-graduação em Educação e de graduação em várias áreas, o que nos permitiu fazer pesquisas interdisciplinares<sup>13</sup>, congregando pesquisadores em nível nacional e internacional. Assim, iniciou-se o desenvolvimento de pesquisas nas áreas da Saúde, das relações interétnicas, das relações de gênero e de direitos humanos, abrangendo processos de ensino e de aprendizagem na formação tanto de agentes sociais em comunidades quanto de professores. Na área de Saúde, o Grupo enfoca, especialmente, educação popular e Saúde, direitos humanos e reprodutivos, abordando processos de formação de agentes educacionais comunitários e processos educativos para o fortalecimento de comunidades, na linha de pesquisa *Educação, participação, direitos e Saúde*. Além dessa linha, ainda temos: *Combate à prática do racismo e a outras discriminações na Educação: Práticas sociais, culturais e processos educativos em Educação Musical*; e *Educação de jovens e adultos em regime de privação de liberdade* (esta última, iniciada em 2010).

Os resultados das pesquisas realizadas no/pelo Grupo vêm sendo aplicados no ensino de graduação e pós-graduação, como já mencionado, assim como na formação continuada de educadores, em parceria com secretarias do Município, além de contribuir na formulação e na implementação de políticas públicas. Em relação a estas últimas, além de minha participação, já mencionada, na elaboração de projeto de constituição do Conselho Tutelar, de São Carlos, tomo, ainda, como exemplos, as seguintes participações: da Professora Petronilha, no Conselho Nacional de Educação, especificamente, na formulação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais; da Professora Aida Victoria García Montrone, na elaboração das diretrizes e da formação de pessoal de Saúde, de São Carlos, na política de Amamentação; da Professora Elenice Camarossano Onofre, com participação ativa na elaboração das diretrizes para a Educação Prisional do Estado de São Paulo. Ainda, da Professora Valéria Oliveira Vasconcelos, com sua atuação em Políticas de Atenção a Populações Ribeirinhas do Amazonas, especialmente junto ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e ao Instituto Socioambiental (ISA) e da Professora Ilza Zenker Leme Joly, na área de Educação Musical, tendo sido co-fundadora do Curso de

---

<sup>13</sup> Conta com pesquisadores das áreas de Pedagogia, Letras, Enfermagem, Ciências Sociais, Psicologia, Terapia Ocupacional, Artes, Estatística, Ciências da Informação e Ciências da Computação.

Licenciatura em Música com habilitação em Educação Musical da UFSCar. Finalizo com Paulo Paes, na Política Nacional de Redução de Danos, relacionada ao uso de drogas e, ainda, minha atuação junto ao Comitê de Educação Popular e Saúde, do Ministério da Saúde, na elaboração da Política Nacional de Educação Popular e Saúde, que abordarei em detalhes posteriormente.

Ao se aprofundarem os estudos no Grupo de Pesquisa, o fio condutor do corpo teórico e metodológico foi ficando mais claro, rigoroso e vigoroso. Situamos nosso trabalho na América Latina, cuja história é marcada por práticas sociais desumanizantes, nas quais se aprende o silenciamento, mas também a sobrevivência, a tradição, a resistência. Em nossas pesquisas, o diálogo é eixo teórico e metodológico, a partir do qual procuramos construir vínculos, convívios metodológicos com as pessoas com as quais pesquisamos. Convívio metodológico, como discuti posteriormente, em trabalho de pós-doutoramento, ou seja, o convívio não apenas como um dado ou elemento introdutório de aproximação ao campo, mas introduzido como elemento metodológico da pesquisa, “o cerne do ‘fazer’, explicitado, experimentado, avaliado. Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente à frente” (OLIVEIRA; STOTZ, 2004)

Nossos trabalhos de orientação se baseiam nesses princípios. Juntos, pesquisadores mais experientes e pesquisadores menos experientes, vamos forjando caminhos de pesquisas que se mostrem mais coerentes com esses princípios. Nos trabalhos de orientação, muitas vezes, coletiva, falamos de um afastamento epistemológico que nenhuma relação tem com a suposta neutralidade científica. Esse emergir se dá para que o conhecimento crítico possa ter lugar e tempo para ser construído. Emersão dialeticamente implicada com a imersão crítica, de que nos fala Freire (1987). Quanto mais mergulhados estamos na realidade que queremos compreender criticamente, mais molhados dela estaremos, quando nesse afastamento. Não se trata, a emersão, de um esquecimento ou uma negação de onde me encontro, de mim mesmo(a). A emersão crítica e engajada requer sentir a umidade dos meus condicionantes históricos e sociais, das inquietações que me puseram em movimento, em rebeldia, diz Freire (1999), à postura bancária. Assim realizamos nossos trabalhos, assim orientamos nossos estudantes. Conhecer e conhecer-se. Um processo que exige estudo, dedicação, um olhar atento a cada momento em que faço meu diário de campo, em que garimpo os achados, as falas, as interpretações para melhor compreender a visão de mundo das pessoas com quem

trabalho, no diálogo insistente e crítico com a literatura, mas, sobretudo, na compreensão crítica daquela realidade.

Desde 1999, atuo no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFSCar, tendo orientado, desde essa data, 12 dissertações de mestrado e quatro teses doutorado (Doc. 9.1.3), além de outras atividades docentes e administrativas (Doc. 6.1., 8.3.1, 11.5.9, 11.5.14 e 13.3.1).

Na relação entre os demais pesquisadores do PPGE e as pesquisadoras de nosso Grupo de Pesquisa, fomos nos conhecendo e percebendo nossas proximidades teóricas e metodológicas. Essas proximidades nos levaram, em 2005, a formar a linha de pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*, cujo objetivo foi assim delineado:

Investigar práticas sociais situadas em ambientes não escolares e escolares e os processos educativos por elas desencadeados, conformados, consolidados, referentes a informações, valores, competências, atitudes, posturas, geradores de significados, a partir da perspectiva dos desqualificados e marginalizados pela sociedade, com eles pesquisando em comunidades de trabalho, lançando mão de metodologias dialógicas. Utiliza aportes teóricos da educação, educação popular, educação das relações étnico-raciais, educação de jovens e adultos, artes, motricidade humana, saúde e da pedagogia e filosofia da libertação.

Delimitamos como principais eixos temáticos: Ações de movimentos sociais; Trabalhos comunitários e em comunidades; Educação Popular e Saúde; Práticas de saúde; Formação de educadores sociais; Combate a preconceitos, racismos e discriminações; Ações culturais e compromisso social; Educação musical; Condições de vida e fortalecimento de comunidades; Construção do corpo feminino, masculino, sexualidade e trabalho; Processos educativos de crianças, de jovens e de adultos em espaços de lazer, de trabalho, de luta social; Educação de jovens e adultos em situação de restrição e de privação de liberdade; Processos educativos da criança em espaços escolares e não escolares.<sup>14</sup>

Nessa linha, todos(as) os seus professores(as) oferecemos, de forma compartilhada, uma disciplina que se estende por dois semestres. Inspirados na disciplina originalmente oferecida, planejamos a disciplina do primeiro semestre da seguinte forma:

*Ementa:*

---

<sup>14</sup> Atualmente, estão credenciados(as) na linha de pesquisa os(as) seguintes professores(as): Aida Victoria Garcia Montrone; Elenice Maria Cammarosano Onofre; Fernando Donizete Alves; Ilza Zenker Leme Joly; Luiz Gonçalves Júnior; Maria Waldenez de Oliveira; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva; e Sonia Stella Araujo-Olivera.

Pesquisas em Práticas Sociais próprias de movimentos sociais, de ações de combate ao racismo e a discriminações, de atividades de fruição de lazer, de atividades de e com pessoas em situações de privação de liberdade, de cuidados com a saúde, de grupos artístico-musicais, de comunidades não escolares e escolares. Identificação e compreensão de processos educativos próprios destas práticas, do educar e se educar constituindo os/as pesquisadores(as) e participantes das pesquisas em comunidade de trabalho. Abordagem de realidades sociais a partir das perspectivas dos desqualificados e marginalizados pela sociedade.

Para essa disciplina, estabelecemos as seguintes questões orientadoras:

- Práticas sociais, processos educativos, do que estamos tratando?
- Qual o contexto histórico-cultural, político, ideológico das práticas sociais cujos processos educativos estamos estudando?
- Que concepção de ciência e de educação orienta nossos estudos?
- Que valores permeiam as relações que se estabelecem entre as pessoas envolvidas numa prática social?
- Que relações há entre processos educativos originados por práticas sociais não escolares e as escolares?

Metodologicamente, os estudantes e professores(as) empreendem análise, interpretação de literatura e de experiências; diálogo entre ideias, posições e valores. Os estudantes realizam trabalho de campo com o objetivo de propiciar-lhes aproximarem-se de uma prática social e inserir-se em campo a partir de referências teóricas e metodológicas estudadas na disciplina, durante a qual, ademais, são apresentados e discutidos os projetos de pesquisa dos(as) professores(as).

A disciplina do segundo semestre é oferecida com o intuito de aprofundar estudos sobre os temas e autores(as) centrais da linha *Práticas Sociais e Processos Educativos*, bem como de refletir coletivamente sobre o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para a produção de conhecimento nesse objeto.

Sua *ementa* ficou assim delineada:

- Reflexão, análise e discussão de referencial teórico de suporte para a compreensão de Práticas Sociais na América Latina, na sua diversidade social, cultural, política, na busca de relações dialógicas, humanizantes e libertadoras.

- Estudo, análise e discussão de investigações que venham a possibilitar uma melhor compreensão dos processos educativos ocorridos em práticas sociais em ambientes não escolares e escolares.

Metodologicamente, em seu momento inicial, os projetos de pesquisa dos estudantes são apresentados e discutidos. Em seguida, passa-se à análise e interpretação de textos, contextos, situações, experiências, bem como ao debate de ideias e posições. Ao final, o(a) estudante apresenta o referencial teórico de seu trabalho de pesquisa, na pós-graduação.

A experiência de convívio e debates teórico e metodológicos nos colocou, professores(as) da linha, na escrita de um texto em que abordávamos nossos pontos de partida, conceitos-chave, princípios metodológicos, além de apresentar alguns resultados de pesquisa. Inicialmente, levamos o texto para a disciplina de modo a ser debatido e aperfeiçoado. Em 2007, pudemos propô-lo ao GT de Educação Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e, assim, pudemos compartilhar com os colegas do GT o que vínhamos desenvolvendo dentro da linha de pesquisa (Doc. 15.12.11). Intensificou-se nossa participação no GT, da ANPED. Desde então, venho participando desse GT na qualidade de parecerista *ad hoc* (Doc. 12.3.1, 12.3.2, 12.3.4, 12.3.5, 12.3.7, 12.3.9). Em 2012, a Professora Valéria Vasconcelos, pesquisadora do nosso Grupo de Pesquisa, e eu, fomos convidadas para, juntamente com outros pesquisadores do GT, ministrar um minicurso, na 35ª Reunião Anual, ocorrida em Porto de Galinhas, em outubro de 2012 (Doc. 14.43). O curso versou sobre *Perspectivas Epistemológicas em Educação Popular*. Para minha grata surpresa, nessa Reunião, fui indicada para a Coordenação do GT (Doc. 11.4.5).

Gostaria de finalizar esta parte, sobre a atuação na pós-graduação, apontando quão grato tem sido o trabalho dentro de nosso Grupo e de nossa linha de pesquisa, no PPGE.

As terças-feiras de manhã, horário em que a disciplina vem sendo oferecida, tornaram-se um momento de aprofundamento não apenas de estudos, mas também de vínculos, para todos(as) da linha. Nesse momento, trocamos ideias entre nós e com os estudantes, podemos compartilhar resultados de pesquisa em nossos Grupos, comunicar sobre eventos de que participamos, propor atividades conjuntas, apontarmos e recebermos apontamentos sobre bibliografias, “recarregarmos nossas baterias”. São reuniões repletas de afetividade, compromisso social, político e acadêmico, em que o estudo se dá entre todos. Estudantes se responsabilizam pelas aulas juntamente com os docentes, docentes apresentam seus projetos de pesquisa para debate, assim como os alunos. A cada reunião de planejamento ou ao final

de avaliação da disciplina, indicamos avanços, novas bibliografias, retomada de antigas leituras.

Em nosso Grupo de Pesquisa, temos exercitado o estudo coletivo em Seminários de Aprofundamento de Estudos, para os quais, autonomamente, qualquer membro apresenta proposta de tema, em geral, com pesquisadores convidados.

No Grupo e na linha de pesquisa temos buscado constituir o que Petronilha e Stella denominaram de “comunidade científica de trabalho”:

[...] constitui em torno de objetivos comuns que ultrapassam a ordem pessoal, se situam e se enraízam em compromisso com construção de uma sociedade justa que garanta iguais direitos e tratamento diverso para diferentes condições, circunstâncias (SILVA; ARAÚJO-OLIVERA, 2004, p.2).

Enfim, um Grupo e uma Linha de Pesquisa em que pulsa a vida.

### **1.7.3 Pós-Doutorado**

Em 2000, iniciei a participação nos debates nacionais sobre Educação Popular e Saúde, em especial, os que ocorriam no âmbito da Rede de Educação Popular e Saúde. A *Redpopsaúde* é uma rede virtual e uma das ferramentas de um movimento mais amplo e mais antigo que é a Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde, iniciado em 1991. Ela se insere como uma das possibilidades de comunicação e troca de informação de um grupo, cujos componentes atuam, desde a década de 1970, na área da Educação e Saúde. Entre eles, estão os membros do Grupo de Pesquisa *Educação, saúde e cidadania*, da FIOCRUZ.

Em agosto de 2001, participei, em Brasília, do *II Seminário sobre Educação no Contexto da Promoção da Saúde: sujeitos, espaços e abordagens* e do *II Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde*, promovidos pelo Departamento de Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, pelo GT Educação Popular e Saúde, da ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), e pela Rede de Educação Popular e Saúde. Nessa ocasião, pude aprofundar as conversas com os membros do Grupo da FIOCRUZ, e iniciamos troca de experiências e informações.

Um dos núcleos de estudo do Grupo da FIOCRUZ era o Núcleo de Estudos Locais em Saúde (ELOS). No ELOS, funcionava o *Observatório de Saúde*, um sistema de informações

organizado sobre os problemas de saúde da população dos bairros da região da Leopoldina e da Ilha do Governador. O processo de construção de conhecimento em saúde, no Observatório, era compartilhado por pessoas atuantes nos movimentos e grupos sociais, nos serviços e nas instituições de ensino e pesquisa. As pessoas procuravam, através desse processo, compreender as razões dos problemas de saúde e apontar soluções alternativas para a atuação dos serviços, o funcionamento do sistema e a orientação das políticas públicas de saúde no nível local.

Além desse Núcleo, o grupo articulava-se num Centro de Estudos, o Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina – CEPEL. Este Centro nasceu de uma proposta de acompanhar, de forma permanente, os caminhos das classes populares da região da Leopoldina. Seu objetivo era o de oferecer sistematicamente subsídios técnicos para os grupos populares organizados, na busca por pressionar os governantes a gastar dinheiro público prioritariamente com as necessidades básicas (saneamento, assistência médica, escola pública de qualidade, por exemplo) da maioria da população, isto é, das classes populares.

Esse sistema de organização e comunicação crítico e compromissado despertou meu interesse em aprofundar estudos sobre as relações entre grupo acadêmico e grupos populares. Iniciei um diálogo fecundo com os professores do Grupo de Pesquisa da FIOCRUZ Victor Vicente Valla e Eduardo Navarro Stotz. Esse diálogo ampliou minha visão das intersecções entre educação popular e saúde, bem como do papel da saúde pública e coletiva e das políticas de saúde. As ideias e experiências do Grupo da FIOCRUZ começaram a ser debatidas nas disciplinas de graduação e pós-graduação de responsabilidade das professoras do grupo de pesquisa da UFSCar.

Foi quando propus aos professores realizar o pós-doutorado na FIOCRUZ, mais especificamente junto ao ELOS e ao CEPEL. O tema que propus foi *Processos Educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos*. Interessava-me compreender os processos educativos presentes nas relações entre comunidade acadêmica e grupos organizados de bairros, participantes de projetos conjuntos, objetivando melhorar as condições da vida das pessoas desses bairros, como percebia ser o projeto estabelecido na relação entre o Grupo da FIOCRUZ e os grupos da região da Leopoldina. Uma aproximação e uma convivência mais detida junto aos trabalhos desse Grupo propiciariam tanto uma melhor compreensão dos processos educativos em trabalhos comunitários quanto auxiliariam na elaboração de estratégias locais de trabalhos para garantia do atendimento aos direitos humanos e à saúde das comunidades com as quais nosso Grupo

de Pesquisa, da UFSCar, trabalhava. Via também contribuições para o Grupo da FIOCRUZ, na medida em que se tratava de uma investigação sobre sua própria prática, podendo construir novas compreensões, novos olhares, novos significados. Propus um estudo de caráter exploratório, ancorado no referencial da Educação Popular, tendo como objeto os processos educativos em trabalhos entre comunidades na perspectiva do diálogo entre saberes e práticas.

Em 2002, desembarquei no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, viria a me afastar mais de 100 km de minha casa para um trabalho que exigiria um tempo mais longo. Fui recebida calorosamente pela minha amiga, àquela altura, já minha comadre, Marília Washington; por Estrela, sua fiel guardiã; e por sua prima Francisca. Sua casa localiza-se em Vila Isabel. Durante os meses em que lá permaneci, pude experimentar o convívio familiar com minha comadre Marília, o amor, a atenção e o cuidado com que me recebeu em sua casa, seu ombro/ouvido, as longas conversas, o apoio e os conselhos, além de lindas e profundas excursões pelo Rio. Excursão, inclusive e principalmente, na deliciosa Vila Isabel e na vizinha quadra de samba da Unidos de Vila Isabel, cujo samba-enredo, vários sábados à noite, me serviu de canção de ninar. Francisca, ou Fanka, como é chamada, era a companheira diária de casa, deliciava-me com seu tempero mineiro, levava-me a passear de moto, e era minha conselheira sobre o Rio, nas agruras do dia a dia. Um carinho de irmã. Estrela me recepcionava de forma inigualável, um olhar ao qual eu me rendia sem hesitação, uma alegria indisfarçada ao me ver; cada uma das inúmeras vezes em que eu retornava à casa, com ela brincava, e ela, pacientemente, recebia meus abraços carentes e me levava para passear.

Ao lado desse maravilhoso convívio, pude também experimentar a separação de minha filha Érica que, nesses meses, iria morar com a nova família de seu pai. Minha família de Jaú, como sempre, me apoiou; mas, em sua distância de São Carlos, pouco pode acolher minha filha nessa separação. E como eu escrevi, em meus agradecimentos, no relatório desse pós-doutorado: “À minha filha Érica, que do alto de seus 8 anos olhou com coragem nosso afastamento, confiou-me suas inseguranças e apesar das incertezas e do desentendimento do significado deste pós-doutorado, apoiou-me com carinho e profundo amor”.

Esse é o caldo emocional, cultural, intelectual em meio ao qual realizei meu pós-doutorado. Chegar ao Rio foi sair de São Paulo, e não apenas fisicamente. Foi caminhar e me distanciar, lembrar-me do que deixava e admirar a nova paisagem que surgia.

O acolhimento da casa de minha comadre se repetiu, quando cheguei ao ELOS, num abraço caloroso de Eduardo. Ele mostrou o cantinho que preparou com uma escrivaninha, um armário; e, da janela em frente, o Complexo da Maré se descortinava para mim. Eduardo



localizou-me os prédios, restaurantes, livraria, biblioteca. Orientou-me sobre os procedimentos formais. Olhamos a Maré, os bairros, os contornos, os limites de controle do Comando Vermelho e do Terceiro Comando, o Castelinho da FIOCRUZ. O bairro e suas dinâmicas, determinando o horário em que as pessoas saem do ELOS, *“não mais do que 6 horas da tarde, não é seguro”*. A dinâmica do bairro estava dentro da FIOCRUZ.

Meu primeiro encontro com o Professor Victor Vicente Valla se deu no Departamento de Endemias da FIOCRUZ, após sua aula. Conversamos em sua sala, onde, generosamente, falou sobre si mesmo, sobre o CEPEL e a importância dessa ONG em sua vida profissional. Falou-me de sua formação católica, de sua teoria, desenvolvida na década de 1980-90, de que não existia um movimento popular em recuo. *“Na nossa avaliação, nunca as classes populares deixaram de se organizar. Começamos a interpretar o movimento de defesa e de solidariedade entre si. Começamos a dar importância aos movimentos religiosos”*.

O caminhar metodológico, para procurar compreender os processos educativos presentes nas relações entre o grupo acadêmico e os grupos de moradores da região da Leopoldina, previa a inserção e a observação no campo de pesquisa complementadas por entrevistas semiestruturadas com membros do ELOS, do CEPEL e pessoas dos bairros. Não foram precisos muitos dias de observação e conversas para que eu entendesse que a inserção no campo de pesquisa já estava se dando, pois que, rotineiramente, onde eu me encontrasse, lá estavam a comunidade do bairro, a comunidade acadêmica e as relações entre elas. Numa dessas observações, encontrei com Dona Creuza, da ONG *Sementinha*, localizada na Leopoldina. Essa ONG é formada por moradoras da região e atuava em prevenção e cuidados básicos de saúde e com medicina popular e rezas. Também oferecia os serviços de uma creche. Dona Creuza participava de um projeto do ELOS (Crônicas Populares) e periodicamente comparecia a sala do ELOS. Assim, fechavam-se os grupos para meu trabalho de campo: ELOS, CEPEL e Sementinha. Com eles investigaria as relações entre grupos acadêmicos e populares.

Finalizados os estudos, os achados da pesquisa apontam que as pessoas percebem, com clareza, as diferenças entre os grupos evidenciadas pelas questões econômicas e sociais e, também, pelas de escolaridade. Essas diferenças aparecem nas percepções de tempo e de espaço, nas percepções de mundo e dos modos de nele viver e sobreviver. Em relação aos processos educativos, os participantes relatam que, nas suas relações, seus caminhos se cruzam, conhecimentos construídos em trajetórias diversas se encontram, e a convivência propicia que os espaços fronteiriços entre eles não apenas se constituam em espaços de

igualdades na diversidade, mas, também, que sejam espaços flexíveis que, em cada movimento na direção do outro, se alarguem e onde a igualdade no “ser humano” e a humanidade sejam resgatadas (OLIVEIRA, 2003b).

Finalizado o estágio de pós doutorado, retornei ao Rio para apresentar, em reunião com os pesquisadores, os resultados do trabalho (Doc. 4.3.1). Pude apresentar esses resultados, também, na 27ª Reunião Anual da ANPED, de 2004, em coautoria com Eduardo Stotz, em trabalho intitulado *Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico* (Doc. 15.12.3).

Com este trabalho, participei, também, do II Fórum Mundial de Educação, em 2003, e do Seminário Nacional sobre Educação Popular e Saúde, em 2004.

Os resultados dessa pesquisa formaram a base para a escrita do artigo *Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora*, publicado em **Cadernos CEDES**, em 2009 (Doc. 15.6.12).



## 1.8 OS PROJETOS DE PESQUISA E EXTENSÃO

Durante toda a minha carreira, mesmo nos contratos temporários, realizar atividades com a comunidade externa à UFSCar foi uma marca em minha atuação (Docs. 15.3.1 à 15.3.5). Como apontado anteriormente, na graduação e na pós-graduação, os estudantes realizam uma carga prática nessa comunidade externa à UFSCar, procurando com ela colaborar. As atividades extensionistas sempre fizeram parte de minha atuação na UFSCar. Apenas em dois períodos, precisei interrompê-las: em 1994 e 1995, quando estava me dedicando ao doutorado.

Essa marca em minha atuação advém do entendimento do compromisso social da universidade pública para com a melhoria das condições de vida da população. Como diz a pesquisadora mexicana Camarena (1999), a universidade é a mediação “*gracias a la cual la ciencia sirve a la intención de dignificar la vida de la sociedad en su conjunto y de cada uno de sus integrantes*” (p. 109).

As vivências com grupos populares, os trabalhos práticos nas disciplinas, as atividades extensionistas, bem como o estudo sistemático dessas experiências à luz da Educação Popular em suas interfaces com a Saúde, vêm propiciando a base dos projetos de pesquisa que tenho desenvolvido na linha de pesquisa *Educação, participação, direitos e saúde*, do Grupo de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*. Também, ancoram o Programa de Extensão *Educação em Saúde*, da UFSCar, iniciado em 2003 e por mim coordenado (Doc. 15.3.5).

Tais atividades propiciaram criação de vínculos com alguns grupos da comunidade de São Carlos, além de experiências que foram chamando minha atenção e despertando o desejo de aprofundamento de estudos e ampliação de ações. Foi para esses grupos que dirigi o olhar, quando, em meados de 2000, ocorreu a mudança curricular no curso de Enfermagem, anteriormente mencionada, que encerrou os cursos de extensão, pelo menos no âmbito das disciplinas *Prática de Ensino*. Duas atividades extensionistas detiveram minha atenção de modo especial. A primeira delas, os cursos para jovens, atividade inspiradora do projeto *Educação Sexual: de Adolescente para Adolescente*. A segunda, o curso para prostitutas, em 1993, que nos abriu a comunicação com este grupo marginalizado e desqualificado. A partir dessa abertura inicial, delineamos o projeto *Educação e Direitos Humanos no contexto do trabalho sexual*.

Outro projeto se delinearía a partir de trocas com os pesquisadores da Rede de Educação Popular e Saúde e do GT de Educação Popular e Saúde, da ABRASCO, bem como com os integrantes da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde, a partir de 2001. Sua semente já havia sido plantada em minha docência na Faculdade em Jaú, em 1985: a investigação das práticas populares de saúde. Surge daí o projeto *Mapeamento e catalogação inicial de práticas populares de saúde de São Carlos* (MAPEPS).

Além desses três, iniciei, em 2002, o projeto denominado *Processos de formação de educadores e de educação em espaços de participação e controle social*. Neste projeto, estão incluídas todas as demais pesquisas que envolvem outros grupos e espaços sociais, tais como: pessoas em situação de rua, agentes comunitários de lazer, mulheres, crianças portadoras de doenças crônicas, jovens do Hip Hop, educadores sociais de rua, adolescentes em situação de risco, mulheres camponesas, grupo de dança de rua, deslocamentos urbanos, classes hospitalares, creche e educação infantil (GONÇALVES; FERREIRA; GUEDES, 1998; GUIMARÃES, 1998; RAFFIN, 2001; NUNES, 2002; VASCONCELOS, 2002; SIQUEIRA, 2004; VANGRELINO, 2004; CESÁRIO, 2006; PAES, 2006; MORYA, 2007; SILVA, 2007; ZAMBRANO, 2007; BARBOSA, 2008; BERGAMASCO, 2008, CARNEIRO, 2008; PASCHOALINO, 2009; RIBEIRO JUNIOR, 2009; SOUZA, 2009; ALMEIDA, 2011; TEIXEIRA, 2012). Temos constituído estudos sobre processos educativos em práticas sociais envolvendo as temáticas de educação, direitos humanos e formação dos cidadãos; movimentos e ações sociais; formação de educadores sociais; saúde, desenvolvimento de condições de vida e fortalecimento de comunidades.

Das experiências e atividades desse projeto, foram publicados artigos e capítulo de livro, quais sejam:

#### *Artigos*

- *Inserção e atuação de agentes educacionais em comunidades*. [Em coautoria com Petronilha B. G. Silva]. **Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde**. Recife (PE), 2003. (Doc. 15.5.6)
- *Perspectivas de pesquisa-ação: investigar, atuar, formar*. [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. **Revista de Ciências Humanas** [publicação do CCH/UFV]. Viçosa (MG), 2006. (Doc. 15.5.7)

*Educação Popular, lazer e Educação Física: bebendo da fonte.* [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. **Revista Profissão Docente On-line** [revista do PME/ UNIUBE]. Uberaba (MG), 2008. (Doc. 16.5.11)

➤ *Educação Popular na atenção primária à saúde.* **Revista de APS – Atenção Primária à Saúde.** [publicação do NATES e do PMS, da UFJF]. Juiz de Fora (MG), 2008. (Doc. 15.5.12).

➤ *Na rua também se aprende: processos e espaços de formação do educador social de rua.* [Em coautoria com Ana C. Vangrelino]. Revista **Comunicações** (publicação do PPGE/UNIMEP). Piracicaba (SP), 2008. (Doc. 15.5.13)

➤ *Contribuições de Freire e Maffesoli para compreender os processos educativos no cotidiano das práticas sociais.* [Em coautoria com Ana Maria G. Barbosa]. **Revista Eletrônica de Educação** (publicação do PPGE- UFSCar). São Carlos (SP), 2009. (Doc. 15.5.14).

➤ *Educação Popular: uma história, um que-fazer.* [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. Revista **Educação Unisinos**. São Leopoldo (RS), 2009. (Doc. 15.5.15).

➤ *Trayectorias de investigación acción: concepciones, objetivos y planteamientos.* [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. **Revista Ibero-Americana de Educación (Online)**. [publicação do CAEU/OEI]. Madrid (ES), 2010. (Doc. 15.5.20)

➤ *Processos Educativos no Hip Hop: a celebração dos valores da comunidade.* [Em coautoria com Cristiano Thierno]. Revista **Educação: Teoria e Prática** (publicação do IB/UNESP-Rio Claro). Rio Claro (SP), 2010. (Doc. 15.5.21)

➤ *Assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra no Estado de São Paulo: produção acadêmica e documental.* [Em coautoria com Erivelto Santiago Souza]. Revista **Comunicações** (publicação do PPGE/UNIMEP). Piracicaba (SP), 2011. (Doc. 15.5.22).

#### *Capítulo de livro*

➤ *Caminhos para a formação de educadores comunitários de lazer.* [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. In: SILVA, Ademar; ABRAMOWICZ, Anete; BITTAR, Marisa. (Org.). **EDUCAÇÃO E PESQUISA: DIFERENTES PERCURSOS, DIFERENTES CONTEXTOS**. São Carlos: RiMA, 2004. (Doc. 15.7.3)

Além dessas, há a publicação de quatro trabalhos completos em eventos

➤ *Extensão Universitária à Luz da Educação Popular e da pesquisa-ação.* [Em coautoria com Valéria O. Vasconcelos]. 28ª Reunião Anual da ANPED. 2005. Caxambú

(MG). In: Anais da 28a. Reunião Anual da ANPED: Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Rio de Janeiro, 2005 (Doc. 15.12.4)

➤ *Educação no programa de redução de danos: alienação ou práxis educativa?* [Em coautoria com Paulo Paes]. 29ª Reunião Anual da ANPED. 2006. Caxambú (MG). In Anais da 29a. Reunião Anual da ANPED: Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. (Doc. 15.12.5)

➤ *Na perspectiva de Assessoras(as) educacionais para Assuntos da Comunidade Negra: contribuição para o combate ao racismo no Brasil por meio da educação.* [Em coautoria com Erivelto Santiago Souza]. XII Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural (ARIC, 2009, Florianópolis - SC. In: Anais do XII Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural (ARIC) - Diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder. Florianópolis, 2009. (Doc. 15.12.9)

➤ *Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde.* [Em coautoria com Iraí M. C. Teixeira]. 35ª Reunião Anual da ANPED. 2012. Porto de Galinhas (PE). In: Anais da 35a Reunião Anual da ANPED: Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI. Rio de Janeiro: ANPED, 2012. (Doc. 15.12.19)

Por fim, aponto, nesse projeto, também, cinco apresentações de trabalhos com publicações de resumos.

### **1.8.1 O projeto com jovens**

Em 1996, eu e a Professora Aida Victoria García-Montrone, que, naquele momento, cumpria contrato temporário no DME, iniciamos uma atividade extensionista junto a jovens que se denominava “educação entre pares”.

Tínhamos, no ano de 1990, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), definindo que todas as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, têm direito à proteção integral, sendo considerados indivíduos especiais porque estão em processo de desenvolvimento. Em 1994, tivemos, no Cairo (Egito), a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), de grande importância para as definições futuras de políticas e ações voltadas para a saúde sexual e reprodutiva. Nessa Conferência, um tópico específico foi direcionado aos jovens.

Por outro lado, diagnosticávamos um quadro preocupante: primeiramente, de desinformação dos jovens sobre o ECA. Em segundo lugar, as políticas públicas para

adolescentes ainda eram muito tímidas; tínhamos um programa do Ministério da Saúde para jovens, porém, com alcance local bastante reduzido. Por fim, notávamos despreparo de profissionais da Saúde em como proceder junto a jovens, especialmente no que se referia aos direitos relativos à saúde sexual e reprodutiva. Perspectivas de atenção à saúde descoladas da discussão dos direitos e com metodologias verticalizadas criavam obstáculos para que os jovens usufríssem dos serviços disponíveis. Uma forma de enfrentar essas situações era olhar para o jovem não como problema, mas como solução, com ações que propiciassem sua participação efetiva.

A metodologia “entre pares” baseia-se na proximidade, vínculo e similaridades culturais entre os pares, buscando uma comunicação mais efetiva. Entre jovens, é notória a importância do grupo de iguais: a comunicação de adolescentes para adolescentes tem mais força de convencimento que a de adultos para adolescentes.

Intervenções feitas por pessoas da própria comunidade como educadores, cuidadores, etc. tem sido uma estratégia utilizada, no campo da Saúde, para educação e participação. Podemos citar algumas experiências bem sucedidas, como a relatada por Riedmiller (1995) para debelar uma epidemia de peste; por Montrone (1997), na promoção do aleitamento materno e estimulação infantil; por Vasconcelos (2002), na promoção de atividades de lazer; por TAMPEP (2001) na promoção dos direitos humanos e promoção de saúde entre mulheres migrantes.

Apesar da popularidade dessa estratégia, a falha na sua utilização remete, particularmente, às questões de planejamento e dificuldades de implementação (HORIZONS, 2000).

Para realizar esse projeto, era necessário fazer algo que nos agradava muito e que vínhamos praticando havia tempo: colocar o conhecimento acadêmico em diálogo com o conhecimento do grupo popular, e, juntos, grupo acadêmico e popular elaborarmos ações educativas. Tínhamos como ponto de partida e de chegada a participação ativa e solidária dos jovens. Não se tratava apenas de colaborar para a autoestima desses jovens educadores, mas, também, mostrar aos jovens sua capacidade de organização, fortalecendo as comunidades no enfrentamento dos problemas de saúde. Ou seja, o projeto intencionava alcançar um crescimento pessoal desses jovens com a melhoria das condições de sua vida e de sua comunidade. A Professora Victoria vinha de experiências anteriores de outra instituição e cidade, nas quais jovens educavam jovens, e, juntas, decidimos iniciá-la, na UFSCar, e até onde eu saiba, em São Carlos.



O projeto se dividia em dois cursos: *Educação Sexual de adolescente para adolescente*, que tinha como objetivo a formação de agentes educacionais na área de sexualidade e direitos reprodutivos; e *Agente Educacional e sua prática*, oferecido no semestre posterior, que tinha um caráter de educação permanente e visava o aprimoramento dos conhecimentos dos educadores já formados bem como a promoção de ações educativas em escolas do bairro. Como Metodologia do projeto, tínhamos o uso de dinâmicas de grupo, dramatizações, entre outras. O curso *Educação Sexual de adolescente para adolescente* abordava tanto conteúdos relacionados à sexualidade e direitos reprodutivos como estratégias de educação comunitária. Em meio ao projeto, os jovens decidiram que precisavam de uma marca para seu grupo. Contamos com a ajuda voluntária de um especialista em propaganda, Mário Pizzignaco. Junto com os adolescentes, criamos o BIOTEEN, com sua logomarca, crachás, etc.

Este projeto foi oferecido, ininterruptamente, até 2007. Foram formados 65 jovens educadores que realizaram ações educativas formais e informais para uma população de 1500 jovens pertencentes a comunidades empobrecidas de bairros periféricos da cidade de São Carlos. Em 2000, recebemos o prêmio Presente para o Futuro, outorgado pela CEMINA – Comunicação, Educação e Informação em Gênero – RJ (Doc. 7.2). Era um prêmio para práticas inovadoras pela cidadania juvenil feminina. Foram selecionados 15 grupos atuantes. Com essa premiação, uma adolescente de 17 anos, que participava no grupo havia dois anos, foi convidada para participar do I Curso de Capacitação em Gênero, Mobilização Social e Rádio, na sede do CEMINA, no Rio de Janeiro.

Tivemos financiamento da Pró-reitoria de Extensão, da UFSCar, com material e bolsas de extensão. Pessoalmente, orientei quatro bolsistas de extensão, de 1997 a 2000. A partir de participação nesse projeto, dois alunos desenvolveram projeto de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso. O de Iniciação Científica foi de Elaine Cristina Ferreira, em 1998, intitulado *Formação de promotores de saúde adolescentes em programas educativos e sua atuação na prevenção de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis/AIDS*. O Trabalho de Conclusão de Curso foi de Rafael Martins Ramassote, com o título *Formação de educadores jovens para os direitos reprodutivos*. Também, pudemos apresentar os resultados do projeto em 11 eventos, com publicação de trabalhos completos ou resumos, tais como Congresso Brasileiro de Enfermagem, Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, Encontro Nacional de Educação na Prevenção da Aids, entre outros.

Em 1993, a equipe do projeto publicou o artigo *AIDS: o que responder*, na **Revista do Professor**, (Doc. 15.5.2). Em 1999, a equipe voltou a publicar, nessa revista, o artigo *Educação sexual: gravidez, Aids e doenças sexualmente transmissíveis em debate*, (Doc. 15.5.3). Também, escrevi um artigo intitulado *Gravidez na adolescência: dimensões do problema*, para o dossiê HISTÓRIA DE MULHERES E PRÁTICAS DE LEITURAS, dos **Cadernos Cedes**, em 1999 (Doc. 15.5.4). A Professora Victoria e eu publicamos, ainda, um capítulo no livro GERANDO CIDADANIA: REFLEXÕES, PROPOSTAS E CONSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE intitulado *Sexualidade: novas abordagens*, em 2004. (Doc. 15.7.4).

Esse trabalho com jovens rendeu-me, de 1991 a 1993, a vaga de representante titular de órgãos governamentais junto ao Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, de São Carlos (Doc. 11.5.4). A gestão em que estive foi a primeira desse Conselho recém instituído em São Carlos, e coube-nos fazer o projeto para criação e implantação do Conselho Tutelar de São Carlos. O Conselho Municipal nomeou uma comissão para tanto, da qual fiz parte. E, em 1993, a cidade de São Carlos aprovava, na Câmara Municipal, a instituição do Conselho Tutelar de São Carlos. Como parte de meu trabalho no Conselho escrevi dois artigos, em jornal de São Carlos

- Estatuto da criança e do adolescente: como fazer para que seja cumprido? *Jornal Primeira Página*, São Carlos, 17 jun. 1993; (Doc. 15.8.2) e
- A educação e o orçamento municipais. *Jornal Primeira Página*, São Carlos, 03 ago. 1993. (Doc. 15.8.3)

Também, na mídia local, pude apontar algumas reflexões sobre sexualidade e adolescentes, no artigo *Mulher e gravidez na adolescência*, no jornal *A Notícia*, em 1998 (Doc. 15.8.4).

Além da formação de estudantes da área de Saúde na metodologia de educação entre pares, o projeto com jovens nos permitiu um trabalho colaborativo com os jovens da periferia de São Carlos, promovendo seu protagonismo e sua autoestima, bases para uma vida de qualidade e para a promoção da percepção do quanto eles podem fazer a diferença entre os da sua comunidade. Permitiu aos Centros Comunitários e escolas com os quais trabalhamos ampliarmos o potencial que há no jovem para o trabalho educativo, e, conseqüentemente, ampliar o alcance das políticas públicas de promoção da saúde e cidadania dos jovens. Para nosso Grupo de Pesquisa, fortaleceu, ainda mais, os fundamentos da base dialógica de nossos trabalhos, mostrando que a educação, no caso, a educação sexual pode ser feita por pessoas

dos grupos populares. As pessoas da comunidade são as que melhor podem dizer o que e como fazer para que a saúde, os direitos sejam promovidos naquela comunidade. Ao grupo acadêmico coube colocar o conhecimento acadêmico à disposição dessa promoção planejada e executada por pessoas da própria comunidade.

### ***1.8.2 O projeto com prostitutas***

Na mesma época em que iniciava o projeto com adolescentes, retomei o tema do trabalho sexual, com o qual tinha tido contato a partir do curso de extensão *Desejo de vida: um programa para garotas de programa*, oferecido a trabalhadoras do sexo, como parte das atividades da disciplina Prática de Ensino de Enfermagem, em 1993. Esse curso havia sido proposto pelas alunas do curso de Licenciatura, com base em cujo conteúdo, escrevemos um livro homônimo – DESEJO DE VIDA: UM PROGRAMA PARA GAROTAS DE PROGRAMA, publicado em 1997 (Doc. 15.6.5), tendo como coautoras as estudantes que atuaram nesse curso. Até então, a UFSCar não tinha atuado junto às trabalhadoras do sexo de São Carlos, seja em pesquisa, seja em extensão.

Fomos nos dando conta de quão incipiente ainda era o debate acadêmico sobre trabalho sexual. Na área de Educação, era nulo. A Revista Brasileira de Educação, editada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) não tinha, até os anos 2000, publicação sobre o tema da relação entre a educação e o trabalho sexual.

O lugar da pesquisa acadêmica brasileira, no que se referia à educação no contexto do trabalho sexual, estava ainda por ser construído. O panorama da época indicava um envolvimento denso de ONGs com essa população e um déficit de pesquisas acadêmicas. O trabalho das ONGs, com raras exceções, era um trabalho eminentemente de intervenção, e, mesmo com a riqueza do conhecimento que essas organizações produziam e produzem sobre a realidade brasileira do trabalho sexual e das possibilidades de atuação junto a profissionais do sexo, apenas uma pequena parcela era sistematizada ou mesmo divulgada. A produção de conhecimento apresentava-se drasticamente reduzida, particularmente no que se referia à produção acadêmica. Exemplo disto pode ser visto no IV Congresso Brasileiro de Prevenção em DST e Aids – 2001, promovido pelo Ministério de Saúde. Dos cerca de 300 trabalhos apresentados, 13 referiam-se a profissionais do sexo. Destes, apenas um foi realizado no âmbito acadêmico (Universidade Federal de Mato Grosso). Em 2000, o *site* da Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis-DST e Aids, do Ministério da Saúde, sobre

as ações no trabalho sexual, confirmava os dados obtidos do Congresso Nacional, mostrando que estas eram desenvolvidos, principalmente, por ONGs (40, especificamente).

Em 1998, o projeto foi efetivamente retomado, inicialmente, com o objetivo de levar os debates sobre AIDS, que estavam em seu auge, às mulheres trabalhadoras do sexo que atuavam em casas noturnas de São Carlos. Ao adentrarmos as casas com esse objetivo, percebemos que as necessidades das trabalhadoras eram muito mais amplas e complexas e passavam, especialmente, pelos direitos sexuais, direitos das mulheres, entre outros debates de cunho mais social e político. Tínhamos, em nossa equipe inicial, alunas da Enfermagem, das Ciências Sociais e da Pedagogia. Os objetivos foram ampliados na direção de levantar os temas e questões prioritários acerca do trabalho sexual a serem abordados nas ações educativas; levantar informações sobre o trabalho sexual e sobre a profissional do sexo, em São Carlos; e verificar a adequabilidade da metodologia utilizada para as ações educativas. Na medida em que o trabalho foi se realizando, os objetivos foram se complexificando até assumirem um caráter mais duradouro que deu a identidade ao projeto, qual seja, compreender, historicizar e contextualizar a realidade do trabalho sexual. Abordavam-se os direitos humanos, da mulher e sexuais; discriminação, autoestima e promoção da saúde, esta última, em um conceito amplo que envolve fatores socioculturais, econômicos e psicobiológicos.

O planejamento das ações era feito por meio de reuniões em que a equipe acadêmica e as profissionais do sexo colocavam seus interesses e expectativas. O desenvolvimento das atividades dava-se mediante encontros durante os quais se buscava o diálogo entre os(as) participantes. A postura da equipe era a de debater/refletir sobre as situações reais, as condições e as experiências concretas das pessoas e, sempre que possível, que tais reflexões fossem acompanhadas de sugestões para a solução de problemas e propostas de ações. A ordem de prioridade dos temas, bem como o cronograma das atividades eram definidos pelas profissionais, sendo ambos reavaliados a cada encontro que, deste modo, adquiria características próprias em cada casa.

A partir de 1998, já com relatos de experiência, iniciamos nossas apresentações em Congressos das áreas de Saúde e de Educação, assim como em congressos com temáticas mais amplas, como a extensão universitária ou jovens pesquisadores. Nesse tema, nosso trabalho era o único nos eventos de que participávamos, por exemplo: a) Congresso Brasileiro de Enfermagem (1998), promovido pela Associação Nacional de Enfermagem que possui um subtema específico sobre educação e saúde; b) EDUCAIDS (de 1998 e 1999), encontro

nacional promovido pela ONG APTA, de São Paulo, com apoio do Ministério da Saúde, Organização Mundial de Saúde, entre outros, cujo foco são as ações educativas no âmbito da epidemia da Aids; c) Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde (2001), promovido, especialmente, pela Rede de Educação Popular e Saúde, enfocando as propostas e práticas educativas em saúde, d) Seminário de Metodologia de Projetos de Extensão (2000 e 2001), evento nacional, promovido pela UFRJ e UNI-RIO; enfoque especial é dado aos trabalhos realizados com comunidades não escolares; e) Jornadas Jovens Pesquisadores da AUGM - Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (1999, 2000 e 2001), que congrega trabalhos das Universidades Públicas dos países membros do Mercosul e Chile, em várias temáticas. Em todos esses seis eventos, nosso trabalho foi o único no tema “educação e trabalho sexual”.

A partir de nossa participação no Seminário de Extensão, Luciana Pereira, estudante da Enfermagem, e eu fomos convidadas, em 2000, a escrever o capítulo intitulado *Prevenção e Saúde*, no livro METODOLOGIA E EXPERIÊNCIAS EM PROJETOS DE EXTENSÃO. (Doc. 15.7.2)

O mesma lacuna que percebíamos nos eventos, também era perceptível examinando-se revistas internacionais que tratavam de panoramas de pesquisa e intervenções com trabalhadoras do sexo. Por exemplo, a revista *Research for Sex Work*, uma publicação internacional anual da *Vrije Universiteit de Amsterdam*, que tratava de pesquisas e intervenções, muitas delas educativas, especificamente junto a profissionais do sexo. Dos quatro artigos brasileiros publicados em suas edições até 2000, dois eram de ONGs e dois de pesquisadores ligados a Universidades – um, da UERJ, e outro, do nosso grupo da UFSCar (Doc. 15.12.2).

O que víamos, à época, era uma produção acadêmica mais concentrada nas áreas das Ciências Sociais e Ciências da Saúde; nestas últimas, mais estudos epidemiológicos. Rostagnol (2000) falava da dificuldade para se encontrarem pesquisas sobre trabalho sexual, referindo-se à América Latina em geral.

As áreas de Enfermagem e de Educação não haviam, ainda, entrado nesse debate. Esse panorama nos animou a continuar e expandir nosso trabalho. E fomos percebendo que essa era uma lacuna, também, em outros cursos da UFSCar: os seus estudantes não tinham qualquer contato com tema do trabalho sexual nas suas aulas. Procuravam nosso projeto para ampliar sua formação; foram adentrando a equipe, e pudemos ampliar as ações, como, por exemplo, o *PUTA CLIC* (Doc. 15.15.10), projeto desenvolvido por estudante do curso de Imagem e Som. Nele, as prostitutas tiravam fotos, nas quais era acrescida uma frase. Essa

composição foi impressa e constituiu-se numa intervenção urbana, na cidade de São Carlos. Também, na área de Artes, tínhamos projetos com danças e expressão corporal.

Não posso afirmar que tudo tenha sido rosas, no início do projeto, pois, certamente, o estigma que cerca o trabalho sexual e suas trabalhadoras também nos cercou. Alguns setores, na UFSCar, nos questionavam. Trago, como exemplo, o Setor de Transporte, que, em 1993, recusava-se a ceder o carro oficial, que transportaria as estudantes até a casa noturna onde fazíamos o curso, sob alegação de que não ficaria bem para a UFSCar ter um carro com sua *logo* estacionado em frente à casa. Foi a receptividade do Pró-Reitor de Extensão, à época, Professor Targino de Araújo Filho, que nos permitiu acessar esse recurso e transportarmos as alunas. Vale destacar que esse reconhecimento do caráter inovador e rigoroso de nosso projeto possibilitou seu avanço com financiamento da UFSCar e mesmo a publicação de um livro, pela EDUFSCar (Doc. 15.6.5) , que trazia expressões fortes, dentro da linguagem que usávamos na casa noturna. Devo dizer que a UFSCar foi ousada desde aquela época.

Da mesma forma, o estigma que cercava as trabalhadoras do sexo nos era “devolvido”. No início do projeto, em 1993, tínhamos, primeiramente, que descobrir onde eram as casas, tamanha sua marginalidade e invisibilidade, à época. Além disso, as estudantes ficaram três meses não ouvindo “não”, mas também não ouvindo “sim” das proprietárias e proprietários das casas. Insistentemente, conseguiram o contato com um dos gerentes, por intermédio do marido de uma das estudantes. Esse gerente me encaminhou para o proprietário de uma casa. Após ser entrevistada por ele acerca dos caminhos que nos levaram até lá, de nossas intenções, ele concordou que fôssemos à casa e apresentássemos o projeto às trabalhadoras. Se elas aceitassem, poderíamos ficar. Assim foi feito, e, novamente, fomos entrevistadas, dessa feita pelas trabalhadoras; nossas intenções foram mais uma vez questionadas. Nossa aproximação, como o nome diz, servia para nos tornarmos mais próximas, para conhecer e, também, para nos fazer conhecer. Conversávamos sobre família, filhos, dificuldades econômicas, novelas, lojas de roupas, dicas de médicos, entre tantos outros assuntos de mulheres. Fomos percebendo, em nossa experiência e em nossos estudos, que a trabalhadora do sexo era, primeiramente, mulher e, depois, trabalhadora do sexo. Assim as denominávamos, à época, em nossos escritos, se bem que elas preferiam ser chamadas de “garotas de programa”. Apenas a partir do ano 2010, iniciamos o uso da denominação “prostitutas”, para fazê-lo de forma a positivar essa expressão, como nos apontava um dos movimentos sociais brasileiros: a Rede Brasileira de Prostitutas.

A partir de 2000, com a ampliação da equipe, algumas estudantes decidem realizar trabalhos de pesquisa. Foram três trabalhos de iniciação científica, das alunas Flávia do Carmo Ferreira e Carina Pinto da Silva, as quais, conjuntamente, realizaram o trabalho *A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo*, em 2002. Em 2003, Flávia fez a pesquisa *O espaço da casa: a prostituição em ambientes fechados e a formação de uma identidade coletiva*. A publicação, na revista holandesa já mencionada, nos trouxe contatos com a Vrje Universitatit, especificamente com a *Health, Care and Culture Section*, e, em 1999, pudemos receber, em intercâmbio, uma estudante daquela universidade.

A partir de 2003, as estudantes da equipe decidem aprofundar estudos na pós-graduação. E, em 2006 e 2007, as primeiras dissertações de mestrado, na área de Educação, a tratar do tema da educação e trabalho sexual são defendidas no PPGE- UFSCar. Trata-se dos trabalhos de Flávia do Carmo Ferreira – *Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual*. – e de Fabiana Rodrigues de Sousa – *Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes*. Em 2012, Fabiana, sob minha orientação, defende o doutorado, financiado pela FAPESP, com o tema *A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição*, também no PPGE-UFSCar.

Além das iniciações científicas, dissertações e tese, houve cinco orientações de bolsistas de extensão, além do TCC de Mireille van Stijn, da universidade holandesa já mencionada, intitulado *Vulnerability: an Explorative, Descriptive Study among Female Sex Workers in São Carlos*.

Em 2007, devido ao trabalho que vinha realizando com mulheres, tanto no projeto com jovens, anteriormente mencionado, quanto nesse projeto com prostitutas, fui indicada pela Universidade Federal de São Carlos como representante de órgãos governamentais no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, de São Carlos, cargo que ocupei até 2009 (Doc. 11.5.16). Dentre as atividades que realizei, no Conselho, destaco as referentes à própria organização do Conselho. Minha indicação e as das outras colegas do Conselho ocorreram para que pudéssemos organizar sua primeira composição e elaborar seu regimento interno. Em 2008, o Conselho foi oficialmente constituído, por meio de Lei Municipal. Assim, de certo modo, repetia-se o que ocorrera quando da minha representação no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, mencionado anteriormente, no qual atuei na primeira gestão, ou seja, participar dos primeiros passos desses Conselhos, em São Carlos.

O tema da educação e trabalho sexual foi, também, objeto de outras produções do grupo, trabalhos publicados em anais de congressos, artigos e capítulos de livro. Em relação aos dois últimos tipos de produções, temos o capítulo *Percepções de prostitutas sobre o processo de educar-se nas experiências vivenciadas na noite*, no livro **EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA: CONSTRUINDO SABERES EM DIFERENTES CONTEXTOS**. (Doc. 15.7.7), e os artigos:

- *Taking a look on risks and violence in sex work in Brazil*, na revista **Research for Sex Work**, de Amsterdam, em 2001, em coautoria com Luciana Pereira e Joyce Moreno, esta última uma trabalhadora do sexo em São Carlos; (Doc. 15.5.5)
- *Prostitution in Brazilian Law*, em **Spread Magazine**, New York (EUA), em 2006, em coautoria com Fabiana Sousa e Mike Gilles, em 2002. (Doc. 15.8.13)
- Projeto de Educação em Saúde e Direitos junto a trabalhadoras do sexo, na **Revista de APS- Atenção Primária a Saúde**, em 2006, em coautoria com Flávia Ferreira e Fabiana Sousa. (Doc. 15.5.8)

Foram publicados, ademais, 10 trabalhos completos, em anais de congressos de Antropologia, de Gênero, Saúde e Educação, e 24 resumos.

Também, escrevemos artigos, em jornais de São Carlos, para recordar datas reivindicativas dos direitos das mulheres, além de expor nossos posicionamentos em relação ao trabalho sexual, inclusive após ação policial em que algumas prostitutas de São Carlos foram detidas (Docs 15.8). Foram os artigos:

- Trabalho sexual: direitos versus preconceito, em coautoria com Flávia Ferreira e Fabiana Sousa, publicado no jornal *Primeira Página*, em 2002
- Os tardios direitos das mulheres, em coautoria com Flávia Ferreira e Fabiana Sousa, publicado nos jornais *Informando UFSCar* e *A Tribuna de São Carlos*, em 2002.
- O trabalho sexual, em coautoria com Flávia Ferreira, Carina Silva e Fabiana Sousa, publicado nos jornais *Tribuna de São Carlos* e *Primeira Página*, em 2002
- Sobre a detenção das prostitutas na Getúlio Vargas, de minha autoria, publicado no jornal *Primeira Página*, em 2002.
- O trabalho sexual, em coautoria com Flávia Ferreira e Fabiana Sousa, publicado no *Dá Licença – Jornal do Centro Acadêmico das Ciências Sociais*, da UFSCar, em 2003
- Grupo de estudos sobre trabalho sexual completa 5 anos, no jornal *Primeira Página*, de minha autoria, em 2003.



➤ Dia Internacional da Prostituta: marco da organização e luta por direitos, em coautoria com Flávia Ferreira e Fabiana Sousa, publicado nos jornais *A Folha* e *Primeira Página*, em 2011.

A partir de 2006, o Grupo de Estudos sobre Trabalho Sexual (GETS) se formaliza como Grupo de Estudos dentro do Grupo de Pesquisa *Práticas Sociais e Processos Educativos*, sendo coordenado por Fabiana Sousa e por mim. Além de um espaço de estudos e formação de estudantes de graduação no tema, o GETs promoveu, em 2011, o Dia Internacional da Prostituta, nos dias 1 e 2 de junho, e intervenções teatrais, nas casas, sobre o uso da camisinha no projeto *Arte na boate: teatro popular em casas noturnas*. Em 2012, promoveu o Seminário de Aprofundamento de Estudos sobre Vitimização de trabalhadoras do sexo migrantes, com o Prof José Lopez Riopedre, docente da Universidad Nacional de Educación a Distancia, da Espanha.

A aproximação com os movimentos sociais, uma postura clara contrária ao abolicionismo e favorável ao reconhecimento da prostituição como trabalho, colocou nosso grupo da UFSCar próximo ao movimento social brasileiro anteriormente mencionado. Somos convidadas a escrever um artigo no jornal *Beijo da Rua*, em 2012, juntamente com outros pesquisadores (Doc. 15.8.17)<sup>15</sup>. Em seu artigo *Uma nova geração de pesquisadores da prostituição*, publicado nessa edição, Gabriela Leite Silva, uma das pessoas mais combativas e conhecidas desse movimento, “cansada da mesmice que fortalece o estigma e preconceito”, referindo-se às pesquisas de grupos acadêmicos, chama a atenção para a necessidade de pesquisas que possam ver a prostituição em perspectivas mais amplas e com a complexidade e contradições que o assunto exige. E complementa: “Thaddeus Blanchett, Elaine Bortolanza, Verônica Munk, Flavio Lens, José Miguel Olivar, Ana Beatriz Andrade, Fabiana Sousa e Maria Waldenez, Soraya Simões e Friederik Strack, todos se manifestando a partir de seus estudos, com uma linha em comum: sair da superfície e tentar entender o que chamo de estrutural na compreensão do que seja a prostituição”.

Esse projeto com prostitutas nos permitiu ampliar o olhar sobre as aprendizagens que se dão em espaços não escolares, os processos educativos presentes no trabalho sexual, entendido como uma prática social, na qual as pessoas, ao se relacionarem entre si, produzem, reproduzem e fazem circular saberes. Assim como em diversas práticas sociais, no convívio na noite, prostitutas, clientes e mediadores, como gerente, segurança, taxistas e outras pessoas, desenvolvem processos educativos em suas relações. A chamada “vida na noite”

---

<sup>15</sup> *Prostituição e tráfico de pessoas: teoria e cotidiano*, em coautoria com Fabiana Sousa.

ensina além daquilo que olhares preconceituosos poderiam imaginar, como: o uso de drogas, desonestidade, violência. Certamente, há, no trabalho sexual, processos desumanizantes, como de resto os há em inúmeras práticas sociais no contexto latino-americano, ou mesmo em grupos empobrecidos nos países ditos de primeiro mundo. Mas não se trata de eliminar ou combater o trabalho sexual, e sim combater tais processos desumanizantes, entre eles os que insistem em colocar a trabalhadora do sexo na invisibilidade dos sistemas públicos.

Em nossas pesquisas, desvelamos que a noite ensina, entre outras coisas, a não baixar a cabeça perante os problemas, ensina a lutar e nunca desistir de seus objetivos. A experiência adquirida na noite é passada adiante, principalmente para os clientes, que, muitas vezes, buscam, nessas mulheres, não sexo, apenas, mas também o seu saber de experiência, construído a partir de suas vivências na prática social da prostituição. As prostitutas relataram seus conhecimentos sobre as vulnerabilidades presentes no trabalho sexual, bem como as estratégias que aprenderam a desenvolver para minimizá-las. Particularmente, no que se refere ao espaço da casa noturna, as trabalhadoras relatam aprendizados sobre autoimagem, seja na convivência e troca de saberes a partir das experiências das colegas da casa, seja observando essas colegas. Foi nessa observação que perceberam o quanto a autoimagem e a autoestima influenciam na conquista do cliente. Educação para os direitos também está presente na convivência e na conversa com colegas, assim como para cuidados com a saúde, como, por exemplo, controle na ingestão de bebidas alcoólicas, uso de camisinha e cuidados com higiene.

A ampliação da compreensão acerca do trabalho sexual foi possível tanto devido ao tempo de aproximação e diálogo e ao vínculo com a comunidade das profissionais do sexo que nos abriram aos olhos sua realidade de trabalho e vida, quanto à composição multidisciplinar da equipe acadêmica, incluindo seus assessores. Essa composição permitiu visões diversificadas sobre o trabalho sexual e o planejamento de estratégias diferentes e complementares para dialogar sobre ele.

### ***1.8.3 O projeto sobre as práticas populares de saúde.***

Em agosto de 2005, a ANEPS-SP<sup>16</sup> realizou uma reunião, em Campinas, da qual participei. Entre outros pontos, debateram-se a inserção da Educação Popular,

---

<sup>16</sup> Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Essa Articulação e sua relação com minha trajetória serão mais detalhadas no tópico *Educação Popular e Saúde: produção acadêmica e militância*.

particularmente, das práticas populares de saúde, na formação profissional em Saúde. Concluiu-se que, entre as prioridades da ANEPS-SP, estaria a de empreender uma iniciativa de curso extracurricular em uma Universidade. Ofereci a UFSCar para o projeto piloto.

Retornando de Campinas, convidei os colegas que já atuavam no Programa de Extensão de Educação e Saúde, Aida Victoria García Montrone e Fábio Gonçalves Pinto. Também foi convidada a Professora Valéria Oliveira Vasconcelos, pesquisadora do Grupo de Pesquisa na Linha de Pesquisa *Educação, participação, direitos e saúde*. A partir de 2007, agregou-se à equipe a Professora Aline Guerra Aquilante, do Departamento de Medicina. Inspirávamo-nos em resultados de trabalhos já realizados pelo Grupo de Pesquisa, na área de Saúde, apontando que conhecimentos construídos nas diversas práticas sociais de pessoas e grupos, como nas tradições familiares e nas experiências de vida solidariamente compartilhadas, assim como conhecimentos técnicos e/ou científicos disponibilizados pelos profissionais de saúde, da educação e mesmo pela mídia, vão dando corpo a processos de enfrentamento de situações adversas, entre elas, a doença. A revisão bibliográfica nos dava conta de que, na construção do enfrentamento dessas situações, as pessoas buscam apoio não apenas nos profissionais do sistema de saúde, como indicava Loyola (1984), mas também, entre outros, nos que Queiroz (1991) denomina “agentes extra-oficiais”, como benzedores e farmacêuticos.

Delineamos o curso para nele haver debate sobre as racionalidades médicas<sup>17</sup>, além das biomédicas, bem como uma apresentação das práticas populares de saúde. Coerentemente com os princípios da Educação Popular, de valorização, fortalecimento da cultura e do conhecimento populares, concluímos que seriam os próprios cuidadores populares de saúde que falariam sobre suas práticas. Deparamo-nos com nossa falta de informação sobre onde estariam localizadas as pessoas que exerciam essas práticas. Mais uma vez, repetia-se o ocorrido no projeto com prostitutas. A marginalidade, desqualificação e, por vezes, criminalização dessas práticas as estavam colocando, bem como seus praticantes, na invisibilidade, pelo menos no que se tratava do âmbito acadêmico.

Diante dessa falta de informação, delineamos uma metodologia para o mapeamento dessas práticas. Formamos a equipe, no início de 2006, com vários estudantes como voluntários, a maioria do curso de Enfermagem. Antes de iniciar o levantamento, o grupo estudou e debateu sobre educação e saúde, racionalidades médicas, práticas alternativas de

---

<sup>17</sup> Luz (2003) demonstra que várias medicinas seguem um sistema complexo, simbólico e empiricamente estruturado, dando, assim, sustentação ao que a autora descreve como sendo as "racionalidades médicas".

cura em periódicos e livros das áreas das Ciências Sociais, Saúde e Educação. Encerrou-se o estudo com um Seminário, em que cada membro apresentou, detalhadamente, várias práticas/racionalidades médicas: medicina tradicional indígena; medicinas de origem africana; fitoterapia, uso de ervas e raízes; homeopatia; acupuntura; e apoio social em igrejas pentecostais, neo-pentecostais e católica. Esse seminário teve como foco responder aos seguintes tópicos: o que é, quando e onde surgiu a prática popular de saúde estudada, quando o sistema de saúde a incorporou, como entende o ser humano, como explica o processo de adoecimento, manifestações da doença (“diagnóstico”), cura (princípios, objetivos, processo), intervenção terapêutica (estratégias).

Em seguida, passamos ao trabalho de campo. Percebemos que não bastaria sairmos perguntando sobre cuidadores populares, de forma assistemática, pela cidade, ou decidirmos, entre nós mesmos, quem seriam os cuidadores a serem convidados para o curso. Um tema tão sério e marginal exigiria da equipe uma metodologia de levantamento que lhe desse rigorosidade e sustentação científicas. Deste modo, futuramente, poderíamos melhor argumentar junto à sociedade acadêmica acerca de uma realidade que lhe é invisível. Delimitamos as regiões de São Carlos de acordo com a divisão feita para o Orçamento Participativo, que divide a cidade em 13 regiões. Iniciamos pela região com que já tínhamos vínculo, com o Centro Comunitário e a Unidade Básica de Saúde, devido a trabalhos anteriores de extensão. A região escolhida foi a do Bairro de Santa Felícia.

Detalharei o levantamento na primeira região tanto a título de exemplo da metodologia empreendida, como para apontar a diversidade de práticas populares de que a população lança mão para o enfrentamento de seus problemas de saúde<sup>18</sup>. São práticas invisibilizadas no Sistema de Saúde e, o que é tão grave quanto esse fato, ausentes nos currículos de formação profissional em Saúde, conforme apontado na reunião da ANEPS-SP, mencionada acima, e nas revisões que fazíamos.

Na *1ª etapa*, de identificação das práticas, realizamos entrevistas com agentes comunitários da Estratégia de Saúde da Família, na unidade do bairro e com frequentadores (em sua maioria, mulheres) do Centro Comunitário. Teve o objetivo de identificar quem é procurado no bairro para os problemas de saúde e, especialmente, sobre as práticas “extraoficiais”, quem as pratica e onde estão localizadas. Utilizamos um roteiro de quarenta

---

<sup>18</sup> As informações aqui descritas fazem parte de relatórios do projeto enviados à Pró-Reitoria de Extensão, bem como de trabalhos relatados em eventos e de outras produções da equipe do projeto, que serão listados posteriormente.

perguntas, iniciando-se por perguntas semiabertas sobre problemas do bairro, quem é procurado, experiências pessoais, situação em que a menção de práticas ocorria de modo espontâneo. Ao final, o roteiro incluía perguntas fechadas, entre elas, um lista de práticas retirada da bibliografia consultada para o Seminário realizado, quando o entrevistado apontava a existência ou não de cada uma no bairro.

Na *2ª etapa*, de levantamento de informações e produção do catálogo, os praticantes eram localizados a partir das indicações obtidas junto aos entrevistados na primeira etapa. Quando a indicação pelo entrevistado não é suficiente, recorre-se a moradores próximos da localidade apontada. Mesmo assim, alguns praticantes não eram localizados. Houve, também, casos em que o local da prática foi encontrado, no entanto, havia “fechado” ou o praticante havia se mudado. O roteiro para entrevista foi construído com base nas dimensões das racionalidades médicas descritas na literatura, especialmente pela pesquisadora Madel Luz. Os praticantes que eram localizados e, assim que permitissem, eram entrevistados.

O catálogo objetivava mostrar a diversidade de expressões de práticas populares de saúde em que os moradores da região buscam apoio para o enfrentamento das situações de adoecimento. Foram elaborados a partir da síntese das informações obtidas nas entrevistas com os(as) praticantes. Após essa elaboração da síntese, ocorria a checagem do catálogo junto aos(as) praticantes entrevistados e, após, sua impressão definitiva e entrega qualificada.

Os catálogos eram produzidos dentro das dimensões das racionalidades médicas (morfologia, dinâmica vital, diagnose, sistema de intervenções terapêuticas e doutrina médica). Nem sempre, nas entrevistas, foi possível obter informações precisas e completas de cada uma das dimensões das racionalidades médicas. Neste caso, apresentava-se, no catálogo, o trecho ou as informações obtidas da entrevista que mais se aproximavam da dimensão que se estava buscando. As dimensões apresentadas em cada prática, no catálogo, não se pretendia que fossem categorizações dos dados obtidos nas entrevistas dentro da dimensão das racionalidades, mas como elementos da prática que se aproximavam de tais dimensões, lembrando que o objetivo do catálogo não era a categorização das práticas, mas sua apresentação aos profissionais de saúde de uma forma que estes as pudessem compreender da melhor maneira possível.

No levantamento da primeira região, entrevistamos sessenta e seis pessoas que frequentavam um Centro Comunitário e três agentes de saúde do Programa de Saúde da Família (PSF) daquele território. Deparamo-nos com uma imensa variedade, primeiramente de encaminhamentos que as pessoas davam a problemas de saúde, e, em segundo lugar, de

práticas populares de saúde. Sobre os encaminhamentos, as pessoas nos relatavam: Posto de Saúde do bairro (enfermeira, médico Clínico Geral e enfermeira do PSF), a assistente social do Centro Comunitário, a Pastoral da Criança, o Pronto-Socorro, benzedeiros, erveiros, igrejas católicas (Santa Rita, Santo Expedito, São João Batista), centros espíritas, grupos de oração, igrejas evangélicas e Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobre a existência de práticas, os dados foram obtidos numa combinação entre as perguntas semiabertas e as fechadas. A prática mais conhecida foi a de benzedeiro(a), apontada por 20 pessoas, as quais, em geral, mencionavam, também, algum fato ocorrido na sua vida ou na de algum membro da família. Essa prática aparece caracterizada por imposição das mãos e realização de orações. Uso de ervas e raízes, no benzimento, também aparecem, o que nos levou a considerar essas práticas em conjunto, com sete pessoas, no bairro, que as praticam.

A existência de farmácia foi mencionada por 16 entrevistados. O centro espírita foi apontado por 12 entrevistados. As igrejas católicas foram mencionadas por oito entrevistados. Entre as igrejas pentecostais foram mencionadas: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular. Entre as neo- ou pós-pentecostais, foram citadas as Igrejas Internacional da Graça de Deus e Renascer em Cristo. Entre outras igrejas, encontramos Igreja Adventista, Testemunha de Jeová, Igreja Batista e Salóm do Reino. Outras práticas identificadas: terreiro de Umbanda, massagista e acupunturista, yoga, aulas de alongamento do salão de uma igreja, grupos de oração e a procura pela assistente social do Centro Comunitário. Também, foi mencionado um programa de rádio. Houve referências à confecção própria de remédios caseiros, sendo os ingredientes mais citados: erva cidreira, melissa, guaco, alecrim, hortelã, poejo, barbatimão, boldo, dente de alho, mel, entre outros. Em relação a uso de raízes, dois entrevistados informaram preparar seus remédios mencionando raiz de arranha-gato, língua de vaca, entre outros. Mesmo este trabalho tendo adotado o recorte, apenas, do relato das práticas alternativas, vale informar que a Unidade de Saúde foi mencionada por 12 pessoas, que destacaram especialmente, o papel da enfermeira.

De 2006 a 2011, foram feitos levantamentos em três regiões. Na segunda região, entrevistamos 66 moradoras, frequentadoras do Centro Comunitário, e os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Foram citadas 22 práticas, sendo elas em ordem decrescente: igreja católica, farmácia, igrejas pentecostais e neopentecostais, centro espírita, outras igrejas, benzedeira, homeopatia, terreiros, massagista e acupuntura, erva, terapia comunitária e

raizeira. Na terceira região, entrevistamos 48 moradores e ACS de duas equipes de Saúde da Família. Foram mencionadas 90 práticas, sendo a igreja católica a mais citada, seguida da igreja pentecostal ou neopentecostal, com destaque para a Igreja Assembléia de Deus, farmácia/farmacêutico, benzimento, centro espírita, terreiros, erveiras, catolicismo popular, yoga, parteira, massagistas, acupuntura, homeopatia, raizeira.

Publicamos catálogos das três regiões (Doc. 15.6.10, 15.6.13 e 15.6.15). Percebe-se a gama de encaminhamentos que a comunidade do bairro dá aos seus problemas de saúde, o que não pode ser ignorado pelo Sistema de Saúde, nem pelos cursos de formação profissional em Saúde. Várias dessas práticas estão baseadas em racionalidades médicas que não a biomédica e que partem de visões diversificadas de ser humano e de processos de adoecimento e cura, entre outras.

De posse dos dados da primeira região, feito o convite aos praticantes, iniciamos a oferta do curso, inicialmente, em formato piloto, para o qual convidamos profissionais e estudantes de Saúde com quem já tínhamos contatos anteriores. O delineamento metodológico do curso foi conversado com alguns desses convidados, praticantes e na lista virtual da ANEPS-SP.

O curso tem 28 horas, dividida em 14 encontros de duas horas. Nos dois primeiros encontros, apresenta-se o contexto do curso e as referências teóricas e políticas de seu oferecimento. Apresentam-se a ANEPS, os resultados do levantamento das práticas populares de saúde e o referencial teórico das racionalidades médicas. Nos encontros seguintes, são apresentadas as práticas populares pelos praticantes das regiões onde foi realizado o levantamento, dedicando-se um encontro para cada praticante, totalizando-se a apresentação de seis práticas. Não é objetivo do curso ensinar a prática, mas apresentar os aspectos que o praticante considera que devam ser apresentados e entendidos pelos estudantes. Essas apresentações são intercaladas com encontros de estudo de textos oferecidos pelos praticantes para aprofundamento do estudo da prática e análises das práticas por grupos de alunos. O produto final do curso constitui uma reflexão crítica sobre a inserção, ou não, dessas práticas nos serviços onde os participantes atuam. Os grupos de estudantes debatem e sugerem como construir o diálogo com as práticas populares de Saúde, nas Unidades de Saúde e nos demais espaços de atuação. Destaque-se que são propostas “para si mesmos”, ou seja, ações que o estudante avalia serem possíveis de realizar dentro de seu espaços de atuação.

Nessa primeira oferta, tivemos 23 concluintes. Em 2008, 2009, 2010 e 2011, foram 17, 32, 29 e 46 concluintes, respectivamente, incluindo docentes, profissionais e alunos das áreas

de Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Medicina, Psicologia, Gerontologia, Nutrição, Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Serviço Social e Educação Física.

No semestre contrário ao da oferta do curso, abríamos um grupo de estudos, com reuniões quinzenais, para interessados(as).

O projeto teve financiamento da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), da UFSCar, desde seu início, em 2006. Nos anos de 2010 e 2011, foi executado, em parceria com a Incubadora de Cooperativas, da UFSCar, no projeto de pesquisa “Proposição de diretrizes para políticas públicas em Economia Solidária como condição para desenvolvimento de território urbano: caso Jardins Gonzaga e Monte Carlo; São Carlos SP”, recebendo financiamento, também, do Programa de Extensão Universitária – PROEXT, do Ministério da Educação, do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas – PRONINC, do Ministério do Trabalho e Emprego, da FAPESP e da FINEP.

No período de 2006 a 2011, orientei cinco alunos de iniciação científica, nesse Projeto sendo, em 2008, Jéssica Valéria Moraes, no trabalho *Atenção à saúde da mulher nas práticas tradicionais populares de saúde*, e Natália Sevilha Stofel, pesquisando *Medicina Popular na perspectiva da formação e prática profissional em Saúde*. Em 2010, orientei: Silvana Faraco Oliveira, em *Inserção das práticas populares de saúde na atividade profissional*; Hananiah Tardivo Quintana, pesquisando *Morar e trabalhar na mesma comunidade: a visão do praticante de práticas populares de Saúde*; Fabiana Arruda Xavier, em estudo sobre *Práticas integrativas e populares de Saúde e a formação básica do(a) enfermeiro(a)*. Além das orientações de iniciação científica, orientei 11 estudantes em bolsa extensão ou voluntários .

Apresentamos os resultados do projeto em oito eventos, em alguns deles, com publicação de trabalho completo.

Com base das experiências do projeto, publiquei, em 2010, o capítulo *Os serviços de saúde e os saberes populares*, no livro organizado pela Rede de Educação Popular e Saúde (Organizadores: Maria Amélia Medeiros Mano e Ernande Valentin do Prado) (Doc. 15.7.6), em que aponto:

Nossa formação profissional na área da saúde é profundamente permeada por uma visão mecânica, empírica e analítica de mundo e de ser humano<sup>19</sup>. Temos dificuldade em compreender as racionalidades médicas populares, em que o corpo e mente/alma não se dissociam, ou em que a morfologia e a

---

<sup>19</sup> Digo “nossa”, pois sou enfermeira e professora de curso de graduação em Enfermagem.



dinâmica vital humanas transcendem o corpo “físico” alcançando as relações entre pessoas, a psique. As agências e instituições que formam profissionais de saúde mantêm a hegemonia de um certo conhecimento sobre outro, desqualificando o saber popular, e quando este não coincide com o científico, é comumente denominado de “mito” que a população constrói acerca de sua saúde. (OLIVEIRA, 2010, p.244-245).

Temos já publicado o artigo *Práticas populares de Saúde e a saúde da mulher*, em 2010, em coautoria com Jéssica Moraes, na **Revista de APS** – Atenção Primária à Saúde (Doc. 15.5.18).

Temos três artigos aceitos para publicação, em 2013: *Semeando o diálogo com as práticas populares de saúde na formação profissional: a universidade se abre para o saber popular*, nos **Cadernos de Educação Popular e Saúde**, em coautoria com Victoria Montrone, Aline Aquilante e Fábio Pinto; *Diálogo entre profissionais de Saúde e práticas populares de Saúde*, na **Revista de APS**, em coautoria com Silvana Faraco e *Morar e Trabalhar na mesma Comunidade: a Visão de Praticantes Populares de Saúde*, em coautoria com Hananiah Tardivo Quintana, na **Revista de APS** (Docs. 15.5.24, 15.5.26 e 15.5.27).

Em 2012, pude participar de RODA DE CONVERSA, no V Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, sobre *Diálogo entre práticas populares e formação e práticas profissionais de cuidado à saúde*. Nessa RODA, participou Dona Francisca América dos Reis, parteira e benzedeira. Pudemos construir nossa fala juntas, num dueto, articulando o conhecimento científico e o que este apontava sobre os processos de desqualificação das práticas populares de saúde e sua ausência na formação profissional em saúde, e a experiência de Dona Francisca sobre esses mesmos aspectos, complementando-se uma à outra.

Ainda em 2012, recebemos o Prêmio Victor Valla de Educação Popular em Saúde, em duas categorias: 1º lugar, em Produção Áudio Visual, com o vídeo *Mapeps: mapeamento de práticas de educação popular e saúde*<sup>20</sup>, 8º e 9º lugares, em Pesquisas e Sistematizações, com a pesquisa *Morar e trabalhar na mesma comunidade: a visão do praticante de práticas populares de Saúde*, de autoria de Hananiah Tardivo Quintana, resultado de seu trabalho de Iniciação Científica, e a sistematização *Mapeamento de experiências de Educação Popular e Saúde de São Carlos*, de autoria dos coordenadores do projeto (Doc. 7.3).

---

<sup>20</sup> Disponível no youtube, com a palavra MAPEPS.

#### ***1.8.4 Produção de conhecimento em Educação Popular e Saúde: reflexões e contribuições da extensão e da pesquisa em práticas sociais e processos educativos.***

Uma das coisas que mais me chamou a atenção nos encontros que tive com Valla, no pós-doutoramento, foi a sua peremptória certeza de que não há imobilismo por parte da população. Em face do aumento do desemprego e da pobreza e diante do investimento governamental insuficiente para a solução de problemas básicos que afligem as classes populares, a equipe dirigia sua atenção de forma a compreender como os grupos populares da Leopoldina, diante da crise, vinham se defendendo e buscando a sua sobrevivência.

A característica da gente é estar presente no meio da população de forma sistemática. A própria idéia de projetos de pesquisa vem do encontrar-se de forma sistemática com a comunidade. Talvez a gente tivesse uma certa característica de basismo, que eu não vejo como termo pejorativo. Eu trago isto é proposta de trabalho com a população [...] você só vai saber o que a população pensa se estiver junto com ela, se reunindo. (Entrevista à autora. In: OLIVEIRA, 2003).

Valla me alertava para olhar as várias iniciativas e conhecimentos populares. Há uma desvalorização do “popular” que se expressa na relação desigual entre diversas culturas, em nosso cotidiano, como Dussel nos aponta em seu texto acerca da cultura popular e cultura ilustrada (1974). Essa relação, diz o autor, se dá notadamente entre a cultura escolarizada – historicamente europeia – e a não escolarizada – historicamente índia, negra, mestiça; relação desigual entre os conhecimentos científicos e os populares, entre as formas de expressão acadêmicas e as populares.

Na pesquisa sobre práticas populares de saúde, temos tido oportunidade de trabalhar, tanto na pesquisa como na extensão, a confrontação entre a cultura erudita e a popular, entre as diferentes visões de mundo do profissional de Saúde e dos grupos populares. A formação do profissional de Saúde se dá, basicamente, numa cultura erudita (BOSI, 1992), aliada ao cientificismo e à biomedicina (STOTZ, 2007). Nesse caldo cultural, a cultura popular e suas práticas de saúde são percebidas como algo exótico, folclórico, advindas de uma tradição oral e, portanto, sem consequências comprovadas para a cura. Temos dificuldade em compreender as racionalidades médicas populares, em que o corpo e mente/alma não se dissociam, ou em que a morfologia e a dinâmica vital humanas transcendem o corpo “físico” alcançando as relações entre pessoas, a psique.

Nossas pesquisas têm desvelado a educação que ocorre nas relações entre pessoas, e entre pessoas e grupos, nas práticas sociais. As pessoas se formam em todas as experiências de que participam, em diferentes contextos, ao longo da vida. Por vezes, há o senso comum de que, em grupos sociais marginalizados, nada se aprende, ou de que se aprendem apenas habilidades e valores tidos como negativos. Em nossas investigações, temos desvelado que, por exemplo, na prática social da prostituição, aprendem-se algumas habilidades como olhar, ouvir, conversar e ter humildade, que são empregadas pelas mulheres com intenção de ampliar a compreensão da realidade, seja na noite ou em outras esferas de sua vida, como nos relacionamentos afetivos e no convívio com amigos e familiares. Aprende-se sobre saúde, autoestima, prevenção, cuidados com a segurança pessoal (OLIVEIRA; SOUSA; FERREIRA, 2006; SOUSA; OLIVEIRA, 2011).

Ademais, nossos estudos vêm mostrando que processos educativos se desenrolam em práticas sociais, inclusive nas escolares ou nas escolarizadas, como as de saúde. Os sujeitos que participam de tais práticas interconectam o aprendido em uma prática com o que estão aprendendo em outra; ou seja, o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, na unidade de saúde, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que os profissionais de saúde visam proporcionar (VANGRELINO; OLIVEIRA, 2007; SIQUEIRA; OLIVEIRA, 2010; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2012). Porém, tais experiências e contextos nem sempre são identificados pela instituição de saúde ou escolar; e, no caso de sê-lo, não são reconhecidos como qualificados na produção da saúde.

Valorização do conhecimento popular: eis um tema cuja discussão se mostra fundamental em sociedades que se baseiam nas informações – científica, midiática e técnica – , mas que não reconhecem as informações produzidas pelos grupos populares, exibindo uma “arrogância transmissivista” (MARTELETO; STOZ, 2009). Educação bancária, como nos define Freire (1987). O conhecimento, na perspectiva da educação popular, não é de domínio de certo grupo ou classe e, para ser acessível à população, precisa apenas ter sua transmissão facilitada ou suas informações simplificadas (CARVALHO; ACIOLI; STOTZ, 2001).

Em nossas pesquisas, temos tomado como objeto os processos pelos quais o conhecimento é construído nas práticas sociais, nas relações entre pessoas, entre pessoas e grupos. Em artigo escrito por professoras da linha de pesquisa, alertamos que

As práticas sociais tanto podem enraizar como desenraizar ou levar a criar novas raízes. O enraizamento parte e busca manter vivas as tradições,

entendidas como as referências primeiras que sustentam visões de mundo e permitem que sejam refeitas, sem abandonar sua origem (BORNHEIM, 1978). O desenraizamento, como ensinam Simone Weil (1979) e também Stuart Hall (2003), partindo de diferentes contextos, pontos de vista e em datas distintas, expropria seres humanos, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades (OLIVEIRA, SILVA, GONÇALVES JUNIOR, MONTRONE, JOLY, 2009. p.5).

Nessa primeira intenção, vêm sendo conduzidas nossas pesquisas. No entendimento de que conhecimento é construído no diálogo entre sujeitos, pois conhecimento, aqui, é consciência da realidade e da condição humana. Se diálogo entre sujeitos, é educação não alienada e não alienante.

Para que o diálogo ocorra, são necessárias motivações políticas e existenciais, afetividade, gostar de estar na comunidade, adicionadas a outro elemento-chave: a convivência (OLIVEIRA, 2003b). Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente à frente. Conviver é mais do que visitar, e não é algo que possa ser delegado; requer um envolvimento pessoal, observando, perguntando e conversando. A convivência permitirá perceber o que cotidianamente aflige as pessoas, repensando o trabalho coletivo e elaborando conjuntamente políticas públicas mais condizentes com a concretude do cotidiano.

A dimensão coletiva, criada a partir das condições de vida das pessoas, distingue claramente a educação popular em saúde, transformadora, daquelas propostas alternativas individualizantes (VALLA, 2001). Este agir requer uma interpretação e uma compreensão não só das condições e experiências de vida e da ação política da população, mas, também, conjuntamente, uma clareza das representações e visões de mundo dessa população (Valla, 1996). Visões diferentes, complementares...

No encontro com grupos populares, tem-se a fala da população que é quem sabe da vida que vive e a fala do técnico, que é um saber também de vida, mas recortado pela técnica, pela ciência, pela escolaridade. A relação com o tempo, com o dinheiro, com o consumo é diferente. Reconhecer que somos diferentes não deveria redundar em posturas inferiorizadoras por parte de quaisquer grupos ou pessoas. (OLIVEIRA, 2009b, p. 314).

Nas pesquisas que tenho conduzido ou orientado, buscamos o reconhecimento de que os saberes da população “[...] são elaborados sobre experiência concreta, sobre vivências

distintas daquelas do profissional” (VALLA, 1996, p. 14), portanto, saberes apenas diferentes mas, não inferiores. E quando da interação entre sujeitos, os conhecimentos sejam compartilhados e não hierarquizados (CARVALHO, ACIOLI e STOTZ, 2001).

A intenção do “processo de conhecer” é superar, lançar-se mais além, libertar-se dos limites, localizar-se no mundo, iluminá-lo e percebê-lo, não como espetáculo, mas como obra (FIORI, 1986). “A cultura se faz, pois, num fazer que, reflexivamente, se percebe fazendo: é o saber da cultura” (FIORI, 1986, p. 8), que se constrói nas intersubjetividades, elaborando o mundo em comunhão.

A formação de profissionais e pesquisadores em Educação Popular e Saúde é formação para a diversidade. Propiciar espaços, discussões e vivências em que se compreenda a estreita relação entre a diversidade, a subjetividade e a inserção do profissional e o pesquisador em Educação em Saúde. Formação para conhecer essa mesma relação na vida de pacientes, usuários do sistema de Saúde e de outras pessoas com as quais vai trabalhar.

Propiciar espaços educativos onde possa haver a construção de conhecimento centrado culturalmente. Recuperar a memória cultural, crítica e epistemológica do conhecimento. Engajar os orientandos de graduação, de pós-graduação em um processo de educação permanente, em uma reflexão crítica a respeito de seu conhecimento, sua pesquisa e suas práticas educacionais no contexto da luta das comunidades por saúde e condições de vida. Propiciar espaços para que os orientandos desenvolvam a capacidade de discernir os interesses da comunidade, bem como a confiança, a coragem e o comprometimento para usar sua capacitação profissional e suas habilidades em benefício da comunidade. Prática de pensar a respeito da prática.

Nesses espaços, exercitar um pensamento crítico, emergir da realidade para melhor admirá-la e nela inserir para transformá-la.

## 1.9 EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: PRODUÇÃO ACADÊMICA E MILITÂNCIA.

Meu encontro com pesquisadores, educadores e militantes da EPS no II Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, realizado em 2001 e em Brasília e o posterior estágio de pós-doutorado na FIOCRUZ, em 2002, ampliaram e aprofundaram meu conhecimento sobre Educação Popular e Saúde. Mais do que isso, me colocaram em contato com um amplo e diverso grupo de pessoas envolvidas com a EPS no Brasil. Por este motivo, muito do que está relatado nesta parte do memorial, refere-se a um “nós”, que não intenta evitar de dizer “eu”, mas sim, reconhecer que muitos dos processos e produtos aqui relatados foram construídos em comunidade com essas pessoas.

Meu contato inicial com um grupo organizado de EPS foi com a Rede de EPS e com o GT de Educação Popular e Saúde, da Associação Brasileira de Pesquisa em Saúde Coletiva (ABRASCO). A Rede de Educação Popular e Saúde teve seu início em 1991 como Articulação, passando em 1998 à Rede. Constitui-se em uma articulação de profissionais de saúde, pesquisadores e movimentos sociais. O GT teve início em 2000, e congrega pesquisadores membros da ABRASCO que pesquisam no campo da Educação Popular e Saúde.

Em novembro de 2002, coordenei, juntamente com Eduardo Stotz, uma oficina dessa Rede, durante a III Conferência Regional Latino-Americana de Promoção da Saúde e Educação Para a Saúde. Consideramos relevante entendermos o momento e as perspectivas políticas abertas pela eleição de Lula, para situar novas possibilidades de atuação da Rede de Educação Popular e Saúde. A educação popular, até aquele momento, havia sido desenvolvida numa situação de oposição ao governo. Perguntávamo-nos: “O que se deveria fazer a partir da mudança de “lugar” (de oposição a apoio a um governo popular e democrático)?”. Trecho do relatório da oficina, abaixo transcrito, pode contextualizar melhor as decisões posteriores dessa Rede em relação à participação no governo Lula:

O compromisso da Educação Popular é com a voz e a vez daqueles a quem a humanidade tem sido sistematicamente negada. A Rede de Educação Popular deve continuar a ser uma articulação de pessoas vinculadas a instituições que lutam por um novo modo de fazer saúde, de pensar e implementar políticas, apoiar, mas não fazer parte do governo. Ou seja, somos “planície”, não devemos ser “montanha”. Não quer dizer que individualmente não devemos participar do governo. Nem que devamos ficar à margem. Pelo contrário, temos de ser propositivos. É preciso então dizer o que propomos. Dar o sentido político a promoção da saúde pode significar

seguir uma linha em que os sujeitos que são atores da demanda lutem pelo seu projeto social. E espaço das Secretarias de Saúde, por exemplo, poder ser espaços de efetiva participação. (REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE, 2002, p.4).

A partir dessa oficina, a Rede escreveu uma “Carta a Lula” apontando os desafios da democratização do acesso ao Sistema de Saúde e de ampliação da participação social nos destinos do SUS, além de informar sobre o trabalho que já vinha sendo feito pelos educadores populares de Saúde e como a EPS poderia contribuir nesse governo. As articulações em torno da carta propiciaram a institucionalização da EPS, primeiramente da Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde - SGETS, e posteriormente, com a reorganização administrativa e política, na Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa - SEGEP. Militantes da Rede foram convidados a participarem nessa gestão. Maria Verônica Santa Cruz de Oliveira assumiu o cargo, no Ministério da Saúde – MS, convidando um grupo de pessoas da Rede de Educação Popular para uma reunião, no Rio de Janeiro, com o objetivo de debater sobre os desafios dessa institucionalização, encontro do qual participei.

Para me preparar para esse encontro, reuni-me com alguns colegas da UFSCar que já vinham de experiências de movimentos sociais de larga trajetória e com relações anteriores com governos federal ou estadual, como o Movimento Sem Terra, o Movimento Negro ou o Movimento de Docentes do Ensino Superior. Ouvi suas preocupações, conselhos e alertas, bem como as análises dos desafios em face do novo governo que se iniciava.

De posse dessas anotações organizadas em um documento, fui a essa que seria a primeira reunião entre a Rede de Educação Popular e Saúde e o Ministério da Saúde para debater a institucionalização da EPS. Alguns meses depois, Verônica sai do Ministério, e José Ivo Pedroza, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), ocupa o cargo de Coordenador das Ações de EPS, onde permanece por todo o governo Lula.

No início do governo Lula, o Professor Stotz e o Professor Valla começaram debates com outros militantes sobre a necessidade de uma Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (posteriormente, denominada ANEPS), que desse visibilidade e potência organizativa aos pequenos movimentos e práticas. A partir da plenária realizada em Brasília, em 2 de agosto de 2002, durante o VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, abriu-se o processo da organização dos movimentos e práticas de educação popular e saúde nos estados.

Em 2003, foram realizados encontros estaduais em 21 estados, com cerca de 1500 participantes, representando a articulação de lideranças e ativistas de movimentos sociais, profissionais e técnicos de saúde e pesquisadores universitários. Por intermédio desses encontros, conduziu-se uma pesquisa nacional sobre tais movimentos e práticas. Esse processo formalizou a instalação da ANEPS. Participei da organização do encontro em São Paulo (Doc. 15.15.9), realizado em Campinas, e da organização da ANEPS, em São Paulo, bem como de suas reuniões, desde o início dessa organização.

A participação na ANEPS-SP propiciou os debates originários do Projeto *Mapeamento e Catalogação Inicial de Práticas de Educação Popular e Saúde de São Carlos – MAPEPS*, iniciado em 2006, já descrito anteriormente. Como escreveu Petronilha,

[...] as pesquisas se constituem em possibilidade de luta, quando de um lado levam em conta os objetivos e prioridades de um grupo social marginalizado pela sociedade [...], de outro, quando são desenvolvidas para oferecer suporte para a solução de problemas da comunidade [...] a pesquisa como instrumento e forma de luta, sem deixar de ter em conta os interesses e a carreira do pesquisador, prioriza as perspectivas do grupo, do movimento social com o que o pesquisador trabalha (SILVA, 2003, p.30).

Em 2003, voluntariei-me para organizar a publicação do Boletim *Nós da Rede*, editado pela Rede de Educação Popular e Saúde. Nesse número, busquei abarcar as questões mais atuais da EPS, naquele momento, como o processo constitutivo da ANEPS, a Política de Práticas Integrativas de Saúde, entre outros temas, trazendo falas de profissionais de saúde, pesquisadores, artistas populares, estudantes. O Boletim foi publicado em 2005 (Doc. 15.6.9).

A partir de 2003, vários encontros foram realizados pelo país com o intuito de se discutirem as estratégias e ações de EPS no governo. Nutrido pelas reflexões oportunizadas por esses encontros, José Ivo elaborou os objetivos da Coordenação de Ações Populares de Educação na Saúde, do MS, à qual estava à frente, apontados no documento *A educação popular no Ministério da Saúde* (PEDROSA, 2003). Em 2004 e 2005, realizamos Seminários Nacionais de EPS, em Brasília. Além de participar da organização, no primeiro deles, participei de mesa redonda abordando o tema da *Pluralidade na Educação*. Nessa mesa, pude articular nossas pesquisas sobre processos educativos e a formação profissional em Saúde. No segundo, propus e coordenei uma mesa-redonda sobre *Educação Popular e Formação Profissional em Saúde*, reunindo especialistas de universidades e movimentos sociais para debaterem suas experiências de formação profissional seja em espaços escolares ou não



escolares, seja na educação permanente em Unidades de Saúde. A diversidade de espaços pedagógicos na formação profissional foi trazida à mesa, em mais uma articulação entre o que se produzia na UFSCar e o que se realizava na Rede de Educação Popular e Saúde.

Em 2005, consolidou-se a Articulação Nacional de Extensão Popular – ANEPOP, oportunizando uma relação dialógica entre extensionistas e movimentos sociais e organizações comunitárias. Uma forte linha de atuação da ANEPOP, desde o seu início, é a Educação Popular e Saúde.

A partir da consolidação da ANEPOP, examinando o contexto nacional em 2005, temos quatro coletivos nacionais de Educação Popular e Saúde: Rede, GT, ANEPS e ANEPOP, que se mantêm atuantes até hoje.

Em 2006, iniciamos na Rede a proposição do III Encontro Nacional de EPS. O grupo da UFSCar, constituído pelos estudantes e professores da Linha e Grupo de Pesquisa indicavam a capacidade de acolher o Encontro e assim nos propusemos a sediá-lo. O I Encontro havia sido realizado em 1991, o II em 2001. Minha inserção na Rede mostrava-me a imensa produção e riqueza de debates que me pareceu ser o momento de propor este espaço de socialização.

Importante relatar, mesmo que brevemente, as condições financeiras desse Encontro, para poder dar o destaque devido à equipe local, a qual foi vital para que o Encontro fosse bem sucedido.

Submetemos o projeto ao edital de eventos do Departamento de Ciência e Tecnologia, do Ministério da Saúde, e fomos contemplados com R\$50.000,00. Com esta verba realizamos o encontro Nacional, acrescida da verba das inscrições, que variavam de R\$10,00 a R\$50,00, com possibilidade de isenção. Providenciamos alojamento, lanches de manhã e à tarde, fichas para refeição no Restaurante Universitário. Procuramos, com essas ações, afirmar nossa intenção de que os grupos populares aqui viessem e participassem, mesmo com a curta verba de que dispúnhamos. A verba, aprovada em julho de 2006, foi depositada apenas em fevereiro de 2007, sendo o encontro realizado em março de 2007. Durante esse período, contamos com a confiança de todos os parceiros de São Carlos – empresas, gráficas, etc. – para podermos colocar o *site* no ar, fazer o *design* dos cartazes, elaborar Anais, etc. A trajetória de anos de nosso trabalho na UFSCar, sem dúvida, foi nossa avalista.

A equipe local, atuando de forma descentralizada e autônoma, conseguiu dar conta de todas as etapas de planejamento e execução do Encontro, que teve como tema *Conhecimentos*

*e práticas para a saúde e justiça social.* Foram mais de 20 pessoas envolvidas localmente no evento, sendo Foram mais de 20 pessoas envolvidas localmente no evento, sendo apenas Profa Victoria e eu com alguma experiência em organização de eventos. Os demais eram estudantes, havendo, também, uma profissional da Secretaria de Cidadania, de São Carlos. Assim, fizemos o Encontro Nacional, da mesma forma que realizávamos nossos trabalhos de pesquisa, extensão e ensino: os conhecimentos trocados na horizontalidade, os vínculos e compromissos sustentando as relações. Com esta base, já constituída em nossas relações entre estudantes e professoras, fundamos igualmente as relações na comissão organizadora do Encontro. Pessoas dedicadas à sua realização, cada qual cumprindo de maneira cuidadosa as tarefas que sugeriu, que se comprometeu, compartilhando afazeres, compromissos.

Não diferente foi sua organização nacional, com 14 pessoas compondo a comissão organizadora nacional, 27 avaliadores de diferentes instituições pelo país. Uma comunidade de trabalho nacional e local. Em sua organização, o Encontro apresentou inovações em relação aos eventos da área da Saúde da época (2007), ao promover rodas dialogadas de apresentação de trabalhos em pôsteres; sessões de comunicação coordenada, com disponibilidade de tempo para aprofundamento dos debates, além de variada programação cultural, a qual foi construída com o apoio dos movimentos e organizações populares locais. Contaram-se cerca de 800 participantes, e foram apresentados 120 trabalhos em pôsteres e 180 trabalhos em comunicação oral, cujos resumos foram organizados em Anais (Doc. 15.10.9).

Nesse Encontro, nosso Grupo de Pesquisa apresentou trabalhos, já mencionados no tópico específico dos projetos de pesquisa.

Ao final do Encontro, em Assembleia da Rede de Educação Popular e Saúde, sou nomeada sua coordenadora.

Nesse ano e no seguinte, 2008, as reflexões provenientes de minha atuação junto à Rede de Educação Popular e Saúde ensejaram a publicação de três artigos, dois deles em coautoria com outros colegas da Rede:

- Educação Popular e Saúde, na ***Revista de Educação Popular***, em 2007 (Doc. 15.5.9) ;
- Educação Popular e Saúde: campo estratégico para a Enfermagem, em coautoria com Helena M. S. L. David; Eduardo N. Stotz e Vera J. Bornstein, publicado na revista ***Enfermagem Atual***, em 2008 (Doc. 15.5.9)

➤ *Educação Popular e Saúde: algumas definições, vários compromissos e os desafios de um movimento social singular*, em coautoria com Eduardo N. Stotz, Helena, M. S. L. David e Julio Wong-Un, publicado como capítulo do livro EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS; DIMENSÕES EDUCATIVAS NA SOCIEDADE GLOBALIZADA, 2008 (Doc. 15.7.5)

Em 2008, organizamos o IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, nas instalações do SESC Iparana, no Município de Caucaia, vizinho a Fortaleza-CE. Foram 60 trabalhos em comunicação oral e cerca de 100 trabalhos apresentados na modalidade de pôster.

A Educação Popular, nessa época, já havia conseguido o reconhecimento no Ministério da Saúde, ao ter seu nome colocado também na antiga Coordenação de Ações Populares em Educação e Saúde, que passou a se denominar Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e à Mobilização Social. Porém, análises feitas durante o IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde davam conta de riscos de continuidade de algumas políticas e arranjos feitos junto a setores de governo, em meio ao segundo mandato de Lula. Nesse contexto, a ANEPS articulou uma reunião entre os coletivos de EPS e a gestão da Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e à Mobilização Social. Nesse encontro, de que participei como Coordenadora da Rede, saímos com uma carta ao Secretário de Gestão Estratégica e participativa onde propúnhamos a criação de um Grupo de Trabalho colaborador da Coordenação para fomentar a articulação permanente e sistemática do movimento de Educação Popular e Saúde com a Secretaria de Gestão Participativa. Propusemos, também, a elaboração de um programa conjunto SEGEP - movimento de Educação Popular e Saúde, através dos coletivos de EPS acima mencionados, com o objetivo de fomentar ações permanentes de formação para fortalecer a participação popular e o controle social. Entregamos a carta em reunião com o Secretário, onde pudemos expressar nossas preocupações e propostas.

Como fruto dessa reunião, o Secretário decidiu instituir um Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde (CNEPS) que tem, entre outros objetivos, participar da formulação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS - PNEPS, bem como acompanhar a sua implementação e avaliação; apoiar os processos de educação permanente para o controle social; contribuir com a construção das bases pedagógicas para a educação em saúde, no SUS; contribuir com as ações de extensão universitária, pesquisa e ensino das instituições e centros de ensino.

Durante o ano de 2008, debatíamos, juntamente com os gestores no Ministério da Saúde, acerca da composição do comitê. Vale destacar a abertura da SGEF ao acolher, para o Comitê, articulações, redes que não dispunham de uma formalização jurídica, mas sim de legitimidade histórica. Além do que ousou, ao compor o comitê, em sua maioria representantes de movimentos sociais e da sociedade civil. Listarei tais movimentos a seguir, para mostrar a diversidade na composição do comitê. Participei do comitê como representante titular da Rede de Educação Popular e Saúde (Doc. 15.11.3). O convívio nessa diversidade me foi de grande aprendizado acerca dos movimentos sociais brasileiros, da gestão no Ministério da Saúde e sobre elaboração e implementação de políticas públicas: ANECS, REDE, ANEPOP, ABRASCO, MST, CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), MOPS (Movimento Popular de Saúde), MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase), MMC (Movimento das Mulheres Camponesas), Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde, CMP (Central de Movimentos Populares), Confederação Nacional dos Agentes Comunitários de Saúde, Rede Nacional de Parteiras Tradicionais.

Além dos movimentos listados, também contamos com a participação de representantes de várias áreas técnicas de governo, além da própria SGEF: SAS (Secretaria de Atenção a Saúde), SVS (Secretaria de Vigilância à Saúde), SCTIE (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos), SEGETS (Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde), FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), ANS (Agências Nacional de Saúde Suplementar), FIOCRUZ.

Compareceram, ainda, ou se fizeram representar, Secretários de Saúde dos Estados e Municípios, através do CONAS (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) e CONASEMS (Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde).

Minha participação no CNEPS, além de representar a Rede, portanto, fazer a comunicação Rede-CNEPS, entendi-a, também, como um trabalho de extensão, onde pude colocar à disposição os conhecimentos para a elaboração da Política e das demais ações do CNEPS. Menciono, como exemplo, um momento de escrita da Política, quando definíamos os eixos, os conceitos-chave. Minha experiência na pesquisa em Educação Popular levou-me a participar de Oficina de Consenso, realizada em Brasília (em 2011), onde, juntamente com outros pesquisadores, pessoas dos movimentos sociais, trabalhadores do SUS e gestores, escrevemos o que depois se intitulou, no texto da Política, seus *Princípios Teórico-Metodológicos e seus Eixos Estratégicos*.

Em 2008, em colaboração com Helena S. David, edito mais um número do Boletim *Nós da Rede*, trazendo como tema os resultados do IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, como a EPS pode ser utilizada em situações de epidemia (como a que enfrentávamos em relação à dengue), entre outros temas. Ao final, a EPS na América Latina, com um artigo relatando a experiência na Argentina (Doc. 15.6.11). Procurávamos, nessa produção, mostrar a abrangência da abordagem da Educação Popular. Mesmo em situação de epidemia, quando, em geral, utilizam-se primordialmente campanhas e ações emergenciais, que apressadamente dispensam relações dialógicas com grupos populares, quando não impõem uma “ditadura de urgência” (VALLA, 1993), lá estava colocada a possibilidade da Educação Popular.

Em 2008, submeti ao editor da EDUFSCar, os originais do livro organizado pela Rede intitulado *VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE*, apresentando o histórico de produção bibliográfica da Rede, o processo de construção participativa do livro na Rede e o público potencial para leitura do livro. A Editora acolheu a submissão. O parecer, aprovando a publicação, enaltece que o livro mostra “como o conhecimento técnico, o conhecimento daquilo que idealmente deveria ser feito na busca de melhores condições de Saúde, embora importante, é apenas uma pequena parcela do conhecimento exigido para se atender a mencionada e como esse último conhecimento tem de ser adquirido no contato com a comunidade, por meio de uma busca permanente de diálogo com o outro e de sensibilidade para suas necessidades e valores”. Por fim, o parecer recomenda a publicação da obra que, “embora se destine em princípio a profissionais da área de principalmente aqueles que trabalham com Saúde comunitária, tem potencial para interessar qualquer leitor que se preocupe com a realidade nacional e para motivar jovens estudantes dessa área que ainda tenham idealismo”. Além de acolher, animar a Rede à escrita e colaborar com o processo dos organizadores, incluindo a intermediação com a Editora, publico nesse livro o capítulo *Os serviços de saúde e os saberes populares*, já mencionado (Doc. 15.7.6).

Também em 2008, termino a organização de um número do *Caderno CEDES* sobre “Educação Popular e Saúde”, articulando autores da Rede de Educação Popular e Saúde e do GT de EPS, da ABRASCO (Doc. 15.6.12). Porém, o título não pode permanecer este, em vista de ponderações do editor do periódico, de que já havia um título recente sobre Educação Popular. Ao final, o *Caderno Cedes nº 79* intitulou-se *Refletindo sobre práticas de educação e saúde*, tendo sido lançado em 2009. Nele, publiquei o artigo *Pesquisa e trabalho*

*profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora* (Doc. 15.5.16 e 15.5.17).

Em 2009, pela primeira vez, a Rede participa do Fórum Social Mundial com uma programação articulada pelos coletivos de EPS, juntamente com diversos outros movimentos sociais, o CNEPS e a SEGEP. Vale dizer que a EPS já estava presente, no FSM de 2005, no chamado “Espaço Che”. Esse espaço de cuidado e debate em Saúde foi inspirador para que organizássemos, a partir de 2008, as Tendas Paulo Freire em eventos da área da Saúde. A primeira delas ocorreu no Congresso da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, no Rio de Janeiro. Foi importante espaço articulador, também, durante o Congresso: os estudantes nela reunidos, desejosos de participarem das demais atividades do evento, organizaram uma manifestação expressando seu descontentamento pelo valor cobrado para participação no Congresso. A manifestação conhecida como “Abraço à ABRASCO”, consistiu em uma grande roda que “abraçou” o espaço do Congresso, culminando com a entrega de carta dos “...reunidos na Tenda Paulo Freire” à organização. Organizamos Tendas Paulo Freire em vários eventos, depois do “ABRASCÃO” de 2008, como por exemplo: Congresso Brasileiro de Enfermagem, Mostra de Psicologia, Reunião da SBPC, assim como outros Congressos da ABRASCO.

Por meio da articulação com parceiros locais, a Tenda traz à cena pessoas historicamente invisibilizados no contexto dos congressos de Saúde, como militantes e práticos populares de cuidado. Cuida-se de articular a Tenda com a programação do evento para que suas atividades não sejam entendidas como “paralelas” ou somente “artísticas” ou mesmo “folclóricas”. Em todas as Tendas, desde então, tenho participado na organização como coordenadora da Rede de Educação Popular e Saúde, promovendo o debate sobre a Tenda entre os membros da Rede, colhendo sugestões, articulando a programação. Algumas vezes, participei, também presencialmente, organizando oficinas ou rodas de conversa.

Em 2009, com apoio logístico da SEGEP, organizamos uma caravana a Brasília. Os membros dos coletivos de EPS que integrávamos o CNPES fizemos reuniões com algumas áreas de governo, com o objetivo de fazer conhecer o trabalho do comitê, da formulação da PNEPS, bem como articular parcerias para a implementação futura da Política.

Também em 2009, o CNEPS decidiu instituir o prêmio Victor Valla de Educação Popular e Saúde, como uma estratégia de dar visibilidade às iniciativas de EPS no país. Fiz parte da comissão de redação do prêmio. Inspirados por outros prêmios do Ministério da Cultura, conseguimos, junto à procuradoria jurídica do MS, que pudessem ser premiadas

pessoas físicas, de modo a fortalecer as pequenas iniciativas locais. Até então, os prêmios do MS, como o prêmio Sérgio Arouca, tinham a intermediação das Secretarias de Saúde ou outras pessoas jurídicas. Víamos que, em alguns lugares, era necessário dar visibilidade e apoiar as iniciativas, até para poderem se posicionar mais fortemente junto a essas Secretarias; ou seja, era necessário tirar a intermediação. Além disso, os candidatos poderiam optar por enviar o formulário de forma oral, e não apenas escrita. Ao final desses acertos sobre o prêmio, saí da comissão para a ele concorrer (como já relatado, no item anterior: *Projeto MAPEPS*).

Ainda em 2009, o CNEPS decide realizar, em 2010, Encontros Regionais de EPS para promover a discussão descentralizada e democrática sobre a formulação da PNEPS-SUS. Ao todo, foram realizados seis encontros. Fiz parte da comissão organizativa dos Encontros, em especial da elaboração das fichas de inscrição e formulário de relatorias, todos construídos de forma participativa, juntamente com os demais membros do CNEPS. Nosso objetivo com as fichas era ter, ao final dos Encontros, um mapeamento da EPS no país, bem como constituir um banco de dados para propiciar a comunicação do Comitê com os participantes. Em 2010, os Encontros se realizaram, com a participação de cerca de 1500 pessoas. Estive mais próxima da organização do Encontro Sudeste; em especial, articulei a participação das pessoas do Estado de São Paulo, incluído o seu transporte. Foram cerca de 50 participantes de nosso Estado.

Fruto das reflexões de tão rico processo junto ao CNEPS, escrevi um trabalho, juntamente com os demais representantes dos coletivos de EPS e com o coordenador do CNEPS, intitulado *Política Nacional de Educação Popular e Saúde e o fortalecimento das práticas e movimentos populares de saúde*, e viemos a apresentá-lo no Colóquio Internacional Paulo Freire, em 2010.

Com a posse da presidenta Dilma, em 2010, também tomam posse os novos Ministro da Saúde e Secretários, inclusive o da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, onde estava a Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e à Mobilização Social e o Comitê. Após certa tensão entre os partidos aliados com a nomeação de primeiro e segundo escalões pela presidenta, houve um compasso de espera na nomeação de outros cargos. Preocupava-nos quem seria nomeado para a Coordenação, receávamos pela continuidade dos trabalhos do Comitê e pela conclusão da elaboração da PNEPS e sua aprovação. Participei de articulação de movimentos e coletivos de EPS, o que gerou uma carta com princípios e ações, bem como uma reunião com o novo Secretário. Nova articulação, da qual participei, foi feita para

reunião com o novo Ministro da Saúde, Senhor Antonio Padilha. Essa articulação gerou carta sobre a Educação Popular e Saúde, sobre as ações realizadas em 2009-2010, e foi entregue nessa reunião.

Nesse ano, tomou posse o novo Coordenador, Reginaldo Alves Chagas, que acolheu e ampliou as ações que vinham sendo realizadas até então. Ainda em relação a articulações dos movimentos junto ao MS, de que participei, vale apontar a ocorrência durante a 14ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 2011. Os movimentos, coletivos de EPS e outros membros do CNEPS, preocupados com os encaminhamentos efetivos para aprovação da PNEPS nas instâncias cabíveis, nos organizamos e redigimos uma carta ao Ministro da Saúde e agendamos uma reunião durante a Conferência. Destaco, ainda, a editoria de mais um *Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde*, nesse ano de 2011, no qual apontávamos, na última página, as contribuições da EPS para as discussões na 14ª Conferência Nacional de Saúde (Doc. 15.6.14). O *Boletim* foi lançado na Conferência e distribuído aos participantes.

Esse Boletim foi editado por mim e por Lucia Ozório, membro do GT EPS, da ABRASCO. Valla havia falecido, em setembro 2009, e procuramos, nesse Boletim, finalizado em setembro de 2011, fazer-lhe uma homenagem. Um resgate de seu trabalho e sua produção em Educação Popular. O ano de 2011 iniciava-se com os conflitos no Oriente Médio. O 11 de setembro de Nova Iorque completava 10 anos. No Brasil, os Guarany-Kaiowá eram criminalizados em sua luta contra a usina de Belo Monte. Esse foi o nosso editorial, falando de setembros e primaveras, sem deixar de lembrar, também, o 11 de setembro chileno. Uma das falas que ouvi de Valla, em meu pós-doutoramento, transformou-se numa carinhosa provocação, e um estudante de nosso Grupo de Pesquisa escreveu o artigo *Pesquisar é estar junto*, apontando alguns cuidados que trazemos nas metodologias de pesquisa em nosso Grupo.

Nesse *Boletim*, procurando dar lugar às tradições populares de cuidado à saúde, contatei Dona Francisca América dos Reis, rezadeira, que, por mais de 40 anos, havia sido parteira. Solicitei-lhe um artigo em que apontasse sua história e os desafios para a manutenção dessas práticas. Já havia ouvido sua fala, em que denunciava ameaças de criminalização da prática das parteiras. Diante da negativa em escrever o artigo, pois não era de seu costume, ofereci-me para colher o artigo em forma oral. Assim foi feito, por telefone. Depois da edição, novamente nos contatamos para que aprovasse a redação final, e o artigo foi publicado. Meses depois, encontrei-me com ela. Relatou-me que os filhos ficaram alarmados e preocupados ao vê-la expor assim sua história ao telefone, devido às ameaças que as parteiras vinham tendo,



inclusive do Conselho de Medicina. Ao que ela respondeu que a história dela já não era mais dela, que ela não era mais parteira, mas poderia continuar fazendo essa denúncia.

Esse processo de escrita do artigo é um exemplo do que aprendi, nos meus trabalhos de pesquisa e extensão: o respeito à cultura popular passa por trocar a expressão “dificuldade em trabalhar com grupos populares”, pela expressão “acolhimento à especificidade dos grupos populares”. A minha habilidade com a escrita foi colocada à disposição para um objetivo maior, que era dar visibilidade e valorização à tradição popular. A especificidade de Dona Francisca em relação à escrita não poderia ser obstáculo para essa visibilidade no Boletim.

Tomo, como outro exemplo do que estou relatando, uma experiência um pouco diferente, que também mostra que especificidades não são obstáculos ou dificuldades, quando se tem um objetivo maior como o acima mencionado. Trata-se de artigo, bem anterior, de 2001, que escrevemos em coautoria entre pessoas da academia e Joyce, uma prostituta, abordando o tema da violência. Um último exemplo de processo semelhante, retiro também do trabalho com prostitutas, e que teve um desdobramento importante em nossa metodologia de trabalho com essas mulheres. Ouvíamos que uma das dificuldades em trabalhar nas casas noturnas, de São Carlos, era a mobilidade das mulheres. De fato, a mobilidade existia. Nas atividades de extensão, por vezes combinávamos com um grupo algumas atividades e, na semana seguinte, encontrávamos várias mulheres recém-chegadas. Igualmente acontecia com as pesquisas: discutíamos os projetos com as mulheres, na casa, vínhamos à UFSCar preparar os procedimentos de coleta e, quando retornávamos à casa, tempo depois, outras mulheres lá estavam. Problematicamos a expressão “dificuldade” e vimos a necessidade de adequar nossa metodologia de pesquisa, de modo a acolher e respeitar a mobilidade. Coerentemente com o referencial teórico e metodológico da Educação Popular, não se tratava de enquadrar a dinâmica social na metodologia científica, mas o contrário. E trocamos a expressão “dificuldade” por “especificidade” cultural.

Paralelamente às ações no Comitê, os coletivos de EPS reunimo-nos, em São Paulo, durante um congresso da ABRASCO, em 2011, para construir o projeto de formação em Educação Popular, nos movimentos sociais, envolvendo quatro regiões do Brasil. Dentro desse processo, fui responsável, juntamente com as Professoras Victoria e Irai dos Campos Teixeira, ambas da UFSCar, pela elaboração do projeto de formação em EPS para a região de São Carlos. Contatamos grupos populares e movimentos sociais, para participarem, pois o cerne do projeto é esses grupos formando-se uns aos outros, nas trocas de suas experiências,

conhecimentos. Nosso conhecimento, nosso vínculo, os compromissos assumidos na relação com esses grupos em nossos trabalhos acadêmicos, nos propiciou essa articulação e a construção, com esses grupos, do projeto de São Carlos. Além disso, empreendi conversas com movimentos sociais e profissionais de Saúde, de Campinas e São Paulo, para elaboração do projeto de formação em EPS do Estado de São Paulo, e fiz intermediações iniciais com o grupo organizador nacional, para inserção do projeto de nosso Estado. Uma vez feitas essas articulações iniciais, saí do processo em vista de que a Rede tinha outro representante. Há previsão de o projeto iniciar-se em 2013.

Em 2011, começamos a organização do V Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, realizado na UERJ, em julho-agosto de 2012. Fiz parte da comissão organizadora nacional e do comitê científico. A oficina da Rede, ocorrida no Encontro, teve como pauta a mudança da coordenação da Rede. No entanto, a Assembleia avaliou que os membros da Rede precisariam de mais um tempo de amadurecimento dos debates e instituiu um grupo de transição, sob minha coordenação. No momento de finalização da redação deste Memorial, sou coordenadora da Rede de Educação Popular e Saúde, posto que ocupo há cinco anos.

Tivemos, em 2012, a Política aprovada por aclamação no Conselho Nacional de Saúde, e o Comitê está, no momento, enfrentando o desafio de elaborar o plano operativo para sua implementação, de forma coerente com os princípios da EPS.



## 1.10 REFLEXÕES SOBRE O INACABAMENTO: ENCAMINHAMENTOS À PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE

Início estas reflexões com algumas perguntas de professora Petronilha:

Para avaliar o comprometimento ou não dos pesquisadores com as pessoas com as quais trabalham, há que se responder: Eles estão fazendo pesquisa para quê? Para quem? Os esforços e preocupações do pesquisador dirigem-se em que sentido? Como os resultados foram, estão sendo ou serão divulgados? Em que perspectiva e com que objetivos serão utilizados? Como estão afetando a comunidade negra? (SILVA, 2005, p. 30).

Acrescento: comunidade de prostitutas, praticantes populares de saúde, jovens, mulheres; grupos populares. Como nos lembra Paulo Freire, numa sociedade com tantas desigualdades como a nossa, com processos de desumanização em curso, há, o educador popular, que se posicionar em relação a seu estar-no-mundo: a favor de quem? A favor de que? Contra quem? Contra que?

Um dos aspectos centrais do trabalho que expus nesta *Apresentação* do Memorial é a busca do diálogo entre a universidade e seu entorno. A busca do diálogo, elemento tão caro à educação popular, é descrita por Brandão (2001) como parte dessa aventura da educação, sendo, este, não uma simples metodologia de trabalho mas “...o fim e o sentido de uma educação conscientizadora” (p.25). Projeto continuar nessa busca, abrir-se para o que está fora da universidade, lançar um olhar cuidadoso às necessidades das pessoas com as quais me relaciono, construir planos de trabalho participativos que contemplem essas necessidades, mostrar e fortalecer a diversidade de experiências, buscar o compartilhamento de conhecimento.

Outro aspecto fulcral em meu trabalho tem sido a busca por propiciar práticas nas quais os estudantes de graduação e de pós-graduação possam vivenciar, contrapor, criticar, aprofundar, ampliar, desconstruir e reconstruir o estudado em sala de aula. Tendo a Educação Popular como tema e como metodologia de ensino.

Em artigo em co-autoria com Valéria Vasconcelos, explico este aspecto fundamental da Educação Popular, de articulação entre teoria e prática:

“Por fim, ainda tratando da amplitude da questão da transformação social almejada pela Educação Popular, é de suma importância ter em conta a

articulação entre teoria e prática. O discurso teórico utilizado na Educação Popular, talvez em função, exatamente, dos limites que impedem o alcance de uma mudança social efetiva, muitas vezes, não se concretiza na prática. Para tanto, é necessário revalorizar a prática para descobrir suas próprias riquezas, e projetar-se para além do discurso. Somente dessa maneira pode-se avançar rumo a estratégias mais adequadas de ação.” (VASCONCELOS e OLIVEIRA, 2009, p. 140)

Projeto continuar as atividades de formação profissional em que sejam propiciados processos de conscientização de que fala Freire, como um “teste de realidade” (Freire, 1980, p. 26). Assim, não consiste em estar frente à realidade, mas nela estar, na práxis. A “nova” realidade, objeto de reflexão crítica, deve tornar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. “Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão ingênua como afirmar que a antiga realidade é intocável” (Freire, 1980, p. 27). Assim, a conscientização, como atitude crítica dos seres humanos na história, é uma caminhada que não se acaba. Esse processo de ampliação da compreensão da realidade, na dimensão do diálogo, é pronunciar o mundo entre sujeitos. Portanto é reconhecer que o outro também é sujeito, tem sua trajetória, valores. Sujeitos em construção, pois seres humanos.

Nas relações entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular, reside o terceiro aspecto fundamental de meu trabalho, talvez o mais radical, no sentido do meu trabalho nele enraizar-se firme e profundamente. Projeto aprofundar e orientar estudos sobre as condições de vida dos grupos populares, suas práticas sociais e processos educativos. Pesquisas em que a Educação Popular e Saúde seja referencial teórico e metodológico, portanto, construção compartilhada de conhecimento, de enfrentamento de problemas de saúde. Estudos que se situem na diversidade em busca da equidade. Equidade que reconhece a pertinência política das especificidades culturais dos indivíduos e grupos (GONÇALVES; SILVA, 1998).

Tendo destacado esses três aspectos, cabe-me apresentar que ações antevejo para incorporá-los em minhas atividades futuras.

Tais ações abarcam atividades de ensino, pesquisa, extensão e administrativas. Algumas dessas ações serão de ampliação e aprofundamento das que já realizo. Cito as disciplinas de *Metodologia de Ensino em Enfermagem, Educação e Saúde e Pesquisa em Educação*, na graduação. E as disciplinas de *Práticas Sociais e Processos Educativos, Epistemologia da Educação e Estudos e Produções em Educação*, na pós-graduação.

Nessas disciplinas, ampliar oportunidades de reflexão e exercício de postura dialógica. Como nos ensina Valla (1998), a postura do profissional é essencial para o diálogo, mais do que questões técnicas ou de linguagem. Sem deixar de atender a estas últimas, paciente e impientemente, propor leituras e experiências em que possa ser explicitada e problematizada a não rara dificuldade dos profissionais de saúde e pesquisadores em aceitar que as classes populares, sejam sujeitos do conhecimento e sujeitos de experiência (Larossa-Bondia, 2001). Ou a dificuldade em perceber que a população também toma suas iniciativas, às vezes diferentes daquelas que o técnico recomendaria ou consideraria mais adequada, mas que ela não é apática. E ainda a dificuldade em entender que o “povo”, o outro, não é homogêneo.

Continuar e ampliar as ações de extensão, na comunicação Universidade Comunidade. Antevejo possibilidades junto ao projeto *Mapeamento de Práticas Populares de Saúde*, no sentido de trazer contribuições à formação profissional em saúde. Elaborar e oferecer novas oportunidades de formação profissional em colaboração com os praticantes populares de saúde, articulando-se, na medida do possível, com a Secretaria Municipal de Saúde de São Carlos.

No projeto com prostitutas, insistir na visibilização destas trabalhadoras, combatendo preconceitos e discriminações que subjugam sua cidadania e capacidade organizativa. Neste projeto tivemos recentemente um grande reforço ao ser aprovada na FAPESP bolsa de pós-doutoramento de Fabiana Rodrigues de Sousa. Com professora Fabiana, intento avançar nos estudos sobre prostituição na área da Educação, além de propor à UFSCar projetos de extensão com vistas a marcar datas de luta dessas mulheres, como o *Dia Internacional da Prostituta*.

Nas articulações e produções conjuntas com demais grupos de pesquisa, pretendo avançar na intermediação entre os grupos de pesquisa da UFSCar que atualmente compõe, juntamente com outros Grupos de países da América Latina, o *Grupo de Políticas Educativas, do Núcleo Educação para a Integração da AUGM*, no qual represento a UFSCar. Intento realizar conversas no sentido de organizarmos um evento na UFSCar para que possamos trocar experiências e produções. Um outro projeto, ainda relacionado à AUGM, para o qual já tenho feito gestões, é o da UFSCar sediar as *Jornadas Jovens Pesquisadores da AUGM*. Oportunidade riquíssima de intercâmbio de estudantes de países da América Latina. Estive na comissão organizadora das Jornadas que foram sediadas pela UFSCar em 1999. Fazer novamente as *Jornadas* na UFSCar propiciaria uma maior participação de nossos estudantes,

uma vez que quando em outros locais, essa participação é limitada. Atualmente nosso reitor, Prof. Dr. Targino de Araújo Filho, é presidente da AUGM. Ocasão bastante oportuna para organizarmos mais uma edição das *Jornadas* na UFSCar.

Ainda nas atividades administrativas, intento continuar e ampliar a colaboração que tenho podido dar ao avanço de nosso Departamento de Metodologia de Ensino. Um Departamento que acompanho há 30 anos, e que, este ano completou 35. Portanto, o acompanho desde a tenra idade. Sou a professora mais antiga do Departamento, o que me dá a responsabilidade de cada vez mais buscar condições para que o Departamento cresça, seja propondo, seja inserindo-me em projetos de pesquisa ou comissões de trabalho.

No âmbito da militância em Educação Popular em Saúde, dar continuidade a participação no Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde. Em um futuro próximo, 2013, envolver-me com a realização dos Encontros Regionais de Educação Popular e Saúde, como parte do plano operativo de implementação da política de forma participativa e descentralizada.

Articulando militância, formação e produção de conhecimento, fazer gestões junto ao Ministério da Saúde para implementar processos formativos em Educação Popular e Saúde no Estado de São Paulo, que resultem em estratégias locais de implementação da Política. A sistematização desse processo se consubstanciará em material com reflexões teóricas e práticas acerca da implementação da Política e poderá alimentar, inspirar novas formações. Os princípios teórico-metodológicos da PNEPS são: diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação, compromisso com a Construção do Projeto Democrático e Popular. O processo formativo pretenderá que os sujeitos se apropriem desses princípios e criem estratégias locais neles baseadas para implementação da PNEPS nos serviços, nos movimentos, nas instituições formativas, através do diálogo entre pessoas das práticas populares e movimentos sociais, pessoas dos serviços de saúde e da gestão e pessoas das instituições de ensino (professores, pesquisadores e alunos). Além de buscar parcerias nos espaços dos conselhos de saúde.

Ainda no sentido da sistematização, articular com os demais colegas da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” a análise crítica e produção de material escrito e visual sobre processos formativos de pesquisadores na pós-graduação tendo-se a Educação Popular como referencial teórico e metodológico. São 7 anos de existência da Linha de Pesquisa em compartilhamento de atividades, orientações coletivas, Seminários de Pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos. Tal material poderá contribuir com a

PNEPS, oferecendo experiências de formação de pesquisadores além de propiciar reflexões importantes a Linha e ao PPGE. Poderá contribuir igualmente com os debates no GT de Educação Popular da ANPED bem como de Educação Popular e Saúde, da ABRASCO.

Em relação ao GT da ANPED, cuja vice-coordenação recém assumi, cabe-me, juntamente com o coordenador, professor Flávio Henrique Albert Brayner, organizar as atividades do GT seja para as reuniões nacionais da ANPED, seja na reunião ANPED-Sudeste. Alguns outros projetos já se antevêm para o GT, conforme reunião feita com seus membros na última ANPED, especialmente considerando-se que em 2013 serão comemorados os 50 Anos da Experiência de Angicos. Destaco a proposta de Seminário em Recife-PE em que o GT estará entre os organizadores. Além desse projeto, Professor Flávio está propondo e organizando Seminários sobre Paulo Freire no Brasil, França e Canadá. Na França, iniciei conversas com grupo de pesquisadores de Lyon, que me contataram na última reunião da ABRASCO, realizada em novembro em Porto Alegre, para inserir nesses Seminários a discussão da Educação Popular e Saúde. Proposta já bem recebida pelo professor Flávio. Antevejo nessas conversas possibilidades de intercâmbios futuros bem como realização de pesquisas conjuntas.

Arrematando estas projeções de perspectivas futuras de trabalho, apresento a editoria do primeiro livro coletivo do Grupo de Pesquisa, que em 2013 completará 15 anos de existência. Editoria que já se encontra bastante encaminhada. O livro, organizado por mim e por Fabiana Rodrigues de Sousa, contará com capítulos introdutórios teórico metodológicos, além de resgatar a história do Grupo, seguidos de relatos de pesquisa. A publicação contribuirá para a reflexão do Grupo, a visibilização de nossa produção e a produção de conhecimento na área de Educação, notadamente, Educação Popular.

A colcha está pronta. Termino este trabalho, mas não o encerro, no sentido de acabamento final, ou mesmo de abarcamento final. A colcha será compartilhada, outros sentidos e usos lhe serão dados. O uso da colcha exigirá que eu a reveja, olhe e recolha seus retalhos, cerzindo, refazendo costuras com novos fios. Assim, sua beleza, calor, vivacidade se prolongará, não no sentido de eterna juventude, mas no da vivacidade que vem com a idade, idade que traz maciez.





## 1.11 REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Alva H. ; SOARES, Cassia B. . A Dimensão Política Do Processo De Formação De Pessoal Auxiliar: A Enfermagem Rumo Ao Sus. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** (Ribeirão Preto), [online] Ribeirão Preto – SP, v. 10, n. 5, p. 629-636, 2002
2. ALMEIDA, Sara Ferreira. 2011. **Educação de pessoas em situação de rua**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Curso de Especialização Educação Jovens Adultos) - Universidade Federal de São Carlos. 2011.
3. AMÂNCIO FILHO, Antenor . Dilemas e Desafios da Formação Profissional em Saúde. **Interface. Comunicação, Saúde e Educação**, [online]São Paulo, v. 8, n. 15, p. 375-380, 2004.
4. BARBOSA, Ana Maria Giusti Barbosa. 2008. **Processos de participação para o controle social em Comissões Locais de Saúde: educar-se no cotidiano..** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2008
5. BERGAMASCO, Roberta. 2008. **Os significados da creche para pais e mães que participaram da construção popular de uma creche em bairro periférico de São Carlos**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação Infantil: pesquisa e gestão do cotidiano) - Universidade Federal de São Carlos. 2008.
6. BERLINGUER, Giovanni. **Medicina e Política**. São Paulo:CEBES/HUCITEC, 1978.
7. BOFF, Leonardo – Cuidado com nosso corpo na saúde e na doença. Cuidado com a cura integral do ser humano. In: BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 142-147.
8. BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3<sup>a</sup> Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
9. BORNSTEIN, Vera Joana. Experimentando a construção do conhecimento com base em diferentes saberes. **Revista APS**. Juiz de Fora. Vol. 9, n.2, p.175-179, 2006
10. BOSI, Alfredo. Cultura brasileira, culturas brasileiras. In: \_\_\_\_\_. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.308-345.
11. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2 ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1985

12. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular na área da Saúde. VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos:** reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.21-26.
13. \_\_\_\_\_. **A pergunta à várias mãos:**a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez. 2003.
14. BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante:** o saber da partilha. Aparecida, SP:Idéias et Letras, 2006
15. BRASIL, Ministério da Saúde. **Relatório da 8ª Conferência Nacional de Saúde.** 1986.
16. CAMARENA, María Teresa Yurén. **Formación, horizonte al quehacer académico:** reflexiones filosófico-pedagógicas. México: Universidad Pedagógica Nacional. 1999
17. CAMPOS, Célia Maria S.; Mishima, Silvana M. – Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. **Cad Saúde Pública.** Rio de Janeiro, vol.21, n.4, p.1260-1268, 2005.
18. CARNEIRO, Daniel M. 2008. **Construção das cidades:** práticas sociais e processos educativos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2008.
19. CARVALHO, Maria Alice Pessanha; ACIOLI, Sonia; STOTZ, Eduardo Navarro. O processo de construção compartilhada do conhecimento. VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos:** reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.101-114.
20. CESÁRIO, Simone Cristina. 2006. **A utilização dos contos infantis por pais e professores para o aprendizado das crianças em relação a equidade entre homens e mulheres.** Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação Infantil: pesquisa e gestão do cotidiano). 2006
21. CESTARI, Maria Waldete de Oliveira. **Os Munerato.** Cópia. 2002
22. CESTARI, Maria Waldete de Oliveira. Antonio Waldomiro de Oliveira. Cópia. 2012
23. CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ed. Ática, 2000.

24. COTA, Maria Célia. De Professores e carpinteiros: encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. **Educação e Filosofia**, v. 14, n.27/28, p. 203-222. 2000.
25. DONATO, Ausonia Favorido. Estórias da educação popular. In: BRASIL, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2007. p. 103-105
26. DUSSEL, Enrique. Cultura imperial, cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: DUSSEL, Enrique D. **Para uma ética da Libertação Latino Americana III: Erótica e Pedagógica**. São Paulo: Loyola; Piracicaba: UNIMEP. 1974. p. 253-281.
27. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Folha de São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1995
28. FERREIRA, Flávia do Carmo. 2006. **Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde**: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2006.
29. FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, v. 11, n. 1, p.3-10. 1986.
30. FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educ. Pesqui.**, vol.31, n.3, p.483-502, 2005.
31. FREIRE, P. (a) **Educação como prática da liberdade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
32. FREIRE, Paulo (b). **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** (trad. Katia de Mello e Silva).3ª ed. São Paulo:Moraes, 1980.
33. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
34. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:saberes necessários à prática educativa**. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
35. GARCIA, Regina Leite (org). **Victor Vicente Valla: companheiro de lutas, de ideias,de vida**. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed. 2009.

36. GONÇALVES, Luciana; FERREIRA, Elaine; GUEDES, Chistiane Cunha. 1998. **Educação para a saúde da mulher:** construindo uma visão do climatério além da biológica. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) - Universidade Federal de São Carlos. 1998
37. GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O jogo das diferenças:** o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.
38. GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto (org). **O olhar.** São Paulo:Companhia das Letras. 1988.
39. GUIMARÃES, Mara Pinto 1998. **Orientação à mulher na peri-menopausa.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) - Universidade Federal de São Carlos. 1998.
40. HOLLYDAY, Oscar Jará. **Para sistematizar experiências.** João Pessoa; Editora Universitária/UFPb. 1996
41. HORIZONS. **Peer education and HIV/AIDS:**Past experience, future directions. Population Council. 2000
42. JARA, O. El reto de teorizar sobre la práctica para transformarla. In GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. **Educação Popular:** Utopia latino-mericana. São Paulo: Cortez Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p.89-110.
43. LAROSSA-BONDIA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, no.19, 2002, p.20-28.
44. LOYOLA, Maria André. **Médicos e curandeiros:** conflito social e saúde. São Paulo:DIFEL,1984.
45. LUZ, Madel T.**Novos saberes e práticas em saúde coletiva:** Estudos sobre Racionalidades Médicas e Atividades Corporais. São Paulo: HUCITEC, 2003.
46. MARTELETO, Regina Maria; STOTZ, Eduardo Navarro (Org.). **Informação, saúde e redes sociais:** diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
47. MONTRONE, Aida Victoria Garcia. 1997. **Promotoras para o estímulo da lactância materna e estimulação do bebe em uma comunidade de baixo nível**

- sócio econômico:** elaboração, implementação e avaliação de um programa de ensino. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Conselho. 1997.
48. MORYA, Érica Ueno. 2007. **Classe hospitalar e a atuação do(a) pedagogo(a).** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos. 2007.
  49. NUNES, Maria Dolores de Figueiredo. 2002. Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2002.
  50. OLIVEIRA, Maria Waldenez. A relação entre a Licenciatura em Enfermagem e a problemática do exercício profissional em equipe. In: **Anais do I Encontro de Formação de Professores de Nível Médio de Enfermagem**, 1995
  51. \_\_\_\_\_ (a) **Viver a pesquisa sobre a vida humana:** a prática social do pesquisar e uma educação para a humanização. Palestra proferida no painel “práticas sociais e processos educativos: desafios da pesquisa”. Cópia. 2003.
  52. \_\_\_\_\_ (b) **Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades:** perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos. Relatório de Pós-doutorado. Departamento de Endemias “Samuel Pessoa”, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2003.
  53. \_\_\_\_\_ Educação Popular na Atenção Primária à Saúde. **Revista de APS**, Juiz de Fora. 2008. p. 225-225
  54. \_\_\_\_\_ (a) Apresentação - Educação nas práticas e nas pesquisas em saúde: contribuições e tensões propiciadas pela educação popular. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 29, n.79, p. 297-306, 2009.
  55. . \_\_\_\_\_ (b) Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 29, n.79, p. 309-321, 2009.
  56. \_\_\_\_\_ Os serviços de saúde e os saberes populares. In: MANO, Maria Amélia Medeiros; PRADO, Ernande Valentin. (Org.). **Vivências de Educação Popular e Saúde na Atenção Primária à Saúde:** a realidade e a utopia. São Carlos: EDUFSCar, 2010, v. , p. 241-248.

57. OLIVEIRA, Maria Waldenez. MORAES, Jéssica V. Práticas Populares de Saúde e a Saúde da Mulher. **Revista de APS** (Impresso), v. 13, n.4, p. 412-420, 2010
58. OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. **Processos educativos em práticas sociais:** reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. 32ª Reunião da ANPED. Caxambu-MG. In: Anais da 32ª Reunião da ANPED “Sociedade, Cultura, Educação: Novas regulações?”, 2009.
59. \_\_\_\_\_ Inserção e atuação de agentes educacionais em comunidades. **Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde**. Recife: Rede de Educação Popular e Saúde, no. 5, p. 10, 2003
60. OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUZA, Fabiana R. ; FERREIRA, Flávia C. . Projeto de Educação em Saúde e Direitos junto à trabalhadoras do sexo. **Revista de APS**, v. 9, p. 89-93, 2006.
61. OLIVEIRA, Maria Waldenez; STOZ, Eduardo Navarro. **Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica:** o convívio metodológico. 27ª reunião da ANPED. Caxambú-MG. In: Anais da 27ª reunião da ANPED: Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade?. Rio de Janeiro:ANPED. 2004 (CD ROM).
62. PAES, Paulo Cesar D.; OLIVEIRA, Maria Waldenez . **Educação no programa de redução de danos:** alienação ou práxis educativa? In: 29a. Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambú-MG. In Anais da 29a. Reunião Anual da ANPED: Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. (CD ROM).
63. PAES, Paulo Cesar Duarte. 2006. **Ensino e Aprendizagem na Prática de Redução de Danos**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2006.
64. PASCHOALINO, Renata. 2009.**Relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos. 2009.

65. PAZ, Ana América Magalhães Ávila Paz. Pensando alto. In BRASIL, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2007. p. 117-119.
66. PEDROSA, José Ivo. **A educação popular no Ministério da Saúde**. 2003. Disponível em <http://www.redepopsaude.com.br/catalogo/index.htm>. Acesso em abril/2006
67. PRADO, Marta L.; REIBNITZ, Kenya S. ; GELBCKE, Francine L. . **Aprendendo a cuidar: a sensibilidade como elemento plasmático para formação da profissional crítico-criativa em enfermagem**. Texto & Contexto. [online] Enfermagem, v. 15, n.2, p. 296-302, 2006.
68. QUEIROZ, Marcos de Souza. **Representações sobre saúde e doença; agentes de cura e pacientes no contexto do SUDS**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
69. QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.
70. RAFFIN, Enrique. 2001. **Processos acadêmicos comparados: una aproximación sobre los intercambios en carreras de grado universitarias**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Comunicação Social) - Universidad Nacional de Entre Rios, Associação de Universidades do Grupo Montevideo. 2001.
71. REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE. **Relatório da Oficina de Educação Popular e Saúde**. 2002. Cópia
72. RIBEIRO JUNIOR, Djalma. 2009. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2009.
73. RIEDMILLER, Sibylle. – Tanzânia: combatendo a peste in ZIMMER, Jürgen POSTER, Cyril;. (orgs.) – **Educação comunitária no terceiro mundo**. Campinas, SP: Papirus, 1995. 75-90.
74. RIOS, Izabel Cristina; SCHRAIBER, Lilia Blima. Uma relação delicada: estudo do encontro professor-aluno. **Interface** (Botucatu) [online]. 2011, vol.15, n.36



75. ROSTAGNOL, Susana. Identidades fragmentadas: prostitutas callegeras de Montevideo In: GORSKI, Sonnia Romero (org.) – **Anuário: Antropologia social y cultural en Uruguay**. Montevideo/Uruguai: Fundação Fontaina Minelli/ Faculdade de Humanidades e Ciências de Educação – Universidade de la Republica/ Mordan Comunidad. 2000.p. 87-97
76. SANTOS, Boaventura de Sousa .Para além do pensamento abissal: das linhas globais à uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP** no 79. 2007. p. 71-94
77. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, 637p.
78. SILVA, José Paulo V.; TAVARES, Claudia Mara M. . Integralidade: dispositivo para a formação crítica de profissionais de saúde. **Revista trabalho, educação e saúde**, [online] Rio de Janeiro, v. 02, n. 02, p. 271-285, 2004.
79. SILVA, Lígia Maria Portela. 2007. **Processos de educar-se em instituição de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2007.
80. SILVA, Maria da Costa; MENEGHIM, Marcelo de Castro; PEREIRA, Antonio Carlos; MIALHE, Fábio Luiz. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro:ABRASCO. Vol.15, n.5, p.2603-2610. 2010.
81. SILVA, Petronilha B. Gonçalves. 1987. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1987.
82. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In ABRAMOWICZ; Anete, SILVERIO, Valter R. (orgs). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas. Papirus, 2005
83. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves, ARAUJO-OLIVERA, Sonia Stella. **Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa**. VI Encuentro Corredor de las Ideas del Cono Sur “Sociedad civil, democracia e integración”. Montevideo-Uruguai. 2004.

84. SIQUEIRA, Cristiano Tierno; OLIVEIRA, Maria Waldenez . Processos Educativos no Hip Hop: a celebração dos valores da comunidade. Educação. **Teoria e Prática** (Rio Claro), v. 20, n.34, p. 115-131, 2010.
85. SIQUEIRA, Cristiano Tierno. 2004. **Construção de saberes, criação de fazeres:** educação de jovens no Hip Hop de São Carlos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2004.
86. SOUSA, Fabiana Rodrigues. 2007. **Saberes da vida na noite:** percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2007.
87. SOUZA, Erivelto Santiago. 2009. **Formação de intelectuais negros/as:** a experiência de assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra no Estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2009.
88. SOUSA, Fabiana Rodrigues; OLIVEIRA, Maria Waldenez . Percepções de prostitutas sobre o processo de educar-se nas experiências vivenciadas na noite. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CORRÊA, Denise Aparecida; RODRIGUES, Cae. **Educação e experiência:** construindo saberes em diferentes contextos. Curitiba: CRV, 2011, v. , p. 169-190.
89. STOTZ, Eduardo Navarro. Movimentos sociais e saúde: notas para uma discussão. **Cad Saúde Pública**. Rio de Janeiro 10(2) 264-268. 1994.
90. \_\_\_\_\_. Enfoques sobre educação popular e saúde. In: BRASIL, Ministério da Saúde. In: BRASIL, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 46-57
91. STOTZ, Eduardo Navarro; DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal; BORNSTEIN, Vera Joana. **Educação Popular em Saúde**. Formação de Agentes Comunitários de Saúde. Rio de Janeiro: Politecnico de Saúde Joaquim Venancio da FIOCRUZ/Ministério da Saúde. 2007.
92. TAMPEP – Transnational Aids/STD prevention among Migrant Prostitutes in Europe/Project – **TAMPEP position paper on migration and Sex work**. Cópia. 2001.

93. TEDLA, Eleny. **Sankofa, African Thought and Education**. New York, Peter Lang, 1995.
94. TEIXEIRA, Irai M. C. ; OLIVEIRA, Maria Waldenez . **Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde**. In: 35a Reunião Anual da ANPED. 2012. Porto de Galinhas. Anais da 35a Reunião Anual da ANPED “Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI” Rio de Janeiro: ANPED. 2012. (CD ROM)
95. TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos. 2012. **Saberes e práticas de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2012.
96. THIOLENT, **Metodologia da pesquisa-ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
97. VALLA, Victor Vicent. – Construção desigual do conhecimento e o controle social dos serviços públicos de educação e saúde. In VALLA, Victor V.; STOTZ, Eduardo N. – **Participação popular, educação e saúde: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. 93-104
98. \_\_\_\_\_ A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**. Vol.21, n.2, p.177-190, 1996.
99. \_\_\_\_\_ Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Vol.14, supl.2, p.7-18, 1998.
100. \_\_\_\_\_ Globalização e saúde no Brasil: a busca da sobrevivência pelas classes populares via questão religiosa. VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.39-62
101. VALLA, Victor V.; STOTZ, Eduardo N. **Participação popular, educação e saúde: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
102. VANGRELINO, Ana Cristina dos Santos. 2004. **Processos de formação de educadores sociais na área de infância e juventude**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. 2004.
103. VANGRELINO, Ana Cristina Santos. ; OLIVEIRA, Maria Waldenez . Na rua também se aprende: processos e espaços de formação do educador social de rua. **Comunicações (UNIMEP)**, v. 14, n.1, p. 116-127, 2007.

104. VASCONCELOS, Eymard Mourão. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo :Hucitec, 2001. p.11-19.
105. \_\_\_\_\_. Educação popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde. In: BRASIL, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. p. 18-27. 2007
106. VASCONCELOS, Valéria Oliveira. 2002. **Bebendo em fonte de água fresca: caminhos para a formação de agentes comunitários de lazer**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, União Européia. 2002.
107. VASCONCELOS, Valéria Oliveira; OLIVEIRA, Maria Waldenez . Educação Popular, Lazer e Educação Física: bebendo da fonte. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.8, p. 135-146, 2008.
108. \_\_\_\_\_.Educação Popular: uma história, um que-fazer. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 13, n.2, p. 135-146, 2009.
109. ZAMBRANO, Kelly Cristtina. 2007. **Educação de crianças portadoras de doenças crônicas:refletindo sobre a atuação do(a) pedagogo(a)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos. 2007.



## **1.12. CURRÍCULO LATTES**

**(Doc. 1.1)**



## 2. IDENTIFICAÇÃO

### 2.1. *Dados Gerais*

Nome: Maria Waldenez de Oliveira

Nascimento: 28/06/1958

Naturalidade: Cidade (São Paulo)/ Brasil

Documento de Identidade: RG: 7170361 (Doc. 2.1)

Data de emissão: 24/08/1973

2.2. *CPF:* 03963245840 (Doc. 2.2)

### 2.3. *Endereço Profissional:*

Departamento de Metodologia de Ensino

Universidade Federal de São Carlos

Rod. Washington Luis, km 235

São Carlos, SP, Brasil

CEP 13 565-905

Telefone: (016) 3351-8661

Endereço eletrônico: dmwo@ufscar.br

### 2.4. *Ocupação atual*

Professor Associado IV, em regime de dedicação integral à docência, à pesquisa e a extensão, junto ao Departamento de Metodologia de ensino da Universidade Federal de São Carlos, SP.

(Doc. 2.4)





### 3. FORMAÇÃO PRÉ-UNIVERSITÁRIA

#### 3.1. *Curso Primário* (Doc. 3.1)

Grupo Escolar Dr. Domingos de Magalhães

Jaú - SP

#### 3.2. *Curso Ginásial* (Doc. 3.2)

Ginásio Industrial Estadual Joaquim Ferreira do Amaral

Jaú - SP

#### 3.3. *Curso Colegial* (Doc. 3.3)

Colégio Técnico Industrial Estadual de Jaú

Título: Técnico de Enfermagem

Jaú – SP

#### 3.4. *Conservatório Jauense de Música* (Doc. 3.4.)

Título: Técnico em Instrumento – Piano

Jaú – SP



## 4. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

### 4.1. *Curso de graduação*

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia

**(Doc. 4.1)**

Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, SP

Período: 1977 – 1980

#### 4.1.1. *Formação Complementar*

4.1.1.1. Monitoria de Anatomia no Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 1978.

**(Doc. 4.1.1.1)**

4.1.1.2. Colaboração na Coleta de Dados para o trabalho: Estudos de Prevalência de Escaras”, desenvolvido pelo Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 1978.

**(Doc. 4.1.1.2)**

4.1.1.3. Monitoria de Anatomia no Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 1979.

**(Doc. 4.1.1.3)**

4.1.1.4. Participação nas Atividades dos Dias Nacionais de Vacinação contra a Poliomielite, São Carlos – SP, 1980.

**(Doc. 4.1.1.4)**

4.1.1.5. Estágio na Unidade de Terapia Intensiva do Centro Médico Hospitalar “Santa Casa de Jaú”, Jaú – SP, 1980. **(Doc. 4.1.1.5)**

4.1.1.6. Estágio na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Amaral Carvalho, Jaú – SP, 1980. **(Doc. 4.1.1.6)**

4.1.1.7. Participação nas Atividades de Atendimento de Urgência do VI TUFSCar, São Carlos – SP, 1980. **(Doc. 4.1.1.7)**

4.1.1.8. Estágio no Ambulatório da Fiação e Tecelagem Germano Fehr S/A – Fios e Tecidos de Algodão, São Carlos – SP, 1981. **(Doc. 4.1.1.8)**

4.1.1.9. Participação nas Atividades de Atendimento de Urgência do VII TUFSCar, São Carlos – SP, 1981. **(Doc. 4.1.1.9)**

4.1.1.10. Participação nas Atividades de Atendimento de Urgência do VIII TUFSCar, São Carlos – SP, 1982. **(Doc. 4.1.1.10)**

## ***4.2. Cursos de Pós-Graduação***

### ***4.2.1. Especialização***

Especialização em Administração Hospitalar. **(Doc. 4.2.1)**

Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Brasil.

Período: 1981 - 1981

#### 4.2.2. Mestrado

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial)  
(Conceito CAPES 6). **(Doc. 4.2.2)**

Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR.

São Carlos, SP.

Período: 1982 - 1987

Título da Dissertação: Avaliação do ensino superior através de depoimentos de egressos: a relação entre formação acadêmica e exercício profissional como objeto de estudo.

Orientador: Profa. Dr. Silvio Paulo Botomé.

Resumo:

Esta pesquisa teve como ponto-de-partida o seguinte problema:  
-é possível influenciar a aquisição de comportamentos de higiene buco-dental do pré-escolar com um programa educativo desenvolvido na pré-escola que una aquisição de conceitos e treinamento de habilidades, proponha a percepção corporal como pré-requisito do cuidado corporal e priorize a atividade e seus aspectos lúdicos?

Seus objetivos foram:

1. Detectar, após a implementação de um programa de ensino voltado à prevenção de cáries e doença periodontal em crianças pré-escolares, aquisições de comportamentos que se relacionem a aprendizagens decorrentes do programa.
2. Avaliar até que ponto métodos de ensino que envolvam reelaboração de conceitos mesclados com treino de habilidades são mais eficientes do que cada um deles isoladamente.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Carlos, com 26 crianças entre 5 e 6 anos de idade. Foi realizado um programa de ensino em dois blocos: 1) um programa amplo de atividades para elaboração de conceitos e introdução a alguns treinos de habilidades, realizado com a classe toda; e 2) treinos de habilidades específicas, em grupos. Antes e após o programa foram realizados testes para observação do desempenho das crianças durante a escovação em relação à abrangência de superfícies dentárias, execução de movimentos e tempo despendido. Durante a implementação do programa foram levantados dados para avaliação das atividades em relação a participação das crianças, seu conhecimento sobre o tema e quais conceitos essas atividades permitiam que fossem elaborados ou reelaborados.

Os dados obtidos no pré e pós testes sugerem progressos seja na classe quanto nos grupos apontando a validade de um programa que conjuga treinamento de habilidades com elaboração de conceitos. Os treinos específicos possibilitaram o ensino e avaliação imediata de habilidades criança-a-criança. O programa de ensino com a classe toda propiciou a verificação dos conceitos e representações das crianças acerca dos dentes, da multideterminação da cárie e formas de prevenção, bem como a descoberta de aspectos da sua vida cotidiana.

### 4.2.3. Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Educação (Conceito CAPES 6). **(Doc. 4.2.3)**

Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR.

São Carlos, SP.

Período: 1991 - 1996

Título da Tese: A influência de um programa educativo sobre a higiene buco-dental de pré-escolares.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Coelho De Rose.

Resumo:

A avaliação da eficácia do ensino efetuado na universidade exige que essa instituição de ensino tenha meios de verificar o que acontece com a atividade de seus alunos após a conclusão de seus cursos, estabelecendo relações entre a formação acadêmica desenvolvida nesses cursos e o exercício profissional efetuado. Os depoimentos de egressos constituem uma fonte de dados útil e de baixo custo para a universidade. A análise desses depoimentos pode fornecer subsídios tanto para a avaliação do ensino superior a partir de dados externos à instituição do ensino, como para o estudo sobre possibilidades de redefinições nessa instituição. No presente trabalho foi realizado um exame dos depoimentos de egressos de um curso de graduação em Enfermagem, um ano depois de formados. Os depoimentos dos participantes foram obtidos através de um debate especialmente organizado para tal fim e realizado durante um evento formal da universidade. A partir dos depoimentos dos egressos foi possível identificar as relações entre a formação acadêmica desenvolvida durante o curso de graduação e o exercício profissional efetuado pelos egressos no seguintes aspectos: a) contribuições e deficiências da formação profissional; b) tipos de atuação profissional a realizar; c) dificuldade na procura de emprego; d) critérios de seleção e alocação profissional no trabalho em Enfermagem; e) problemas relacionados a salários do enfermeiro recém-formado; f) concepções do papel profissional do enfermeiro e correspondente expectativas de sua atuação; g) problemas de interação entre o recém-formado e a equipe de saúde na qual atuam; h) desenvolvimento do ensino de Enfermagem na universidade; i) prosseguimento de estudos na área de Enfermagem após a graduação. Essa identificação de relações entre formação acadêmica e exercício profissional possibilitou examinar, discutir e apresentar recomendações em relação aos seguintes temas de ensino superior: o papel da universidade; a necessidade de avaliação da formação acadêmica e as funções dessa avaliação; o papel do currículo no ensino superior; o processo de formação profissional através da implementação de um currículo; o papel da formação acadêmica entre os determinantes do início da atuação profissional; e, a ampliação das atribuições da universidade para com seus egressos. O trabalho possibilitou, também, derivar contribuições à realização de estudos sobre possibilidades de desenvolvimento de conhecimento e de tecnologia para avaliar a relação entre o ensino universitário e o exercício profissional.

### **4.3. Pós-Doutorado**

#### **4.3.1. Pós-Doutorado**

**(Doc. 4.3.1)**

Universidade: Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Grupo de Pesquisa: Educação, saúde e cidadania - Núcleo de Estudos Locais em Saúde - ELOS

Supervisores: Prof. Dr. Victor Vicente Valla e Prof. Dr. Eduardo Navarro Stotz

Período: 2002 - 2003

Projeto: Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogos entre saberes e sujeitos.

Resumo:



Este estudo buscou compreender os processos educativos presentes nas relações que se estabelecem entre comunidades que têm processos históricos diferentes de construção de saberes e práticas ao desenvolverem trabalhos conjuntos de sobrevivência, de estratégias de vida e de transformação social. Foi realizado junto ao ELOS- Núcleo de Estudos Locais em Saúde, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), à Organização Não-Governamental CEPEL - Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina e à Organização Não-Governamental Sementinha – Serviços comunitários, entre os meses de outubro de 2002 e fevereiro de 2003. Caracterizou-se por um estudo de caráter exploratório, onde a pesquisadora inseriu-se no campo de pesquisa realizando observações e conversas que foram complementadas por entrevistas semi-estruturadas com membros do ELOS, da ONG CEPEL e da ONG-Sementinha. A ancorou-se no referencial da Educação Popular. A análise dos dados foi feita por meio de descrição compreensiva, utilizando de recursos da análise de discurso e outros que permitiram apreender a diversidade de culturas e de sentidos de vida presentes nesses processos educativos. Inicia-se este relatório situando-se a investigação no contexto do pós-doutorado e apresentando-se o referencial teórico e os caminhos metodológicos. Descreve-se, a seguir, o contexto onde foi realizada a coleta de dados: Comunidade/ favela/ bairro da Leopoldina, ELOS, CEPEL e Sementinha. Segue-se a apresentação de cada um dos entrevistados em seus contextos pessoal, profissional e dentro da instituição/entidade apontando-se processos educativos num âmbito mais particular a cada um deles. No capítulo seguinte “Perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos”, a partir das experiências e reflexões dos entrevistados sobre seu trabalho com o outro, examina-se processos educativos presentes no âmbito dos trabalhos entre comunidades. Neste capítulo organizou-se os dados tendo-se como eixo o diálogo entre saberes e sujeitos; descreve-se especificamente: a busca do diálogo, o que move as pessoas ao diálogo, o que põe as pessoas em diálogo e metodologias para que o diálogo aconteça. Ao final, aponta-se o que se pode apreender nesta investigação, de modo geral, em relação aos processos educativos que se estabelecem em trabalhos desenvolvidos entre comunidades.

## 5. APROVAÇÕES EM CONCURSOS PÚBLICOS E CONTRATAÇÕES

(Doc. 5.0)

### 5.1. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor auxiliar de ensino – TP 20 horas

Período: maio/1982 – setembro/1982

### 5.2. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Enquadramento Funcional: Professor,

Período: 1984 (102 horas-aulas)

### 5.3. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor auxiliar de ensino – TP 20 horas

Período: novembro/1984 – dezembro/1984

### 5.4. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor Auxiliar de Ensino– TP 20 horas

Período: abril/1985 – junho/1985

### 5.5. Fundação Educacional de Jaú.

Enquadramento Funcional: professor,

Período: abril/1985 – agosto/1985

### 5.6. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Auxiliar de ensino – Retide,

Período: julho/1985 – julho/1986

5.7. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor substituto – DE – 40 horas,

Período: setembro/1986 – janeiro/1987

5.8. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor visitante – TP 20 horas

Período: junho/1987 – outubro/1987

5.9. Centro Educacional Diocesano La Salle

Enquadramento funcional: Professor

Período: julho/1987 – setembro/1987

5.10. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor assistente – DE 40 horas,

Período: outubro/1987 – março/1996

5.11. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor adjunto – DE - 40 horas,

Período: março/1996 – abril/1996

5.12. Fundação Universidade Federal de São Carlos

Enquadramento Funcional: Professor associado – DE - 40 horas,

Período: maio/2005 – atual

## **6. CREDENCIAMENTO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

6.1. Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos, desde 1998.

**(Doc. 6.1.)**



## **7. PRÊMIOS DE CUNHO CIENTÍFICO E CULTURAL**

7.1. Prêmio Jovem Pesquisador, UFSCAR, 1999. **(Doc.7.1)**

7.2. Prêmio Presente para o Futuro, CEMINA-RJ, 2000. **(Doc. 7.2)**

7.3. Prêmio Victor Valla de Educação Popular e Saúde, Ministério da Saúde -  
Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, 2012. **(Doc. 7.3)**



## 8. ATIVIDADE DE DOCÊNCIA

### 8.1. Educação Básica

8.1.1. Centro Educacional Diocesano La Salle.

**(Doc. 8.1.1)**

Período: junho/1987 – setembro/1987

Atuação: Professora efetiva da 7ª série do 1º grau.

Disciplinas ministradas: Ciências e Programas de Saúde

### 8.2. Ensino de Graduação

8.2.1. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.

Período: 1984 – 1984

**(Doc. 8.2.1)**

Disciplinas ministradas: Enfermagem aplicada à Medicina

8.2.2. Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Jaú, FAENJA.

**(Doc. 8.2.2)**

Período: abril/1985 – agosto/1985

Disciplinas ministradas: Introdução à Enfermagem

8.2.3. Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR.

**(Doc. 8.2.3)**

Período: 5/1982 - 9/1982

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem

Período: 11/1983 - 12/1983

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem



Período: 4/1985 - 6/1985

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem

Período: 7/1985 - 7/1986

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem

Período: 9/1986 - 1/1987

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem

Período: 6/1987 - 10/1987

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Prática de Ensino de Enfermagem

Período: 10/1987 - 12/1998

Disciplinas ministradas: Didática

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem 1 e 2

Período: 10/1987 - 12/1999

Disciplinas ministradas:

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Higiêne 1 e 2

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Programas de Saúde 1 e 2

Período: 03/1999 - 01/2001

Disciplinas ministradas: Didática

Período: 10/1987 - 12/2004:

Disciplinas ministradas: Didática Aplicada à Enfermagem

Período: 08/1999-12/2007

Disciplinas ministradas:

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem 1

Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Enfermagem 2

Período: 08/2004 - 12/2010

Disciplinas ministradas:

Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços

Período: 08/2004 – Atual

Disciplinas ministradas: Educação e Saúde

Período: 03/2008 – Atual

Disciplinas ministradas: Metodologia do Ensino de Enfermagem

Período: 08/2008 – Atual

Disciplinas ministradas: Pesquisa em educação

Período: 03/2010 – Atual

Disciplinas ministradas: Educação e Saúde em Gerontologia

Período: 03/2010 – Atual

Disciplinas ministradas: Didática Geral

### **8.3. Ensino de Pós-Graduação**

8.3.1. Disciplinas Ministradas na Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, SP. **(Doc. 8.3.1)**

Período: 08/1999 - 12/2002

Disciplinas ministradas: Problemas em Metodologia de Ensino.

Período: 03/2004 - 12/2010

Disciplinas ministradas:

Seminários de Pesquisa em Mestrado em Metodologia de Ensino

Seminários de Tese em Metodologia de Ensino 1

Seminários de Tese em Metodologia de Ensino 2

Seminários de Tese em Metodologia de Ensino 3

Pesquisa em Metodologia de Ensino 4: Práticas Sociais e Processos Educativos

Tópicos Especiais em Metodologia de Ensino: Práticas Sociais e Processos Educativos

Período: 03/2011 – Atual

Disciplinas ministradas:

Estudos e Produções em Educação 1

Estudos e Produções em Educação 2

Estudos em Práticas Sociais e Processos Educativos 1

Estudos em Práticas Sociais e Processos Educativos 2

Epistemologia e Educação 1

## 9. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

### *9.1. Orientações concluídas*

#### *9.1.1. Monografias de cursos de graduação*

9.1.1.1. Mara Pinto Guimarães. **(Doc. 9.1.1.1.)**

Orientação à mulher na peri-menopausa. 1998.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.1.2. Enrique Raffin. **(Doc. 9.1.1.2)**

Procesos académicos comparados: una aproximación sobre los intercambios en carreras de grado universitarias. 2001.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Comunicação Social)

Universidad Nacional de Entre Rios, Asociación de Universidades do Grupo Montevideo.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.1.3. Mireille van Stijn. **(Doc. 9.1.1.3)**

Vulnerability: an Explorative, Descriptive Study among Female Sex Workers in São Carlos, Brazil. 2002.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Medicina)

Vrije Universiteit Amsterdam.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.1.4. Kelly Cristtina Zambrano.

**(Doc. 9.1.1.4)**

Educação de crianças portadoras de doenças crônicas:refletindo sobre a atuação do(a) pedagogo(a). 2007.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.1.5. Érica Ueno Morya.

**(Doc. 9.1.1.5)**

Classe hospitalar e a atuação do(a) pedagogo(a). 2007.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.1.6. Renata Paschoalino.

**(Doc. 9.1.1.6)**

Relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula a partir das contribuições de Paulo Freire. 2009.

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

### ***9.1.2. Monografia de conclusão de curso de especialização***

9.1.2.1. Simone Cristina Cesário.

**(Doc.9.1.2.1)**

A utilização dos contos infantis por pais e professores para o aprendizado das crianças em relação a equidade entre homens e mulheres. 2006.

Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação Infantil: pesquisa e gestão do cotidiano)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.2.2. Roberta Bergamasco.

**(Doc. 9.1.2.2)**

Os significados da creche para pais e mães que participaram da construção popular de uma creche em bairro periférico de São Carlos. 2008.

Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Educação Infantil: pesquisa e gestão do cotidiano)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.2.3. Sara Ferreira de Almeida.

**(Doc. 9.1.2.3)**

Educação de pessoas em situação de rua. 2011.

Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Curso de Especialização Educação Jovens Adultos)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

### **9.1.3. Mestrado**

**(Doc. 9.1.3)**

9.1.3.1. Graci Marlene Pavan.

A docência de Educação física nas séries iniciais: um estudo a partir da implantação da Educação Física no Ciclo I nas Escolas Estaduais de Dourados. 2001.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.2. Ana Maria Giusti Barbosa.

O estágio supervisionado como locus para a aquisição de competência profissional. 2001.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.3. Maria Dolores de Figueiredo Nunes.

Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental. 2002.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.4. Cristiano Tierno de Siqueira.

"Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no Hip Hop de São Carlos". 2004.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.5. Ana Cristina dos Santos Vangrelino.

Processos de formação de educadores sociais na área de infância e juventude. 2004.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.6. Flávia do Carmo Ferreira.

Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual. 2006.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.7. Lígia Maria Portela da Silva.

Processos de educar-se em instituição de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.8. Fabiana Rodrigues de Sousa.

Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.9. Daniel M. Carneiro.

Construção das cidades: práticas sociais e processos educativos. 2008.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.



9.1.3.10. Erivelto Santiago Souza.

Formação de intelectuais negros/as: a experiência de assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra no Estado de São Paulo. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.11. Djalma Ribeiro Junior.

Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.3.12. Iraí Maria de Campos Teixeira.

Saberes e práticas de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas. 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

**9.1.4. Doutorado**

**(Doc. 9.1.3)**

9.1.4.1. Valéria Oliveira Vasconcelos.

Bebendo em fonte de água fresca: caminhos para a formação de agentes comunitários de lazer. 2002.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.4.2. Paulo Cesar Duarte Paes.

Ensino e Aprendizagem na Prática de Redução de Danos. 2006.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.4.3. Ana Maria Giusti Barbosa.

Processos de participação para o controle social em Comissões Locais de Saúde: educar-se no cotidiano. 2008.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.1.4.4. Fabiana Rodrigues de Sousa.

A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

## **9.2. Orientações em andamento**

### **9.2.1. Mestrado**

**(Doc. 9.1.3)**

9.2.1.1. Sara Ferreira Almeida.

Saberes consolidados na rua: da marginalidade à busca por ser mais.

Início: 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

### **9.2.2. Doutorado**

**(Doc. 9.1.3)**

9.2.2.1. Jeanes M. Larchert.

A centralidade da cultura no currículo escolar: identidade, resitência e memória.

Início: 2009.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos, Universidade Estadual de Santa Cruz.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.2.2.2. Iraí Maria Campos Teixeira.

Ações de Educação Popular promovidas por mulheres camponesas.

Início: 2012.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

9.2.2.3. Djalma Ribeiro Junior.

Comunicação Popular e Educação Popular: processos educativos em práticas de realização audiovisual de grupos populares.

Início: 2012.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira.

### ***9.2.3. Pós-Doutorado***

**(Doc. 9.1.5)**

9.1.5.1 Fabiana Rodrigues de Sousa

O processo de educar-se na prática da prostituição e a razão de ser da confiança / desconfiança

Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Maria Waldenez de Oliveira

### ***9.3. Outras orientações***

#### ***9.3.1. Iniciação científica***

9.3.1.1. Elaine Cristina Ferreira.

**(Doc. 9.3.1.1)**

Formação de promotores de saúde adolescentes em programas educativos e sua atuação na prevenção de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.

Período: 1998 - 1999

Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem e Obstetrícia)

Universidade Federal de São Carlos,

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

9.3.1.2. Carina Pinto da Silva.

**(Doc. 9.3.1.2)**

A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo.

Período: 2001 - 2002.

Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Sociais)

Universidade Federal de São Carlos,

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

9.3.1.3. Flávia do Carmo Ferreira.

**(Doc. 9.3.1.3)**

A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo.

Período: 2002 - 2003.

Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Sociais)

Universidade Federal de São Carlos,

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

9.3.1.4. Jéssica Valéria Moraes.

**(Doc. 9.3.1.4)**

Atenção à saúde da mulher nas práticas tradicionais populares de saúde. 2008.

Iniciação Científica (Graduando em Enfermagem)

Universidade Federal de São Carlos.

9.3.1.5. Natália Sevilha Stofel.

**(Doc. 9.3.1.1)**

Medicina Popular na perspectiva da formação e prática profissional em Saúde. 2008.

Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem)

Universidade Federal de São Carlos.

9.3.1.6. Hananiah Tardivo Quintana.

**(Doc. 9.3.1.6)**

Morar e Trabalhar na Mesma Comunidade: A Visão do Praticante de Práticas Populares de Saúde. 2010.

Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem)

Universidade Federal de São Carlos.

9.3.1.7. Silvana Faraco Oliveira.

**(Doc. 9.3.1.7)**

Inserção das práticas populares de saúde na atividade profissional: Avaliação do curso de extensão práticas populares de saúde. 2010.

Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem)

Universidade Federal de São Carlos.



## 10. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

### 10.1. Bancas examinadoras de monografias

10.1.1. Participação em banca de Maria Fernanda Angelin e Daniela de Castro Barbosa.

(Doc. 10.1.1)

Jovens Promotores de educação sexual e direitos reprodutivos na escola. 2005.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem)

Universidade Federal de São Carlos.

10.1.2. Participação em banca de Livia Carolina Beneton.

(Doc. 10.1.2)

Potencialidades da atividade de Tertulia Literária Dialógica para a aprendizagem de crianças em idade escolar. 2007.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia)

Universidade Federal de São Carlos.

### 10.2. Bancas de exames de qualificação: mestrado

10.2.1. Participação em banca de Rádila Fabricia Salles.

(Doc. 10.2.1)

Análise de um programa de intervenção em Educação Especial (Early Intervention) para pais e famílias e da adequação dos instrumentos na avaliação de seus efeitos como subsídios para a construção de proposta de avaliação de Programas de Intervenção. 1999.

Qualificação para o Mestrado em Educação Especial

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.2. Participação em banca de Ana Maria Giusti Barbosa.

(Doc. 10.2.2)



O estágio supervisionado como meio para aquisição de competência profissional – análise dos campos de estágio como lócus de práxis. 2000.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.3. Participação em banca de Graci Marlene Pavan. **(Doc. 10.2.3)**

A docência de Educação Física nas séries iniciais: um estudo a partir da implantação da Educação Física noCiclo I nas Escolas Estaduais de Dourados – MS. 2000.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.4. Participação em banca de Maria Dolores de Figueiredo. **(Doc. 10.2.4)**

Concepções Docentes sobre Sexualidade e Gênero na Infância: a fala de duas professoras de séries iniciais do Ensino Fundamental. 2001.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.5. Participação em banca de Larissa Maués Pelúcio Silva. **(Doc. 10.2.5)**

ONGs/AIDS e Estado: Parceria e conflito. 2002.

Qualificação para o Mestrado em Ciências Sociais

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.6. Participação em banca de Antonio Miguel Garcia. **(Doc. 10.2.6)**

A orientação sexual e o Ensino de Ciências: como os professores, alunos e pais da escola pública percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. 2002.

Qualificação para o Mestrado em Educação para a Ciência

Faculdade de Ciências da UNESP.

10.2.7. Participação em banca de Ronaldo dos Santos Tavares. **(Doc. 10.2.7)**

A organização do trabalho na escola e a formação do trabalhador em Saúde. 2003.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.8. Participação em banca de Cristiano Tierno de Siqueira. **(Doc. 10.2.8)**

Processos educativos presentes no Movimento Hip Hop de São Carlos. 2004.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.9. Participação em banca de Angélica Adurens Cordeiro. **(Doc. 10.2.9)**

Dilemas de educadoras de creches: cuidar e educar. 2004.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.10. Participação em banca de Aparecida Italiano Simão. **(Doc. 10.2.10)**

Preconceito e discriminação sentidos e observados por alunos de 5ª série, e suas propostas para melhorar o convívio na escola. 2004.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.11. Participação em banca de Maria Cristina Durante Esteves.

**(Doc. 10.2.11)**

Os processos educativos envolvidos no protagonismo juvenil. 2004.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.12. Participação em banca de Stella de Loudes Garcia. **(Doc. 10.2.12)**

Alfabetização de adultos: experiências sociais, culturais e pessoais proporcionadas pelo início do processo de alfabetização. 2005.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.13. Participação em banca de Maria Luisa Moura Bresighello.

**(Doc. 10.2.13)**

Jovens universitários e álcool: conhecimentos e atitudes. 2005.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.14. Participação em banca de Flávia do Carmo Ferreira. **(Doc. 10.2.14)**

Trabalhadoras do sexo e profissionais de saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual. 2006.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.15. Participação em banca de Daniel Marostegan e Carneiro.

**(Doc. 10.2.15)**

A construção da cidade enquanto processo educativo. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.16. Participação em banca de Erivelto Santiago Souza. **(Doc. 10.2.16)**

Lutas e conquistas de negros/as na educação: práticas sociais de combate ao racismo e processo educativos de formação intelectual de assessores/as para assuntos da Comunidade Negra. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.17. Participação em banca de Ana Paula dos Santos Gomes.

**(Doc. 10.2.17)**

Trajetória de intelectuais negros/as: contribuições para educação das relações étnico-raciais. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.18. Participação em banca de Melina Fernandes Sanches.

**(Doc. 10.2.18)**

Escutando o instrumento corpo: a dança na música por uma educação musical crítica e humanizante. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.19. Participação em banca de Christiana Andréa Vianna Prudêncio.

**(Doc. 10.2.19)**

Centros e museus de ciências: educação e popularização dos conhecimentos científicos em exposições interativas. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.20. Participação em banca de Djalma Ribeiro Junior. **(Doc. 10.2.20)**

Processos de criação audiovisual como metodologia de uma Educação Humanizadora. 2008.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.21. Participação em banca de Denise Maria Reis. **(Doc. 10.2.21)**

A participação social na perspectiva dos/as jovens do projeto Núcleo de jovens protagonistas: investigando práticas sociais e processos educativos. 2009.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.22. Participação em banca de Robson Amaral da Silva. **(Doc. 10.2.22)**

Lazer e processo educativos na área de reforma agrária. 2009.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.23. Participação em banca de Irai Maria de Campos Teixeira.

**(Doc. 10.2.23)**

Saberes e práticas populares de saúde: os processos educativos de mulheres camponesas. 2011.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

10.2.24. Participação em banca de Clayton da Silva Carmo. **(Doc. 10.2.24)**

Motricidade dialógica: comórtilhando a construção do conhecimento na Educação Física Escolar. 2012.

Qualificação para o Mestrado em Educação

Universidade Federal de São Carlos.

### ***10.3. Bancas de exames de qualificação: doutorado***

10.3.1. Participação em banca de Claudia Maria Simões Martinez. **(Doc. 10.3.1)**

O processo de socialização dual de crianças pequenas, das camadas médias de São Carlos. 1998.

Exame de qualificação (Doutorando em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.2. Participação em banca de Valéria de Oliveira Vasconcelos.

**(Doc. 10.3.2)**

Educação popular e universidade solidária: (im)possibilidades de ação. 2002.

Exame de qualificação (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.3. Participação em banca de Delma Faria Shimamoto.

**(Doc. 10.3.3)**

As representações sociais de corpo humano dos professores e suas repercussões no ensino de Ciência. 2003.

Exame de qualificação (Doutorando em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.4. Participação em banca de Paulo César Duarte Paes.

**(Doc. 10.3.4)**

Ensino e aprendizagem na prática de redução de danos. 2005.

Exame de qualificação (Doutorando em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.5. Participação em banca de Douglas Verrangia Correa da Silva.

**(Doc. 10.3.5)**

Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências. 2007.

Exame de qualificação (Doutorando em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.6. Participação em banca de Ana Maria Giusti Barbosa.

**(Doc. 10.3.6)**

Processos educativos vivenciados em Comissões Locais de Saúde. 2007.

Exame de qualificação (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.7. Participação em banca de Daniela de Castro Barbosa.

**(Doc. 10.3.7)**

Processos educativos entre jovens na abordagem de direitos sexuais e reprodutivos na escola. 2007.

Exame de qualificação (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

11.3.8. Participação em banca de Fabiana Rodrigues de Sousa.

**(Doc. 10.3.8)**

Significados atribuídos por prostitutas ao processo de educar-se na noite. 2011.

Exame de qualificação (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

11.3.9. Participação em banca de Regina Marques Parente.

**(Doc. 10.3.9)**

Eu assumo minha negritude: do proposto ao alcançado em curso de raça, etnia e direitos humanos. 2011.

Exame de qualificação (Doutorando em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.3.10. Participação em banca de Jeanes Martins Larchert. **(Doc. 10.3.10)**

A centralidade da cultura no currículo escolar: identidade, resistência e memória. 2011.

Exame de qualificação (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

#### ***10.4. Bancas examinadoras de dissertação de mestrado***

10.4.1. Participação em banca de Reginaldo de Souza Silva. **(Doc. 10.4.1)**

O processo educativo de crianças trabalhadoras na rua. 1997.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.2. Participação em banca de Ana Maria Giusti Barbosa. **(Doc. 10.4.2)**

O estágio supervisionado como locus para aquisição de competência profissional. 2001.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.3. Participação em banca de Graci Marlene Pavan. **(Doc. 10.4.3)**

Educação Física nas séries iniciais: processos de formação e práticas de professores. 2001.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.4. Participação em banca de Maria Dolores de Figueiredo Nunes.



**(Doc. 10.4.4)**

Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental. 2002.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.5. Participação em banca de Antonio Miguel Garcia.

**(Doc. 10.4.5)**

A orientação sexual e o Ensino de Ciências: como os professores, alunos e pais da escola pública percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual. 2002.

Qualificação para o Mestrado em Educação para a Ciência

Faculdade de Ciências da UNESP.

10.4.6. Participação em banca de Sidiney Alves Costa.

**(Doc. 10.4.6)**

Os semterra e a educação: um estudo da tentativa de implantação da proposta pedagógica do MST em escolas de assentamentos no Estado de São Paulo. 2002.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.7. Participação em banca de Ana Cristina dos Santos Vangrelino.

**(Doc. 10.4.7)**

O processo de formação de educadores na área de infância e juventude. 2004.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.8. Participação em banca de Ronaldo dos Santos Travassos.

**(Doc. 10.4.8)**

A organização do trabalho na escola e a formação do trabalhador em Saúde. 2004.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.9. Participação em banca de Cristiano Tierno de Siqueira.

**(Doc. 10.4.9)**

Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no Hip Hop de São Carlos. 2004.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.10. Participação em banca de Maria Cristina Durante Esteves.

**(Doc. 10.4.10)**

O Protagonismo Juvenil na percepção de jovens em um Programa de Educação para o Trabalho na cidade de Ribeirão Preto. 2005.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.11. Participação em banca de Aparecida Italiano Simão.

**(Doc. 10.4.11)**

Preconceito e discriminação sentidos e observados por alunos de 5a. série e suas propostas para melhorar o convívio na escola. 2005.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.12. Participação em banca de Lisiane Fabris.

**(Doc. 10.4.12)**

A disciplina de Terapias Complementares nos cursos de Fisioterapia: uma proposta curricular. 2006.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.13. Participação em banca de Stella de Lourdes Garcia. **(Doc. 10.4.13)**

Alfabetização de adultos na perspectiva de educandos: experiências pessoais e sociais. 2006.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.14. Participação em banca de Vanessa Cristina Giroto. **(Doc. 10.4.14)**

Tertúlia literária dialógica entre crianças e adolescentes: articulação entre diferentes aprendizagens e âmbitos da vida. 2006.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.15. Participação em banca de Ligia Portela da Silva. **(Doc. 10.4.15)**

As relações educador / educando e o processo de formação mútua em Instituições de Atendimento a Crianças e Adoçescentes em situação de risco. 2007.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.16. Participação em banca de Fabiana Rodrigues de Sousa.

**(Doc. 10.4.16)**

Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. 2007.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.17. Participação em banca de Ligia Maria Portela da Silva.

**(Doc. 10.4.17)**

Processo de educar-se em Instituição de Atendimento a Crianças e Adolescentes em situação de risco. 2007.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.18 Participação em banca de Daniela de Castro Barbosa.

**(Doc.10.4.18)**

Processos educativos entre jovens na abordagem dos direitos sexuais e reprodutivos na escola. 2008.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.19. Participação em banca de Ana Paula dos Santos Gomes.

**(Doc. 10.4.19)**

Trajetória de vida de intelectuais negros(as): contribuição para a educação das relações étnico-raciais. 2008.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.20. Participação em banca de Melina Fernandez Sanches.

**(Doc. 10.4.20)**

Dança e música: por uma educação humanizadora em uma prática musical coletiva. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.21 Participação em banca de Christiana Andréa Vianna Prudêncio.

**(Doc. 10.4.21)**

Divulgação científica em Museus de Ciência: diálogos possíveis entre as concepções dos responsáveis e a montagem das exposições. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.22. Participação em banca de Erivelto Santiago Souza. **(Doc. 10.4.22)**

Formação de intelectuais negros/as: a experiência de assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra no Estado de São Paulo. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.23. Participação em banca de Djalma Ribeiro Junior. **(Doc. 10.4.23)**

Criação audiovisual como processo de uma educação humanizadora. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.24. Participação em banca de Denise Maria Reis. **(Doc. 10.4.24)**

A participação social na perspectiva dos(as) jovens do projeto "Núcleo de jovens protagonistas : investigando práticas sociais e processos educativos". 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.4.25. Participação em banca de Tiago Zanguêta de Souza. **(Doc. 10.4.25)**

Arquivos da história e histórias de vida: diálogos com a educação popular. 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade de Uberaba.

10.4.26. Perticipação em banca de Iraí Maria de Campos Teixeira.

**(Doc. 10.4.26)**

Saberes e práticas populares de saúde: processos educativos de mulheres camponesas. 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

### ***10.5. Bancas examinadoras de teses de doutorado***

10.5.1. Participação em banca de Marcos Gilson Gomes Feitosa.

**(Doc. 10.5.1)**

Integração de estudantes integrantes à vida universitária: fatores que facilitam e dificultam a integração. 2001.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.5.2. Participação em banca de Valéria de Oliveira Vasconcelos.

**(Doc. 10.5.2)**

Bebendo em uma fonte de água fresca: caminhos para a formação de agentes comunitários de lazer. 2002.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.5.3. Participação em banca de Delma Faria Simamoto.

**(Doc. 10.5.3)**

As representações sociais dos professores sobre corpo humano e suas repercussões no ensino de Ciências Naturais. 2004.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.5.4. Participação em banca de Paulo Cear Duarte Paes. **(Doc. 10.5.4)**

Ensino e aprendizagem na prática de redução de danos. 2006.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.5.5. Participação em banca de Marcos Lopes de Souza. **(Doc. 10.5.5)**

Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE): anseios, conjunturas e contornos de inovações curriculares em movimento. 2007.

Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

10.5.6. Participação em banca de Ana Maria Giusti Barbosa. **(Doc. 10.5.6)**

Processos de participação para o controle social em Comissões Locais de Saúde. 2008.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

11.5.7. Participação em banca de Douglas Verrangia Correa da Silva. **(Doc. 10.5.7)**

A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e EUA. 2009.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

11.5.8. Participação em banca de Fabiana Rodrigues de Sousa. **(Doc. 10.5.8)**

A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012.

Tese (Doutorado em Educação)

Universidade Federal de São Carlos.

## **11. CARGOS DE CHEFIAS, PARTICIPAÇÃO EM COLEGIADOS E COORDENAÇÕES**

### ***11.1. Chefia de departamento***

11.1.1. Chefe do Departamento de Metodologia de Ensino **(Doc. 11.11.1)**

Universidade Federal de São Carlos, SP.

Período: abril/1996 – abril/1999

11.1.2. Suplente da Chefia do Departamento de Metodologia de Ensino

Universidade Federal de São Carlos, SP, **(Doc 11.1.2)**

Período: 2000 – 2000.

### ***11.2. Representações na Coordenação do Curso de Enfermagem***

**(Doc. 11.2)**

11.2.1. Representante do Departamento de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de São Carlos junto à Coordenação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia.

Período: 09/1985 - 07/1986

11.2.2. Representante do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos junto à Coordenação do Curso de Ciências Biológicas.

Período: 03/1988 - 03/1989

11.2.3. Representante do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos junto à Coordenação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia.

Período: 03/1988 - 03/1991



11.2.4. Representante da área pedagógica junto ao Conselho de Coordenação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos.

Período: 10/1992 - 01/1994

11.2.5. Representante da área pedagógica junto ao Conselho de Coordenação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos.

Período: 08/1995 - 09/2002

11.2.6. Representante da área pedagógica junto ao Conselho de Coordenação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos.

Período: 03/2003 - 03/2004

### ***11.3. Representações do Centro de Educação e Ciências Humanas***

11.3.1. Membro da Comissão Permanente de Pessoal Docente da Universidade Federal de São Carlos, como representante do Centro de Educação e Ciências Humanas.

**(Doc. 11.3.1)**

Período: 03/1988 - 03/1990

11.3.2. Representante do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos junto ao Conselho de Ensino e Pesquisa-CEPE. .

Período: 12/1988 - 12/1990

**(Doc. 11.3.2)**

11.3.3. Representante dos chefes dos Departamentos de Centro de Educação e Ciências Humanas. .

**(Doc. 11.3.3)**

Período: 05/1996 - 05/1997

11.3.4. Membro da Comissão para Assuntos Administrativos do Centro de Educação e Ciências Humanas. **(Doc. 11.3.4)**

Período: 11/1997 - 08/1998

11.3.5. Membro da Comissão Eleitoral responsável pelo processo Seletivo para Direção do Centro de Educação e Ciências Humanas. **(Doc. 11.3.5)**

Período: 06/2000 - 07/2000

#### ***11.4. Coordenações e lideranças***

11.4.1. Coordenadora do Laboratório de Instrumentação de Ensino.

Período: 1/1988 - 5/1991 **(Doc. 11.4.1)**

11.4.2. Co-líder do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos

Período: 03/1998 – atual **(Doc. 11.4.2)**

11.4.3. Coordenadora do Programa de Extensão “Educação em Saúde”.

Período: 01/1999 – atual **(Doc. 11.4.3)**

11.4.4. Coordenadora da Rede de Educação Popular e Saúde

Período: 2007 – atual **(Doc. 11.4.4)**

11.4.5. Vice-Coordenadora do GT 6 – Educação Popular da Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED.

Período: 2012 – atual **(Doc. 11.4.5)**

***11.5. Demais representações, coordenações, participações em comissões e colegiados***

11.5.1. Membro representante da Categoria Docente para constituição da Comissão Eleitoral do de Metodologia de Ensino – DME. **(Doc. 11.5.1)**

Período: 1988

11.5.2. Comissão para estudo e solicitação de bolsas de monitoria para o Metodologia de Ensino – DME. **(Doc. 11.5.2)**

Período: 1988 - 2000

11.5.3. Presidente da Câmara de Extensão. **(Doc. 11.5.3)**

Período: 12/1988 – 04/1989

11.5.4. Representante dos órgãos governamentais no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Carlos. **(Doc. 11.5.4)**

Período: 06/1991 – 06/1993

11.5.5. Membro da Comissão de Extensão do Departamento de Metodologia de Ensino – DME. **(Doc. 11.5.5)**

Período: 1992 - 1993

11.5.6. Membro da Comissão do Conselho Universitário da Universidade Federal de São Carlos, responsável pelo trabalho interno de conscientização das questões que afetam o tema da Atonomia Universitária. **(Doc. 11.5.6)**

Período: 10/1996 – 10/1997

11.5.7. Representante Suplente do Departamento de Metodologia de Ensino – DME, junto à Câmara de Extensão **(Doc. 11.5.7)**

Período: 1999 - 2001

.

11.5.8. Membro da Comissão de Organização das comemorações dos 30 anos da Universidade Federal de São Carlos. **(Doc. 11.5.8)**

Período: 1999 – 2000

11.5.9. Membro da Comissão de Bolsas do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal de São Carlos. **(Doc. 11.5.9)**

Período: 2000 - 2002

11.5.10. Membro da Comissão de Bolsas de Monitoria do Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH. **(Doc. 11.5.10)**

Período: 10/2000 – 12/2000

11.5.11. Representante Titular do Departamento de Metodologia de Ensino – DME, junto à Câmara de Extensão. **(Doc. 11.5.11)**

Período: junho 2005 – janeiro 2006

11.5.12. Membro da Comissão que elaborou a proposta do Polo de Capacitação da Unidade UFSCar-Saúde, em 2004. **(Doc. 11.5.12)**

11.5.13. Colaboração a grupo de trabalho instituído para buscar estratégias para implantação e avaliação do Parecer CNE/CP003/2004. 2004.

**(Doc. 11.5.13)**

11.5.14. Representante da área de Processos de Ensino e Aprendizagem junto à CPG do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Período: 2007 – 2010

**(Doc. 11.5.14)**

11.5.15. Representante da Universidade Federal de São Carlos no Núcleo Disciplinar, Educação para a Integração, da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM).

**(Doc. 11.5.15)**

Período: 1999 – atual

11.5.16. Representante da Universidade Federal de São Carlos no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

**(Doc. 11.5.16)**

Período: 2007

11.5.17. Membro da Comissão de Bolsa de Assistência a estudantes e incentivo à pesquisa do Programa de Ações Afirmativas da UFSCar. 2008.

**(Doc. 11.5.17)**

11.5.18. Membro da banca de análise de novos credenciamentos junto ao PPGE- UFSCar. 2011.

**(Doc. 11.5.18)**

## 12. ASSESSORIA A ÓRGÃOS DE PESQUISA E REVISTAS CIENTÍFICAS

### *12.1. Membro do corpo editorial de revista científica*

12.1.1. Periódico: Revista de APS (ISSN 1516-7704) **(Doc 12.1.1)**

Período: 2005 – 2007

12.1.2. Periódico: Interface. Comunicação, Saúde e Educação **(Doc 12.1.2)**

Período: 2008 - 2011

12.1.3. Periódico: Revista Interface **(Doc. 12.1.3)**

Editora convidada para o Suplemento Temático “A Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde”

Período: 2012 - Atual

### *12.2. Revisora de periódico*

12.2.1. Periódico: Revista de Ciências Médicas (PUCCAMP) **(Doc. 12.2.1)**

Período: 2003 - 2004

12.2.2. Periódico: Revista Políticas Educativas da AUGM **(Doc. 12.2.2)**

Período: 2007 - Atual

12.2.3. Periódico: Revista Interface **(Doc. 12.2.3)**

Período: 2007 - 2008

12.2.4. Periódico: Educação Unisinos **(Doc. 12.2.4)**

Período: 2008 - Atual

12.2.5. Periódico: Revista Eletrônica de Educação do PPGE-UFSCar

Período: 2008 – Atual **(Doc. 12.2.5)**

### ***12.3. Revisor de Trabalhos em Eventos Científicos***

12.3.1. OLIVEIRA, M. W. . Consultor Ad Hoc na análise de trabalhos e pôsteres e minicursos da 28a. Reunião Anual da ANPED. 2005. **(Doc. 12.3.1)**

12.3.2. OLIVEIRA, M. W. . Consultor Ad Hoc, na análise de trabalhos e pôsteres e minicursos da 29a. Reunião Anual da ANPED. 2006. **(Doc. 12.3.2)**

12.3.3. OLIVEIRA, M. W. . Consultor ad-hoc dos trabalhos submetidos ao III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde. 2007. **(Doc. 12.3.3)**

12.3.4. OLIVEIRA, M. W. . Consultor Ad Hoc, na análise de trabalhos e pôsteres e minicursos da 30a Reunião Anual da ANPED. 2007. **(Doc. 12.3.4)**

12.3.5. OLIVEIRA, M. W. . Consultor ad-hoc na análise de trabalhos, pôsteres e mini-cursos da 31a. reunião da ANPED. 2008. **(Doc. 12.3.5)**

12.3.6. OLIVEIRA, M. W. . Consultor Ad Hoc, na análise de trabalhos e pôsteres do IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva. 2009. **(Doc. 12.3.6)**

12.3.7. OLIVEIRA, M. W. . Consultor Ad Hoc na análise de trabalhos, pôsteres e minicursos da 34a. Reunião Anual da ANPED. 2011. **(Doc. 12.3.7)**

12.3.8. OLIVEIRA, M. W. . Parecerista Ad Hoc de trabalhos submetidos ao III Seminário de Pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos: 90 anos do nascimento de Paulo Freire. **(Doc. 12.3.8)**

12.3.9. OLIVEIRA, M. W. . Consultora ad hoc da análise de trabalhos, posters e minicursos da 35a Reunião Anual da ANPED. 2012. **(Doc. 12.3.9)**





### **13. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS OU SIMILARES**

#### ***13.1. Participação em comissões julgadoras de concurso da carreira docente***

13.1.1. Membro da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Adjunto Efetivo para a área de Educação Escolar e/ou Comunitária na Área de Ciência da Saúde junto ao Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar. 2002. Universidade Federal de São Carlos. **(Doc. 13.1.1)**

#### ***13.2. Participação em comissões julgadoras de processos seletivos para professor***

13.2.1. Membro da Comissão Julgadora da Seleção para Professor Substituto TP-20 horas, do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar , para a área de Didática e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação Física nas disciplinas Didática em Educação Física e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação Física. 1997. Universidade Federal de São Carlos.

**(Doc. 13.2.1)**

13.2.2. Membro da Comissão Julgadora da Seleção para Professor Substituto TP-20 horas, do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSCar , na área de Ensino em Educação Física, nas disciplinas Metodologia de Ensino de Educação Física e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação Física. 1998. Universidade Federal de São Carlos.

**(Doc. 13.2.2)**

13.2.3. Membro da Comissão Julgadora da Seleção para Professor Substituto TP 40 horas junto ao Departamento de Metodologia de Ensino na área de Pesquisa e Prática Pedagógica, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, Didática, Problemas de Ensino e Aprendizagem e Metodologia do Ensino de Estudos Sociais. 2004. Universidade Federal de São Carlos.

**(Doc. 13.2.3)**

13.2.4. Membro da Comissão Julgadora da Seleção para Professor Substituto TP 20hs, junto ao Departamento de Metodologia e Ensino na área de Ensino de Enfermagem. 2006. Universidade Federal de São Carlos. **(Doc. 13.2.4)**

13.2.5. Membro da Comissão Julgadora do Processo seletivo para professor substituto área de Ed Física. 2011. Universidade Federal de São Carlos. **(Doc. 13.2.5)**

13.2.6. Membro da Comissão de Análise do Processo de Revalidação do Título de Doutorado em Educação de Sérgio Ibanor Piva, obtido junto à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma – Itália. 2001. **(Doc. 13.2.6)**

13.2.7. Membro da Comissão de Análise do Processo de Revalidação do Título de Doutorado em Educação de Feliciano Afonso Sturm, obtido junto à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma – Itália. 2001. **(Doc. 13.2.7)**

13.2.8. Membro da Comissão de Avaliação Especial de Desempenho para efeito de estabilidade de Dr. José Artur Barroso, Departamento de Metodologia de Ensino. Universidade Federal de São Carlos. 2011. **(Doc. 13.2.8)**

13.2.9. Membro da Comissão de Avaliação Especial de Desempenho para efeito de estabilidade de Dra. Daniela Dotto Machado, Departamento de Metodologia de Ensino. Universidade Federal de São Carlos. 2011. **(Doc. 13.2.9)**

***13.3. Participação em comissão de análise de projeto de pesquisa de pós-graduação***

13.3.1. Participou da análise de projetos de pesquisas dos candidatos ao Mestrado e ao Doutorado nos Processos Seletivos do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal de São Carlos, no período de 1998 a 2012.

**(Doc. 13.3.1)**



## **14. PALESTRAS, MINI-CURSOS, CONFERÊNCIAS, MESAS REDONDAS OU SIMILARES**

14.1. Formação Acadêmica e Exercício Profissional na Enfermagem. 1981. (Coordenação de Mesa Redonda) **(Doc. 14.1)**

14.2. Atividade de um profissional de Universidade e função da Pós-Graduação. 1981. (Mesa Redonda) **(Doc. 14.2)**

14.3. Critérios e razões para fazer Pós-Graduação no Brasil. 1981. (Mesa Redonda) **(Doc. 14.3)**

14.4. Exigências, limitações e possibilidades para docentes Auxiliares de Ensino que se propõem fazer curso de Pós-Graduação. 1981. (Mesa Redonda) **(Doc. 14.4)**

14.5. Estrutura acadêmica e produção científica: esforços compatíveis ao nível do Departamento? 1982. (Mesa Redonda) **(Doc. 14.5)**

14.6. O exercício profissional em Enfermagem: a experiência de ex-alunos graduados na UFSCar. 1983. (Mesa Redonda) **(Doc. 14.6)**

14.7. Sexualidade para alunos da disciplina Saúde Mental, do Curso de Terapia Ocupacional. 1987. (Palestra) **(Doc. 14.7)**

14.8. Sexualidade na adolescência, Senac – São Carlos. 1988. (Palestra) **(Doc. 14.8)**

14.9. Sexualidade na adolescência, Senac – Franca. 1988. (Palestra)

**(Doc. 14.9)**

14.10. Cuidando da Estática e Promovendo a Vida: a prevenção da AIDS no Ambiente de Trabalho. (Curso de Atualização Profissional)

**(Doc. 14.10)**

14.11. Direitos da Criança e do Adolescente, para alunos da disciplina Saúde Mental, do Curso de Terapia Ocupacional. 1993. (Palestra)

**(Doc. 14.11)**

14.12. Coordenadora de Sessões Técnicas do I Congresso de Iniciação Científica da UFSCar. 1993. (Coordenação de Sessões Técnicas)

**(Doc. 14.12)**

14.13. A formação do professor de Ensino Médio de Enfermagem: A questão da licenciatura. 1995. (Conferencista)

**(Doc. 14.13)**

14.14. Coordenadora de Sessão do IV Congresso de Iniciação Científica da UFSCar. 1996. (Coordenadora)

**(Doc. 14.14)**

14.15. Gravidez na Adolecência, Ibaté. 1997. (Palestra)

**(Doc. 14.15)**

14.16. Gravidez na Adolecência, São Carlos. 1997. (Palestra)

**(Doc. 14.16)**

14.17. O processo educativo na mudança de hábitos de saúde. 1997. (Palestra)

**(Doc. 14.17)**

14.18. Formação de professores de Enfermagem para o Ensino Médio. (Painelista)

**(Doc. 14.18)**

14.19. DST/AIDS e gravidez na adolescência. 1998. (Palestra)

**(Doc. 14.19)**

14.20. Formação de Agentes Educacionais Comunitários na Área da Saúde. 1998. (Palestra)

**(Doc. 14.20)**

14.21. III Encontro de Formação de Professores do Ensino Médio de Enfermagem. 1999.  
(Palestra)

**(Doc. 14.21)**

14.22. Educação sexual de adolescente para adolescente: a experiência do BIOTEEN. 2001.  
(Palestra)

**(Doc. 14.22)**

14.23. III Conferencia Regional Latino-Americana de Promoção da Saúde e Educação para a  
Saúde. 2002. (Conferencista)

**(Doc. 14.23)**

14.24. Movimentos culturais e sociais como espaço educativo. 2003. (Mesa Redonda)

**(Doc. 14.24)**

14.25. Educação Popular. I Semana de Ciências Sociais. 2003. (Palestra)

**(Doc. 14.25)**

14.26. Ensino Religioso e Educação Sexual. 2003. (Mesa Redonda)

**(Doc. 14.26)**



14.27. Educação e pluralidade no Processo Educativo. 2004. (Mesa Redonda)

**(Doc. 14.27)**

14.28. Professores como agentes de mudanças: o papel das agências formadoras. 2005.  
(Coordenadora de Sessão de Comunicação)

**(Doc. 14.28)**

14.29. Redução de danos para usuários de drogas: controle epidemiológico e controle social.  
2005. (Mini-Curso)

**(Doc. 14.29)**

14.30. I Seminário de Dissertações e Teses do PPEG – UFSCar. 2005.

**(Doc. 14.30)**

14.31. Educação Popular e Saúde. Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva -  
Especialização. 2006. (Aula ministrada/Especialização).

**(Doc. 14.31)**

14.32 Ciencia e Tecnologia na Amárica Latina. 2006. (Palestra)

**(Doc. 14.32)**

14.33. Compromisso político social e ética na pesquisa em educação. 29 Reunião Anual da  
ANPED. 2006. (Sessão de Conversa)

**(Doc. 14.33)**

14.34. Os desafios da Educação Popular, em Compromisso social na atuação dos Psicólogos.  
2006. (Mesa Redonda)

**(Doc. 14.34)**

15.9.35. II Seminário de Dissertações e Teses do PPEG – UFSCar. 2006.

**(Doc. 15.9.35)**

14.36. Possibilidades de intersecção entre Educação Popular, racionalidade médicas e práticas  
terapêuticas de saúde. 2007. (Mesa Redonda)

**(Doc. 14.36)**

14.37. Educação Popular em Saúde. 2007. (Palestra). **(Doc. 14.37)**

14.38. A Produção de conhecimento no cotidiano da academia, dos serviços de saúde, dos movimentos sociais. 2008. (Roda de Diálogo) **(Doc. 14.38)**

14.39. IV Conferencia Municipal de Saúde. 2009. (Coordenação de Grupo de discussão) **(Doc. 14.39)**

14.40. Saúde e Educação de Pessoas Jovens e Adultas em Contextos Escolares e Não-Escolares. 2010. (Aula ministrada). **(Doc 14.40)**

14.41. Oficina Educação Popular na atuação com comunidades ribeirinhas. 2010. (Curso de curta duração ministrado/Outra). **(Doc. 14.41)**

14.42. Diálogo entre práticas populares e formação e práticas profissionais de cuidado à saúde. 2012. (Roda de Conversa). **(Doc. 14.42)**

14.43. Perspectivas Epistemológicas em Educação Popular. 2012. (Curso de curta duração ministrado/Outra). **(Doc. 14.43)**



## 15. ATIVIDADES DE PESQUISA

### *15.1. Linha de pesquisa*

#### 15.1.1. Práticas Sociais e Processos Educativos

**(Doc. 15.1.1)**

Objetivo: Investigação de práticas sociais situadas em ambientes não escolares e escolares e os processos educativos por elas desencadeados, conformados, consolidados, referentes a informações, valores, competências, atitudes, posturas, geradores de significados, a partir das perspectivas dos desqualificados e marginalizados pela sociedade.

Grande Área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Tópicos Específicos de Educação.

Setores de atividade: Educação; Cuidado À Saúde das Pessoas; Serviços Coletivos Prestados Pela Administração Pública Na Esfera da Justiça.

Palavras-chave: Processos educativos; Direitos Humanos; Educação popular.

### *15.2. Bolsas e auxílios recebidos*

#### *15.2.1. Bolsa de Pós-Graduação*

15.2.1.1. Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, Brasil.

**(Doc.15.2.1.1)**

Mestrado: Avaliação do ensino superior através de depoimentos de egressos: a relação entre formação acadêmica e exercício profissional como objeto de estudo. Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, Brasil.

Período: 1982 – 1987

**15.3. Participações em programa e atividades de extensão**

15.3.1. Curso de Extensão "Primeiros-socorros": oferecido à alunos da Universidade Federal de São Carlos e à bombeiros do Corpo de Bombeiros de São Carlos.

**(Doc. 15.3.1)**

Período: 05/1982 - 09/1982

15.3.2. Curso de "Higiene e saúde": oferecido à funcionários do Restaurante Universitário e Lanchonetes da Universidade Federal de São Carlos.

Período: 08/1982 - 09/1982

**(Doc. 15.3.1)**

15.3.3. Curso de "Gestação e maternidade: informações básicas": oferecido à gestantes inscritas no programa de pré-natal do Serviço Social da Indústria - SESI de São Carlos.

**(Doc. 15.3.1)**

Período: 10/1984 - 11/1984

15.3.4. Curso de Extensão "O adolescente e o sexo": oferecido à adolescentes de São Carlos.

**(Doc. 15.3.1)**

Período: 05/1985 - 06/1985

15.3.5. Curso de "Técnica de confecção de cartazes": oferecido à funcionários de secretarias e alunos da Universidade Federal de São Carlos.

**(Doc. 15.3.1)**

Período: 09/1985 - 10/1985

15.3.6. Curso "Treinamento de Agentes Comunitários": oferecido à adolescentes de São Carlos.

**(Doc. 15.3.1)**

Período: 05/1986 - 06/1986

15.3.7. Curso de Extensão "Aids e o ambiente hospitalar": oferecido à funcionários da Casa de Saúde e Maternidade de São Carlos. **(Doc. 15.3.2)**

Período: 05/1989 - 05/1990

15.3.8. Curso de Extensão "Cuidando da estética e promovendo a vida: a prevenção da Aids no ambiente de trabalho": oferecido à cabeleireiros, manicures, depiladoras e esteticistas de São Carlos. **(Doc. 15.3.3)**

Período: 10/1990 - 11/1991

15.3.9. Curso "Questões sexuais a seu alcance", oferecido a alunas do 2a série do 2o grau do Centro de Formação e Atualização do Magistério - CEFAM.

Período: 05/1996 - 06/1996 **(Doc. 15.3.4)**

15.3.10.: Curso "Questões sexuais a seu alcance" oferecido a alunas da 2a série do 2o grau do Centro de Formação e Atualização do Magistério – CEFAM.

**(Doc. 15.3.4)**

Período: 05/1997 - 06/1997

15.3.11. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos, estudantes da UFSCar. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 08/1998 – 12/1998

15.3.12. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 09/1998 – 12/1998

15.3.13. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/1999 – 06/1999

15.3.14. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos, estudantes da UFSCar. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/1999 – 06/1999

15.3.15. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 09/1999 – 12/1999

15.3.16. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 09/1999 – 12/1999

15.3.17. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2000 – 06/2000

15.3.18. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2000 – 06/2000

15.3.19. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".  
(Doc. 15.3.5)

Período: 08/2000 – 11/2000

15.3.20. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos.  
(Doc. 15.3.5)

Período: 08/2000 – 11/2000

15.3.21. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".  
(Doc. 15.3.5)

Período: 03/2001 – 12/2001

15.3.22. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos.  
(Doc. 15.3.5)

Período: 03/2001 – 12/2001

15.3.23. Educação Sexual: de adolescente para adolescente. Objetiva formar adolescentes de uma comunidade para atuar como agentes de saúde junto a adolescentes de seu bairro.

(Doc. 15.3.5)

Período: 09/2002 – 11/2002

15.3.24. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".  
(Doc. 15.3.5)

Período: 03/2003 – 12/2003



15.3.25. Educação Sexual: de adolescente para adolescente. Objetiva formar adolescentes de uma comunidade para atuar como agentes de saúde junto a adolescentes de seu bairro.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 04/2003 – 12/2003

15.3.26. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2004 – 12/2004

15.3.27. Curso “Prevenção e Saúde”, oferecido para Mulheres trabalhadoras do sexo das Casas Noturnas de São Carlos.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2004 – 12/2004

15.3.28. Curso de Extensão "Redução de danos para usuários de drogas: controle epidemiológico e inclusão social": oferecido a Alunos de Graduação da UFSCar de cursos da área da Saúde.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 06/2004 – 06/2004

15.3.29. Curso de Extensão "Cidadania, Ética e Processos Educativos na perspectiva Freiriana e Dusseliana" oferecido Estudantes da pós-graduação - mestrado e doutorado, estudantes de graduação, professores da rede pública de São Carlos e outros interessados.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 10/2004 - 10/2004

15.3.30. Curso de Extensão "Tertúlias Literárias".

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2005 - 12/2005

15.3.31. Projeto de extensão: "Prevenção e saúde", oferecido à mulheres profissionais do sexo de uma Casa Noturna de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2005 - 12/2005

15.3.32. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2005 - 12/2005

15.3.33. Curso de Extensão "Redução de danos para usuários de drogas: controle epidemiológico e inclusão social": oferecido a Alunos de Graduação da UFSCar de cursos da área da Saúde. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 10/2005 – 10/2005

15.3.34. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente". **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2006 – 11/2006

15.3.35. Projeto de extensão: "Prevenção e saúde", oferecido à mulheres profissionais do sexo de uma Casa Noturna de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2006 – 12/2006

15.3.36. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2006 – 12/2006

15.3.37. Coordenação de Projeto de Extensão.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2006 – 12/2011

1.3.38. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

Período: 03/2007 – 11/2007

**(Doc. 15.3.5)**

15.3.39. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2007 – 11/2007

15.3.40. Curso de Extensão "Práticas populares de saúde". Objetiva promover o diálogo entre as diversas racionalidades médicas na atuação profissional.

Período: 08/2007 - 12/2007

**(Doc. 15.3.5)**

15.3.41. Curso de Extensão "Práticas populares de saúde". Objetiva promover o diálogo entre as diversas racionalidades médicas na atuação profissional.

Período: 08/2007 – 11/2007

**(Doc. 15.3.5)**

15.3.42. Curso de Extensão "O agente educacional adolescente e sua prática". Oferecido a educadores adolescentes formados no curso "Educação Sexual: de adolescente para adolescente".

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2008 – 06/2008

15.3.43. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2008 – 12/2008

15.3.44. Curso de Extensão "Práticas populares de saúde". Objetiva promover o diálogo entre as diversas racionalidades médicas na atuação profissional.

Período: 08/2008 – 12/2008

**(Doc. 15.3.5)**

15.3.45. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2009 – 11/2009

15.3.46. Curso de Extensão "Práticas populares de saúde". Objetiva promover o diálogo entre as diversas racionalidades médicas na atuação profissional.

Período: 08/2009 – 12/2009

**(Doc. 15.3.5)**

15.3.47. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2010 – 12/2010

15.3.48. Projeto de extensão: Educação e Direitos Humanos no contexto do trabalho sexual, junto a prostitutas de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2010 – 11/2010

15.3.49. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

Período: 07/2010 – 12/2010 **(Doc. 15.3.5)**

15.3.50. Projeto de extensão: Educação e Direitos Humanos no contexto do trabalho sexual, junto a prostitutas de São Carlos. **(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2011 – 12/2011

15.3.51. Projeto de Extensão: Mapeamento e catalogação inicial de experiências de Educação popular e Saúde de São Carlos. Tem como público alvo pessoas que exercem práticas de educação popular e saúde em São Carlos.

**(Doc. 15.3.5)**

Período: 03/2011 – 12/2011

#### ***15.4. Participações em grupos de pesquisas***

15.4.1. Práticas Sociais e Processos Educativos **(Doc. 15.4.1)**

Ano de formação: 1997

Líder(es) do grupo: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Maria Waldenez de Oliveira

Área predominante: Ciências Humanas; Educação

Instituição: Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Órgão: Centro de Educação e Ciências Humanas

Atuação do grupo: Este Grupo dedica-se ao estudo de práticas sociais situadas em ambientes não escolares e escolares e os processos educativos por elas desencadeados, conformados, consolidados, referentes a informações, valores, competências, atitudes, posturas, geradores de significados, a partir das perspectivas dos "desqualificados" e "marginalizados" pela sociedade, com eles pesquisando, lançando mão de metodologias dialógicas. Trabalha com aportes teóricos advindos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Política, Educação, Educação Popular, Artes, Saúde para compreensão de práticas sociais na América Latina, multicultural, dialógica, humanizante e libertadora. Lida, entre outros, com conceitos tais como: raça, trabalho sexual, ação comunitária, encarceramento. Temática: educação, direitos humanos e formação dos cidadãos; movimentos e ações sociais; formação de educadores sociais; formação de professores; combate a preconceitos, discriminações, racismo; ações e comprometimento social em educação musical; saúde e fortalecimento de comunidades; direitos sexuais e reprodutivos; educação de homens e mulheres aprisionados/as. É formado por pesquisadores e estudantes de Pós-Graduação em Educação e de graduação em Pedagogia, Enfermagem, Ciências Sociais. Os resultados vêm sendo aplicados no ensino de graduação e pós graduação em Educação e Saúde, na formação continuada de educadores em parceria com Secretaria de Educação, Saúde e Assotência Social da região na formação de educadores comunitários, além de contribuir na formulação de políticas na área da justiça e saúde.

### ***15.5. Trabalhos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais***

15.5.1. OLIVEIRA, Maria Waldenez. Estágio: a prática aliada ao julgamento, criação e integração. Tec. Educ. Rio de Janeiro. V. 20 (102/103): 49-51, set./dez. 1991.

**(Doc. 15.5.1)**

15.5.2. TEIXEIRA, Y. O. ; CARRA, A. P. ; PONTES, C. P. B. ; LIMA, M. C. M. F. ; OLIVEIRA, M. W. . AIDS: o que responder. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 9, n.36, p. 35-40, 1993.

**(Doc. 15.5.2)**

15.5.3. MONTRONE, A. V. G. ; OLIVEIRA, M. W. ; FERREIRA, E. C. ; GONÇALVES, L. . Educação sexual: Gravidez, Aids e doenças sexualmente transmissíveis em debate. Revista do Professor, v. 14, n.57, p. 19-21, 1999.

**(Doc. 15.5.3)**

15.5.4. OLIVEIRA, M. W. . Gravidez na adolescência: dimensões do problema. in Histórias de mulheres e práticas de leituras. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas, v. 45, p. 48-70, 1999.

**(Doc. 15.5.4)**

15.5.5. OLIVEIRA, M. W. ; MORENO, J. ; PEREIRA, L. F. . Taking a look on risks and violence in Sex work in Brazil. Research for Sex Work, Amsterdam, v. 4, p. 27-28, 2001.

**(Doc. 15.5.5)**

15.5.6. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. . Inserção e atuação de agentes educacionais em comunidades. Boletim da Rede de Educação Popular e Saúde, Recife, p. 10-10, 2003.

**(Doc. 15.5.6)**

15.5.7. VASCONCELOS, V. O. ; OLIVEIRA, M. W. . Perspectivas de Pesquisa-ação: investigar, atuar, formar. Revista de Ciências Humanas (Viçosa), v. 6, p. 167-338, 2006.

**(Doc. 15.5.7)**

15.5.8. OLIVEIRA, M. W. ; SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. . Projeto de Educação em Saúde e Direitos junto à trabalhadoras do sexo. Revista de APS, v. 9, p. 89-93, 2006.

**(Doc. 15.5.8)**

15.5.9. OLIVEIRA, M. W. . Educação popular e Saúde. Revista de Educação Popular (Impresso), v. 6, p. 73-83, 2007. **(Doc. 15.5.9)**

15.5.10. DAVID, H M S L ; OLIVEIRA, S. A. ; STOTZ, E. N. ; BORNSTEIN, V. J. ; OLIVEIRA, M. W. . Educação Popular e Saúde: campo estratégico para a Enfermagem. Enfermagem Atual (Rio de Janeiro), v. 41, p. 11-18, 2007.

**(Doc. 15.5.10)**

15.5.11. VASCONCELOS, V. O. ; OLIVEIRA, M. W. . Educação Popular, Lazer e Educação Física: bebendo da fonte. Revista Profissão Docente, v. 8, p. 1-12, 2008.

**(Doc. 16.5.11)**

15.5.12. OLIVEIRA, M. W. . Educação Popular na Atenção Primária à Saúde. Revista de APS, v. 11, p. 225-225, 2008. **(Doc. 15.5.12)**

15.5.13. VANGRELINO, A.C.S. ; OLIVEIRA, M. W. . Na rua também se aprende: processos e espaços de formação do educador social de rua. Comunicações (Piracicaba), v. 14, p. 116-128, 2007. **(Doc. 15.5.13)**

15.5.14. BARBOSA, A. M. G. ; OLIVEIRA, M. W. . Contribuições de Freire e Maffesoli para compreender os processos educativos no cotidiano das práticas sociais. Revista Eletrônica de Educação (PPGE- UFSCar), v. 3, p. 14, 2009.

**(Doc. 15.5.14)**

15.5.15. Vasconcelos, Valéria ; OLIVEIRA, M. W. . Educação Popular: uma história, um que-fazer. Educação Unisinos, v. 13, p. 135-146, 2009.

**(Doc. 15.5.15)**



15.5.16. Oliveira, Maria Waldenez de . Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. Cadernos CEDES (Impresso), v. 29, p. 309-321, 2009.  
**(Doc. 15.5.16)**

15.5.17. Oliveira, Maria Waldenez de . Apresentação - Educação nas práticas e nas pesquisas em saúde: contribuições e tensões propiciadas pela educação popular. Cadernos CEDES (Impresso), v. 29, p. 297-306, 2009.  
**(Doc. 15.5.17)**

15.5.18. OLIVEIRA, M. W. ; MORAES, J. V . Práticas Populares de Saúde e a Saúde da Mulher. Revista de APS (Impresso), v. 13, p. 412-420, 2010.  
**(Doc. 15.5.18)**

15.5.19. Oliveira, Maria Waldenez de . Tribuna: A compreensão da pobreza - um diálogo com Victor Vicente Valla. Revista de APS (Impresso), v. 13, p. 531-532, 2010.  
**(Doc. 15.5.19)**

15.5.20. VASCONCELOS, V. O. ; OLIVEIRA, M. W. . Trayectorias de investigación acción: concepciones, objetivos y planteamientos. Revista Iberoamericana de Educación (Online), v. 53, p. 1-13, 2010.  
**(Doc. 15.5.20)**

15.5.21. SIQUEIRA, C. T. ; OLIVEIRA, M. W. . Processos Educativos no Hip Hop: a celebração dos valores da comunidade. Educação. Teoria e Prática (Rio Claro), v. 20, p. 115-131, 2010.  
**(Doc. 15.5.21)**

15.5.22. SOUZA, E. S. ; Oliveira, Maria Waldenez . Assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra no Estado de São Paulo: produção acadêmica e documental. Comunicações UNIMEP online, v. 18, p. 66-77, 2011.  
**(Doc. 15.5.22)**

15.5.23. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. . Leituras de artigo de Fiori, com a intenção de despertar outras leituras. Cadernos de Educação Popular, 2012. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.23)**

15.5.24. OLIVEIRA, M. W. ; MONTRONE, A. V. G. ; AQUILANTE, A. G. ; PINTO, F. G. . Semeando o diálogo com as práticas populares de saúde na formação profissional: a universidade se abre para o saber popular. Cadernos de Educação Popular, 2012. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.24)**

15.5.25. SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. ; OLIVEIRA, M. W. . Processos Educativos em Saúde Consolidados no Contexto do Trabalho Sexual. Revista de APS (Impresso), 2013. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.25)**

15.5.26. OLIVEIRA, S. F. ; OLIVEIRA, M. W. . Diálogo entre Profissionais de Saúde e Práticas Populares de Saúde. Revista de APS (Impresso), 2013. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.26)**

15.5.27. OLIVEIRA, S. F. ; OLIVEIRA, M. W. Morar e trabalhar na mesma comunidade: a visão de praticantes populares de saúde. Diálogo entre Profissionais de Saúde e Práticas Populares de Saúde.. Revista de APS (Impresso), 2013. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.27)**

15.5.28. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. A noite educa: saberes de experiência consolidados no trabalho sexual. Revista de Ciências da Educação. 2013. (Trabalho aceito para publicação) **(Doc. 15.5.28)**

## 15.6. Livros publicados e organizados ou edições

15.6.1. OLIVEIRA, M. W. (org.) Higiene e Saúde. Departamento de Tecnologia Educacional. 1984. 108p. **(Doc. 15.6.1)**

15.6.2. OLIVEIRA, M. W. (org.) O Adolescente e o sexo. Universidade Federal de São Carlos. 1985. 83p. **(Doc. 15.6.2)**

15.6.3. OLIVEIRA, M. W. (org.) AIDS e o ambiente hospitalar. Universidade Federal de São Carlos. 1989. 30p. **(Doc. 15.6.3)**

15.6.4. RIBEIRO, C. J.; FIOCHI, A.; NASCIMENTO, F.; RIBEIRO, L. R.; OLIVEIRA, M. W. Cuidando da estética e promovendo a vida: como prevenir a AIDS no ambiente de trabalho. Universidade Federal de São Carlos. 1992. 84p. **(Doc. 15.6.4)**

15.6.5. OLIVEIRA, M. W. ; REIS, A. ; GRANER, C. ; BARREIRA, P. . Desejo de vida: um programa para garotas de programa. 1. ed. São Carlos: EDUFSCAR, 1997. v. 1. 96p . **(Doc. 15.6.5)**

15.6.6. BUENO, S. M. V. (Org.) ; COSTA, F. N. A. (Org.) ; BAGNATO, M. H. S. (Org.) ; OLIVEIRA, M. W. (Org.) . O Enfermeiro Professor e o Ensino Médio em Enfermagem. 1. ed. Ribeirão Preto: Fundação Instituto de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1998. v. 1. 224p **(Doc. 15.6.6)**

15.6.7. BUENO, S. M. V. (Org.) ; BAGNATO, M. H. S. (Org.) ; COSTA, F. N. A. (Org.) ; OLIVEIRA, M. W. (Org.) . Anais do II Encontro de Formação de Professores de Ensino Médio de Enfermagem: Política de formação de Recursos Humanos de Nível Médio em Enfermagem. Araraquara: UNESP, 1997. v. 1. 79p. **(Doc. 15.6.7)**

15.6.8. BUENO, S. M. V. (Org.) ; BAGNATO, M. H. S. (Org.) ; COSTA, F. N. A. (Org.) ; OLIVEIRA, M. W. (Org.) . Anais do III Encontro de Formação de Professores de Ensino Médio de Enfermagem: Identidade e competências profissionais. Araraquara: UNESP, 1999. v. 1. 79p .  
**(Doc. 15.6.8)**

15.6.9. OLIVEIRA, M. W. . Boletim "Nós da Rede". 2005. (Editoração/Outra).

**(Doc. 15.6.9)**

15.6.9. OLIVEIRA, M. W. (Org.) ; MONTRONE, A. V. G. (Org.) ; VASCONCELOS, V. O. (Org.) . Programa e Anais do III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. 1. ed. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. v. 1. 128p .

**(Doc. 15.6.9)**

15.6.10. OLIVEIRA, M. W. (Org.) ; MONTRONE, A. V. G. (Org.) ; PINTO, F. G. (Org.) ; AQUILANTE, A. G. (Org.) ; VASCONCELOS, V. O. (Org.) . Catálogo de Práticas Alternativas de Saúde de São Carlos - SP -Vol I. 1. ed. São Carlos: MAPEPS, 2008. v. 1. 25p .  
**(Doc. 15.6.10)**

15.6.11. Oliveira, Maria Waldenez ; DAVID, H M S L . Boletim "Nós da Rede". 2008. (Editoração/Outra).  
**(Doc. 15.6.11)**

15.6.12. OLIVEIRA, M. W. (Org.) . Refletindo sobre práticas de educação e saúde. 29. ed. Campinas: CEDES, 2009. v. 1. 436p .  
**(Doc. 15.6.12)**

15.6.13. OLIVEIRA, M. W. (Org.) ; MONTRONE, A. V. G. (Org.) ; PINTO, F. G. (Org.) ; AQUILANTE, A. G. (Org.) . Catálogo de Práticas Populares de Saúde de São Carlos - SP - Vol II. 1. ed. São Carlos: MAPEPS, 2010. v. 1. 32p .  
**(Doc. 15.6.13)**

15.6.14. OLIVEIRA, M. W. ; OZÓRIO, L . Boletim "Nós da Rede". 2011. (Editoração/Outra). **(Doc. 15.6.14)**

15.6.15. OLIVEIRA, M. W. (Org.) ; MONTRONE, A. V. G. (Org.) ; PINTO, F. G. (Org.) ; AQUILANTE, A. G. (Org.) . Catálogo de Práticas Populares de Saúde de São Carlos - SP - Vol III. 1. ed. São Carlos: MAPEPS, 2011. v. 1. 32p .

**(Doc. 15.6.15)**

### ***15.7. Livros e capítulos de livros publicados***

15.7.1. OLIVEIRA, M. W. ; MACHADO, C. ; ALMEIDA, R. M. . O ensino de Central de Esterelização e infecção hospitalar no curso de auxiliar de enfermagem: relato de uma experiência. In: Sonia Maria Villela Bueno; Fátima Neves do Amaral Costa; Maria Helena Salgado Bagnato; Maria Waldenez de Oliveira. (Org.). Enfermeiro Professor e o Ensino Médio em Enfermagem. Enfermeiro Professor e o Ensino Médio em Enfermagem. 1ed.Ribeirão Preto: Fundação Instituto de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1998, v. 1, p. 148-153.

**(Doc. 15.7.1)**

15.7.2. OLIVEIRA, M. W. ; PEREIRA, L. F. . Prevenção e saúde. In: THIOLLENT, Michel; ARAUJO FILHO, Targino; SOARES, Rosa Leonora Salermo. (Org.). Metodologia e experiências em projetos de extensão. Metodologia e experiências em projetos de extensão. Niterói: EdUFF, 2000, v. 1, p. 77-88.

**(Doc. 15.7.2)**

15.7.3. VASCONCELOS, V. O. ; OLIVEIRA, M. W. . Caminhos para a formação de educadores comunitários de lazer. In: SILVA, Ademar; ABRAMOWICZ, Anete; BITTAR, Marisa. (Org.). Educação e Pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos. 1ed.São Carlos: RiMA, 2004, v. 1, p. 313-324.

**(Doc. 15.7.3)**

15.7.4. MONTRONE, A. V. G. ; OLIVEIRA, M. W. . Sexualidade: novas abordagens. In: Glaziela Cristiani Solfa. (Org.). Gerando cidadania: reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente. Gerando cidadania: reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente. 1ed.São Carlos - SP: RiMa, 2004, v. 1, p. 105-116.

**(Doc. 15.7.4)**

15.7.5. STOTZ, E. N. ; DAVID, H M S L ; WONG-UN, J. ; OLIVEIRA, M. W. . Rede de Educação Popular e Saúde: algumas definições, vários compromissos e os desafios de um movimento social singular. In: Edineide Jezine; Maria do Socorro Xavier Batista; Orlandil de Lima Moreira. (Org.). Educação Popular e movimentos sociais; dimensões educativas na sociedade globalizada. Educação Popular e movimentos sociais; dimensões educativas na sociedade globalizada. 1ed.João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008, v. , p. 187-220.

**(Doc. 15.7.5)**

15.7.6. OLIVEIRA, M. W. . Os serviços de saúde e os saberes populares. In: MANO, Maria Amélia Medeiros; PRADO, Ernande Valentin. (Org.). Vivências de Educação Popular e Saúde na Atenção Primária à Saúde: a realidade e a utopia. Vivências de Educação Popular e Saúde na Atenção Primária à Saúde: a realidade e a utopia. São Carlos: EDUFSCar, 2010, v. , p. 241-248.

**(Doc. 15.7.6)**

15.7.7. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Percepções de prostitutas sobre o processo de educar-se nas experiências vivenciadas na noite. Educação e experiência: construindo saberes em diferentes contextos. Educação e experiência: construindo saberes em diferentes contextos. 1ed.Curitiba: CRV, 2011, v. , p. 169-190.

**(Doc. 15.7.7)**

15.7.8. Capítulo de livro aceito para publicação: OLIVEIRA, M. W. A Extensão Popular no trabalho compromissado com as classes populares. SARMENTO, F. I. G.; VASCONCELOS, M. O. D.; CRUZ, J. S. C. (Org.) Educação Popular na Universidade: Reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

**(Doc. 15.7.8)**

***15.8. Publicações e notícias em jornais, revistas e programas de rádio***

15.8.1. OLIVEIRA, M. W. . Educação para a saúde : lições do cólera. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 2 - 2, 14 set. 1992.

**(Doc. 15.8.1)**

15.8.2. OLIVEIRA, M. W. . - Estatuto da criança e do adolescente : como fazer para que seja cumprido?.. Jornal Primeira Página, São Carlos, 17 jun. 1993.

**(Doc. 15.8.2)**

15.8.3. OLIVEIRA, M. W. . A educação e o orçamento municipais. Jornal Primeira Página, São Carlos, 03 ago. 1993.

**(Doc. 15.8.3)**

15.8.4. OLIVEIRA, M. W. . Mulher e gravidez na adolescência. Jornal A Notícia, São Carlos, , v. 1, p. 2 - 2, 08 mar. 1998.

**(Doc. 15.8.4)**

15.8.5. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, C.P. ; SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. ; PEREIRA, L. F. . Os tardios direitos das mulheres. A TRIBUNA, São Carlos, p. 2 - 2, 08 mar. 2002.

**(Doc. 15.8.5)**

15.8.6. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, C.P. ; SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. ; PEREIRA, L. F. . Os tardios direitos das mulheres. Informando UFSCar, São Carlos, p. 3 - 3, 11 mar. 2002.

**(Doc. 15.8.6)**

15.8.7. OLIVEIRA, M. W. ; FERREIRA, F.C. ; SILVA, C.P. ; SOUZA, F. R. ; PEREIRA, L. F. . O trabalho sexual. Jornal Primeira Página, São Carlos, p. d2 - d2, 02 jun. 2002.

**(Doc. 15.8.7)**

15.8.8. OLIVEIRA, M. W. ; FERREIRA, F.C. ; SILVA, C.P. ; SOUZA, F. R. ; PEREIRA, L. F. . O trabalho sexual. Jornal A tribuna, São Carlos, p. 2 - 2, 06 jun. 2002.

**(Doc. 15.8.8)**

15.8.9. OLIVEIRA, M. W. . Sobre a detenção das prostitutas na Getúlio Vargas. Jornal Primeira Página, São Carlos, p. a2 - a2, 12 set. 2002

**(Doc. 15.8.9)**

15.8.10. OLIVEIRA, M. W. ; FERREIRA, F.C. ; SOUZA, F. R. . Trabalho Sexual. Da Licença Jornal do Centro Acadêmico das Ciências Sociais da UFSCar, São Carlos, p. 1 - 1, 01 maio 2003.

**(Doc. 15.8.10)**

15.8.11. OLIVEIRA, M. W. ; SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. . Trabalho sexual: direitos versus preconceito. Primeira Página, São Carlos - SP, p. A-2 - A-2. 01 mai. 2003.

**(Doc. 15.8.11)**

15.8.12. OLIVEIRA, M. W. . Grupo de estudos sobre trabalho sexual completa 5 anos. Jornal Primeira Página, São Carlos, p. A2 - A2, 14 ago. 2003.

**(Doc. 15.8.12)**

15.8.13. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. ; GILLES, M . Prostitution in brazilian law. Spread Magazine, New York - EUA, p. 29 - 30, 01 jun. 2006.

**(Doc. 15.8.13)**



15.8.14. OLIVEIRA, M. W. . Trabalho sexual em São Carlos. 2007. (Programa de rádio/Entrevista). **(Doc. 15.8.14)**

15.8.15. SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. ; OLIVEIRA, M. W. . Dia Internacional da Prostituta: marco da organização e luta por direitos.. A Folha, São Carlos - SP, p. 2 - 2, 02 jun. 2011. **(Doc. 15.8.15)**

15.8.16. SOUZA, F. R. ; FERREIRA, F.C. ; OLIVEIRA, M. W. . Dia Internacional da Prostituta: marco da organização e luta por direitos. Primeira Página, São Carlos - SP, p. B3 - B3, 02 jun. 2011. **(Doc. 15.8.16)**

15.8.17. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Prostituição e tráfico de pessoas: teoria e cotidiano. Beijo da Rua, Rio de Janeiro, p. 12 - 15. 2012 **(Doc. 15.8.17)**

15.8.18. Lançamento de livros: Desejo de Vida e O Pensamento Negro em Educação no Brasil. Jornal Primeira Página. C-4, 07 dez. 1997. **(Doc. 15.8.18)**

15.8.19. Exposição itinerante leva projetos da UFSCar para cidade e região. Jornal Primeira Página, b-7, 04 abr. 2000. **(Doc. 15.8.19)**

15.8.20. Exposição itinerante leva projetos da UFSCar para cidade e região. Jornal A Tribuna, p. 3, 04 abr. 2000. **(Doc. 15.8.20)**

15.8.21. Adolescentes dão curso de Educação Sexual para alunos do Cidade Aracy. Jornal Correio de Notícias, capa, 05 out. 2000. **(Doc. 15.8.21)**

15.8.22. Professora da UFSCar desenvolve Programa para garotas de programa. Jornal Correio de Notícias, p. 04, 29 set. 2000. **(Doc. 15.8.22)**

15.8.23. Educação sexual é aprendida e ensinada por adolescentes. Jornal Primeira Página, a-6, 21 abr. 2000. **(Doc. 15.8.23)**

15.8.24. A AIDS e a nossa vida. Jornal de Ciências HIV – Humanos Investigando a Vida, p. 2, out. 1995. **(Doc. 15.8.24)**

### ***15.9. Participação em reuniões científicas nacionais e internacionais***

15.9.1. Educação em Saúde para Prostitutas. I Encontro de Extensão da UFSCar. 1997. (Encontro). **(Doc. 15.9.1)**

15.9.2. Programa Educativo de Higiêne buco-dental para pré-escolares. VI CIC - Congresso de Iniciação Científica da UFScar. 1998. (Congresso). **(Doc. 15.9.2)**

15.9.3. Prevenção e saúde. II Encontro de Extensão da UFSCar. 1999. (Encontro). **(Doc. 15.9.3)**

15.9.4. Prevenção e saúde. II Congresso de Extensão das Universidades Públicas. 1999. (Congresso). **(Doc. 15.9.4)**

15.9.5. Educação sexual de adolescente para dolescente. II Congresso de Extensão das Universidades Públicas da Região Sudeste. 1999. (Congresso). **(Doc. 15.9.5)**

15.9.6. Formação de agentes educacionais adolescentes e sua atuação na comunidade. VIII CIC - Congresso de Iniciação Científica da UFScar. Formação de Agentes Educacionais Adolescentes e sua atuação na comunidade. 2000. (Congresso).

**(Doc. 15.9.6)**

15.9.7. Educação para saúde e para os direitos da mulher profissional do sexo. VIII CIC - Congresso de Iniciação Científica da UFSCar. Formação de Agentes Educacionais Adolescentes e sua atuação na comunidade. 2000. (Congresso).

**(Doc. 15.9.7)**

15.9.8. Práticas Educacionais Integrativas com Profissionais do Sexo. II Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde. 2001.

**(Doc. 15.9.8)**

15.9.9. Prática Educacional Integrativa com Profissionais do Sexo. VI Seminário de Metodologias de Projetos de Extensão – SEMPE. 2001.

**(Doc. 15.9.9)**

15.9.10. O movimento social de saúde mental e seus processos educativos. VIII Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental e VII Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. 2004.

**(Doc. 15.9.10)**

15.9.11. Prevenção e Saúde – Estudos sobre trabalho sexual. V Encontro de Extensão: Conhecimento e Diversidade Cultural. 2005.

**(Doc. 15.9.11)**

15.9.12. Tertúlia literária. V Encontro de Extensão: Conhecimento e Diversidade Cultural. 2005.

**(Doc. 15.9.12)**

15.9.13. Ensino e aprendizagem entre redutores de danos e usuários de drogas. III Congresso de Pós-Graduação durante a VI Jornada Científica da UFSCar. 2005.

**(Doc. 15.9.13)**

15.9.14. Educação comunitária com jovens para a participação e promoção de direitos reprodutivos. I Simpósio Paraná – São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual. 2005.

**(Doc. 15.9.14)**

15.9.15. Compromisso político social e a ética na pesquisa em educação. 29a. Reunião Anual da ANPED - Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Compromisso político-social e a ética na pesquisa em educação. 2006. (Congresso).

**(Doc. 15.9.15)**

15.9.16. Jovens educadores: um passo para a promoção da saúde. 58º Congresso Brasileiro de Enfermagem. 2006.

**(Doc. 15.9.16)**

15.9.17. A utilização de processos artísticos como recursos para a interação junto as profissionais do sexo. II Colóquio de Psicologia da Arte. 2007. (Seminário).

**(Doc. 15.9.17)**

15.9.18. Construção de Curso de Extensão sobre Práticas Populares de Saúde em Diálogo com Comunidades. I Mostra Parceria Ensino-Serviços-Comunidade. II Encontro Discente do Pró-Saúde. 2007.

**(Doc. 15.9.18)**

15.9.19. Prostituta como sujeito de direitos: reflexões sobre direitos humanos. I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos. 2010.

**(Doc. 15.9.19)**

15.9.20. Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde. II Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2001.

**(Doc. 15.9.20)**

15.9.21. Prostituição e sujeito de direitos: um olhar sobre os processos educativos relacionados ao trabalho sexual. VI EIDE - Encontro Ibero Americano de Educação. 2011.

**(Doc. 15.9.21)**

15.9.22. Morar e trabalhar na mesma comunidade: a visão do praticante de práticas populares de saúde. XIX Jornada de Jovens Investigadores de La Asociación de Universidades del Grupo Montevideo – AUGM. 2011.

**(Doc. 15.9.22)**

15.9.23. Aportes de Paulo Freire para a compreensão da prática social do cuidado à saúde e dos processos educativos de mulheres camponesas. III Seminário de Pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos. 2011.

**(Doc. 15.9.23)**

15.9.24. A noite educa: saberes e experiências consolidados no trabalho sexual. VI Congresso Internacional de Pedagogia Social e Simpósio de Pós-Graduação. 2012.

**(Doc. 15.9.24)**

15.9.25. Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde. 35a Reunião Anual da ANPED. Educação, Cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: O Brasil do Século XXI. 2012.

**(Doc. 15.9.25)**

**15.10. Participação em comissões organizadoras, científicas e ou similares**

15.10.1. BUENO, S. M. V. ; COSTA, F. N. A. ; BAGNATO, M. H. S. ; OLIVEIRA, M. W. . II Encontro de Formação de Professores de Ensino Médio em Enfermagem. 1997 (Organização de evento). **(Doc. 15.10.1)**

15.10.2. COSTA, F. N. A. ; BAGNATO, M. H. S. ; BUENO, S. M. V. ; OLIVEIRA, M. W. . II Encontro de Formação de Professores de Ensino Médio em Enfermagem: Política de Formação de Recursos Humanos de Nível Médio em Enfermagem competências profissionais. 1998. (Congresso). **(Doc. 15.10.2)**

15.10.3. BUENO, S. M. V. ; BAGNATO, M. H. S. ; COSTA, F. N. A. ; OLIVEIRA, M. W. . III Encontro de Formação de Professores de Ensino Médio em Enfermagem: Identidade e competências profissionais. 1999. (Congresso). **(Doc. 15.10.3)**

15.10.4. OLIVEIRA, M. W. ; CORREA, A. G. ; ARAUJO, H. S. S. ; TOLEDO, J. C. ; TREVELIN, L. C. ; ZABOTTO, M. A. C. ; VIEIRA, P. C. ; POLITANO, P. R. ; SORDI, V. L. ; KURI, S. E. . VIII Jornadas Jovens Pesquisadores da Associação de Universidades do Grupo Montevideo AUGM. 2000 (Organização de evento). **(Doc. 15.10.4)**

15.10.5. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. . I Seminário Geral de Estudos do Grupo de Pesquisa "Práticas Sociais e Processos Educativos" - ano 2004. 2004. (Outro). **(Doc. 15.10.5)**

15.10.6. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. . II Seminário Geral de Estudos do Grupo de Pesquisa "Práticas Sociais e Processos Educativos" - ano 2005. 2005. (Outro). **(Doc. 15.10.6)**

15.10.7. OLIVEIRA, M. W. ; Seminário Ciudadanía y diversidad em América Latina. 2005. (Coordenadora) **(Doc. 15.10.7)**

15.10.8. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. . III Seminário Geral de Estudos do Grupo de Pesquisa "Práticas Sociais e Processos Educativos" - ano 2006. 2006. (Outro). **(Doc. 15.10.8)**

15.10.9. OLIVEIRA, M. W. ; MONTRONE, A. V. G. ; VASCONCELOS, V. O. . III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde. 2007. (Congresso). **(Doc. 15.10.9)**

15.10.10. DANTAS, V. ; OLIVEIRA, M. W. ; BATISTA, S. ; DAVID, H M S L ; CRUZ, P. . IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, I Encontro Nacional de Extensão Popular e Saúde, I Seminário Nacional da ANEPS. 2008. (Congresso). **(Doc. 15.10.10)**

15.10.11. OLIVEIRA, M. W. III Seminário de Pesquisas em Práticas Sociais e Processos Educativos. 2011. (Congresso). **(Doc. 15.10.11)**

15.10.12. DAVID, H M S L ; OLIVEIRA, M. W. ; BATISTA, S. ; CRUZ, P. V Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde. 2012. (Congresso). **(Doc. 15.10.12)**

### ***15.11. Vinculação à sociedade científica e participação em comitê nacional***

15.11.1. Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED), 2002 até o momento. **(Doc. 15.11.1)**

15.11.2. Membro da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), 2010 até o momento. **(Doc. 15.11.2)**

15.11.3. Membro do Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde do Ministério da Saúde, 02/2010 - 12/2010. **(Doc. 15.11.3)**

### ***15.12. Trabalhos completos publicados em anais de congresso***

15.12.1. OLIVEIRA, M. W. . A relação entre a Licenciatura em Enfermagem e a problemática do exercício profissional em equipe. In: I Encontro de Professores do Ensino Médio de Enfermagem, 1995, Campinas. Anais do I Encontro de Professores do Ensino Médio de Enfermagem : Desafios de sua formação e prática, 1995. v. 1. p. 21-34.

**(Doc. 15.12.1)**

15.12.2. OLIVEIRA, M. W. ; PEREIRA, L. F. ; SILVA, C.P. ; FERREIRA, F.C. ; ZOPPI, M. E. ; MORENO, J. . Sex work into dialogue: one brasilian experience. In: XIV International AIDS Conference, 2002, Barcelona. XIV International AIDS Conference, 2002. p. 159-160.

**(Doc. 15.12.2)**

15.12.3. OLIVEIRA, M. W. ; STOTZ, E. N. . Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: 27a reunião da ANPED, 2004, Caxambú. Anais da 27a reunião da ANPED, 2004. v. 1. p. 1-17.

**(Doc. 15.12.3)**

15.12.4. VASCONCELOS, V. O. ; OLIVEIRA, M. W. . Extensão Universitária à Luz da Educação Popular e da pesquisação. In: 28 reunião anual da Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação-ANPED, 2005, Caxambú-MG. 28a. Reunião Anual da



ANPED: Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, 2005.

**(Doc. 15.12.4)**

15.12.5. PAES, P. C. D. ; OLIVEIRA, M. W. . Educação no programa de redução de danos: alienação ou práxis educativa?. In: 29a. Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambú-MG. 29a. Reunião Anual da ANPED: Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Rio de Janeiro: ANPED, 2006.

**(Doc. 15.12.5)**

15.12.6. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. Contextualização do trabalho sexual e laventamento de temas geradores. In.: II Seminário de Dissertações e Teses do PPGE – UFSCar. 2006. 9 p.

**(Doc. 15.12.6)**

15.12.7. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . A noite ensina: processos educativos nas relações entre prostitutas e seus clientes. In: XVI Jornadas de Jóvenes Investigadores, 2008, Montevideo. La investigación en la Universidade Latinoamericana, a 90 años de la Reforma de Córdoba. Montevideo: Universidade de la República, 2008. p. 452-459Uni.

**(Doc. 15.12.7)**

15.12.8. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Contextualização do trabalho sexual exercido em casas noturnas de São Carlos: observações de prostitutas sobre questões de gênero. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder, 2008, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero: corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008. v. 1. p. 1-7.

**(Doc. 15.12.8)**

15.12.9. SOUZA, E. S. ; OLIVEIRA, M. W. . Na perspectiva de Assessores(as) educacionais para Assuntos da Comunidade Negra: contribuição para o combate ao racismo no Brasil por meio da educação. In: XII Congresso da Associação Internacional para Pesquisa Intercultural ARIC, 2009, Florianópolis - SC. Anais do XII Congresso da Associação Internacional para

Pesquisa Intercultural (ARIC) - Diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder. Florianópolis, 2009. v. 1. p. 1-18. **(Doc. 15.12.9)**

15.12.10. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Aprendendo com o corpo: processos educativos na prática da prostituição. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, III ENcontro de Psicopedagogia - ESBPp, 2009, Curitiba. Anais do IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE. Curitiba, 2009. p. 237-247.

**(Doc. 15.12.10)**

15.12.11. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, P. B. G. E. ; GONCALVES JUNIOR, L. ; MONTRONE, A. V. G. ; JOLY, I. Z. L. . Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32a. Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambú. 32a Reunião Anual da ANPED: Sociedade, cultura e educação: novas regulações. Rio de Janeiro: ANPED, 2009. v. 1. p. 1-17.

**(Doc. 15.12.11)**

15.13.12. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Deslocamentos no trabalho sexual e seus reflexos na efetivação dos direitos de mulheres prostitutas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis-SC. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010. p. 1-10.

**(Doc. 15.13.12)**

15.12.13. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Saberes da noite: processos educativos: consolidados na prática da prostituição. In: 33ª Reunião da ANPED, 2010, Caxambú. Educação no Brasil: o balanço de uma década. Rio de Janeiro: ANPED, 2010.

**(Doc. 15.12.13)**

15.12.14. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Diálogos com prostitutas: desvelando o processo de educar-se na noite. In: VII Colóquio Internacional Paulo Freire, 2010, Recife. VII Colóquio Internacional Paulo Freire, 2010.

**(Doc. 15.12.14)**

15.12.15. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Prostituta como sujeito de direitos: reflexões sobre direitos humanos, diversidade e educação. In: I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, 2010, João Pessoa - PB. Anais do I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, 2010. v.1. p. 1-6.

**(Doc. 15.12.15)**

15.12.16. SOUZA, F. R. ; Oliveira, Maria Waldenez . Contribuições da Educação Popular e Fenomenologia para a pesquisa em educação realizada com prostitutas. In: 34a Reunião Anual da ANPED, 2011, Natal- RN. Anais da 34 Reunião Anual da AN. Rio de Janeiro: ANPED, 2011. v. 1. p. 1-15.

**(Doc. 15.12.16)**

15.12.17. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Prostituição, corpos e sentidos: apreensão de saberes consolidados na noite. In: XI congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. Anais eletrônicos do XI congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011. p. 1-16.

**(Doc. 15.12.17)**

15.12.18. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Saberes da noite: possibilidades de questionar/conformar convenções de gênero. In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos da IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011. p. 1-16.

**(Doc. 15.12.18)**

15.12.19. TEIXEIRA, I. M. C. ; OLIVEIRA, M. W. . Mulheres camponesas e os processos educativos desencadeados por suas práticas de cuidado à saúde. In: 35a Reunião Anual da ANPED, 2012, Porto de Galinhas. Educação, cultura, pesquisa e projetos de desenvolvimento: o Brasil do século XXI- ANAIS. Rio de Janeiro: ANPED, 2012.

**(Doc. 15.12.19)**

**15.13. Resumos expandidos**

15.13.1. LARA, E. M. O. ; AQUILANTE, A. G. ; MONTRONE, A. V. G. ; PINTO, F. G. ; OLIVEIRA, M. W. ; SOARES, G. B. ; MORAES, J. V ; TRINDADE, J. A. ; STOFEL, N. S. ; SILVA, N. R. C. M. . Integração de práticas populares de saúde aos meios acadêmico e profissional. In: XVI jornadas de Jóvenes Investigadores da Asociación de Universidades Grupo Montevideo, 2008, Montevideo - Uruguay. La investigación en la Universidad Latinoamericana, a 90 anos de la Reforma de Córdoba, 2008. v. 1. p. 1-6.

**(Doc. 15.13.1)**

15.13.2. SOUZA, F. R. ; OLIVEIRA, M. W. . Na noite também se aprende: processos educativos nas relações entre prostitutas e seus clientes. In: II Seminário de Pesquisas em Práticas Sociais e Processos Educativos, 2010, São Carlos. II Seminário de Pesquisas em Práticas Sociais e Processos Educativos. São Carlos, 2010. p. 1-6.

**(Doc. 15.13.2)**

**15.14. Resumos publicados em anais de congressos**

15.14.1. Planejamento e implementação de cursos de extensão universitária como estágio de aplicação de alunos junto à disciplina Práticas de Ensino, uma primeira avaliação global. In.: II Jornada Científica da UFSCar. 1982.

**(Doc. 15.14.1)**

15.14.2. Formação acadêmica e exercício profissional em Enfermagem: um estudo descritivo do depoimento de ex-alunos da UFSCar. In.: II Jornada Científica da UFSCar. 1982.

**(Doc. 15.14.2)**

15.14.3. Depoimentos de ex-alunos para avaliação da relação entre formação acadêmica e exercício profissional. 36 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para Progresso em Ciência. 1984.

**(Doc. 15.14.3)**

15.14.4. Educação ambiental através do rádio: relato de uma experiência. 38 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para Progresso em Ciência. 1986.

**(Doc. 15.14.4)**

15.14.5. Prática de ensino e estagio de aplicação de licenciatura na Enfermagem. 38 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para Progresso em Ciência. 1986.

**(Doc. 15.14.5)**

15.14.6. Planejamento e implementação de cursos de extensão universitária como estágio de aplicação de alunos junto à disciplina Práticas de Ensino. 38 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para Progresso em Ciência. 1986.

**(Doc. 15.14.6)**

15.14.7. PEREIRA, L. F. ; OLIVEIRA, M. W. . Práticas educacionais interativas com profissionais do sexo. In: IX Jornadas de Jóvenes Investigadores de la AUGM ., 2001, Rosario. IX Jornadas de Jóvenes Investigadores de la AUGM ., 2001. p. 104-104.

**(Doc. 15.14.7)**

15.14.8. ZERBETO, S.; OLIVEIRA, M. W., Silva, P. B. G. S. . O movimento social de saúde mental e seus processos educativos. In: VIII Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental e VII Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, 2004.

**(Doc. 15.14.8)**

15.14.9. BARBOSA, D. C.; DIAS, A. A. L.; MONTRONE, A. V. G.; OLIVEIRA, M. W., Educação comunitária com jovens para a participação e promoção dos direitos reprodutivos. In.: I Simpósio Paraná - São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual, 2005.

**(Doc. 15.14.9)**

15.14.10. MASSARI, M. T. R. ; OLIVEIRA, M. W. ; MONTRONE, A. V. G. ; PINTO, F. G. ; VASCONCELOS, V. O. ; AQUILANTE, A. G. ; SOUZA, D. R. P. ; LARA, E. M. O. ; MORAES, J. V ; SASAKI, L. A. ; SILVA, N. R. C. M. ; LUCHESI, B. M. ; SOARES, G. B. ; TRINDADE, J. A. . Práticas alternativas de saúde num bairro de São Carlos, interior de SP. In: III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, 2007, São Carlos. III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. p. 96-97.

**(Doc. 15.14.10)**

15.14.11. MARTINS, M. J. S. ; OLIVEIRA, M. W. . Educação popular e arte-educação: uma proposta de intervenção junto às trabalhadoras do sexo. In: III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, 2007, São Carlos. III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. v. 1. p. 51-51.

**(Doc. 15.14.11)**

15.14.12. SOUSA, F. R.; OLIVEIRA, M. W. Saberes de experiência: processos educativos na vida na noite. III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. v. 1. p. 51-51.

**(Doc. 15.14.12)**

15.14.13. BARBOSA, D. C.; MONTRONE, A. V. G.; CALIARI, J. S. ; OLIVEIRA, M. W. ; ANGELIN, M. F.; RAMASSOTE, R. M. Saúde popular e educação entre jovens para

promoção dos direitos sexuais e reprodutivos na escola. III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. v. 1. p. 51-51.

**(Doc. 15.14.13)**

15.14.14. RAMASSOTE, R. M. ; CALIARI, J. S. ; OLIVEIRA, M. W. ; MONTRONE, A. V. G. . Jovens educadores e sua prática. In: III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, 2007, São Carlos. III Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde: conhecimentos e práticas para a saúde e justiça social. São Carlos: Gráfica Nacional/ Abstrato Comunicação Visual, 2007. v. 1. p. 53-53.

**(Doc. 15.14.14)**

15.14.15. TRINDADE, J. A., MASSARI, M. T. R. ; OLIVEIRA, M. W. ; MONTRONE, A. V. G. ; PINTO, F. G. ; VASCONCELOS, V. O. ; AQUILANTE, A. G. ; SOUZA, D. R. P. ; LARA, E. M. O. ; MORAES, J. V ; SASAKI, L. A. ; SILVA, N. R. C. M. ; LUCHESI, B. M. ; SOARES, G. B. ;. Construção de cursode extensão sobre práticas populares de saúde em diálogo com a comunidade. In: I Amostra Parceria Ensino-Pesquisa-Comunidade. Goiânia: UFG, 2007.

**(Doc. 15.14.15)**

15.14.16. SOUZA, E. S. ; OLIVEIRA, M. W. . Movimento Negro e Educação: a contribuição de Assessores/as Educacionais para o combate ao racismo. In: V Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as, 2008, Goiânia. Caderno de Resumos do V Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Goiânia: NEAAD/UFG, 2008. p. 163-163.

**(Doc. 15.14.16)**

15.14.17. OLIVEIRA, M. W. ; SILVA, N. R. C. M. ; LABELLA, L.T. ; MONTRONE, A. V. G. ; PINTO, F. G. ; AQUILANTE, A. G. ; LARA, E. M. O. ; SOARES, G. B. ; MORAES, J. V ; TRINDADE, J. A. ; MASSARI, M. T. R. ; STOFEL, N. S. ; SOUZA, D. R. P. . Diálogo

entre saberes: formação profissional e as práticas populares de saúde. In: IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, 2008, Fortaleza. Anais do IV Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde, I Encontro Nacional de Extensão Popular e Saúde, I Seminário Nacional de ANEPS. Fortaleza, 2008.

**(Doc. 15.14.17)**





## **16. OUTROS TRABALHOS RELEVANTES**

16.15.1. Publicação na Revista Rosa dos Ventos. **(Doc. 15.15.1)**

16.15.2. Produção de Programa de Rádio “Vida Natural”, junto à rádio Progresso de São Carlos. 1984. **(Doc. 15.15.2)**

16.15.3. Ofício da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Jaú. 1985. **(Doc. 15.15.3)**

16.15.4. A educação voltada para a comunidade e as necessidades de professores e alunos. 1986. (Material didático elaborado). **(Doc. 15.15.4)**

16.15.5. Descrever o problema a ser resolvido pelo ensino. 1986. (Material didático elaborado). **(Doc. 15.15.5)**

16.15.6. Carta de agradecimento da ETESG “Paulino Botelho”. 1987. **(Doc. 15.15.6)**

16.15.7. Membro da Comissão encarregada de elaborar o Projeto Pedagógico da Creche da UFSCar. 1991. **(Doc. 15.15.7)**

16.15.8. Relatório elaborado na Reunião da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde – ANEPS. 2002. **(Doc. 15.15.8)**

16.15.9. Participação do II Encontro Paulista de Educação Popular e Saúde, promovido pela Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde – ANEPS, realizado na Praça Geraldo Costa, em Tremembé, 2005.

**(Doc. 15.15.9)**


16.15.10. Cartaz de Projeto com Prostitutas: “ Puta Clic”. 2006.

**(Doc. 15.15.10)**

16.9.11. Encontro Nacional de Avaliação do Processo de Implementação da Política de Gestão Estratégica e Participativa. 2009.

**(Doc. 15.9.11)**





No início, apenas retalhos,  
Soltos, guardados antigos,  
Tempo de separar, cortar, arrumar,  
E então escolho o centro: florido.  
Vou emendando um a um, cozendo,

Os pedaços vão formando um todo,  
Que cresce dia após dia,  
Dia após dia...

Se antes mal cabiam em minha mão,  
Agora tomam o meu colo,  
Aguçam meu entusiasmo,  
Despertam meus sonhos.

Pacientemente engendro desenhos delicados,  
Que vão se formando multicores,  
Colcha de retalhos... Caprichosamente feita.

Tal como na vida:  
Na construção dos momentos,  
é que se aquece o amor.



ufscar

SÃO CARLOS - 2013